

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE ARTES E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Catiussa Martin

***¡ESTE PAÍS!* VIOLÊNCIA E TRAUMA COMO EXPERIÊNCIAS PARA  
PENSAR A LITERATURA COLOMBIANA NAS OBRAS DE VALLEJO,  
RESTREPO E ABAD FACIOLINE**

Santa Maria, RS

2021

**Catiussa Martin**

**¡ESTE PAÍS! VIOLÊNCIA E TRAUMA COMO EXPERIÊNCIAS PARA PENSAR A  
LITERATURA COLOMBIANA NAS OBRAS DE VALLEJO, RESTREPO E ABAD  
FACIOLINE**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de concentração em Estudos Literários, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSMS, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Doutora em Letras**.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Luciana Ferrari Montemezzo

Santa Maria, RS  
2021

Martin, Catiussa  
;ESTE PAÍS! VIOLÊNCIA E TRAUMA COMO EXPERIÊNCIAS PARA  
PENSAR A LITERATURA COLOMBIANA NAS OBRAS DE VALLEJO,  
RESTREPO E ABAD FACIOLINE / Catiussa Martin.- 2021.  
204 p.; 30 cm

Orientadora: Luciana Ferrari Montemezzo  
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação  
em Letras, RS, 2021

1. Literatura colombiana 2. Violência 3. Memória 4.  
Trauma I. Ferrari Montemezzo, Luciana II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, CATIUSSA MARTIN, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Tese) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

**Catiussa Martin**

**¡ESTE PAÍS! VIOLÊNCIA E TRAUMA COMO EXPERIÊNCIAS PARA PENSAR A  
LITERATURA COLOMBIANA NAS OBRAS DE VALLEJO, RESTREPO E ABAD  
FACIOLINE**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de concentração em Estudos Literários, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSMS, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Doutora em Letras**.

**Aprovada em 13 de maio de 2021:**

---

**Luciana Ferrari Montemezzo, Dra. (UFSM) - Videoconferência**  
(Presidente/Orientadora)

---

**Lizandro Carlos Calegari, Dr. (UFSM) - Videoconferência**

---

**Neiva Maria Mallmann Graziadei, Dra. (UFSM) - Videoconferência**

---

**Phelipe de Lima Cerdeira, Dr. (UERJ) - Videoconferência**

---

**Rosane Maria Cardoso, Dra. (UNISC) - Videoconferência**

Santa Maria, RS  
2021

**NUP:** 23081.042195/2021-41 **Prioridade:** Normal

**Homologação de ata de banca de defesa de pós-graduação**

134.332 - Bancas examinadoras: indicação e atuação

**COMPONENTE**

<b>Ordem</b>	<b>Descrição</b>	<b>Nome do arquivo</b>
9	Folha de aprovação	Folha de aprovação.pdf

**Assinaturas**

**28/05/2021 11:56:43**

NEIVA MARIA MALLMANN GRAZIADEI (PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR)  
08.37.00.00.0.0 - DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS E MODERNAS - DLTE

**28/05/2021 13:14:56**

LIZANDRO CARLOS CALEGARI (PROFESSOR ENSINO BÁSICO, TÉCNICO E TECNOLÓGICO)  
26.04.00.00.0.0 - DEPARTAMENTO DE ENSINO - DE-POLI

**28/05/2021 13:19:17**

LUCIANA FERRARI MONTEMEZZO (PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR)  
08.37.00.00.0.0 - DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS E MODERNAS - DLTE

**28/05/2021 14:13:55**

Phelipe de Lima Cerdeira (Pessoa Física)  
Usuário Externo (050.\*\*\*.\*\*\*.\*\*)

**01/06/2021 15:56:27**

Rosane Maria Cardoso (Pessoa Física)  
Usuário Externo (423.\*\*\*.\*\*\*.\*\*)

Código Verificador: 676780

Código CRC: 69eb8e2c

Consulte em: <https://portal.ufsm.br/documentos/publico/autenticacao/assinaturas.html>



## DEDICATÓRIA

*Ao meu amado irmão Joângelo Martin, mais uma vítima da violência.  
Não foi digitada uma única palavra, nesta tese, sem que a minha memória se paralisasse em busca de suas lembranças. Saudade e desespero em vida são igualmente compactuados com a sorte de tê-lo como a representação de força e de inspiração desde sempre.*



## **AGRADECIMENTOS**

*Ao meu irmão, Joângelo Martin (in memoriam), que sempre me mostrou o quanto que eu deveria ser forte e não ficar reclamando da vida, que estamos cercados de pessoas com problemas e que precisam de nós. Agradeço por cada instante que vivemos juntos. As suas memórias me acompanham em toda esta tese e em cada respiração;*

*Ao Gustavo José Schwengber, por me apoiar e me incentivar durante essa jornada marcada por desafios pessoais, educacionais e profissionais. Sempre me apoiando e me ajudando a seguir;*

*Aos meus pais e a minha irmã, por me lembrarem do que nos faz seguir;*

*À Profª Drª. Luciana Ferrari Montemezzo, pela orientação deste trabalho e pelas palavras de incentivo durante a pesquisa, que, em meio à tragédia pessoal em que me vi, sempre me encorajou a seguir com os estudos e com a tese;*

*À Profª Drª Rosane Maria Cardoso, por ter me apresentado ao tema do estudo nos anos de Mestrado, que, com certeza, contribuiu para esta etapa; e*

*À UFSM, ao PPG-Letras e equipe por terem oportunizado minha formação.*





*Ya mayor, conservado los sentidos y rodeado de los seres queridos. Esa es la única muerte que aceptamos con tranquilidad y con el consuelo de la memoria. Casi todas las otras muertes son odiosas y las más inaceptables y absurdas son la muerte de un niño o de una persona joven, o la muerte causada por la violencia asesina de otro ser humano. Ante estas hay una rebelión de la conciencia, y un dolor y una rabia que, al menos en mi caso, no se mitiga.*

*Lo que se es escribe con sangre no se puede borrar.*

(Héctor Abad Faciolince)



## RESUMO

### **¡ESTE PAÍS! VIOLÊNCIA E TRAUMA COMO EXPERIÊNCIAS PARA PENSAR A LITERATURA COLOMBIANA NAS OBRAS DE VALLEJO, RESTREPO E ABAD FACIOLINE**

AUTORA: Catiussa Martin  
ORIENTADORA: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Luciana Ferrari Montemezzo

Este trabalho busca analisar a relação entre a violência e o trauma na literatura colombiana, mais especificamente, em três obras literárias. Primeiramente, tem-se *El desbarrancadero*, de Fernando Vallejo (2001), que registra o sentimento de negação ao país e ao comportamento humano, ao relatar as suas lembranças da morte do pai e da doença do irmão, além do acúmulo de vidas perdidas e do contexto de violência local. Outra obra é *Delirio*, de Laura Restrepo (2004), que é um romance que faz alusão ao trauma que foi ocasionado pelo contexto de violência em que vive a personagem central. Por fim, *El olvido que seremos*, de Héctor Abad Facioline (2006), que, ao passar 20 anos do evento, narra as lembranças do assassinato do pai. Para isso, o autor constrói estratégias narrativas que entrecruzam o contexto social e político da Colômbia com as sequelas da memória ferida. A análise relaciona as sequelas do conflito com a memória do trauma e a trajetória da violência. Apresenta-se uma breve revisão teórica em torno das diferentes concepções de violência, além da etimologia do problema no país e de algumas obras literárias que emergiram desse contexto. Na sequência, para refletir a respeito das narrativas, visitam-se alguns conceitos envolvendo a literatura de testemunho e a de *testimonio* no contexto hispano-americano. Le Goff (2013), Freud (1998), Ricoeur (2007) e Jelin (2012) são alguns teóricos que auxiliam na compreensão da memória do trauma, na relação da memória individual e coletiva e as interferências na construção de uma narrativa rememorada. Na sequência, verifica-se as estratégias discursivas apresentadas em Vallejo, Restrepo e Faciolince e em até que ponto autoficção e romance podem refletir as sequelas do conflito na narrativa do trauma. Verifica-se que os três autores elaboram a narrativa partindo do choque que ocasiona a memória do trauma, que vai constituindo as três narrativas que se solidarizam entre si na tentativa de narrar a dor de uma situação limite à compreensão.

**Palavras-chave:** Violência. Memória. Trauma. Literatura colombiana.



## RESUMEN

### **¡ESTE PAÍS! VIOLENCIA Y TRAUMA COMO EXPERIENCIAS PARA PENSAR A LITERATURA COLOMBIANA EN LAS OBRAS DE VALLEJO, RESTREPO Y ABAD FACIOLINE**

AUTORA: Catiussa Martin

ORIENTADORA: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Luciana Ferrari Montemezzo

Este trabajo busca analizar la relación entre violencia y trauma en la literatura colombiana, más específicamente, en tres obras literarias. En primer lugar, se tiene *El desbarrancadero*, de Fernando Vallejo (2001), que registra el sentimiento de negación del país y del comportamiento humano, al relatar sus recuerdos de la muerte de su padre y la enfermedad del hermano, además de la acumulación de vidas que se perdieron y contexto de violencia local. Otra obra es *Delirio*, de Laura Restrepo (2004), que es una novela que alude al trauma provocado por el contexto de violencia en que vive el personaje central. Por fin, *El olvido que seremos*, de Héctor Abad Facioline (2006), que, después de 20 años del evento, narra los recuerdos del asesinato de su padre. Para ello, el autor construye estrategias narrativas que entrelazan el contexto social y político de Colombia con las consecuencias de la memoria lesionada. El análisis vincula las consecuencias del conflicto con el recuerdo del trauma y la trayectoria de la violencia. Se presenta un recorrido sobre las distintas concepciones de la violencia, además de la etimología del problema en el país y algunas obras literarias que surgieron de ese contexto. Luego, para reflexionar sobre las narrativas, se visitan algunos conceptos que involucran testimonios en el contexto hispanoamericano. Le Goff (2013), Freud (1998), Ricoeur (2007), Jelin (2012) son algunos teóricos que ayudan en la comprensión de la memoria del trauma, en la relación de la memoria individual y colectiva y las interferencias en la construcción de una narrativa recordada. En la secuencia se verifican las estrategias discursivas presentadas en Vallejo, Restrepo y Faciolince y en qué medida la autoficción y la novela pueden reflejar las consecuencias del conflicto en la narrativa del trauma. Se verifica que los tres autores elaboran la narrativa a partir del choque que provoca el recuerdo del trauma, lo que constituye tres narrativas que se solidarizan entre sí en tanto de narrar el dolor de una situación limitada al entendimiento.

**Palabras clave:** Violencia. Memoria. Trauma. Literatura colombiana.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	17
<b>2 CONCEPÇÕES DE VIOLÊNCIA E A ABORDAGEM NA LITERATURA</b> .....	25
2.1 VIOLÊNCIA E POLÍTICA: UMA RELAÇÃO DE PODER.....	28
2.2 VIOLÊNCIA E CULTURA .....	34
2.3 VIOLÊNCIA NO CONTEXTO HISPANO-AMERICANO.....	42
2.4 A VIOLÊNCIA NA COLÔMBIA.....	46
<b>2.4.1 A primeira onda de violência colombiana</b> .....	54
<b>2.4.2 A segunda onda de violência colombiana</b> .....	59
<b>2.4.3 As relações entre passado e presente da violência na Colômbia</b> .....	61
2.5 O CONFLITO INTERNO, O POVO COLOMBIANO E O APEGO À LINGUAGEM: LA COLOMBIANIDAD .....	70
2.6 A VIOLÊNCIA COMO TEMA LITERÁRIO.....	73
<b>3 MEMÓRIA, TRAUMA E NARRATIVA</b> .....	79
3.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA LITERATURA DE TESTEMUNHO NO CONTEXTO HISPANO-AMERICANO .....	80
<b>3.1.1 Literatura de <i>testimonio</i> ou teor testemunhal?</b> .....	86
3.2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS DE TRAUMA EM FREUD .....	98
3.3 MEMÓRIAS: INDIVIDUAL, COLETIVA E TRAUMA.....	108
3.4 A NECESSIDADE DA NARRATIVA.....	115
3.4.1 <b>A quem é necessária essa narrativa?</b> .....	120
3.5 A LINGUAGEM DA MEMÓRIA DO TRAUMA.....	121
<b>3.5.1 As lembranças</b> .....	128
3.6 NARRADOR, AUTOR, PERSONAGEM: AUTOFICÇÃO E FICÇÃO.....	134
<b>4 AS CONSEQUÊNCIAS DA VIOLÊNCIA E DO TRAUMA EM VALLEJO, RESTREPO E FACIOLINCE</b> .....	141
4.1 FERNANDO VALLEJO E A TRAJETÓRIA LITERÁRIA .....	141
4.2 VIOLÊNCIA E MEMÓRIA EM <i>EL DESBARRANCADERO</i> , DE FERNANDO VALLEJO.....	143
4.3 LAURA RESTREPO E A TRAJETÓRIA LITERÁRIA.....	156
4.4 VIOLÊNCIA E MEMÓRIA EM <i>DELÍRIO</i> , DE LAURA RESTREPO.....	158
4.5 HÉCTOR ABAD FACIOLINCE E A TRAJETÓRIA LITERÁRIA .....	168
4.6 VIOLÊNCIA E MEMÓRIA EM <i>EL OLVIDO QUE SEREMOS</i> , DE HÉCTOR ABAD FACIOLINCE.....	171
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	191
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	201





## 1 INTRODUÇÃO

O tema da presente pesquisa é o estudo dos vínculos que existem entre a prática da violência e as obras literárias que emergem de um contexto social e político limite à representação, como é o caso da Colômbia. A pesquisa se baseia em uma visão sobre a narrativa da violência como algo que articula a psicanálise e a literatura, enquanto uma possibilidade de que o ato de falar a respeito do trauma pode proporcionar um efeito terapêutico que é necessário à vítima. É por isso que se buscará demonstrar que a ação de narrar ou falar sobre uma situação extrema de violência, que ocasionou um trauma, pode ser um recurso e um destino de um evento limite à compressão que necessita ser compartilhado. Assim, reconhecendo o outro com o qual a vítima é capaz de se solidarizar e dar sentido ao que lhe foi imposto, que é o que será desenvolvido ao longo dos capítulos.

É compreensível, então, que a literatura proporcione outros recursos ao leitor, à vítima de um trauma e ao autor do que somente a abordagem dada ao caráter de denúncia social de um indivíduo que foi silenciado por um regime opressor ou que é representante de um grupo social como era abordado na literatura do contexto hispano-americano centrada na categoria de *testimonio*. Por esse motivo que o objetivo da pesquisa passou a ser o de refletir sobre a atual expressão da narrativa literária colombiana envolvendo a violência e os sentidos que o sujeito que narra atribuem a sua história, bem como a necessidade do ato de narrar frente a uma realidade traumática. Há uma relação entre a narrativa literária e a psicanálise, que é o que será analisado no estudo em questão.

Os problemas relevantes normalmente dizem respeito ao olhar que se dá sobre a violência na narrativa colombiana, em um aspecto nacional e internacional, capaz de promover reflexões, opiniões e juízos de valor quanto à abordagem crescente na literatura. Leva-se em consideração a necessidade de se verificar por que se fala tanto em violência, em memória e em verdade em uma perspectiva literária. Pondera-se, que segundo De Marco (2004), a literatura de testemunho, no contexto hispano-americano, apresenta uma crítica que chama a atenção para a existência de significações que remetem ao resgate da história e outra que envolve a violência das ditaduras na América Latina, como o célebre testemunho de *Rigoberta Menchú y así me nació la consciencia*, de Rigoberta Menchú, publicado na década de 80. Essas escritas emergem de objetivos distintos. Entretanto, os estudos demonstram que elas

seguem sendo equiparadas; por esse motivo que há necessidade de demonstrar nesta análise que elas estão pautadas em pressupostos distintos. Enquanto uma tem o objetivo de denúncia social, por meio de um depoimento de um representante de um grupo social, que, muitas vezes, era iletrado, a outra vincula os trabalhos da memória, do esquecimento, do trauma, das histórias da memória com a necessidade da narrativa para se olhar ao problema político e social do país. Com isso, há a abordagem de textos que viabilizam a entrada de diferentes vozes que fornecem não uma versão da história oficial, mas a articulação de diferentes memórias com a ficção, em que a verificação da verdade fica em outro plano.

Outrossim, a articulação do passado se dá a partir das lembranças rememoradas de uma memória individual e coletiva, em que não ocorre a descrição objetiva dos fatos, mas uma conjectura de memórias que estão vinculadas a interesses específicos da memória e o entrecruzamento com a história. Sendo assim, pretende-se aqui, primeiramente, verificar quais são as possíveis concepções de violência, desde os fatos às formas como estão sendo entendidas e narradas em obras literárias. Sendo a violência uma problemática contínua que suscita diferentes repostas e comportamentos oriundos de ações distintas, com inúmeras sequelas que atingem a inúmeras pessoas e reconfiguram um comportamento político, social e literário, como será demonstrado no estudo. Outro fator relevante é o apontado por Ginzburg (2012), quando se aborda a escrita de testemunho, também se vincula o processo de resistência e de interpretação da história, em que a escrita é interpretada em um campo social marcado por conflitos e por uma necessidade de narrar em que se problematiza o real apresentado.

O estudo desta escrita leva em consideração a necessidade de se refletir os processos que envolvem o comportamento humano e a violência, que comumente é apresentada enquanto uma situação devastadora em âmbito individual e coletivo. Para Hanna Arendt (2011), que servirá como norteadora na elucidação do termo, ela é encarada como a maior manifestação de poder, que aparece, normalmente, quando a manutenção do poder entra em perigo, em que os meios se sobrepõe aos fins. Ademais, verificar-se-á com outros estudiosos que corroboram com a autora, como Bobbio (2007) e Sofsky (2006), que a violência é uma ação planejada e estudada, por esse motivo ela não se encaixa em um processo irracional, na desumanização do ser humano. Sendo assim, ela possui um objetivo elaborado que desperta o sentimento de medo no homem, que faz com que ele monitore as ações, mas que também lute

para manter o direito à vida. No entanto, é quando ela está em perigo que o ser humano é capaz de se tornar violento em defesa de si ou de seus interesses.

A partir dessa linha de raciocínio, o contexto escolhido é o hispano-americano, porque apresenta um emaranhado de acontecimentos violentos ainda latentes e que emergem na literatura. Na sequência, a pesquisa passa a ser delineada pelos acontecimentos que envolvem a violência ocorrida na sociedade colombiana e que ainda buscam uma compreensão. Tem-se uma violência que vem de um longo período e com uma situação devastadora, atribuindo consequências traumáticas a milhões de pessoas e, concomitantemente, é inegável que há memórias feridas no país. Com isso, como se observará em Guzmán Campos, Falls Borba e Luna (2010), o problema é visto como um câncer que se apropria do que há de saudável nesse contexto e deixa o que eles denominam de sequelas, porque gerações inteiras não conheceram um período de paz.

Já com Puyana García (2005), destaca-se a presença do apreço à palavra pelo povo colombiano, que é tido como um recurso a superar as dificuldades do conflito, bem como a presença da política do bom idioma e dos enamorados pela palavra. Com isso, será apresentada uma trajetória histórica que circula em inúmeros relatos, em diversos formatos e linguagens, compartilhando histórias da memória, emoções, sentimentos e ressentimentos, além de anseios e desejos de uma abordagem política que acompanha a vida social de um povo.

Outra relevância é dada aos agentes históricos que marcam também a literatura local, como os interesses divergentes entre os partidos liberais e os conservadores que ainda fazem sentindo por deliberarem ação do estilo eleitoreiro em prol do poder. Em contrapartida, há um crescente aumento no setor desfavorecido da sociedade que desenvolve uma luta contra a miséria através do recurso da força. Com isso, tem-se os elementos políticos para a manutenção do poder como um dos responsáveis pela violência e impulsionam problemas vinculados aos fatores econômicos, sociais e educacionais no país.

Como implicações da violência há o trauma, por isso será necessário compreender, neste estudo, os caminhos da memória. Para isso, parte-se, então, de uma abordagem da transformação da literatura de testemunho à de teor testemunhal, buscando verificar a necessidade da narrativa como um meio de compartilhar as divergentes relações e consequências da trajetória desse conflito interno. É inegável a relação do testemunho com uma situação limite à compreensão, com o vínculo em

eventos com base histórica das quais os atos narrativos se tornam um recurso para entendê-la e uma alternativa de se envolver socialmente com o contexto. Se a prática de violência pode ser sustentada em padrões comportamentais, é na mesma proporção que emergem discursos que a questionam e a compartilham em memórias feridas, assim como a tentativa polêmica de politização da arte literária. Por esse motivo que se estuda, primeiramente, a literatura de *testimonio*, a partir do apanhado histórico de Donald Shaw (2005), à concepção de teor testemunhal que as obras em análise fornecem ao abordar a memória do trauma, como apresentado em Seligmann-Silva (2003).

Ao se abordar um contexto de violência, o trauma é uma implicação ocasionada por essa situação e que precisa ser verificada por um viés que envolva a psicanálise, por esse motivo que Freud (1998) tem relevância no estudo do termo. Busca-se analisar qual é a relação do trauma com a publicação de obras que emergem de um contexto de violência extrema. Inicialmente, é relevante destacar a abordagem de Freud (1998) ao trauma, que será estudada em um capítulo posterior, como sendo uma ruptura do escudo protetor do aparelho psíquico que são incapazes de serem assimilados pelo eu, porque é causada por estímulos intensos e fortes. Nesse caso, a partir do susto, a liberdade da memória é interrompida. A vítima se lança em uma intensa tarefa de tentar atribuir sentido e acolhimento à memória, através da evocação e de controle das lembranças. Fato que não é consolidado com a literatura de *testimonio*, por isso, busca-se olhar para uma obra que emerge de um trauma enquanto uma necessidade de se falar do assunto para atribuir sentido às imagens que se impõe na memória, porque há o que Freud (1998) denominou de compulsão à repetição.

Ricoeur (2007) também contribui com a abordagem na narrativa enquanto uma etapa do trauma, salientando que a memória contém abusos de rememoração e da presença do sentimento de vazio e de dor, por esse motivo ela está além de um testemunho. A memória coletiva, como se observará também, apresenta um papel relevante na elaboração da memória ferida. Jelin (2012) e Gagnebin (2018), compartilham a ideia de que a escrita é uma forma de se lutar pelo e contra o esquecimento. Le Goff (2013) e Halbwachs (2003) destacam as contribuições das memórias coletivas sobre as individuais. No entanto, o que será observado é que a memória individual, por ser particular, é mais difícil de se acionar do que a coletiva quando se está vinculada a um trauma, porque, conseqüentemente, a dor é exclusiva

da vítima e exige um tempo de luto, que quando não processado, como se observará em Freud (1998), irá se instaurar em uma melancolia. Jelin (2012) contribui com o processo de constante reelaboração da memória do trauma, que pode ser, como ela argumenta, constantemente reescrita, mas nunca finalizada. Desse modo, a narrativa do trauma, como se observará, é capaz de fornecer uma escrita que vem de uma memória rememorada, que é fruto de um passado ainda presente e que não passa. Tem-se uma história que se situa entre o processo de narrar, de lembrar e de esquecer em uma tentativa de representação do trauma ocasionado pelo contexto de violência, que por meio da narrativa vai tentar acolher a memória e se solidarizar com outras vítimas.

O estudo vai verificar se, ao se aproximar de um texto em que se narra a violência, é possível, também, se aproximar do processo de violência. No entanto, sem sombra de dúvidas, há uma grande diferença entre ler e viver a violência, tanto na Colômbia como em qualquer outro local, mas é por intermédio das narrativas que se acaba proporcionando acesso à propagação do conhecimento que gira em torno de determinados contextos. Com isso, as obras são capazes de aproximar os leitores e suscitar perguntas sobre a origem e o sentido de determinadas ações humanas como pertencentes a determinados grupos sociais, que são capazes de gerar consequências irreparáveis e irrepresentáveis em qualquer narrativa.

Interessa pensar a relação entre a narrativa, o trauma e a violência e como que o sujeito se porta dentro de um contexto ao narrar sobre si, que sujeito que é esse e, como ao fazê-lo, enfrenta o trauma. Para isso, analisam-se três obras de autores colombianos. Primeiro, *El desbarrancadero* (2001), do autor Fernando Vallejo (1942), que já deixa claro o sentimento que o conflito entre os partidos liberais e conservadores despertou no narrador-personagem. A história também é contada, assim como a de Abad Faciolince, em primeira pessoa. O sentimento de não pertencimento ao país e o repúdio às convenções sociais e cristãs são marcos da narrativa de Vallejo. A morte do pai e a doença do irmão são os pressupostos da narrativa.

A segunda obra selecionada foi o romance *Delirio* (2004), de Laura Restrepo (1950), que conta a história de uma família da sociedade alta e está conturbada pelo contexto social do país. A personagem central, Agustina, sofre um trauma psicológico ao presenciar um assassinato e, com isso, vai desvendando e narrando os caminhos da memória ferida e da trajetória política e social na obra. A narrativa, apesar de ser

um romance e não uma autobiografia, aborda como foco central a trajetória da memória na tentativa de atribuir sentido à ausência da lembrança e da linguagem, relacionadas ao evento limite à representação. Os narradores-personagens vão costurando as lembranças desconexas da vida de Agustina como uma forma de superar o trauma causado pelo contexto político e social do país, que é compartilhado por milhares de outras vítimas.

Outra obra a ser analisada é *El olvido que seremos* (2006), de Héctor Abad Faciolince (1958), que é uma obra que nasce nitidamente de uma narrativa em primeira pessoa, em que o narrador vai desvelando os caminhos da memória para reconstituir as lembranças do pai que foi assassinado. É uma mescla das tentativas de superar o luto, o trauma, e compartilhar a dor e a história de quem sofreu com a forte violência empregada por ideologias divergentes.

Vallejo, Restrepo e Abad Faciolince fornecem narrativas de múltiplas vozes que envolvem as concepções de memória, trauma, violência e o vínculo com um determinado real. Elas brotam de feridas que se solidarizam com tantas outras pessoas, que segundo Rueda (2011), a leitura de um livro é uma experiência sensorial que nos envolve afetiva e intelectualmente, e seus efeitos não se esgotam no momento em que se fecha a última página. As situações descritas em um texto entrelaçam as emoções, eventos, preconceitos, ideias em um nível individual e coletivo, e isso é ainda mais garantido quando os textos se referem à violência. Para Seligmann-Silva (2003), a escrita de um texto que parte de um trauma encontra na linguagem um recurso não para representar o real, mas para dar uma forma a ele. Essa é uma das características que será levada em consideração para se tentar compreender a relação entre violência e trauma na literatura.

As obras literárias que serão analisadas partem de autores que se colocam subjetivamente diante de um problema, que, normalmente, está associado aos conflitos internos colombianos, com fins políticos para a manutenção de poder. As obras buscam fornecer a história das memórias individuais que se misturam com as coletivas, como uma necessidade para se atribuir um pouco de sentido ao que se impõe constantemente na memória. São histórias de assassinato, dor, luto, doenças e violência política e social que marcam as lembranças das personagens, que necessitam de tempo para lembrar e narrar, que é o tempo de luto. Esse interesse fornece um período que gerou à Colômbia danos irreparáveis à economia e ao seu povo. O ciclo de violência não se encerrou, porque há muitos fatores que o tornam

ainda presentes, seja pela injustiça, por vingança, pela miséria, pela luta de ideologias, déficit social, narcotráfico, o fato é que o problema segue rotulando o país.

Assim, este estudo pretende verificar o entrecruzamento das concepções das abordagens da violência e do trauma em obras tanto ficcionais quanto autoficcionais, como um reflexo da necessidade de compartilhar as memórias, buscando o acolhimento e solidariedade à dor. É inegável que a memória parte das interferências da história à subjetividade que se solidariza com as memórias individuais e coletivas, em uma busca pelo aconchego na narrativa, que permite, assim, refletir tanto sobre o passado marcado pela violência e os sentidos, da narrativa dos conflitos internos, tanto no presente quanto ao futuro dessa memória.

Portanto, busca-se investigar as concepções mais comuns do comportamento do homem no campo político, social e cultural na luta de interesses particulares ou coletivos representados na relação entre histórica legítima e história alternativa, que nasce da subjetividade literária e do processo de repressão de um contexto hispano-americano. Do qual brotam narrativas em comum, de impressões sensíveis, que não conseguem ser representadas de outro modo a não ser pela literatura.





## 2 CONCEPÇÕES DE VIOLÊNCIA E A ABORDAGEM NA LITERATURA

A grande maioria das obras literárias no contexto hispano-americano apresenta como tema de fundo ou, até mesmo, como o enredo principal, a abordagem da violência. E, então, é por isso que se abordará, inicialmente, neste estudo, algumas reflexões a respeito do entendimento do termo, das implicações e das consequências à sociedade, para, na sequência, verificar como que se dá tal acolhimento na literatura, que neste estudo vai se deter ao contexto hispano-americano.

Em primeiro lugar, destaca-se que não se pode questionar a crescente abordagem da temática na literatura sem compreender antes as consequências geradas por uma situação de violência extrema à vítima, além das diferentes manifestações sociais e refletir no que a ação violenta significa e implica na sociedade. Em linhas gerais, para se começar a reflexão a respeito do tema, pode-se dizer que a violência, em algumas definições, é entendida ou apresentada como um determinado comportamento humano que é guardado socialmente e acionado como uma forma de proteção e de poder, segundo Costa (2003).

Em linhas gerais, é interessante refletir sobre algumas tentativas de explicação do termo. Hannah Arendt (2011), por exemplo, corrobora a ideia de que a violência é uma ação racional por pertencer ao comportamento humano, mesmo que em determinadas condições, como nos conflitos internos, nos campos de concentração, na fome, o indivíduo acaba desumanizado ele ainda não perde a sua essencial racional nem se assemelhe aos animais. Costa (2003) também não associa a irracionalidade e a violência, porque toda ação violenta apresenta uma lógica que se pauta em um determinado comportamento humano ou em conjeturas de certos grupos sociais. Na sequência, aprofundam-se as reflexões a respeito da violência, e, que, agora, aparecem na literatura como consequências tardias dessas situações sociais.

Não é nenhuma novidade que a violência é exercida desde as diferentes épocas, em distintos grupos sociais, faixas etárias e por inúmeros motivos que falsamente seriam considerados como justificativa na mente do indivíduo. Ademais, nota-se uma constante proliferação das mais distintas formas de violência, conseqüentemente, as notícias veiculam diariamente os mais variados episódios violentos, como: assalto; latrocínio; discussão entre vizinhos; final de um relacionamento que termina em morte; a cobrança de uma dívida que outra vez acaba em morte; a demonstração de poder de um dos comandantes de facção no sul do

Brasil - por exemplo - que é capaz de entrar com uma arma de fogo e atirar para matar em jovens que estavam se divertindo sem relação alguma com o tráfico ou com a rivalidade do crime; um acerto de contas entre as, tão em “ascensão”<sup>1</sup>, facções no contexto brasileiro, por exemplo, que integra a América Latina e que faz jus à relação entre poder e violência.

A violência deixa vítimas, isso é inegável. Não importa quem é ou será: uma mãe, um filho, um irmão, um amigo, um cidadão que contribui para o desenvolvimento de determinado grupo, um líder político ou social. Por isso, além da ação violenta que une os casos, como já mencionado, é a necessidade de poder sobre a vítima. Segundo Hannah Arendt (2011), é a diminuição do poder ou do risco de que isso ocorra que se apresenta como um convite ao exercício da violência. Assim, o desejo de poder sobre a vítima e a demonstração perante à sociedade prevalecem junto à manipulação de outrem contra a sua própria vontade.

Outrossim, não é novidade que a banalização da violência é uma constante no terceiro mundo. No entanto, os objetivos que a impulsiona na tentativa de manter um determinado poder é que modificam os olhares sobre a ação e as consequências oriundas na sociedade. É por esse motivo que não adiantará de nada escrever uma tese sobre os reflexos da violência na literatura somente olhando ao passado, uma vez que ela ainda é um grave problema social que está presente no comportamento humano. Além do que, segundo Costa (2003), não adianta explicar a violência para quem não a sofreu, pois, as concepções da vítima e de quem não a experienciou são, sim, consideradas extremamente diferentes.

Além da necessidade do processo narrativo à vítima portadora de uma memória ferida, como se observará nos capítulos seguintes, o Direito penal com a aplicação da Lei vigente em um determinado país é outro recurso legal a ser exercido pela vítima. Atualmente, o julgamento pode fornecer um resultado com a aplicação da lei, como um modo de poder do Estado sobre o réu na tentativa de limitar a propagação de ações violentas. No passado, as ditaduras, os conflitos armados, os genocídios, Primeira e Segunda Guerra Mundial, contaram com uma violência política em prol do poder e de um interesse vigente. Entretanto, não se pode deixar de lado o passado marcado pela violência nem ao menos o presente, que, mesmo com uma Lei que busca coibi-la, casos de ação violenta ainda aumentam, e, com isso, novas vítimas,

---

<sup>1</sup> Grifo do autor

novas memórias do trauma vão emergindo, demonstrando que o sistema segue apresentando falhas.

O vínculo entre poder e violência é incontestável. Outra concepção relevante ao estudo é a definição de violência apresentada por Bobbio (2007), no *Dicionário de Política*, como sendo uma possível intervenção física voluntária de um indivíduo ou grupo contra outrem, ou até contra si próprio. Destaca-se, que um acidente não é uma violência praticada, uma vez que aconteceu além do desejo, não foi premeditado nem racionalizado. No entanto, quando é intencional, passa a ser considerado como um ato de violência. Acrescenta-se, aqui, ainda, a finalidade do ato como sendo o de coagir, o de ofender e o de destruir a vítima. Nesses casos, a tortura é uma forma de exemplificar o conceito, pois ela mobiliza e age no corpo de outra pessoa indiferente ao desejo da vítima com uma ação que a impede de realizar qualquer movimento de defesa. Em linhas gerais, então, a violência geralmente é exercida contra a vontade de outrem, já que ela obriga o outro a exercer uma ação mesmo que de proteção contra a própria vontade.

A violência também pode ser exercida de duas formas, direta e indireta. A forma direta é a que atinge o corpo da vítima, já a indireta é quando ocorre a manipulação do ambiente físico com o objetivo de atingir alguém. No entanto, em ambas as situações, acomete um prejuízo físico e/ou emocional à vítima. Salienta-se ainda a relevância do vínculo entre violência e poder. O primeiro é exercido contra a vontade de outrem e modifica de forma prejudicial o estado físico, enquanto que o segundo altera a vontade e a conduta de um sujeito ou de um grupo. No entanto, ressalta-se que a intervenção pela violência pode ser utilizada para aumentar o próprio poder em um futuro. Assim, poder e violência possuem relações distintas, mas que estão atreladas, já que o poder se vale da violência para conquistar os seus objetivos.

Para Hannah Arendt (2011), mesmo a concepção de poder e de violência sendo diferentes, eles costumam aparecer juntos, e quando um diminui é que o outro se sobressai, ou seja, quando o poder está enfraquecendo ele convida a violência a aparecer. Dessa forma, ela poderá aparecer também sob forma de ameaça, uma advertência geral para concretizar qualquer ação futura, como um recurso de punição e de demonstração de manutenção de poder. Em consequência, segundo Costa (2003), a violência tornou-se um fermento, como ele a comparou, e que foi se proliferando a além do corpo e da mente humana a distintos contextos sociais.

Embora se tenha a possibilidade, infelizmente, de se analisar inúmeras ações que envolvem o comportamento humano e a violência, o presente estudo irá se ater, inicialmente na evolução dos registros de casos envolvendo a América Latina, para, na sequência, chegar nas ditaduras e nos conflitos internos da Colômbia, por se tratar do país ao qual as obras desta análise pertencem. Esse contexto de crise, proporcionado pelas ações de violência, se problematizam entre as relações da história e da literatura, na qual buscou uma importante acolhida, após refletir a respeito de algumas concepções de violência, será possível analisar o que as obras literárias escolhidas narram a respeito dessas implicações e memórias sociais.

## 2.1 VIOLÊNCIA E POLÍTICA: UMA RELAÇÃO DE PODER

Em linhas gerais, pode-se dizer que a relação entre violência e política está, certamente, vinculada à disputa de poder, seja pelo Estado ou por um grupo social que luta por seus interesses políticos em comum. Para Hannah Arendt (2011), mesmo o poder e a violência sendo considerados fenômenos distintos, eles costumam estar vinculados, e é o Governo, politicamente, que exerce a domínio sobre o comportamento humano com o uso da violência, ou seja, quanto mais exacerbada, maior é a apreensão quanto à necessidade de manutenção do poder vigente. Bobbio (2007) corrobora a ideia e dá ênfase de que a violência política é considerada um dos fatores constitutivos das condutas e das expectativas sociais, além de apresentar um papel extremamente característico do estilo de poder do Governo e do sistema político que predomina socialmente.

Para cunho de ilustração, as analogias do monopólio da violência, como uma necessidade presente de quase todo Governo, abordadas por Max Weber e Hobbes, são, por eles, consideradas como a expressão legítima da violência. Ela é considerada o único recurso com eficácia no controle de qualquer conduta humana em prol de um determinado objetivo. Ademais, há o emprego extremo da violência como um método que visa aterrorizar o ser humano de tal modo que se assegure a paz e o poder, (BOBBIO, 2007). No entanto, segundo Hannah Arendt (2011), a violência é capaz de destruir o poder e de acabar com a paz.

É preciso, também, suscitar um olhar de abordagem histórica do vínculo entre violência e política. Para Fanon (2005), quando se trata de libertação nacional, ou de defesa de território, a ação será sempre um fenômeno violento, pois envolve uma

disputa por interesses políticos. A violência já era utilizada como um recurso de poder desde antes do período da colonização. Assim, quando um determinado grupo vence uma disputa de território, por exemplo, gerava uma falsa ideia de substituição de uma espécie de homem por outra. Emprega-se, aqui, a concepção de falsa, porque o que muda é simplesmente o indivíduo, mas os recursos e os objetivos que o guiam na luta por poder seguem inalterados, pois o que o liberta é o mesmo que o transforma.

Sendo assim, tem-se como uma diferença do mundo colonizado ao capitalista, principalmente, a de que, no primeiro, a relação se dá com o exercício da força, enquanto que, no segundo, há a presença de uma concepção moral que passa a atuar sobre a razão. Logo, o grupo dominante, em diferente ao período histórico, apresenta uma visão de superioridade em detrimento ao dominado, demonstrando o seu poder perante aos demais, que, na maioria dos casos, aparece nitidamente como uma rejeição à cultura de outrem.

Muito embora a violência seja considerada como um recurso eficaz para se impor uma cultura a outra, ela deixa inúmeras implicações sociais, como destruir formas e hábitos próprios de um determinado grupo em favor de outros. Assim, não há como ela ser considerada irracional, segundo Hannah Arendt (2011), uma vez que busca um objetivo estratégico que é próprio daquele grupo, ou seja, é algo planejado em prol de substituir uma cultura por outra, pela imposição da força e de estratégia política. Desde o período colonial, guerras, guerrilhas, conflitos internos o interesse era a defesa e a imposição de uma determinada ideologia sobre a outra, principalmente com a manutenção da terra, porque ela é a garantia da dignidade do indivíduo que vive em estado de alerta, (FANON, 2005).

Há um elo totalizante entre os homens, como uma grande corrente, por exemplo, que surge em decorrência de uma possível ameaça de violência. Desse modo que surge a luta armada, através da identificação de um objetivo em comum que mobiliza o povo. É uma causa comum que o unifica em favor de uma determinada ideologia. Portanto, enquanto houver ideologias políticas divergentes, a manutenção da cultura dominante seguirá em alerta constante, na tentativa de preservação de identidades, seja nacional ou individual. A relação do nazismo é um exemplo que transformou a Europa.

Na sequência, destaca-se, ainda, no viés do vínculo político com a violência, que desde a época da colonização, quem lidera um grupo, agora, no caso o governo, tem por objetivo convocar os seus adeptos ao combate. Pinheiro (1991) apresenta as

ditaduras como um exemplo clássico do vínculo entre violência e política. No entanto, muitos regimes políticos, por meados de 1980, não obtiveram êxito mesmo exercendo a violência extrema, não conseguiram mais manter o poder. Nesse caso, destaca-se a presença de um monopólio ideológico, com um conjunto de comportamento que visa à conquista de um poder político através da tentativa de angariar mais adeptos à causa. No caso do Estado, o emprego do exército é o recurso utilizado para se garantir o poder (BOBBIO, 2007).

Logo, desde o período de colonização, por exemplo, o poder estaria vinculado com a capacidade psicológica e física de resistência da vítima. No período colonial, a violência já era empregada para controlar o dominado despertando o instinto da raiva, do ódio, como uma forma de poder sobre a resistência. A violência passa a ser empregada como um recurso para combatê-la, ou seja, é capaz de transformar o comportamento humano em sociedade. A violência mudou de sentido, desde a colonização, desde os conflitos internos, mas permanece em um círculo vicioso, em que é proclamada por uns e rejeitada por outros.

Segundo Fanon (2005), essa alteração pode ter ocorrido porque a violência segue sendo empregada também como uma forma de cicatrizar os ferimentos que emergiram na vítima desde um contexto social quanto psicológico em que ela se apropria desse recurso e faz uso em prol de seu interesse, seja defesa, vingança, honra, poder ou sobrevivência. Com isso, percebe-se uma substituição de uma espécie de homens por outra espécie de homens e, gera com isso, uma falsa ilusão de que o emprego de mais violência fará surgir um novo homem pertencente à outra sociedade que luta por direitos e por igualdade. No entanto, essa fraternidade que nasce em um conflito violento permanece enquanto houver o perigo à vida e ao poder (BOBBIO, 2007).

Logo, os períodos de ditaduras, de conflitos são considerados o próprio exercício da violência por um autoritarismo socialmente implantado. O legado político, saindo da linha da colonização, é a persistência de um nível considerado extremamente alto de violência e de conflito violento, que, segundo Pinheiro (1991, p. 41), “não termina com o colapso das ditaduras, mas que sobrevive às transições e os novos governos civis eleitos, porque independe da periodização política e das constituições”. Há, com isso, a alternância de poder e, logicamente, ocorre a continuidade da violência, os grupos se alternam.

A transição política parte de uma concepção das relações de poder localizadas no sistema de representação política, com pouca ênfase nos movimentos da sociedade civil, que na resistência à ditadura a todo momento punham em questão as condições de exercício da violência. Como sabemos, essa pacificação das ilusões políticas é ilusória, se partirmos do princípio, como Michel Foucault, de que relações de poder nas sociedades atuais têm essencialmente por base uma relação de força: “e se é verdade que o poder político, acabada a guerra, tenta impor a paz na sociedade civil, não é para suspender os efeitos da guerra ou neutralizar os desequilíbrios que se manifestam na batalha final, mas para reinscrever perpetuamente estas relações de força, através de uma espécie de guerra silenciosa, nas instituições e nas desigualdades econômicas, na linguagem e até no corpo dos indivíduos” citado por Foucault. A transição política é apenas um uma vez que episódio dessa guerra. (PINHEIRO, 1991, 46).

Percebe-se que o exercício do poder não é afetado com as transições políticas nem os períodos de conflitos. Há as leis que asseguram o controle, mesmo assim, é perceptível o vínculo entre poder, política e violência. No entanto, a questão controversa é a aplicabilidade do que seria em determinada instância considerada uma violência legítima em contraponto com a ilegítima. Em linhas gerais, a violência ilegítima seria aquela que não parte diretamente de um poder político, como, por exemplo, as extorsões e outros atos violentos em particulares, como a ação de bandos de gangster ou de grupos rebeldes, como as facções criminosas. Enquanto, de outro lado, para a concepção de o que seria considerado legítimo, entraria a violência que o governo impõe aos usos anteriormente mencionados. Destaca-se, também, o emprego da violência legítima que não parte do governo, mas é considerada aceita por ele, ou seja, quando envolve uma ação em estado de legítima defesa por parte da vítima (BOBBIO, 2007). O Governo que chama para si o poder da regulamentação Exclusiva.

Dizer que o poder político possui o monopólio da Violência é afirmar que esta é seu meio específico e tendencialmente exclusivo, mas não significa afirmar que a Violência é o fundamento exclusivo e tampouco o fundamento principal do poder político. [...] Em linhas gerais, o poder político funda-se sempre, parcialmente, sobre a violência e, parcialmente, sobre o consenso. O consenso, por sua vez, baseia-se, em parte, sobre a obtenção de interesses próprios mais ou menos tangíveis e, em parte, na crença de determinados valores. Apoia-se também sobre atitudes afetivas. (BOBBIO, 2007, p. 1294).

Outro ponto relevante, segundo Pinheiro (1991), é a relação que se estabelece entre o poder, o saber e o corpo, que são considerados os elementos estruturais da violência. Ou seja, é a aplicação física da violência que serve como um recurso de convencimento – de persuasão – a uma determinada ideologia, e que não é uma



estratégia exclusiva do Governo, pois a tríade é utilizada na pedagogia do medo, em diferentes instâncias da sociedade. Desse modo, quando se pensa na aplicação da violência, o indivíduo pode se deparar quase sempre com os dois lados: ou se mantém vítima ou se torna o carrasco da situação, como nos casos de terrorismo ou das facções, já que ninguém está excluído de ser o próximo alvo.

Reitera-se que o monopólio estatal da violência nunca é absoluto, mas apenas parcial. Dentre os objetivos do uso da violência, o principal é o de destruir o adversário, tanto de forma física quanto psicológica, com o domínio das ações da vítima, como a defesa e a manifestação de qualquer tipo de vontade alheia. Isso pode ser observado com o emprego da violência pelo poder estatal, do assassinato político e civil, dos exemplos de genocídios, extermínios, dos grupos de guerrilheiros e o emprego atual que é exercido pelas facções. Nesse sentido, há uma imposição do agressor dominante visando controlar o outro, seja o indivíduo considerado o líder ou o grupo. Considera-se como o líder aquele que é capaz de exercer a violência como forma de impor a sua ideologia, as suas convicções, aos demais. Destaca-se, que a violência sempre quebra as regras de ordem social, pré-estabelecida por um determinado sistema, além de que a violência, enquanto uma conduta social, também está presente na mídia.

[...] os atos violentos, mesmo quando não provocam as citadas consequências simbólicas, provocam, porém, um efeito notável no ambiente externo, chamando a atenção. Nada mais chama a atenção do que a violência, que permite assim a rápida divulgação, para deixar bem visível e no grau máximo a importância da reivindicação e do ressentimento. Com os atuais meios de comunicação de massa, um episódio de Violência particularmente clamoroso pode prender a atenção de uma enorme parte de toda a humanidade. (BOBBIO, 2007, p. 1296).

Isto posto, a violência é um recurso de exercício do poder, que vai agir em prol de um interesse particular, por isso que pode isolar um grupo ou uni-lo, criando um elo por uma ideologia. Segundo Hanna Arendt (2011), quando um indivíduo não alcança os seus objetivos, ele acaba exercendo a violência como um recurso que contribui a um mundo com mais violência, e que está diretamente vinculado com uma identificação de ideologias políticas, principalmente. No entanto, a autora também chama a atenção de que nessa disputa pelo poder através da violência, a esperança acaba movendo pessoas consideradas boas a também exercerem-na.

Por sua vez, é a violência uma prática voluntária que exerce a intervenção física de um indivíduo contra a vontade de outro – ou contra a si mesmo, com o objetivo de destruir, ofender e coagir. Ela é exercida por quem é capaz de torturar, ferir ou matar tanto de forma direta quanto indiretamente. Entende-se, aqui, por forma direta, quando o corpo é atingido imediatamente, pela indireta quando altera o ambiente físico ou os recursos materiais próximos à vítima, como já comentado.

Segundo Bobbio (2007), outro ponto relevante ao estudo é o de que há uma diferença entre a demonstração de poder e a de força com os quais se exerce a violência. Desse modo, entende-se por poder a modificação de uma determinada conduta que muda a vontade do outro, enquanto que a violência vinculada à força acaba mudando o estado do corpo. A intervenção física é considerada, então, como um meio de exercício do poder e, conseqüentemente, de interesses políticos. Ou seja, a intervenção física é considerada uma forma de violência, e o poder é o que se obtém com ela. Outra forma de poder que comporta a violência é o coercitivo, que é o ato e a ameaça de violência. Há, também, a superioridade da força do perseguidor em destaque, exercendo a coerção, como uma demonstração de força, e a manipulação.

A relação entre violência e política também encerra um papel relevante nas condutas internacionais, além do terrorismo e das forças militares, há a constante ameaça de poder para se manter a paz entre os países. Nesse caso, a experiência consolidada das sociedades políticas tem demonstrado que, para conseguir o objetivo é indispensável a ameaça da violência pelo Estado e de sua imposição em caso de desobediência. Desse modo, o poder político tem o monopólio parcial da violência, mas que não é tido como o seu principal fundamento, já que ela é empregada com o objetivo de punir qualquer indivíduo que não siga as regras intituladas pela organização que rege o poder. O terror também é um recurso que se utiliza como estratégia política para se manter o domínio sobre outrem, pois ele gera, no ser humano, conseqüências imprevisíveis e um medo irracional. Nesse caso, o indivíduo opta por ou ser vítima ou ser carrasco, como já mencionado.

Por fim, é importante destacar que não só com a relação entre violência e política que o poder exerce um papel relevante, pois, segundo Hannah Arendt (2011), o poder faz parte do espaço político e dos negócios humanos, sendo assim, ambos exercem um papel histórico essencial na conduta humana. Para exemplificar, há a dicotomia entre o processo de guerra e de paz, já que a violência que é exercida pelo

governo é tida como um recurso válido para que se resolver as possíveis controvérsias tanto internas quanto as externas.

Ademais, tem-se como outras funções políticas da violência, o seu exercício com o objetivo de manter, destruir ou dominar qualquer ameaça à paz, para, com isso, manter o respeito ao poder. Os grupos rebeldes, por exemplo, usam a violência de caráter simbólico como recurso para quebrar a lei e se autoproclamarem legisladores em nome da justiça, que reclama a quebra de vantagens do outro grupo. Há a prática da violência que chama a atenção do público, com o objetivo de favorecer a formação de uma consciência de grupo entre os que se encontram em situação de desvantagem. Finalmente, destaca-se, novamente, que os conflitos violentos tendem a unificar um determinado grupo em favor de uma ideologia, mas somente enquanto que durar o evento.

## 2.2 VIOLÊNCIA E CULTURA

Não é nenhuma novidade que a relação entre cultura e a violência está vinculada ao termo político. No entanto, o relevante é dar uma atenção especial para o processo de formação de identidades culturais que está diretamente vinculado ao emprego da violência. Como já observado anteriormente em Hannah Arendt (2011), Fanon (2005), Bobbio (2007), Pinheiro (1991) e no *Tratado sobre la violencia*, de Sofsky (2006) há uma relação entre as mudanças da violência como ordem no decorrer do período histórico e de um mecanismo vinculado ao processo de fundamento do Estado para se originar a sociedade e a civilização. Nesse processo, percebe-se a relação da paz diretamente ligada à violência e à manutenção do poder, ou seja, é luta de quem manterá o domínio em relação ao outro.

Ao se refletir sobre o vínculo entre a violência e a cultura, é notório que ambas fazem parte do processo de evolução humana (ARENDR, 2011). É interessante mencionar que desde o mito da civilização, enquanto que não havia a lei para normatizar e regulamentar a conduta social, mas somente um processo literal de liberdade do indivíduo para com as suas ações, a relação entre medo e violência mantinha o indivíduo sempre em estado de alerta nos grupos de convívios. O curioso, para Sofsky (2006), é que é através da presença do medo e da violência que emerge a percepção da necessidade de se elaborar um contrato de comportamento social. Por isso que se cria, então, os denominados, inicialmente, de grupos protetores da

segurança – os guardiões da ordem. Eles eram os responsáveis por criar as leis e as punições e aqueles que não seguiam as regras de conduta eram castigados. Destaca-se que o sistema de proteção para a comunidade incluía a doutrinação e os ensinamentos comportamentais dentro de um ciclo de civilização. No entanto, o sentimento de medo reaparece na sociedade e a conquista da liberdade cria uma sensação de monotonia, gerando, assim, uma nova revolta contra o sistema.

Por isso, tem-se uma mutação na violência com a relação da necessidade de se estabelecer um sistema que garanta a ordem na sociedade. Assim, o modo de como conquistá-la gera, historicamente, um sentimento de medo e, com isso, a violência é utilizada para a derrubada dos guardiões da ordem. Os métodos que esses empregavam e a sensação que o controle passou a exercer no indivíduo fez com que ele buscasse outras estratégias comportamentais contrárias ao sistema. Para Hannah Arendt (2011), a violência não é um processo irracional, pois ela faz parte da conduta humana, mas há algumas pessoas que são mais propensas a obedecer e outras a mandar. O poder que é estabelecido ao povo, segundo a autora, necessita de leis, muito mais do que a relação entre mandar e obedecer.

Desse modo, há, nas tentativas de organização social, historicamente conhecidas, a presença de ideologias políticas necessárias à relação do trabalho social como uma condição humana e, com isso, a necessidade da ordem entre os grupos. O comportamento dos indivíduos estipulou a necessidade de um contrato que garanta a normatização da conduta justificada e amparada por um sistema de lei vigente, bem como o exercício de poder e de autoridade no fundamento do Estado: domínio, tortura e persuasão.

A violência também apresenta um caráter de concepção enquanto uma experiência que é capaz de unir os homens em prol de uma ideia, de um seguidor ou de figura representativa. Outro ponto interessante é, segundo Sofsky (2006), que todos os seres humanos são capazes de cometer algum tipo de agressão, até mesmo a mais violenta, quando é realizada em prol da preservação da própria integridade física, em especial, na garantia da vida perante à morte. Outrossim, o sentimento e a consciência em torno do medo são um dos fatores capaz de despertar o instinto de luta para se preservar a integridade da própria vida. Ou seja, a ameaça de morte é o elemento mais forte na conduta humana da necessidade de obediência e a garantia de respeito ao outro que é o detentor do poder, que pode usar a violência para mantê-lo. A violência impõe o medo e, conseqüentemente, esse sentimento atua como um

agente de controle social e de respeito ao sistema. Assim, é o medo da violência que está vinculado ao medo da morte, enquanto que a ordem está, ao sacrifício da vida, por isso que alguns consideram que o projeto de ordem trouxe concomitantemente o aumento da violência. Logo, ordem e violência estão, consideravelmente, atreladas a uma cultura.

Acrescenta-se, que é nessa perspectiva que o indivíduo passou a temer o vínculo entre violência e poder, uma vez que a quebra de leis atuais e a falta de punição adequada gerou uma diminuição na confiança dos valores sociais que foi se tornando mais debilitada socialmente. Logicamente, há alguns indivíduos que passam a ser os representantes da violência para assegurar o poder e a sua ordem e, com isso, instaurar uma comunidade, na qual o que interessa é o terror e o direito, arbitrariedade e lei, por fim, sistemas democráticos e totalitários em poder político. Portanto, o projeto de ordem trouxe, concomitantemente, o aumento da violência para disciplinar uma determinada cultura que representa as ideias que a dominam.

É de conhecimento geral que o armamento e o conhecimento são os recursos utilizados na propagação da ordem, já que o poder disciplina a cultura e, atualmente, segundo Hannah Arendt (2011), a tecnologia parece como mais um recurso útil à manutenção da ordem. Os recursos que acabaram sendo adotados pelo Estado para a manutenção da cultura estão vinculados a cobranças de impostos, imposição de leis, penas morais, físicas e sociais. Ademais, a violência física é a linguagem mais intensa na demonstração de poder, porque envolve o corpo da vítima e a probabilidade de morte.

Para Sofsky (2006), a abordagem do conceito de violência também compreende um vínculo com a noção de ordem, já que ao se impor determinados comportamentos sociais, traz junto às leis a punição e o controle de liberdade. Como já observado, a violência, em sua grande maioria, é planejada e estudada em prol de um determinado objetivo, garantindo, assim, a sua eficácia. Por exemplo, o estabelecimento de uma ordem social pretendia superá-la ou saná-la não logrou um determinado êxito, o que houve foram mudanças nos objetivos e estilos de violências aplicadas na sociedade. Há um dilema entre a necessidade de ordem, poder e violência, porque, em determinadas situações, ao se estabelecer uma ordem, gera-se, com isso, uma revolta que resulta em violência e em medo. O temor é o que mantém o sujeito em alerta, há uma busca constante pela necessidade de proteção, já que a liberdade de um termina quando a do outro começa. Ou seja, se todos

tivessem uma liberdade de ação, sem leis para guiá-los socialmente, nada conteria as ações violentas. Além disso, observa-se a necessidade de um poder centralizador para instaurar e impor uma ordem social. No entanto, segundo Hannah Arendt (2011), uma ordem é estabelecida por uma determinada autoridade e ela garante o seu poder até que a união do povo ocorra, pois esse, unido, é o que detém o verdadeiro poder.

Outra questão a se mencionar é a de que a cultura que segue a era do poder está mais vinculada à renúncia e à autopunição. Nesse processo, a consciência se volta contra à cultura de morte e de injustiça, como uma tentativa de impedir a violência, e garantir a ordem. Portanto, é possível compreender a cultura como sendo uma criação que permitiu ao homem se libertar da natureza, da fome, da miséria, do temor e da dor, a partir da criação de instituições que garantiram a proteção e a segurança, ao estado de alerta que o homem se mantém, além de acesso aos símbolos e à linguagem como forma de advento da cultura. Assim, o círculo do medo diminui entre os indivíduos, libertando-os do sofrimento de insegurança no mundo. No entanto, sem esquecer que as mesmas regras sociais, que os libertam, também os oprimem com novas cargas comportamentais (SOFSKY, 2006).

Encontra-se, ainda, a concepção de que a cultura também é uma forma de recurso para se sobreviver à morte, e, com isso, há uma luta em busca de sobrevivência e da consciência da morte. Nesse sentido, aparece o culto a heróis, grupos, estados, sociedades que buscam a perpetuação, a ilusão de permanência em um jogo contra a condição mortal, que não é isenta de violência. Há uma probabilidade ilusória de se vencer a morte através de certas crenças distintas, porque a violência é inerente à cultura, uma vez que ela demonstra, em todos os lados, a marca da morte.

Uma das formas de a cultura se impor é com o uso da violência, multiplicando o seu potencial, como, por exemplo, com a criação e o investimento constante em armas, que amplia o processo de medo, de morte e de poder na sociedade. Além de tudo isso, então, o exercício da violência acaba sendo empregado como uma forma de atividade regulada, já que, em muitos casos, as vítimas são localizadas, perseguidas e eliminadas de modo planejado. Então, com isso, tem-se a cultura da organização, que produz um novo hábito e outra forma da violência que se vale da persuasão e que age na consciência do sujeito. Ou seja, ela vale-se do apego a crenças, valores e religião com o objetivo de dar sentido à vida, através de determinadas convicções, normas e ideais sociais.

Quanto à violência na civilização, ainda se mostra como uma constante. O ato de maltratar o outro é o impulso natural do homem que dá continuidade cultural ao problema. Portanto, destaca-se que a paz se dá em intervalos, sendo a violência um produto da cultura humana e a consciência o único recurso que é capaz de impedir ainda mais o seu exercício. Sofsky (2006) acrescenta que o espírito dos mortos, a força, permanece viva dentro de quem a comete. Um exemplo que pode ilustrar é o caso dos canibais, que, após as lutas, tinham os rostos manchados de sangue e uma satisfação ao carregar a força da vítima consigo. No entanto, era uma satisfação que não se prolongava muito, porque o espírito da vítima se mantinha forte dentro deles e, assim, os mortos os mantinham inquietos, fazendo com que eles sempre fossem recordados. Com o passar do tempo, o sentimento de culpa e o de vergonha foi se aproximando do sujeito e o reprimindo em suas ações violentas.

Por conseguinte, é que aparecem as proibições, a moral e a cultura da experiência de matar em comum. Logo, destaca-se que não é a reflexão que impede de se praticar a violência, de matar, mas é o poder da consciência individual que acomete cada indivíduo em sua ação e que é sempre um processo individual:

No es la reflexión lo que hace que los hombres se vuelvan pacíficos, sino la conciencia de culpa imborrable. No son los contratos los que impiden la violencia, sino la tiranía de la consciencia. El precio de la paz social es la represión interior. La rebelión de la libertad conduce directamente a la subyugación de los impulsos. Lo que antes hacía a los hombres el despotismo del orden, se lo hace ahora cada uno a sí mismo. Lo que cada uno gana en protección, lo pierde en armonía psíquica. La violencia parece domada, el impulso agresivo sofocado. Pero los impulsos continúan obrando en el fondo da la psique. Quieren emerger, quieren violar las prohibiciones y barrer toda culpa y toda consciencia. Un conflicto insoluble escinde el alma en dos. Los hombres sienten miedo de sí mismos, de sus secretos apetitos y del látigo de su consciencia. La moral y la culpa no eliminan el sufrimiento.<sup>2</sup> (SOFSKY, 2006, p. 211).

É o jogo entre a moral e a culpa que pode fazer com que as ações da violência sejam reprimidas. No entanto, o autor anteriormente mencionado, destaca o quanto o

---

<sup>2</sup> “Não é a reflexão que faz os homens se tornarem pacíficos, mas a consciência de culpa indelével. Não são os contratos que impedem a violência, mas a tirania da consciência. O preço da paz social é a repressão interior. A rebelião da liberdade leva diretamente à subjugação de impulsos. O que costumava fazer aos homens o despotismo da ordem, o faz, agora, cada um a si mesmo. O que cada um ganha em proteção perde em harmonia psíquica. A violência parece sufocada, o impulso agressivo reprimido. Mas os impulsos continuam a trabalhar no fundo da psique. Eles querem emergir, querem violar as proibições e varrer toda a culpa e toda a consciência. Um conflito insolúvel divide a alma em dois. Os homens sentem medo de si mesmos, de seus secretos apetites e do chicote de sua consciência. A moral e a culpa não eliminam o sofrimento.” (SOFSKY, 2006, p. 211). Todas as traduções do espanhol que aparecerão daqui por diante são de minha autoria.

poder da proibição é capaz de elevar a força da violência reprimida, ou melhor, da tentação. Desse modo, pode-se inferir que quanto maior é a proibição cultural, maior será a tentação em contrariá-la. Por isso que “cuanto más estricto el autodominio, más poderosa es la necesidad de una nueva rebelión, de una nueva violencia contra la prohibición, contra la cultura.”<sup>3</sup> (SOFSKY, 2006, p. 211). É o vínculo entre a cultura e a violência que se fortalecem e é por esse mesmo motivo que, para o autor, quanto mais a cultura e o conhecimento, que gira em seu entorno crescem, maior é a chance de que ocorra um processo autodestrutivo.

O homem criou instituições para se proteger, pesquisou, e ainda pesquisa armamentos cada vez mais avançados visando à proteção. Sabe-se que quando a comunicação não é eficaz tem-se a probabilidade de um conflito. O homem, em um processo de cultura, buscou se adaptar em um convívio sociocultural protegido por sistemas, que tentam manter a dor e o medo distantes da ordem social, e que nem sempre é eficaz.

No entanto, embora se pense em liberdade, é o medo que ainda aprisiona alguns indivíduos, já que é a tentação que faz com que se ultrapasse a linha da repressão, nesse caso, pelas leis de um determinado grupo social, em que o outro tenta se sobressair à liderança vigente. O temor pelo castigo se destaca como uma determinada forma de garantia de uma ordem social, que é vinculada à consequência do limite ao do dano físico e ao moral. É por isso que Sofsky (2006) argumenta que a cultura é considerada uma ampliação e uma reprodução de si mesma para o homem, é, pois, o produto de uma ação e de uma imaginação própria refletindo em um “eu”. Logo, é com a cultura que se forma a identidade individual e a coletiva.

Quando se pensa em violência e em cultura, não se pode deixar de lado o fato de que ela exige trabalho, adaptação e submissão. Surge, assim, uma das possibilidades do vínculo com a perda da liberdade. No entanto, é a consciência que mantém, ou tenta manter, distante o instinto rebelde, mesmo que se saiba de que é a consciência que trabalha com a sabedoria de que a violência é a responsável que destrói as formas e as barreiras impostas por uma determinada cultura. É como Sofsky (2006) argumenta, o homem é o único ser que tem consciência da morte e é, pois, a cultura um esforço inútil para se sobreviver a tal morte. Além do que a imortalidade é outro fator ao qual se mantém vinculada as lideranças de determinados grupos, que

---

<sup>3</sup> “Quanto mais estrito o autocontrole, mais poderosa é a necessidade de uma nova rebelião, uma nova violência contra a proibição, contra a cultura.” (SOFSKY, 2006, p. 211).



desejam que suas ações sejam recordadas, e que o uso da força e da violência os tornarão eternos. Tem-se, assim, uma luta contra o que é natural do ser humano, a morte. Consoante a isso, é o medo da morte que resulta na luta pela imortalidade, impondo a cultura pela violência, pela glória, pelo prestígio, tudo como resultado de seu emprego como uma forma de poder e de segurança social:

[...] la violencia es inherente a la cultura. Ésta muestra por todos sus lados la marca de la muerte y de la violencia. El suelo sobre el que ha sido construida está empapado de sangre humana. La cultura se impone y se mantiene por la violencia. Y la cultura pone a disposición del hombre los medios de destrucción. Lejos de transformar la especie en el sentido de un progreso moral, la cultura multiplica el potencial de violencia. Ella proporciona a ésta artefactos e instituciones, criterios y justificaciones. (SOFSKY, 2006, p. 217).<sup>4</sup>

Assim, o ser humano vai sobrevivendo e se transformando com os recursos que o adaptam dentro de um meio cultural. Para Sofsky (2006), a violência é o elixir da vida, a honra e a glória, assim como o prestígio e o poder que são marcas da busca pela imortalidade, nem que isso ocorra pelas ações violentas que são registradas com o passar dos tempos. Ademais, a cultura multiplica o potencial de violência, porque quanto mais desenvolvida é a sociedade, maior é o potencial de aplicação de técnicas e de tecnologias em prol da própria proteção da violência através de si mesma. É por esse motivo que o que se deveria proteger da morte e do mal em determinado momento também se torna um dos recursos de violência. Na comunidade social, o homem é o responsável por criar e acreditar em crenças comuns a um determinado grupo que possui um líder como o seu representado, e a ideologia que ele defende é o fator menos relevante quando ele apresenta um caráter de persuasão forte, pois um dos focos do indivíduo em sociedade é buscar algo a seguir e a acreditar, já que as ideias precisam de líder e de seguidores.

Atualmente, a violência tem impulsionado a ideia de que, por exemplo, segundo Sarlo (2005) é necessário se autoprotger, e de que o Estado já não consegue garantir a paz aos membros da sociedade. Então, tem-se o aumento de venda clandestina de armas e da corrupção, proliferando indivíduos e grupos violentos que lutam por suas

---

<sup>4</sup> “A violência é inerente à cultura. Esta mostra em todos os lados a marca de morte e violência. O solo sobre o qual foi construída está empregnado de sangue humano. A cultura se impõe e se matem pela violência. E a cultura coloca à disposição do homem os meios de destruição. Longe de transformar as espécies no sentido de um progresso moral, a cultura multiplica o potencial de violência. Ela dá a este artefato e instituições, critérios e justificações.” (SOFSKY, 2006, p. 217).

causas próprias – sejam elas positivas ou negativas, mas que gera uma anulação da potencialidade subjetiva e a apropriação do outro, o que em nada se distancia do que ocorria com o canibalismo quando se acreditava que a morte do outro fazia com que o assassino se tornasse mais forte.

É evidente que a cultura produziu todo tipo de homem e, com isso, todo tipo de violência. Por isso, é que tanto Sofsky quanto Sarlo (2005) e Costa (2003) são enfáticos quando afirmam que é a cultura que cria a violência e não é um instinto da natureza humana que faz com que o indivíduo a exerça, até mesmo a forma mais extrema, por isso que é importante olhar para as causas e os objetivos sociais que giram em torno dela. Para Hannah Arendt (2011), com a criação das leis e da presença do direito se mantém a liberdade, mesmo que se imponha limites, ela gera uma estabilidade social. Assim como há a violência há a figura do herói que é aquele indivíduo desconhecido que coloca a sua vida em jogo ou morre por outros. O que apresentam os autores é o fato de que quem salva uma vida faz isso, porque acredita na sua responsabilidade, pela preocupação com o outro. Nesse ponto, que se observa a consciência, o herói não joga com a imortalidade mesmo que a sociedade tenha ampliado a necessidade de que cada vez mais se veja o outro em situações de perigo.

Desde a civilização, as guerras, os genocídios e, agora, as atuações das facções que não contrariam as concepções de que o emprego da violência não é uma característica da sociedade primitiva, mas é uma consequência do comportamento humano que visa a um fim específico. O que mudou foram as formas e os recursos de se exercê-la, enquanto que a origem é a própria ação humana, que está entre um vai e vem, em que os episódios de paz duram pouco, e o grande problema é que a cultura não é em si pacífica, e ocorre, segundo Hannah Arendt (2011), quando o poder está ausente.

Outrossim, ainda se é capaz de se vincular a relação da impunidade do infrator junto à dificuldade de puni-lo, como um dos propulsores da violência atual. Do mesmo modo, que quando se pensa em violência no cenário político, segundo Costa (2003), ainda não apareceu um recurso mais eficaz do que o diálogo e, quando se está refletindo a respeito dos contextos de guerras e de conflitos, o único pacificador seria a possibilidade de haver único líder para toda a nação, já que o ser humano segue uma ideologia, indiferente a qual for. Ou seja, o importante é ter um grupo para seguir, pois, infelizmente, não há violência sem a presença do desejo de destruição de outra

pessoa ou grupo, e de alguém para comandar uma ação agressiva. Por fim, a violência não é concebida como uma propriedade do instinto, mas como um recurso da cultura.

Portanto, o que se pode dizer é que a violência não é só o principal elemento de poder, como uma forma de conquistar um reconhecimento social. Logo, o que torna tão difícil é definir o termo, porque o ato em si não é favorável, ainda mais quando se aborda o processo de domínio de outro e/ou de outra cultura, percebe-se que se está o tempo todo se tentando jogar contra ela, mesmo que esteja vinculada com a cultura, e que, pouquíssimos são os períodos históricos que não foram aterrorizados pelo emprego da violência. Ademais, o que a torna tão passível de revolta é que mesmo que a interação humana seja violenta, o homem não é a favor da sua aplicação, mas contra ela e, mesmo assim, ela segue presente na sociedade para se estabelecer determinados poderes e garantir a paz.

## 2. 3 VIOLÊNCIA NO CONTEXTO HISPANO-AMERICANO

É necessário pensar que, mesmo que se pergunte o porquê da guerra, o relevante é refletir o porquê da paz, já que, como se observou, o processo pacifista sempre foi considerado violento. Nessa perspectiva, se acrescenta que uma das causas comuns para o emprego da violência é a luta por interesses de um indivíduo que é capaz de mobilizar um determinado grupo, e que os manterão unidos por aquele momento. Todavia, é extremamente importante ter um cuidado com o emprego da falsa ideia de que, a violência ao mesmo tempo em que afasta também um determinado grupo, sabe-se, pois, que a união é dada por uma causa em comum que logo será substituída por outra, nem que seja, no que é comum aos conflitos, por uma reação à própria violência. Conforme Fanon (2005), a luta armada mobiliza o povo fazendo com que eles se identifiquem entre si, cria-se um elo violento como reação à primeira ação empregada. E, é por isso, que Anderson (2008) acrescenta que as mortes dos grandes períodos de violência ou do emprego extremo da mesma são lembradas, porque elas necessitam disso, pois evocam a lembrança do evento.

Do mesmo modo que se pensa nessa inquietude do evento se aborda o porquê de tanto martírio, holocausto, guerrilhas e, atualmente, ainda a crescente nos cemitérios por causa do número de homicídios. Cardoso (2017) chama atenção ao fato de que nem todos os países da América Latina vivem as mesmas condições em um contexto social e econômico. A situação atual de pobreza é um fator que

propulsiona o problema, desde a colonização, dualismo de classes que contribuem à cultura, e, logicamente, à violência.

Cardoso (2017) aponta os quatro ciclos históricos de violência no contexto hispano-americano, com base em Juan Marino (2004). Primeiramente, figuram as lutas indígenas pelos direitos sociais-políticos e a luta por um território, com foco na Revolução Mexicana. Enquanto que a segunda fase é sintetizada pela autora, como a oposição por parte dos grupos marginais e periféricos ao sistema pré-estabelecido socialmente. Tem-se, com isso, a formação de grupos que contribui ao terceiro ciclo que teria como base o marxismo, que fracassa para o capitalismo, mas que tem sua base na Revolução Cubana. O quarto elemento, não será considerado o último, já que a violência é um processo contínuo.

Cardoso (2017) acrescenta que os fatores socioeconômicos incrementam a violência e a marginalização, e o destaque estaria nas forças de poderes paralelos ao Estado, que são vinculadas ao tráfico de drogas e à imposição de poder através da violência extrema. Logo, a identidade e os graus dos conflitos são características e sequelas particulares que pertencem a cada grupo social. No entanto, mesmo que se aborde ou se parta para a análise do passado marcado pelos conflitos, assassinatos, não se pode esquecer-se de visualizar o estado do emprego da violência no contexto atual, uma vez que as ondas de violência ainda estão marcando o presente.

Não é nenhuma novidade que em qualquer meio de comunicação se encontrará no mínimo uma ou duas notícias abordando um assassinato pelo motivo fútil que for. No site da ONUBrasil – das Nações Unidas do Brasil, por exemplo, de 14 de julho de 2017, é possível encontrar algumas informações sobre o aumento de homicídios no mundo. No relatório recente da Organização Mundial da Saúde (OMS), no qual aparece a América Latina e o Caribe com 8% da população global, em que 14 dos 20 países com as maiores taxas de assassinato estão localizados na região, ou seja, mais de 33% dos homicídios do mundo. Destaca-se que a matéria atribui como causas a impunidade, a falha política antidrogas, a desigualdade social e a urbanização não planejada, bem como a disponibilidade de armas como sendo alguns dos fatores responsáveis ao aumento da violência.

Do mesmo modo como a desigualdade social aparece como um dos fatores para o índice de homicídios, ela já pode ser confrontada com a Bolívia que possui uma alta taxa de desigualdade em contrapartida com uma baixa de homicídios (13,6 a cada 100 mil habitantes). Enquanto isso, outros países lideram o *ranking* mundial como

Honduras com 85,7 por 100 mil habitantes, seguida por El Salvador (63,2), Venezuela (51,7), Colômbia (48,8), e o Brasil que guarda o nono lugar com 30,5. Em 2018, das cidades mais violentas do mundo, o Brasil é o país que possui o maior índice, pois das 50 mais violentas, 20 são brasileiras. No *BBC.com* a cidade brasileira de Fortaleza subiu o seu índice de homicídios em 85%, entre 2016 e 2017.

Conforme o Atlas da violência de 2018, numa busca rápida pela internet, muito se percebe dos índices de violência, principalmente, quando se realiza uma retrospectiva do ano, em que as principais notícias estão vinculadas à violência e a tragédias que marcam uma determinada região. No mesmo site, destaca-se que a violência é a principal causa de mortes entre pessoas de 15 e 44 anos, envolvendo assassinatos, violência doméstica e conflitos armados. Segundo o relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS), uma pessoa morre em algum lugar do mundo a cada minuto.

Conforme o Atlas da violência de 2018, o dado alarmante vai para os homicídios que respondem por 56,5% da causa de óbito de homens entre 15 a 19 anos, e quando se trata da relação de 15 e 29 anos, em 2016, observou-se uma taxa de homicídio por 100 mil habitantes de 142,7, ou uma taxa de 280,6, quando analisada a subpopulação de homens jovens. No Atlas da violência ainda se destaca, na análise da perspectiva mundial da evolução das taxas de homicídios, que Uruguai, Chile e Argentina, após o ano de 2006, apresentam taxas abaixo da média mundial, enquanto que Brasil e Colômbia crescem, estando entre os maiores da América do Sul.

É inquestionável a presença da violência, assim como perceptível a alienação de muitos quando se aborda o tema enquanto algo pertencente ao passado. Ela está aí, se não estivesse, certamente, segundo o Atlas da Violência não haveria 33.590 jovens assassinados só no Brasil, em 2016. Logicamente, com isso, muitos ficaram esquecidos e impunes por causa do sistema penal e das políticas públicas ineficazes. Vítima de violência como demonstração de poder, seja irmão, filho, neto, amigo, que, desde 2016, por exemplo, só é um dado do índice e uma dor que esmaga o coração de quem a perdeu. Os dados da violência estão aumentando, assim como também aqueles que sofrem com ela. Seja conflito interno, seja violência atual, sempre há uma vítima infeliz a qual se impõe um sistema social.

Outra problemática, também, é a midiaticização da violência, seja como um recurso para criticar, para admirar ou com um forte recurso a ser requisitado em favor de um determinado poder, seja por interesses estatais ou por crimes marginais, como

o das facções. Segundo Sarlo (2005), a mídia mantém a sua autoridade na proliferação do tema, em especial, alguns jornalistas, que escolhem o que e como divulga-la. A autora ainda acrescenta que a violência não é surpreendente, mas previsível, porque não tem razões econômicas, mas se deve, principalmente, à desagregação de uma cultura em que o horizonte de expectativa é precário e o alvo de admiração é a manutenção do poder e o culto a um determinado líder, que busca se sobressair na sociedade com um nome de representatividade para ganhar seguidores.

Os índices de violência, seja ela empregada aos indiferentes fins, só aumentam. Por isso que é interessante corroborar Sofsky (2006), de que a violência é um produto da cultura humana que opera sempre com as forças destrutivas, das quais os homens sempre foram acostumados a empregá-la como forma de destruir e assassinar. Assim, consideram-na, como Hannah Arendt (2011), um processo planejado e estudado que não faz parte de um comportamento irracional, mas que constitui uma ação humana de interesse social em busca da manutenção do poder. Por fim, é um grave problema a relação cultural que tem apresentada o tema, bem como as falhas nas tentativas de se evitá-la além das intervenções errôneas no processo de comportamento social dentro de um determinado grupo que só a faz aumentar.

## 2. 4 A VIOLÊNCIA NA COLÔMBIA

A violência faz parte de um processo cultural de nível mundial, sabe-se que em muitos países, como nos Estados Unidos e no Oriente Médio, também há muita violência, no entanto, como apontado em pesquisas que seguirão neste estudo, é na América Latina que ela tem se destacado nos últimos tempos, em especial em países como Brasil e Colômbia. Há, com isso, também uma crescente abordagem do tema em obras literárias e, por isso, que o objeto do estudo passou a ser a problemática na Colômbia. Ou, em “¡Este país!”, assim como é apresentada por Puyana García (2005) a expressão utilizada por muitos colombianos ao referir-se a sua pátria. A nação que, por vezes, é estranha ao seu povo quando se reflete a respeito do delicado problema nacional que é a violência e a narrativa que faz dela.

Como já abordado, não é nenhuma novidade a relação entre a violência, o poder e a cultura. No país em questão, que servirá como um possível meio para

análise dos reflexos plasmados ao longo das páginas literárias, a problemática instiga a refletir sobre as transições sofridas e os seus principais sintomas, que partem, inicialmente, dos interesses divergentes entre os grupos políticos colombianos divididos em liberais e conservadores. É interessante destacar que toda vez que o jornal, as mídias veiculavam os massacres, as ondas de violência, ou um atentado terrorista que fosse, a conta moral era atribuída a expressão “¡este país!”. O fato generalizava-se e empregava a culpa à Colômbia e não aos indivíduos ou líderes isolados ou pertencentes a determinados grupos. Isso já pode ser mencionado como um ponto negativo, que converge no distanciamento do sentimento pátrio desenvolvido por muitos colombianos. Consequentemente, atribui-se uma cota de patriotismo a determinados grupos e a responsabilidade de fatos condenados a outros. Infelizmente os pontos negativos são muito mais elevados do que os positivos em qualquer situação que envolva o emprego de violência.

A violência, como já observado, está vinculada com a relação de poder e de interesses políticos. Com a Colômbia não seria diferente, pois os fatores políticos divergentes e, conseqüentemente a atuação do Estado, ocasionaram um agravante nas ondas de violência do país, além da situação extrema de pobreza que contribuiu para o aumento das dificuldades econômicas, sociais e educacionais no país. Desse modo, com a propagação das divergências políticas, a violência no país sofreu um grave aumento, porque era tida como um recurso de luta e de defesa dos objetivos, de ideologias e de interesses pessoais. O Estado aplicou a força em prol da conquista de seus interesses e, conseqüentemente, o camponês se uniu em grupos para organizar e lutar pela defesa da vida e do território. Para Poveda (2013), a crescente característica da violência se originou com o Estado agindo contra os civis, que, como a resposta à tentativa de controle das áreas em disputas, organizou-se enquanto um movimento de autodefesa de seus interesses. Tornando-se, assim, em um movimento armado com fins políticos, que despontou, na terceira década de século XX, com a violência de origem Liberal e, na seqüência, a de origem conservadora. Para Puyana García (2005), o período ficou conhecido como *la violencia*, e o ciclo ainda se prolongou até o século XXI. A relevância da necessidade de poder em detrimento à paz se tornou um problema de difícil dissolução no país.

Outrossim, é observada a relação da violência e da cultura dentro do país que pode ser considerada um dos primeiros fatores para a atual diminuição do sentimento

patriótico<sup>5</sup>. Desse modo, aqui, é relevante pensar um pouco a respeito da etimologia do problema. Para Báez León (2014), a violência no contexto do conflito político-social na Colômbia não é um tema equiparável a outros e é por isso que há muitas contradições em estudos em torno dele. Desse modo, é necessário que para se abordar a etimologia, o estudo se centre em dois tomos *La violencia en Colombia*, de Guzmán Campos, Fals Borba e Luna, Tomo I (2010a) e Tomo II (2010b), nos quais os autores apresentam um estudo do apanhado histórico do problema envolvendo a identidade nacional e a violência como algo recorrente. Inicialmente, tem seu marco no conflito armado, contribuindo ao narcotráfico e aos demais problemas sociais. É interessante conhecer um pouco sobre as duas obras. A primeira edição foi publicada em 1962 e causou uma polêmica que proporcionou o debate sobre o tema em diferentes áreas e locais do país com o objetivo de refletir e verificar um pouco da história dos conflitos colombianos e da situação que enfrentou o país. Logo mais tarde a segunda edição teve de ser publicada com o objetivo de retratar a primeira.

A violência é apresentada como um processo social que tem características múltiplas, assim como as suas tentativas de definição. Os ciclos de violência e de terror vêm se repetindo, assim como os atores sociais, que apenas mudam de nomes ou de apelações, e seguem cometendo os crimes semelhantes aos do começo do século XX, quando se obteve a repressão à morte dos revolucionários socialistas no país e o aparecimento de grupos como “pájaros”, “chulavitas”, “condores” e as autodefesas paramilitares e os narcotraficantes atuando com violência por décadas. Além dos atos de resistências e de protestos civis que envolvem o país em uma história transmitida pela cultura e não pelo gene, apesar de se dizer que gerações inteiras não chegaram a conhecer a paz, somente o círculo vicioso do poder, da violência e da impunidade.

O processo da violência é, em especial para a sociedade colombiana, um fato protuberante e que muitos o consideram como o mais grave perigo que afetou a nacionalidade do país, já que, como se observou em Sofsky (2006), a violência está vinculada à cultura e é algo que não pode ser ignorado. Por exemplo, na Colômbia, segundo Guzmán Campos, Fals Borba e Luna (2010b), ela está vinculada aos genocídios, e, principalmente, ainda se apresenta como um problema atual, que está nas marcas inteligíveis da memória dos sobreviventes e nos efeitos da reestruturação,

---

<sup>5</sup> Ministério do Turismo colombiano lançou inúmeras campanhas na tentativa de resgatar o sentimento pelo país, como a obra *La tierra del olvido* de Carlos Vives.



da conduta e da imagem do povo colombiano. Assim, é inegável que ela faz parte de um processo dentro de um contexto político de um conflito social que deixou marcas físicas, sociais e psíquicas em cada ser humano que viveu nesse país e que foram, de alguma forma, direta ou indiretamente, afetados pelo problema.

Historicamente, para os autores que embasam a pesquisa, a Colômbia vem sofrendo com o problema desde 1930, que foi fomentado de modo considerável em 1948, com o Bogotazo. Para tanto, apresenta-se, aqui, uma trajetória histórica do conflito com o objetivo de se conhecer alguns períodos emblemáticos e algumas figuras representativas do conflito. Das datas que o marcaram, estão 1930, o início do conflito; 7 de agosto de 1946, a troca de governo; e, o 9 de abril, com a morte de Jorge Eliécer Gaitán, que se tornou uma das figuras mais representativas do conflito e do qual emergiu o Bogotazo, consistindo em uma série de protestos que surgiram com a morte de Gaitán, durante o governo do Presidente Mariano Ospina Pérez.

Em 1930, ocorreu a eleição de Olaya, que pertencia ao partido Liberal, e acabou mudando o rumo da Colômbia. Por um curto período de tempo, acreditou-se que os dois partidos, tanto os Liberais quanto os Conservadores, conseguiriam conviver em uma democracia. No entanto, a eleição promoveu uma falsa ilusão, que não durou muito tempo, pois o ódio entre os partidos políticos envolvidos na ilusória aliança emergiu e resultou na aparição de inúmeros grupos de violência de uma forma inexplicável. Entretanto, o partido conservador, que perdeu o governo, recebeu os fatos com seriedade e ainda prestou apoio ao governo de Olaya Herrera, porém, logo ocorreu uma perseguição dos liberais vencedores contra os conservadores vencidos.

Mesmo com as tentativas de repressão da violência por parte do governo, produziu-se o primeiro ataque sangrento entre os dois partidos, liberais contra os conservadores e vice-versa. Começando uma ferida, um tumor, um vírus, ou, simplesmente, a epidemia da violência, que se tornou um problema a parte sã e também de se encontrar uma cura específica. Enfim, muitas são as formas de denominá-la enquanto uma representação de algo difícil de controlar, e que com o passar dos tempos se tornou impossível de cicatrizá-la. Observou-se acontecimentos de ações que envolviam fuzilamentos em massa dos pequenos agricultores rurais, que tiveram as suas propriedades tomadas ou compradas com valores irrisórios. (GUZMÁN CAMPOS, FALS BORBA E LUNA, 2010b).

Os conservadores foram os alvos iniciais, e, na república, departamentos inteiros foram submetidos aos implacáveis sistemas de terror. O sangue jorrava no

solo dessa pátria. O crime significava, então, atacar, vingar, perseguir, intimar a qualquer pessoa que não simpatizava com a mesma opção política. A vida, no país, se tornou cada vez mais difícil, os autores colocam que era um ato heroico conservá-la em muitos lugares da Colômbia. Max Grillo, que é citado nas obras como sendo um destacado político, descreve o ano de 1934:

apenas transcurre día sin que los periódicos den cuenta de un crimen horrendo. Lo más doloroso es que la sociedad parece haberse familiarizado con la producción en serie del crimen. Nadie se impresiona ante el atentado criminal. Asesinatos en que los bandidos ultimam a familias enteras, ancianos y niños; venganzas que recuerdan la vendetta corsa; actos de crueldad estúpida como desarrollar a las víctimas y mutilarlas en forma salvaje; asesinatos de sacerdotes octogenarios, para robarlos; el puñal y el revólver usados en reyertas por centavos; el atraco en pleno día en las calles de la capital; la inseguridad en las ciudades y en los campos. Tal es el cuadro.<sup>6</sup>(GUZMÁN CAMPOS, FALS BORBA E LUNA, 2010a, p. 40).

O período de 30 ficou marcado pelo terror, pelo sangue, mas, principalmente, pelo ódio entre as famílias sobreviventes e muitas outras que foram extintas ainda no período. Outro marco para o país foi a troca de governo, em 1946, quando assume o poder o doutor Mariano Ospina Pérez, então candidato dos conservadores, que expressa o desejo de trabalhar para todos os colombianos deixando o ódio de lado. O país está em campanha eleitoral para o congresso e a agitação e a provocação são as marcas recorrentes, assim como uma propulsão à anarquia. Destaca-se mais de 500 conflitos coletivos registrados no Ministério do Trabalho, e, assim, parece que tudo vai contra a ordem nacional novamente.

Es una pequeña y sombría conjura contra el orden institucional del país, destinada a crear artificialmente un clima de incertidumbre y de zozobra, propicio al estadillo de los más feroces instintos.

En noviembre de 1946 acontecen tan serios disturbios que el Gobierno piensa declarar turbado el orden público en la zona de Bogotá. Entre tanto estalla el paro de choferes de Cali por acción de la Confederación de Trabajadores Colombianos (CTC), dominada por comunistas. Mientras realizaba un acto de sabotaje contra un vehículo oficial muere el agitador Hermes Mayo (el Bimbo) y la situación se torna peligrosamente conflictiva. El 8 de noviembre el Ejecutivo firma el decreto N° 3227 declarando en estado de sitio todo el departamento del Valle.

---

<sup>6</sup> “Difícilmente passa um dia sem que os jornais relatem um crime horrendo. O mais doloroso é que a sociedade parece ter se familiarizado com a produção em massa do crime. Ninguém se impressiona diante de um ataque criminoso. Assassínatos em que os bandidos matam famílias inteiras, idosos e crianças; vinganças que lembram a vingança da Córsega; atos de crueldade estúpida como desenvolver as vítimas e mutilá-las de maneira selvagem; assassínatos de padres octogenários, para roubá-los; o punhal e o revólver usados em brigas por centavos; o roubo em plena luz do dia nas ruas da capital; a insegurança nas cidades e nos campos. Tal é o quadro.” (GUZMÁN CAMPOS, FALS BORBA E LUNA, 2010a, p. 40).

El jefe del liberalismo, doctor Jorge Eliécer Gaitán, después de publicar el editorial titulado “No más sangre” en Tribuna Liberal, diario que sirve de órgano a su movimiento, presenta al Presidente de la República un memorial, pidiendo la intervención inmediata de la autoridad ejecutiva.<sup>7</sup> (GUZMÁN CAMPOS, FALS BORBA E LUNA, 2010a, p. 43)

Em 1947, ocorrem muitas sabotagens às rodovias e pontes, mais especificamente, em 13 de maio, como sendo o período que ocorreu uma tentativa, que foi abortada, de se realizar um golpe de Estado. Esse foi considerado um plano de violência com um suporte técnico que vinha do exterior. A desgraça no país, mesmo assim, instaurou-se. Na perspectiva de Guzmán Campos, Fals Borba e Luna (2010a), o câncer – a forma como classificaram a violência começa a se expandir, assim como a tensão entre as pessoas, em especial em Boyacá, Caldas e em Santander, que fermentava uma possível guerra civil.

Dos primeiros grupos violentos que surgem, está *los pájaros*, que era organizado por um alto chefe político. O grupo promoveu um desterro de liberais das populações para se chegar a uma ação depredatória da área rural, gerando um considerável aumento nas vítimas do conflito, e, principalmente, na composição política das províncias. Em contrapartida, o jornal *El Radio*, localizado em Pasto, foi dinamitado, provavelmente como um ataque aos meios de comunicação. As ondas de violência seguem em diferentes regiões, conquistando cada vez mais territórios.

No conturbado, agitado e violento panorama político, em 1948, destacam-se registros violentos em vários locais, que ficou conhecido como o Bogotazo. Logo, em janeiro, tem-se saques a Cali, paralizações da indústria e do petróleo; 16 de janeiro, então, é a data em que os civis armados atacam a uma patrulha do exército no Norte de Santander, e os agitadores recebem um auxílio, da Venezuela, em dinheiro e armas. Segundo Guzmán Campos, Fals Borba e Luna (2010a), o local se converte em um vulcão da violência e o estado de Guerra Civil é estendido e compreendido em

---

<sup>7</sup> “É uma pequena conspiração, sombria contra a ordem constitucional do país, destinado a criar artificialmente um clima de incerteza e ansiedade, propício para o estalo dos instintos mais ferozes. Em novembro de 1946, ocorreram sérios distúrbios que o governo pensou em declarar conturbada a ordem pública na área de Bogotá. Enquanto isso, a greve dos motoristas de Cali explodiu por ação da Confederação dos Trabalhadores da Colômbia (CTC), dominada pelos comunistas. Enquanto realiza um ato de sabotagem contra um veículo oficial, o agitador Hermes Mayo (o Bimbo) morre e a situação se torna perigosamente conflitiva. Em 8 de novembro, o Executivo assinou o Decreto No. 3227 declarando todo o departamento do Vale em estado de sítio. O chefe do liberalismo, Dr. Jorge Eliécer Gaitán, depois de publicar o editorial “Sem mais sangue” no Tribuna Liberal, jornal que serve de órgão para seu movimento, apresenta um memorial ao Presidente da República, pedindo a intervenção imediata da autoridade executiva.” (GUZMÁN CAMPOS, FALS BORBA E LUNA, 2010a, p. 43).

muitas regiões colombianas. Há o abuso de autoridades, a crença de produção clandestina de armamentos, as famílias abandonando os lares rurais que desejam segurança, além de regiões inteiras que foram queimadas:

El incendio en la aldea liberal de Román, convertida hoy en cenizas, es acto inconcebible. Es posible que haya habido más muertos, pues el puntillo lleva a esas gentes a enterrar rápida y sigilosamente sus muertos, para ocultar las bajas al adversario. No se explica que tan intenso tiroteo como el día 13, entre los habitantes de los dos caseríos, no hubiera producido muchas víctimas. Tanto más cuanto que me ha causado sorpresa la excelente calidad del armamento usado por los combatientes, el cual, en ocasiones, podría ser superior al del ejército.<sup>8</sup> (GUZMÁN CAMPOS, FALS BORBA e LUNA, 2010a, p. 49).

A queima desses habitantes, atribuída aos liberais, foi utilizada como motivo para outras atrocidades, mantendo a rivalidade entre os partidos. Acrescenta-se a atribuição também à mídia, já que os jornais conservadores culpam os liberais, enquanto que o liberal recrimina o governador.

El periodista Calibán, de *El Tiempo*, con cabeza fría escribe en la *Danza de las Horas* que la causa de la violencia es necesario buscarla también en las campañas de la prensa que la estimulan sosteniendo todos los días que los conservadores son un hato de asesinos, o que los liberales son una tribu de bandoleros. Para desarmar los espíritus es obvio comenzar por descargar de explosivos las palabras.<sup>9</sup> (GUZMÁN CAMPOS, FALS BORBA E LUNA, 2010a, p. 50).

Inúmeros acontecimentos marcam o ano de 1948, desde sabotagens, ameaças e, principalmente, protestos que pediam o fim da violência e que foram organizados por Gaitán. No entanto, na tentativa de conseguir a derrubada do governo, os conservadores e os liberais se enfrentaram novamente, e com isso, aumentaram a abrangência do rio de sangue colombiano. Nesse momento, é que o chefe do liberalismo, Jorge Eliécer Gaitán, busca medidas junto ao governo para terminar com

---

<sup>8</sup> O fogo na aldeia liberal de Román, hoje cinzas, é um ato inconcebível. É possível que tenha havido mais mortes, porque o ponto leva essas pessoas a enterrar rapidamente e sigilosamente a seus mortos, para esconder as perdas para o adversário. Não se explica que tão intenso tiroteio como o dia 13, entre os habitantes dos casebres, não se teria gerado muitas vítimas. Tanto mais quanto que me causou surpresa com a excelente qualidade do armamento usado pelos combatentes, que, ocasionalmente, poderiam ser superiores ao do exército." (GUZMÁN CAMPOS, FALS BORBA E LUNA, 2010a, p. 40)

<sup>9</sup> O jornalista Calibán, do *El Tiempo*, de cabeça fria, escreve na *Dança das Horas* que a causa da violência deve ser buscada também nas campanhas da imprensa que a estimulam, sustentando todos os dias que os conservadores são uma manada de assassinos, ou que os liberais são uma tribo de bandidos. Para desarmar os espíritos, é óbvio começar descarregar os explosivos das palavras ." (GUZMÁN CAMPOS, FALS BORBA E LUNA, 2010a, p. 50)

a barbárie, na região de Santuario y Belacázar é que são criados e efetivados os grupos violentos, com um destaque a los *pájáros*. Ao conseguir o desterro dos liberais, *los pájaros* se dirigiram para área rural, gerando, além de mudanças políticas, um rastro de vítimas, que já vinha desde 1946, em diferentes distritos rurais, que apresentavam um favorecimento ao grupo liberal, despertando os grupos armados conservadores ou assassinos favoráveis a eles, interferindo em eleições, assassinando aos homens e violando as mulheres. (KALMANOVITZ, 1980).

Na prática, então, unir-se em grupos virou uma oportunidade de se tornar mais forte sobre o rival. Os grupos centrais da violência passaram a ser a comunidade deslocada de suas propriedades, o comando, as quadrilhas e os “*pájaros*”, responsáveis por cometer práticas criminais desumanas, como, por exemplo:

Capitán Conejo se convirtió en el terror de aquellos predios. A las víctimas aplicaba sistemáticamente el suplicio del descuartizamiento. En el crimen de La Arboleda, donde despedaza a cinco labriegos dejando sus miembros colgados de los árboles, lo acompañó << La Carnicera>>, muchacho de quince años que ejercitaba su sevicia cortando el rostro de sus adversarios en todas direcciones y arrancándole los ojos.

[...] En los Llanos usaron el << empalamiento>>, atroz suplicio que consiste en desollar viva a la persona desde la espalda hacia adelante hasta nivel del pecho y rostro; y en distender con palos macabramente la piel, quedando la víctima con horripilante forma de vampiro.<sup>10</sup> (GUZMÁN CAMPOS; FALS BORBA; LUNA, 2010a, p. 251-252).

No entanto, o dia 9 de abril gerou não só um assassinato como um agravante imensurável à onda de violência, que foi a morte do doutor Jorge Eliécer Gaitán, por ir contra a sabotagem da *IX Conferência Pan-americana*. Nesse momento, quem estava à frente da delegação dos Estados Unidos da América era o General C. Marshall. Com isso, o crime cometido foi fortemente condenado por quase todos os colombianos, já que Eliécer Gaitán se empenhava pela luta em prol da paz, e contava com um aglomerado de seguidores e de simpatizantes, que tinha como lema: “si avanzo, seguidme; si retrocedo, empujadme; si os traiciono, matadme; si muero, vengadme.” (GUZMÁN CAMPOS, FALS BORBA e LUNA, 2010a, p. 51). Logicamente,

<sup>10</sup> Capitão Coelho se converteu no terror daqueles prédios. Aplicava nas vítimas, sistematicamente, o esquartejamento. No crime do Arvoreda, é onde despedaça a cinco lavradores deixando seus pedaços pendurados nas árvores, o acompanhou, “O açougueiro”, menino de quinze anos que praticava seu serviço cortando o rosto dos adversários em todas as direções e arrancando os olhos. / Nos *Llanos* usaram o “empalamento”, atroz suplício que consiste em desossar viva a pessoa desde as costas até ao nível do peito e do rosto, e em distender com paus macabramente a pele, ficando a vítima com horripilante forma de vampiro.” (GUZMÁN CAMPOS, FALS BORBA E LUNA, 2010a, p. 251-252)

do assassinato do líder dos liberais, emergiram outras ondas de violência, ou ainda, segundo Puentes (2010), foi considerado o período em que a violência criou metástase.

Como um representante do povo, Gaitán era considerado um grande perigo ao governo, ou aos conservadores, porque com o passar do tempo, ele conquistava cada vez mais adeptos por propagar, justamente, a esperança em seus compatriotas, que, em grande parte, era pertencente à área rural. Em uma só noite de protesto, por exemplo, ele juntou mais de cem mil protestantes, por isso que, conforme Kalmanovitz (1980), o seu assassinato foi considerado como parte de uma ação ofensiva e reacionária da ultradireita conservadora que buscava abafar qualquer tipo de protesto ou reivindicação popular e foi por isso que eliminaram aquele que angariava adeptos e se tornava um forte candidato a vencer as eleições presidenciais, no período.

O assassinato não foi resolvido pela justiça, no entanto, muitos colombianos que não estavam preparados ideologicamente para a filosofia de Gaitán, solidarizaram-se com a causa e a injustiça e, assim, foram às ruas.

El lenguaje de tonos guerrilleros transmitidos por las emisoras el 9 de abril no fue vano. En Bogotá se habían distribuido armas; en Ibagué cierto capitán disciplinó grupos de choque – verdaderos *corps de force*<sup>11</sup>- que sembraron el terror, el incendio, el saqueo y la muerte. Además, allí el gobernador se plegó a la violencia. Fatalmente el país se polarizó en torno a dos consignas: “tenemos que hacer la revolución” y “Nos van a hacer la revuelta”. Fue una idea obsesiva.<sup>12</sup> (GUZMÁN CAMPOS, FALS BORBA E LUNA, 2010a, p. 54).

Logo, como pôde ser observado, o conflito se intensificou com a morte de Gaitán e, na sequência, ocorreu uma fuga do sistema prisional colombiano e acabou deixando livre um elemento que se denominou *Tirofijo*, que logo conquistou adeptos a sua vontade de fazer a revolução e cobrar a morte de Gaitán, voltando-se contra o governo e com a segurança de que os chamados *chulavitas* ou polícia viriam se vingar de seus atos contra as estruturas governamentais. Assim, para tentar hostilizar e repreender a polícia, começa a estabelecer contatos com outra parte da população

---

<sup>11</sup> Grifo do autor

<sup>12</sup> “A linguagem dos tons de guerrilha transmitidos pelas emissoras em 9 de abril não foi em vão. Em Bogotá, as armas foram distribuídas; Em Ibagué, um certo capitão disciplinou grupos de choque - verdadeiro corpo de força - que semearam terror, fogo, saque e morte. Além disso, o governador lá dobrou a violência. Fatalmente o país foi polarizado em torno de dois slogans: “Nós temos que fazer a revolução” e “Nós vamos fazer a revolta”. Foi uma ideia obsessiva. ” (GUZMÁN CAMPOS, FALS BORBA E LUNA, 2010a, p. 54)

colombiana mais exaltada, organizando uma reunião, em 12 de outubro de 1948, no Norte de Huila. O fato parece pequeno, no entanto, o é motivado pela morte de Gaitán e o começo da organização de uma luta que ficou conhecida para alguns autores como *La violencia*. Conseguem a contribuição de cotas para a aquisição de armas para o grupo, tem-se o homem de fiar, que é o responsável pela compra do material, e, assim, o pequeno agricultor se organiza em treinamentos e reuniões, o nome que os representa é *muchachos*. Esses são chamados para entrar em cena pela primeira vez quando o prefeito envia a polícia para fechar os centros comerciais às dez horas e são hostilizados pelo grupo, assassinam um trabalhador e ferem outros, e, assim, constituem-se como os defensores da região, os protetores da liberdade, que cobravam cotas, roubavam gado, compartilhavam as colheitas e, na mesma proporção, exigiam um respaldo.

As consequências da morte de Gaitán ainda são incalculáveis para o país, o Bogotazo, muitos críticos dividem os atos em cinco etapas centrais: a primeira, pode-se dizer que começou com esse processo da criação da tensão popular, que foi de 1948 a 1949; a primeira onda de violência foi de 1949 a 1953; ocorreu a primeira trégua de 1953 a 1954; a segunda onda de violência durou mais quatro anos, de 1954 a 1958; e, por fim, a segunda trégua, em 1958.

#### **2.4.1 A primeira onda de violência colombiana**

Criada a tensão popular, começou-se a desembocar a luta armada, tendo a primeira onda de violência durante a campanha eleitoral de 1949, que foi baseada na estabilização do grupo de conservadores no poder, com a exclusão violenta do liberal; na utilização da polícia em campanhas pensadas e organizadas pelo Governo; e na declaração de resistência civil do Partido Liberal, e com tais estratégias políticas houve o enfrentamento dos grupos armados, gerando a violência. O ano é marcado por atrocidades, talvez um dos períodos mais violentos do país, porque regiões como o Valle e San Rafael são incendiadas, ou seja, completamente incineradas, deixando, na primeira etapa, 150 vítimas e, na segunda, 27 pessoas jogadas nas águas da região. Já em Cali, a Casa Liberal é assaltada, gerando um genocídio durante uma conferência política, acrescenta-se que a maioria das vítimas era sobrevivente do último atentado à vila anteriormente mencionada.

Destaca-se o ódio entre os partidos como um dos elementos propulsores das ondas de violência, que se caracterizam como um alto nível desesperador e que foi propulsionada com as eleições para Presidente da República (1950-1954), elegendo a Gómez Castro, que, por motivos de saúde, ficou no Governo por um mês aproximadamente, assumindo, na sequência, Arbeláez. No entanto, os liberais declararam a ação como sendo algo ilegítimo, apontando que a autoridade do presidente passou a ser exercida pela imposição da força.

Dos destaques do período, pode-se acrescentar o massacre em Cauca, em que doze pessoas foram fuziladas em um único dia. Assim, um sistema de repressão é imposto nas cidades contra aqueles que se opõem ao Governo. Imediatamente, após a troca de governo, as ondas de sangue se proliferam e o processo de resistência dos pequenos agricultores está cada vez mais organizado. Dessa forma, passa a ser a maior a dificuldade do governo, uma vez que o movimento guerrilheiro já está formado contra o sistema equivocado para se obter a paz com o extermínio de outrem:

En el informe del Secretario General del Partido Comunista de Colombia se sintetiza así el movimiento guerrillero que se formó: en Chaparral se inicia en 1950 como acción de autodefensas de masas; en 1952 se transforma en lucha de guerrillas, dando origen a la resistencia armada en todo sur de Tolima. Es un movimiento de clase, amplio y definido. El problema de abastecimientos es resuelto por el propio trabajo agrícola de los guerrilleros y por el amplísimo respaldo de la población laboriosa que mira en ellos sus defensores contra los atropellos del enemigo. Con este movimiento colaboraron en ocasiones grupos liberales como el Rioblanco, que crearon numerosos problemas por sus formas anárquicas de actuar y por su sectarismo. El sur del Tolima tiene importantes experiencias y sus luchas guerrilleras son el desarrollo de la política de autodefensa [...] <sup>13</sup> (GUZMÁN CAMPOS, FALS BORBA E LUNA, 2010a, p. 60).

Como é possível perceber, foi a política de autodefesa que ampliou ainda mais a luta dos interesses motivados pela força, e os interesses políticos divergentes que geraram cada vez mais o aumento da luta armada, o sentimento de conspiração e de

---

<sup>13</sup> “O relatório do Secretário-Geral do Partido Comunista da Colômbia resume o movimento de guerrilha que se formou: em Chaparral, começou em 1950 como uma ação de autodefesa em massa; em 1952, transformou-se em uma luta de guerrilha, dando origem à resistência armada em todo o Sul de Tolima. É um movimento de classe, amplo e definido. O problema da oferta é resolvido pelo próprio trabalho agrícola da guerrilha e pelo amplo apoio da população trabalhadora que seus defensores veem neles contra os abusos do inimigo. Com esse movimento, grupos liberais como o Rioblanco às vezes colaboraram, criando numerosos problemas devido a suas formas anárquicas de agir e ao seu sectarismo. O sul de Tolima tem experiências importantes e suas lutas de guerrilha são o desenvolvimento da política de autodefesa [...]” (GUZMÁN CAMPOS, FALS BORBA E LUNA, 2010a, p. 60)



vingança dentro de uma agitação política se tornam parte do país. No ano de 1952, com movimento de autodefesa de massa tem-se então, a luta das guerrilhas, que teve o seu início no Sul de Tolima, como sendo uma forma estruturada em que o objetivo é o da autodefesa do trabalhador e do camponês. O movimento de Tolima contribuiu para que a crise no país se ampliasse por mais dez anos, destacando, ainda, o sentimento de violência que se apropriou, ou melhor, impregnou ao agricultor da região:

En la guerra el olor de la pólvora, el traquear de las ametralladoras, la sangre, el grito de combate, el desafío, le despiertan al tolimense los instintos del pijao que lleva dentro y se torna feroz, sanguinario e invencible; el amigo de ayer es hoy su enemigo si no piensa como él en materia política; la caridad, la humildad, la moral, todo desaparece en la vorágine de la guerra y no hay una sola cuarta de tierra tolimense en donde no se levante una tumba. El tolimense es el primero en tomar las armas y el último en soltarlas. En efecto, los campesinos traducen la intensidad cruel de la contienda con la palabra Guerra. No habla de violencia, sino de la primera guerra y de la segunda guerra, o sea, cronológicamente, de 1949 a 1953 y 1954 a 1956<sup>14</sup>. (GUZMÁN CAMPOS, FALS BORBA E LUNA, 2010a, p. 65).

O povo de Tolima passou a lutar contra a dizimação através de inúmeros atentados na região até aos abusos das propriedades de terras que eram tomadas de seus proprietários. As pessoas foram assassinadas dentro de seus lares, por comissões formadas por policiais e civis, da região norte do país, *Anzoátegui*, *Santa Isabel* e *El Líbano* que foram palcos das mais altas barbáries, desde 1949:

A partir de aquel año se cometió toda clase de fechorías, robos, incendios y asesinatos haciendo la vida imposible en aquel municipio. Las veredas y los campos quedaron arrasados y regados por centenares de cadáveres cuyas viudas y huérfanos no encontraron justicia. En un solo sector del municipio son sacrificados 82 varones adultos, una mujer y cuatro menores de edad. Las veredas, los campos quedan arrasados día a día. De todos los ilícitos seda cuenta a las autoridades competentes sin que se preocupen de investigarlos. Con su actitud pasiva, encubren a los delincuentes, estimulan el crimen y hacen imposible la paz en la región.<sup>15</sup> (GUZMÁN CAMPOS, FALS BORBA E LUNA, 2010a, p. 68).

<sup>14</sup> “Na guerra o cheiro de pólvora, o traqueo das metralhadoras, o sangue, o grito de guerra, o desafio, despertam ao Tolimense os instintos do pijao que leva dentro e se torna feroz, sanguinário e invencível; O amigo de ontem é hoje seu inimigo se ele não pensa como ele em questões políticas; caridade, humildade, moralidade, tudo desaparece no redemoinho da guerra e não há um único quarto da terra de Tolima onde nenhuma sepultura seja levantada. O Tolimense é o primeiro a pegar as armas e o último a soltá-las. ”

Com efeito, os camponeses traduzem a intensidade cruel da luta com a palavra Guerra. Não fala de violência, mas da primeira guerra e da segunda guerra, isto é, cronologicamente, de 1949 a 1953 e de 1954 a 1956. .” (GUZMÁN CAMPOS, FALS BORBA E LUNA, 2010a, p. 65)

<sup>15</sup> “A partir daquele ano, todos os tipos de delitos, roubos, incêndios e assassinatos foram cometidos, tornando a vida impossível naquele município. Os caminhos e os campos foram devastados e regados

Da perspectiva da impunidade, que emergiu uma quadrilha composta por integrantes extremamente jovens e violentos, que agravaram a situação social da região. Já em Líbano, o local foi convertido em um teatro das operações bárbaras, com origem na fraude e na alteração das eleições:

Las víctimas de la violencia oficial, desatada por elementos foráneos contratados expresamente para abrirle heridas a una pacífica población y cubrir de luto a miles de hogares, pasan en El Líbano de seis mil según cálculos más o menos aproximados. Muchas poblaciones en el país desaparecieron ante la recha de exterminio que una atroz dictadura preparó para entronizarse en el poder. Hubo despojos, incendios, violaciones, torturas, genocidios, asesinato cobarde de niños, de mujeres y de ancianos, pero El Líbano sufrió con estoicismo el azote sin que nadie pueda decir que la ciudadanía contemporizó con el crimen o se hizo cómplice en el silencio. El plan preparado era el de borrar del mapa a la próspera ciudad<sup>16</sup> [...] (GUZMÁN CAMPOS, FALS BORBA E LUNA, 2010a, p. 73).

Na Região Central, Oriental e Sul, o emprego da violência não foi diferente, deixando arrasados os setores da indústria como o gado e a agricultura. E, por diante, Tolima foi arrasada pelo fogo. Já em Bogotá ocorre a coordenação das eleições presidenciais e, concomitantemente, o controle das ondas de violência em todas as regiões. Na zona andina, foi desde Cauca até ao norte de Santander e na região dos *Llanos Orientales*, e desses lugares a violência foi se propagando como um vírus disposto a exterminar os departamentos inteiros. Salienta-se o 25 de novembro de 1949 como uma data que marcou aos *llaneros* como a data pré-fixada da revolução liberal e, em 1951, tem-se outro marco para a região que foi a ação dos criadores de gado que se voltaram contra a peonada, os bandoleiros. A nova etapa da violência começa com o tratado de Sogamoso, impondo a tentativa de firmar um acordo entre

---

por centenas de cadáveres cujas viúvas e órfãos não encontraram justiça. Em um único setor do município, 82 homens adultos, uma mulher e quatro menores foram assassinados. Os caminhos e os campos são devastados dia a dia. De todas as contas ilícitas se da conta para as autoridades competentes, sem se preocupar em investigá-las. Com sua atitude passiva, eles encobrem criminosos, estimulam o crime e tornam a paz impossível na região.” (GUZMÁN CAMPOS, FALS BORBA E LUNA, 2010a, p. 68)

<sup>16</sup> “As vítimas da violência oficial, desencadeada por elementos estrangeiros contratados expressamente para abrir feridas a uma população pacífica e cobrir milhares de casas em luto, gastam no Líbano seis mil, de acordo com estimativas mais ou menos aproximadas. Muitas populações no país desapareceram ante a rejeição do extermínio que uma ditadura atroz preparou para se firmar no poder. Havia desapropriação, incêndios, estupros, torturas, genocídios, o covarde assassinato de crianças, mulheres e idosos, mas o Líbano sofreu com flagelo sem que ninguém pudesse dizer que a cidadania temporalizou com o crime ou se tornou cúmplice em silêncio. O plano preparado era o de apagar a próspera cidade do mapa.” (GUZMÁN CAMPOS, FALS BORBA E LUNA, 2010a, p. 73)

os criadores de gado e os peões para não se chegar ao fim com a pecuária, que era considerada uma das principais fontes de renda do país, foi o interesse econômico dos criadores de gado e do país que contribuiu para o aumento da violência de forma indescritível, envolvendo, assim, o choque de classes sociais.

Dentre as regiões que foram palco da violência extrema, destaca-se o conflito de Boyacá, como crime político de atrocidade em que o povo é a vítima, de muitos agricultores tiravam os documentos de identificação e as suas terras, e das mulheres, a honra. No conflito, em Cundinamarca, a marca da violência se caracteriza pelo fato de se tirar as orelhas das vítimas, com isso, os guerrilheiros aparecem ainda mais fortes. Já em Antioquia, desconhece-se a intensidade da violência, apesar de ser considerado um dos departamentos mais afetados no país. No entanto, muitas outras regiões foram tomadas pela violência, que variava com as aplicações, desde tortura, furtos, crueldade, desapropriações, crimes de diferentes esferas.

Al hacer una síntesis de estos pasos iniciales se llega a una conclusión desoladora: la guerra entre los campesinos fue un hecho. Las Fuerzas Armadas, móviles por esencia, se marchan una vez alcanzados sus objetivos, dejando a los hombres de la ruralía entregados a una mutua *vendetta* inmisericorde dentro de sus comarcas. El raciocinio es monstruoso, pero de una macabra elementalidad: los conservadores sostienen al Gobierno que hace la violencia, luego deben ser aniquilados; los liberales hacen la revolución contra el Gobierno conservador, luego deben ser aniquilados. Es la guerra a muerte.

En realidad, se trató de operar una expansión electoral debilitando al enemigo; pero en el proceso mecánico para realizarla, no se discriminaron los medios y ante los hechos, o se los ignoró deliberadamente o se los deformó con arbitrariedad manifiesta, o se les dio una acomodaticia interpretación que condujo a todos los desenfrenos. Se subestimó malignamente la dinámica del crimen y el crimen asfixió al país.<sup>17</sup> (GUZMÁN CAMPOS, FALS BORBA E LUNA, 2010a, p. 116).

---

<sup>17</sup> “Ao fazer uma síntese desses passos iniciais, chega-se a uma conclusão desoladora: a guerra entre os camponeses era um fato. As Forças Armadas, ágeis em essência, partem quando seus objetivos são alcançados, deixando os homens rurais dedicados a uma vingança mútua impiedosa dentro de seus distritos. A lógica é monstruosa, mas de uma elementalidade macabra: os conservadores apóiam o governo que faz a violência, então eles devem ser aniquilados; os liberais fazem a revolução contra o governo conservador, então devem ser aniquilados. É a guerra até a morte.

Na realidade, tentou operar uma expansão eleitoral enfraquecendo o inimigo; mas no processo mecânico para realizá-lo, os meios e os fatos não foram discriminados, ou eles foram deliberadamente ignorados ou deformados com arbitrariedade manifesta, ou eles receberam uma interpretação complacente que levou a toda a devassidão. A dinâmica do crime foi deturpada e o crime sufocou o país.” (GUZMÁN CAMPOS, FALS BORBA E LUNA, 2010a, p. 116)

### 2.4.2 A segunda onda de violência colombiana

A segunda onda de violência começou com a campanha de desarmamento com o objetivo de pacificar o país por parte do governo militar, que se iniciou em 13 de junho de 1953. Assim o fizeram muitos grupos guerrilheiros, entregaram as suas armas e iniciaram o processo de paz com a diminuição dos crimes no país. No entanto, a miséria passou a chamar a atenção, ou melhor, passou a ser evidenciada, já que o palco para os confrontos havia sido desocupado. O governo tentou reestabelecer as famílias, mas sem um aporte financeiro suficiente, o plano de paz acabou fracassando.

Infelizmente, a pequena pausa não durou muito tempo e logo a flama incendiou novamente com a violência pela luta de interesses no país. Tolima foi a última região a se entregar e a primeira a retornar com a guerrilha, logo após o assassinato do chefe guerrilheiro de *Los Andes*, David Agudelo Cantillo, conhecido como o capitão *Triunfante*. Resumidamente, segundo Guzmán Campos, Fals Borba e Luna (2010a), o exército e o povo se enfrentaram outra vez mais até a morte, de uma forma ainda mais intensa que à da primeira onda. Os aspectos geográficos mais envolvidos foram os departamentos de Tolima, Huila, Caldas, Valle, Cauca e Carare. O marco da barbárie se deu com o massacre de pequenos agricultores, em 12 de novembro de 1954 e, com o decreto de 04 de abril de 1955, declarou-se como “zona de operações militares” às regiões de Villarrica, Carmen de Apicalá, Icononzo, Cunday, e outras regiões.

Durante más de cinco meses desde noviembre de 1954 a mayo de 1955 en distintas veredas del municipio de Villarica, se presentaron choques esporádicos entre campesinos y fuerzas de entrenamiento, en donde con frecuencia entraban en choque de 200 a 300 unidades del Ejército con los campesinos, decididos a defender sus bienes, hogares y familias.

A medida que se hacía más fuerte la resistencia de los campesinos, más y más fuerte la dictadura veía la necesidad de aumentar la agresión, llegando a suceder verdaderos combates<sup>18</sup> [...] (GUZMÁN CAMPOS, FALS BORBA E LUNA, 2010a, p. 124).

<sup>18</sup> “Por mais de cinco meses, de novembro de 1954 a maio de 1955, em diferentes partes do município de Villarica, ocorreram confrontos esporádicos entre camponeses e forças de treinamento, onde muitas vezes confrontavam entre 200 e 300 unidades do Exército com os camponeses, determinado a defender seus bens, casas e famílias.

À medida que a resistência dos camponeses se tornava mais forte, mais e mais forte a ditadura via cada vez mais a necessidade de aumentar a agressão, chegando a ocorrer verdadeiros combates.” (GUZMÁN CAMPOS, FALS BORBA E LUNA, 2010a, p. 124)

As agressões só foram aumentando de ambos os lados, no entanto, um acabava se tornando mais forte, já que de um lado do país ainda era semeada a esperança e a ilusão da oferta não só de paz, como também de justiça e de liberdade. Os agricultores foram empregando uma nova etapa de guerrilha, mas sem tanta força, muitos representantes dos guerrilheiros foram assassinados logo após se entregarem com a promessa de respeito à vida. Nessa luta, muitas outras vidas se perderam, e a troca de governo, em 10 de maio de 1957, evita a catástrofe do país, e o ponto alto se dá em 1958, com a Comissão Nacional Investigadora das Causas Atuais da Violência, que vai até as regiões para saber o que está acontecendo com o povo. E, que, por final, acrescenta, além de outros dados, que a necessidade da luta surgiu da alma do povo, sendo esta a razão principal de se manterem tão resistentes; a ferocidade dos ataques nada mais foi do que uma forma de devolver um contra-ataque aos recebidos, que resultou na demonstração de ódio e de crueldade entre os envolvidos; destaca-se o apelo também ao crime sexual; por fim, o sentimento de insegurança resultou no surgimento de outros crimes como sendo uma forma de autoproteção, (GUZMÁN CAMPOS, FALS BORBA E LUNA, 2010a).

Por fim, do Bogotazo, tanto o primeiro período de violência quanto o segundo tiveram como ponto crucial o início do conflito marcado com o assassinato de Gaitán, em 1948, sendo intensificado mais tarde, em 1949, com a campanha presidencial. As ondas de violência se estenderam quase simultaneamente por todo o território nacional. No entanto, a zona andina foi a que se apresentou em maior evidência, englobando os *Llano Orientales*, *Cauca* e até o Norte de *Santander*, *Tolima*, entre outras. Regiões, que como os autores estudados apontaram, ficaram como um vulcão até hoje, em constante tensão, podendo explodir a qualquer pretexto.

Nessa perspectiva, vale acrescentar que a cultura da violência ou o golpe da violência transformou o comportamento do povo colombiano, o tolimense, por exemplo, que se distinguia por apresentar um comportamento alegre e cordial, viu-se imerso por tal situação. Assim, percebe-se que as pessoas que eram incapazes de cometer crimes, os praticaram e acabaram envolvidas por uma infeliz rotina. Segundo Guzmán Campos; Fals Borba e Luna (2010b), as marcas da violência, resultante do conflito, são inteligíveis a qualquer tipo de compreensão, e os efeitos deixados no país e no povo não serão possíveis de descrever. Entretanto, quando se trata do exercício

da violência, conforme Puyana García (2005), o colombiano tem sido triste e dolorosamente bom.

### **2.4.3 As relações entre passado e presente da violência na Colômbia**

Resumidamente, o problema aparece relacionado aos certos acontecimentos que marcaram ou o impulsionaram, lembrando as datas, tem-se o 10 de julho de 1944, com o golpe contra o Presidente da República, em Pasto; o 09 de abril de 1948, que passou a guiar o destino melancólico do povo com o ápice da violência marcada tragicamente com o assassinato do líder popular Jorge Eliécer Gaitán; o 09 de novembro de 1949, com o fechamento do congresso durante o período da Guerra Civil por parte do presidente Ospina Pérez; em 13 de junho de 1953 que assume o cargo de presidente Rojas Pinilla, a troca de governo seguiu um golpe militar para outros foi um golpe civil, já que a população estava acreditando em uma busca da paz; e, a outra data foi o 02 de maio de 1958 que marca a caída do governo ditatorial, assumindo o poder o presidente eleito Alberto Lleras Camargo. Assim, tem-se a violência dividida em dois períodos, com um marco no comportamento ocasionado no conflito, antes de 1948 e que se desenvolveu nos anos posteriores em relação ao que foi de 1930 a 1946:

ocurrió contra el querer y el actuar de los respectivos gobernantes y la posterior, con el querer o el permitir de los suyos. La historia hará algún día pelan luz sobre el aserto. En todo caso, esta diferencia en la concepción de la política y en el empleo de las herramientas del poder podría esclarecer la dinámica y la razón de ser del conflicto pleno que desató luego y que, a pesar de buenas intenciones, no se pudo contener ya en su irresistible y deformador avance.<sup>19</sup> (GUZMÁN CAMPOS; FALS BORBA; LUNA, 2010b, p. 425).

Precisamente, observa-se que quando o conflito social deixa de ser latente e passa a ser um manifesto das massas em determinadas condições, começa a adquirir a dimensão de um problema social. Na Colômbia, pode-se dizer que muito se criou pela impunidade e o emprego de meios violentos para a conquista dos interesses de

---

<sup>19</sup> “Ocorreu contra a vontade e as ações dos respectivos governantes e os posteriores, com a vontade ou permissão dos próprios. A história um dia lançará luz sobre a afirmação. Em qualquer caso, essa diferença na concepção de política e no uso das ferramentas do poder poderia esclarecer a dinâmica e a razão de ser do conflito total que mais tarde se desencadeou e que, apesar das boas intenções, não poderia mais ser contido. em seu progresso irresistível e deformador avanço.” (GUZMÁN CAMPOS, FALS BORBA E LUNA, 2010b, p. 425)

determinados grupos, acrescenta-se, ainda, a contribuição das falhas na distribuição de renda, nas administrações das propriedades, no analfabetismo e no sistema de justiça.

Sabe-se que a violência não escolheu classe social, raça ou qualquer outro fator econômico, mas, sim, as ideologias divergentes entre os partidos liberais e conservadores na busca pelo poder. Os proprietários de terras, os latifundiários, os pecuaristas e o setor do comércio tiveram o seu patrimônio afetado diretamente pelo conflito, muitos foram obrigados a entregar os seus bens, as produções agrícolas e as criações de animais foram prejudicadas, muitas completamente perdidas e a economia do país foi sendo cada vez mais afetada de uma forma negativa.

Outro setor que foi diretamente tocado foi o da educação, já que as regiões mais atingidas já possuíam uma alta taxa de analfabetismo. Desse modo, o problema só se agravou, uma vez que quem participava do conflito, normalmente, era um peão ou um pequeno proprietário de terra com uma baixa escolaridade ou, até mesmo, sem nenhum acesso à educação. E esses foram os sujeitos que se uniram à causa pelo desejo de vingança, justiça e, principalmente, ideais sobre a terra, a família, o trabalho e a pátria. Desses, alguns se tornam guerrilheiros e outros bandoleiros. Também pode-se suscitar outras considerações sobre o porquê de o problema estar ainda presente na sociedade:

Se sabe que en algunas partes hay expresiones seudorevolucionarias e idealistas, y anarquistas a veces; al robo, a la exacción, a la venganza sanguinaria. [...] En primer lugar, el doctor Eduardo Umaña pone el dedo sobre la llaga de nuestra juventud abandonada, especialmente la que es oriunda de las áreas azotadas. Es obvio que en sucesivas generaciones se han venido incubando tendencias y actitudes que llevan a repetir el ciclo violento, así sea por vendettas familiares, políticas, religiosas o económicas, o por simple sevicia o robo.<sup>20</sup> (GUZMÁN CAMPOS; FALS BORBA; LUNA, 2010b, p. 12 - 13).

Segundo Guzmán Campos; Fals Borba e Luna, (2010a), os sujeitos envolvidos, que eram pequenos proprietários de terras, peões, demonstraram a sua força política,

---

<sup>20</sup> “Se sabe que em algumas partes tem expressões seudorrevolucionarias e idealistas, e às vezes anarquistas; a arrecadação, a vingança sanguinária [...] Em primeiro lugar, o doutor Eduardo Umaña coloca o dedo sobre a saga da nossa juventude abandonada, especialmente a que é oriunda das áreas açoitadas. É óbvio que em sucessivas gerações se vem incubando tendências e atitudes que levam a repetir o ciclo violento, assim seja por vinganças familiares, políticas ou econômicas, ou por simples crueldade ou roubo.” (GUZMÁN CAMPOS, FALS BORBA E LUNA, 2010a, p. 12-13)

trabalho e uma enorme capacidade de resistência e sacrifício pela causa em que acreditavam:

[...] Es en este barro de múltiples potencialidades contradictorias donde cae la simiente de la violencia.  
De ese material humano brotan los guerrilleros y los bandoleros. Por guerrilleros se entiende hoy al hombre que luchó por un ideal y ahora se dedica al trabajo, sometido a ley. Bandolero es sinónimo de quien luchó otrora, pero hogaño no quiso o no pudo permanecer en paz y decidió vivir al margen de toda norma legal.<sup>21</sup> (GUZMÁN CAMPOS; FALS BORBA; LUNA, 2010a, p.163).

Certamente, não há como negar que a violência foi um regime empregado para garantir a sobrevivência de um interesse pessoal, a vida, e social, politicamente pensando. O regime da violência, tanto por parte dos grupos de camponeses, guerrilheiros e bandoleiros, quanto pela polícia e pelo Estado, era adotado como o modo de garantir a sobrevivência política de um determinado grupo: “la lucha armada y la coacción hacen surgir prácticamente diversos grupos bélicos ofensivos-defensivos que constituyen el núcleo de la dinámica de la violencia”<sup>22</sup>. (GUZMÁN CAMPOS; FALS BORBA; LUNA, 2010a, p. 161).

A violência no país está diretamente ligada à estrutura social nacional que precisa ser revista, como pode-se observar nas abordagens dos autores mencionados anteriormente. A violência é um problema persistente, que foi planejada e estudada antes de ter sido posta em prática como um ato em si, proporcionada por dois grupos com interesses divergentes: Liberal e Conservador. E, é por isso que necessita de estudos voltados para a compreensão da violência enquanto um instrumento de autodefesa de massa. Uma vez que

la violencia tiene, irremediamente una dimensión humana. Hay que buscarla en el espíritu y en el corazón de los hombres. A veces puede presentarse como un fenómeno epidémico [...] siempre con inocultables pretextos de predominio político.<sup>23</sup> (GUZMÁN CAMPOS; FALS BORBA; LUNA, 2010b, p. 441).

<sup>21</sup> “[...] É Neste barro de múltiplas potencialidades contraditórias onde cai a semente da violência. /Desse material humano nascem os guerrilheiros e os bandoleiros. Por guerrilheiros se entende hoje ao homem que lutou por um ideal e agora se dedica ao trabalho, submetido à lei. Bandoleiro é sinônimo de quem lutou outrora, porém nesta época não quis ou não pode permanecer em paz e decidiu viver a margem de toda regra legal.” (GUZMÁN CAMPOS, FALS BORBA E LUNA, 2010a, p. 163)

<sup>22</sup> “A luta armada e coação fazem surgir praticamente diversos grupos bélicos ofensivo-defensivos que constituem o núcleo da dinâmica da violência.” (GUZMÁN CAMPOS; FALS BORBA e LUNA, 2010a, p. 161)

<sup>23</sup> “A violência tem, irremediavelmente, uma dimensão humana. Deve-se buscá-la no espírito e no coração dos homens. Às vezes pode-se apresentar como um fenômeno epidêmico. [...] sempre com



A violência foi empregada como autodefesa e um meio de garantir o poder ou conquistá-lo. Ambos os partidos se valeram dela com os fins mencionados, mas, principalmente, para aplicá-la enquanto um sentimento contrário à permissão do outro, mostrando ou buscando a submissão pela imposição da força. Conforme Poveda (2013), a violência produzida durante os períodos de conflitos era cada vez mais crescente, dentre os alvos estavam os civis, ela era empregada como um dos principais recursos para se manter o controle, o poder ou o se defender nas áreas de disputas.

La autodefensa surgió y se ha desarrollado en nuestro país como una necesidad de las masas en lucha contra el terrorismo reaccionario... hoy la autodefensa de masas se ha convertido en una necesidad imperiosa del pueblo colombiano... Es una organización de las masas en la lucha beligerante y unida por imponer la paz y el respecto a los intereses populares.<sup>24</sup> (GUZMÁN CAMPOS; FALS BORBA; LUNA, 2010b, p. 76).

Infelizmente, não havia facilidades para a busca da harmonia que, como se sabe, necessita de um único líder para que não se tenha um caos social e, no caso da Colômbia, não era o que acontecia, porque era crescente a repulsão pela autoridade e, para Puyana García (2005), conforme já comentado, o sentimento de poder é mais forte do que o da paz entre os partidos no país, recusa-se, assim, o pensamento do outro indivíduo em detrimento do sentimento particular e é por isso que o autor acrescenta que o colombiano durante o conflito começa a despertar o interesse maior pelo direito particular e não pelo país, contribuindo para uma cultura social do “eu” e não do sentimento colombiano, “yo, lo mío, mis intereses o mis derechos”<sup>25</sup> (2005, p. 40).

Os inúmeros anos de violência partidária foram extremos e contribuíram para o aumento da miséria na Colômbia e para os níveis de desigualdade econômica. A luta entre os liberais e os conservadores levava a população a escolher um lado e, com isso, todos acabaram afetados pelo problema nacional que causou danos graves ao

---

inocultáveis pretextos de predomínio político.” (GUZMÁN CAMPOS; FALS BORBA e LUNA, 2010b, p. 441)

<sup>24</sup> “A autodefesa surgiu e se desenvolveu em nosso país como uma necessidade das massas na luta contra o terrorismo reacionário ... hoje a autodefesa das massas tornou-se uma necessidade imperativa do povo colombiano ... É uma organização das massas na luta beligerante e unidos pela imposição da paz e respeito pelos interesses populares.” (GUZMÁN CAMPOS; FALS BORBA e LUNA, 2010b, p. 76)

<sup>25</sup> “Eu, o meu, meus interesses ou meus direitos.” (2005, p. 40)

país, como o já comentado aumento da miséria e a falta de acesso à educação. Portanto, para Poveda (2013), tornou-se um país com consideráveis índices de impunidade ao crime que reflete ainda mais no aumento da atividade do narcotráfico e em problemas voltados ao sistema judicial. Logo, conforme Puyana García (2005), todos os indivíduos têm um papel a desempenhar nesse processo; no entanto, a prevalência do instinto individual dá lugar à representação de um país imerso no caos da violência e, como anteriormente apontado, no narcotráfico, já que os resultados não foram somente os problemas econômicos e sociais que dificultaram a ordem, mas o sentimento individual e não o colombiano em si.

Dessa forma, percebe-se que a imagem da violência que se propagou com os períodos de conflito gerados no país se apropriou de muitos indivíduos, segundo García, a violência está, certamente, no cérebro do sujeito e não fora dele e ainda “en el ejercicio de la violencia siempre hemos sido buenos, ¡triste y dolorosamente buenos!”<sup>26</sup> (2005, p.28). Rotula-se, então, um país construído sobre a complexidade das ondas de violência, em que “muchos lo consideran como el más grave peligro que haya corrido la nacionalidad. [...] su huella será indeleble y sus efectos tangibles en la estructuración, conducta e imagen del pueblo de Colombia”<sup>27</sup>. (GUZMÁN CAMPOS; FALS BORBA; LUNA, 2010a, p. 26). Ou seja, pode-se perceber que o lado histórico dos problemas colombianos ainda está presente e embasa muitas reflexões sobre a situação atual do país. A identidade nacional segue não conseguindo se desvincular da trajetória histórica do conflito armado.

Assim, abordar a temática da violência é, também, de certa forma, uma oportunidade de se promover algumas reflexões sobre a forma como ocorreu e ainda ocorre o problema no país, abordando-a muito mais do que um conflito interno, mas, principalmente, como uma sequela traumática que faz parte do presente que marca a vida social no país, que foi fruto de uma ou várias ações catastróficas. Rueda (2011), cita Gonzalo Sánchez, um dos pioneiros no estudo do tema no país, quando situa o problema como uma situação de guerra endêmica, e ainda permanente, que marcou a vida nacional desde a época da Independência e, para quem, o ponto crítico se deu desde 1940 a 1960, quando deu lugar a um forte enfrentamento entre os liberais e os

---

<sup>26</sup> “Na prática da violência sempre temos sido bons, triste e dolorosamente bons!” (2005, p. 28)

<sup>27</sup> “Muitos o consideram como o perigo mais grave que ocorreu à nacionalidade. [...] sua marca será persistente e seus efeitos visíveis à estruturação, conduta e imagem do povo da Colômbia.” (GUZMÁN CAMPOS; FALS BORBA e LUNA, 2010a, p. 26)

conservadores, em que o terror invadiu muitas dimensões, suprimiu-se o lado social político pelo sectarismo, deixando as marcas do horror na memória do povo.

Destaca-se que a violência ainda é um problema que é apresentado como um risco onipresente que pode atacar a qualquer um, seja com a delinquência ou o com o terrorismo, que são formas de violência distintas, mas que se complementam no contexto nacional como um recurso para o medo e o perigo que ocasionam aos demais. De tal fato, pode-se compreender o que Rueda (2011) coloca como a opção de ou se é vítima ou se é vitimária, é a necessidade de se autoproteger e de se defender dos problemas do país, pode-se ainda dizer que há o medo do presente e a incerteza do futuro, é a violência uma ameaça constante, o que muito se vê nas mídias como a cultura da violência, enquanto uma crise de valores ou o desafio ético, enquanto sendo o mal um desafio com múltiplos perigos do qual é preciso se defender.

Outro ponto relevante a se destacar seria a vingança, ou o que se percebe em Rueda (2011), ao citar Villega, é a lógica dos vingadores, entre os problemas que restaram do período da violência. Percebe-se a necessidade de vingança entre as classes sobreviventes, a eliminação do inimigo produzindo corpos do mal que está sendo combatido, por parte das forças armadas. Fato, esse, que ficou denominado como os falsos positivos, a ação de matar os jovens marginais como representação do inimigo ao poder, para, na sequência, serem conhecidos como as vítimas do sistema. É difícil, portanto, verificar-se qual é a estrutura moral, ética e política que gira em torno do contexto que a torna possível e de que qual outra estrutura poderia gerar um desenvolvimento diferente da situação, que conduziu e ainda conduz ao crime.

Muito ficou do problema, no entanto, tudo não passa de hipóteses e reflexões de outros estudos sobre as sequelas e as razões do conflito, além da impossibilidade de mensurar a perda humana e os estragos gerados aos danos materiais, com o extermínio de regiões como Tolima, por exemplo, tem-se ainda as mudanças de comportamentos como o reflexo da economia atual. À falta de fé no sistema, o crime foi se fortalecendo para além do descaso ao sistema educacional e a descrença na justiça, pois diante de tantos crimes a impunidade seguiu prevalecendo, alterando, assim, a conduta da população. Segundo Guzmán Campos, Fals Borba; Luna (2010a), o país sofre com a crise da justiça que jogou fora as leis, e passou a exercer práticas irrisórias das instituições jurídicas. Tal fato alterou a conduta do povo, que, para se ver submerso, passou a se defender praticando a violência com fúria e força.

Sabe-se que o fim do conflito armado, instaurado com a morte de Gaitán, ocorreu em 1958, dos registros que se têm não há como mencionar um cálculo exato das mortes, para os autores, fica em aproximadamente 134.820 mortes de 1949 a 1958, sem mencionar os feridos e os grupos que morreram na sequência ao conflito em outras regiões, calcula-se uma estimativa aproximada de 200.000 mortos até 1962.

Na perspectiva de Morales (2007), a Colômbia passa por uma crise social, mas maior ainda é a tendência que se tem de equiparar o problema com de pertencimento colombianos, às tentativas de superar o conflito com as práticas de violência resultou em uma visão tanto individual quanto coletiva, mais ainda como uma forma de se habituar ao meio em que se vive, e, logo, com o passar do tempo, destacaram-se os *violentólogos*. Eles são definidos como os homens que andam armados pelos montes, impondo a necessidade de sobreviver se adaptando ao meio: “hemos habituado a convivir con ella y no pocos colombianos se han vuelto adictos a éste, el peor de nuestros vicios, que ha llegado a producir en el país una profesión única: los violentólogos!”<sup>28</sup> (PUYANA GARCÍA, 2005, p. 292). As condutas que tentam resolver o problema com ainda mais violência são comparadas à personalidade e ao narcotráfico como sendo uma possível sequela do conflito: “la explicación fundamental del aumento en la tasa de homicidios durante los años ochenta fue el incremento de la actividad del narcotráfico y en menor medida el colapso del sistema judicial”<sup>29</sup> (POVEDA, 2013, p. 03).

Para Puentes (2010), na década de 1970, a droga era considerada um recurso que auxiliava a alienar os jovens em campo de batalha, além de ser vista como um produto rentável se transformando, segundo o autor, em um vírus que se mantém imerso na vida cotidiana. Guzmán Campos, Fals Borba; Luna (2010b) acrescentam como sendo uma erva maldita que servia de estímulo aos guerrilheiros, tornando-se um problema ainda maior à saúde do indivíduo que conta com a presença ou medo da violência como algo contínuo: “en muchas regiones donde parece muerta, la violencia sigue viva en forma latente, lista a expresarse por cualquier motivo, como

---

<sup>28</sup> “Temos nos habituados a conviver com ela e não poucos colombianos se tem colocado adeptos deste, o pior de nossos vícios, que chegou a produzir no país uma profissão única: *Los vientólogos!*” (PUYANA GARCÍA, 2005, p. 292)

<sup>29</sup> “A explicação fundamental do aumento na taxa de homicídios no país durante os anos oitenta foi o incremento da atividade do narcotráfico e em menor medida o colapso do sistema judicial.” (POVEDA, 2013, p.03).

las brasas que al revolverse llegan encenderse”<sup>30</sup> (GUZMÁN CAMPOS; FALS BORBA; LUNA, 2010b, p. 12).

Em linhas gerais, com o tamanho emprego da violência, a miséria, a pobreza e alta taxa de analfabetismo, aliados com a fome são considerados alguns dos fatores que contribuem para o aumento dos índices de violência. Poveda (2013) chama a atenção para o homicídio também como um fator que resultou como uma representação do problema, da pobreza à busca de setores mais favorecidos economicamente para saqueá-los, sendo a violência o meio mais rápido para conseguir os objetivos, como melhorar de vida ou para se alimentar. Os grupos fechados se reproduzem em bens públicos e com índices maiores de acúmulo econômico, nas áreas com níveis altos de violência, a população mais pobre é a principal vítima de um sistema falido que favorece a reprodução da violência e, que, segundo Guzmán Campos; Fals Borba; Luna (2010b), ainda hoje se segue juntando às perdas de um país que necessita de respeito, de promoção da dignidade e da integridade do cidadão para se recuperar o sentimento de patriotismo, deixando, principalmente, de ser vítima da violência por outros anos mais. É nessa linha que se menciona que ainda segue vivo o desejo de vingança como o espiral da problemática no país:

Los rescoldos aún hoy están vivos. La cadena de vendettas, la sangre derramada y el honor manchado de las familias víctimas permiten predecir reacciones similares por una generación; es decir, que dejando la dinámica en esta forma desatada, y sin aplicar soluciones de fondo, Colombia seguirá víctima de la violencia por otros veinte años por lo menos.<sup>31</sup> (GUZMÁN CAMPOS; FALS BORBA; LUNA, 2010b, p. 454).

Como se percebe, as crianças são consideradas como um meio de seguir ou acabar com o problema, no entanto, elas ainda sofrem com o impacto, seja de forma social ou educacional. Segundo Guzmán Campos; Fals Borba; Luna (2010b), tem-se uma presença fortemente marcada por um grande número de menores de idade que já se odeiam e buscam se destruir como um problema latente e trágico ocasionado

---

<sup>30</sup> “Em muitas regiões onde parece morta, a violência segue viva de forma latente, pronta para se expressar por qualquer motivo, como as brasas que a se revolver chegam a se acender.” (GUZMÁN CAMPOS; FALS BORBA e LUNA, 2010b, p. 12)

<sup>31</sup> “Os rescaldos ainda estão vivos hoje. A cadeia de vinganças, o sangue derramado, e a honra manchada das famílias vítimas permitem prever reações similares por uma geração; isto é, que deixando a dinâmica nessa forma desatada, e sem aplicar soluções de base, a Colômbia seguirá vítima da violência por outros vinte anos pelo menos.” (GUZMÁN CAMPOS; FALS BORBA e LUNA, 2010a, p. 454)

pela violência e pelo delito. Nas hipóteses dos problemas gerados pelo conflito ainda pode-se mencionar o desemprego, com o alto custo de vida e a oferta insuficiente de trabalho que contribuem para a produção da delinquência, além da má distribuição de terras, que evidenciam as diferenças econômicas. Desse modo, principalmente, tem-se com isso a causa do problema à alta taxa de analfabetismo e à falta de conhecimento que incentiva o aumento do machismo e das ideologias da vingança ou de interesses pessoais que vão contra o desenvolvimento do cidadão, que, em muitos casos, ainda se encontra sem condições dignas de vida e busca respaldo na educação:

La adolescencia, la niñez, he ahí el centro vital del problema. Su dimensión abarca los dos sexos. Se ha dicho que los genocidios cometidos últimamente por los bandidos son coletazos de agonía y jugadas de extremo recurso propias de quien se siente acorralado. ¡Pero si ahí no radica el problema! Es lo pretérito, en incubación desde 1947 hasta hoy, lo que al salirse del marco etario aporta su carga explosiva de tragedia. Y el foco viviente está en el hogar, en el niño y el adolescente. La aseveración de un elemento oficial de que el esfuerzo represivo debe complementar se con otro de carácter educativo [...] <sup>32</sup> (GUZMÁN CAMPOS; FALS BORBA; LUNA, 2010b, p. 496).

Entretanto, como a abordagem dos autores vai mais além do setor da educação, salientam como um problema conseguir incluir o sistema educacional de qualidade dentro de um espaço em que a violência está fervilhando e que pode ser visto como um processo contrário do desejado, aumentando ainda mais a criminalidade entre eles. Além disso, o trauma é outro fator agravante que, quando não tratado, contribui para o aumento de elementos problemáticos. Por isso se salienta que não é o fato de a criança ir à escola que garantirá a educação, mas a convivência entre eles, a igualdade de direitos, a politização ou não presente nas escolas, não se sabe ainda como se trabalhar com as sequelas dos conflitos.

Portanto, tudo não passa de reflexões sobre um problema que é também tão difícil de refletir, em que a busca pela justiça contra a impunidade dos diferentes delitos é o que não se cansa de se desejar na sociedade. Tem-se um capítulo que tenta pensar um pouco do muito que já se escreveu em relação à problemática do país,

---

<sup>32</sup> “A adolescência, a infância, esse é o centro vital do problema. Sua dimensão abrange ambos os sexos. Tem sido dito que os genocídios cometidos recentemente pelos bandidos são vibrações de agonia e peças extremamente engenhosas daqueles que se sentem encurralados. Mas se erradicar o problema! É o passado, em incubação de 1947 até hoje, que, ao deixar o quadro etário, contribui com sua carga explosiva de tragédia. E o foco da vida é no lar, na criança e no adolescente. A afirmação de um elemento oficial de que o esforço repressivo deve ser complementado com outro de natureza educativa.” (GUZMÁN CAMPOS; FALS BORBA e LUNA, 2010b, p. 496)

mas sem precisar com exatidão as razões determinantes do problema enquanto um fenômeno social, talvez sem uma possibilidade de explicação racional que caiba em uma compreensão da conduta humana.

## 2.5 O CONFLITO INTERNO, O POVO COLOMBIANO E O APEGO À LINGUAGEM: *LA COLOMBIANIDAD*

Já desde o conflito armado, o colombiano apresentava um vínculo com a palavra. Segundo Puyana García (2005), o sentimento era enaltecido pelo principal líder dos revolucionários, Gaitán, que durante as lutas, costumava comentar que os colombianos naufragavam em um mar de palavras e eram apaixonados por elas. Outro ponto a ser destacado era a sedução desencadeada pelo discurso do líder em seus simpatizantes. Durante as batalhas, o canto era um recurso que os auxiliavam a se concentrarem durante o combate, pois “el pueblo no dejó de cantar, [...] traducían el odio o evidenciaban los propios desgarramientos de su alma [...] con acento bélico como suprema motivación de lucha y fuente viva de su indomable tenacidad”<sup>33</sup> (GUZMÁN CAMPOS; FALS BORBA E LUNA, 2010a, p. 237).

Desse modo, o vínculo do colombiano com o tema nas obras literárias não é nenhuma novidade nem pode ser banalizado com uma abordagem de apelo midiático, pois é uma relação que se estabelece desde o registro das histórias cantadas pelos grupos de guerrilheiros. Além de que a palavra era tida como uma forma de apoio coletivo e de impulsioná-los durante as batalhas, principalmente, nos momentos mais difíceis é que ela era acionada, como pode ser observada no seguinte depoimento de um guerrilheiro: “al que se quedaba se lo tragaba el monte. Nosotros no podíamos detenernos. Al fin se hizo demasiado difícil la marcha. Llegamos a una quebrada, recuerdo mucho, tocamos música de la nuestra palabra”<sup>34</sup> (GUZMÁN CAMPOS; FALS BORBA e LUNA, 2010a, p. 237).

---

<sup>33</sup> “O povo não deixou de cantar, [...] traduziam o ódio ou evidenciavam o próprio dilaceramento de sua alma [...] com acento bélico como suprema motivação de luta e fonte viva de sua indomável tenacidade.” (GUZMÁN CAMPOS; FALS BORBA e LUNA, 2010a, p. 237)

<sup>34</sup> “Ao que ficava, o monte o engolia. Nós não podíamos nos deter. Ao fim, tornou-se por demais difícil a caminhada. Chegamos a uma quebrada, lembro bem, tocamos música da nossa palavra.” (GUZMÁN CAMPOS; FALS BORBA e LUNA, 2010a, p. 237)

Os veículos de comunicação, além de serem poucos e de possuírem um aporte tecnológico muito debilitado, eram controlados pelo grupo do Governo e possuíam como objetivo principal divulgar e propagar as ideias e determinadas doutrinas em seu favor. Além disso, o acesso às obras literárias, no período, era extremamente dificultado à classe desfavorecida socialmente. Os autores, então, apresentavam uma dificuldade ainda maior para a publicação de obras que não eram direcionadas ou pertencentes ao grupo dominante. Além do mais, a Igreja era considerada uma instituição social que estava acima do Governo e era também a que respondia pela educação e por uma doutrina política estabelecida na escrita. Desse modo, quando alguém fosse publicar uma obra literária no país, precisava respeitar a política do bom idioma (ROMERO, 1984).

A gramática normativa era tida como uma forma de exercer o poder e, principalmente, de demonstrar o que era por eles propagado como a perfeição ideológica da classe dominante. Desse modo, ela era, junto à retórica clássica, uma forma de delimitar a produção de autores, restringindo a divulgação das ideias de autores pertencentes à classe menos favorecidas. A publicação das obras necessitava da autorização, tanto do governo quanto da igreja, e qualquer desrespeito à norma gramatical era considerada como um ato de pecado e de sacrilégio. Com isso, muitos autores não conseguiam a publicação de seus textos. Para Romero (1984), de um modo metafórico, as forças divinas acabaram contribuindo aos contrastes políticos e sociais do país, além de guiar o povo colombiano em uma busca pela perfeição do idioma e estabelecendo um fascínio pela palavra.

Segundo Puyana García (2005), o conflito armado e os discursos políticos contribuíram para desenvolver ainda mais a paixão pela narrativa, despertando uma *aficción verbalista*, ou seja, “entusiasmo más la palabra encendida y desbocada que la acción serena y mesurada [...]”; hemos dado más crédito al hombre que habla, que al hombre que hace”<sup>35</sup> (p. 26). Assim, o conhecimento do idioma agregava respeito intelectual à pessoa, não é de se estranhar que a Colômbia é considerado o país com um maior número de escritores literários candidatos ao cargo de presidente da república, entrecruzando literatura e política. Os conflitos armados e a temática da violência, ao serem abordados nas obras, são tidos como uma forma de substituição da ação pela palavra.

---

<sup>35</sup> Em livre tradução minha: “Entusiasmo mais a palavra incendiada e desbocada que a ação serena e mesurada [...]”; temos dado mais crédito ao homem que fala, que ao homem que faz. (p.26)



Desse modo, desde o conflito o conhecimento do idioma seduzia aos colombianos, que preferiam a poesia aos experimentos das ciências. Das disciplinas que os atraía entrava gramática e ortografia da língua espanhola, porque além de permitir a expressão adequada da sua língua, também fornecia a possibilidade de correção do vocabulário de outras pessoas, tanto de forma oral ou escrita. O fascínio da palavra se misturava com a necessidade de luta no conflito armado. De um lado a mágica verbal e de outro a trágica situação política. Todo esse encantamento e fascínio pela palavra tiveram um impacto nas produções literárias como uma forma de constituição do sujeito. Por exemplo, a morte de Gaitán repercutiu em muitas publicações literárias, junto às implicações da problemática do conflito, que se expressam pelo instinto de *la colombianidad*, ou seja, a paixão pelas letras e a vínculo com a violência (PUYANA GARCIA, 2005).

A identidade literária já vem desde a imposição do idioma perfeito pela igreja católica como um recurso para mediar as publicações no país. Na contemporaneidade, o vínculo seguiu como uma necessidade ainda maior pelas consequências que ficaram com a imposição da violência e que podem ser brevemente vinculados a quatro etapas: “ubicarnos en cuatro estadios iminentes que dan cuenta de la diáspora en que convirtió esta escritura: proliferaciones de la violencia, nuevas gramáticas socio-textuales, literatura testimonial y ficción documental, y narcotráfico y novela”<sup>36</sup> (PUENTES, 2010, p. 03).

Ainda se pode mencionar que a violência é tida como um recurso em que permeia a experiência social e a obra literária que emerge, influenciando tanto a guerrilha quanto as produções estéticas no país, como *La violencia*, período explicado no capítulo anterior, que foi marcado por obras que emergem após a morte de Gaitán, com o objetivo de relatar a extrema violência do conflito, as injustiças sociais, paramilitares. O objetivo dessas obras era o de comover pela quantidade de sangue que narravam. No entanto, não há registros específicos dos períodos literários que abordam a violência, somente o encantamento pela palavra que contribuiu para que se buscassem o acolhimento da narrativa ao conflito e que acolheu inúmeras vítimas, solidarizou-as com o período histórico (BÁEZ LEÓN, 2015). O olhar para estética se

---

<sup>36</sup> “Nos situamos em quatro fases iminentes que dão conta da diáspora em que converteu esta escrita: proliferações da violência, novas gramáticas sociotextuais, literatura testemunhal e ficção documental, e narcotráfico e novela.” (PUENTES, 2010, p.13)

tornou muito mais relevante do que o caráter de denúncia social das obras que conseguiam ser publicadas.

Segundo Puentes (2010), a literatura tem uma função social quando ela cumpre com algumas necessidades que são comuns a todos os povos, como a perpetuação da memória contra o esquecimento, olhar para as feridas de uma população, alimentar a vida, despertar o sentimento de esperança com a acolhida da palavra. Com o sentimento de *la colombianidad*, da qual muitas gerações não conheceram um período de paz, é que escritores emergiram do conturbado contexto político e literário colombiano, buscando nas palavras um modo de se solidarizar com muitas outras vítimas no país.

## 2.6 A VIOLÊNCIA COMO TEMA LITERÁRIO

O sentimento de conflito interno na Colômbia buscou a literatura como um recurso de acolhimento. Como mencionado anteriormente, o colombiano despertou uma fixação pela palavra durante o conflito interno. Desde então, muitas obras emergiram do vínculo entre violência, trauma e narrativa. O encantamento pela palavra que nasce como um recurso para se suportar o conflito interno reflete em inúmeras produções literárias no país.

O tema principal é a violência do conflito interno, mas que fornecem diferentes perspectivas do país seja da área rural, da urbana, do camponês, do sentimento entre liberais e conservadores, mas que apresentam em comum o problema da violência e a suas consequências a qualquer sobrevivente. Desse modo, a narrativa acabou gerando adeptos por se solidarizarem com a narrativa, mesmo não sendo a vítima direta do trauma ou do conflito, mas que, de certo modo, sente-se acolhida pelo literato. Para isso, é interessante visualizarmos alguns autores que abordaram o tema no país.

Em primeiro lugar, não há como não mencionar o principal representante da literatura colombiana, Gabriel García Márquez (1927-2014). O autor ficou conhecido internacionalmente com a obra *Cien años de soledad*, publicada em 1980. Das publicações de Gabriel García Márquez, que envolvem a temática da violência, estão *Cien años de soledad* (1967), *El coronel no tiene quien le escriba* (1961), *Noticia de un secuestro* (1996), a autobiografía *Vivir para contarla* (2002). O autor, conhecido como Gabo, divulgou a literatura e o contexto colombiano pelo mundo. O

encantamento pelas palavras era uma característica que também lhe pertencia. Em *Cien años de soledad*, na edição comemorativa da Real Academia Espanhola, Álvaro Mutis, apresenta Gabo como sendo portador de uma devoção sem limites pelas letras, comparando-o ao fascínio de don Quixote. A luta pelas ideologias no país é um dos temas de *El otoño del patriarca* (1977), enquanto que o contexto rural é abordado nos contos de *La hojarasca* (1955). *Noticia de un secuestro* (1996) mistura a problemática do conflito com o narcotráfico em uma narrativa que envolve reportagem e ficção. O autor reflete sobre a violência e a democracia, em um conjunto de ideologias políticas que clamam atenção. Em muitas de suas obras a violência é representada como uma sombra que marca a vida das pessoas e o sentido de comunidade, além de ser o máximo representante do boom na Colômbia.

A violência abordada nas obras não é aquela que ocorre somente com o emprego das armas, mas a que exerce o Padre, em suas formas de pregar a moral, os prefeitos com as suas tentativas de pacificação, o abandono da população pelo Governo, a mídia e a manipulação de informação, todas essas formas de violência são representadas nas obras de Gabo (RUEDA, 2011). O escritor promove o diálogo entre a sociedade ferida e a necessidade de acolhimento que necessitam para seguir a sua rotina. Ele problematiza a realidade, reflete e provoca reações no leitor para se solidarizar com a palavra e com o contexto.

O mercado editorial foi sofrendo alterações com o passar do tempo, mas a relação entre literatura e violência apresentou uma gama de variedades literárias que foram enaltecidas por inúmeros prêmios atribuídos a autores colombianos. Mesmo que se tente entrar em um âmbito global, o sentimento local do autor colombiano não se permite apagar, ou seja, a violência passa a ser representada na literatura com múltiplos olhares, relatos do que foi vivido, experienciado ou solidarizado por outros. O mercado editorial faz referência há muitos romances colombianos que abordam a temática da violência, além das de Gabo. As obras podem ser consideradas como uma crítica ao sistema e portadoras de um êxito em vendas. São obras que relatam diretamente os contextos de catástrofe do país ou que as colocam com os seus agentes em panos de fundos para emergir as sequelas do conflito. É uma nova dinâmica que fornece a relação entre trauma, literatura e violência em campo global de circulação. Os autores colombianos ultrapassaram as fronteiras do conflito de seu país para se solidarizar com outros mais em uma escala global de acolhimento.

Dentre os autores que abordam o tema, está Evelio Rosero (1958), com a obra *Los ejércitos* (2006). No mesmo ano o escritor recebeu o Prêmio Nacional de Literaturas – prêmios Tusquest – outorgado pelo Ministério de Cultura, além do *Independent Foreign Fiction Prize* (2009) no Reino Unido e o prêmio ALOA Prize (2011) na Dinamarca. A obra é considerada um dos romances mais poderosos já escritos para se referir a um povo que antes de tudo é vítima do conflito interno. A maioria dos conflitos abordados na narrativa surge dos movimentos sociais que suscitam a violência. A obra fornece inúmeros relatos da desapropriação forçadas de terras, como estratégia de guerra. Os traumas, as transformações sociais e mudanças na realidade do país constituem a narrativa e o contexto atual de violência representado nas páginas literárias.

Segundo Báez León (2015), no desenrolar da história, percebe-se que a obra não está preocupada em denunciar os casos de violência ou em fornecer uma descrição fiel das ações violentas para se modificar o contexto, mas em atribuir uma elegância às palavras quando aborda um tema tão complexo e contraditório, que é a situação do povo colombiano. Ademais, Rosero publicou com enfoque na violência outros romances como *Mateo solo* (1984), *Juliana los mira* (1986), *El incendiado* (1988) – ganhador do II Prêmio Pedro Gómez Valderrama como o melhor romance colombiano publicada no quinquênio 1988-1992 – *Las muertes de fiestas* (2001), *Plutón* (2000), *Los almuerzos* (2001), entre outros.

Manuel Mejía Vallejo (1923-1998) também publicou obras que abordavam o tema. O seu destaque está em suas obras que marcaram uma ruptura da característica do testemunho do conflito e, com isso, uma menção do Prêmio Casa das Américas, que tem suas raízes na literatura de *Testimonio*, pela obra *Las muertes ajenas*. Ou seja, ele fornece em suas obras um olhar de crítica às questões de violência política e urbana, sem se deter no testemunho de um representante de um grupo social. Produziu obras como *La tierra éramos nosotros* (1945), *El día señalado* (1964) – contemplada na Espanha com o Prêmio Nadal –, *Años de indulgencia* (1989), com o Prêmio *Rómulo Gallegos*, entre outras.

Jorge Franco (1962) foi outro escritor que colecionou prêmios ao abordar o narcotráfico, *sicarismo*<sup>37</sup> e a violência. Algumas obras são *Maldito amor* (1996), *Mala noche* (1997), *Paraíso Travel* (2002), *Melodrama* (2006), *Santa Suerte* (2010), *Don*

---

<sup>37</sup> Indivíduo ou ação de matar pessoas por dinheiro.

*quijote de la Mancha en Medellín* (2012), *El mundo de afuera* (2014). No entanto, a sua obra mais representativa é *Rosario Tijeras* (1999). Graças a ela, chegou a ser elevado aos cem maiores escritores da língua espanhola. A obra premiada saiu das páginas literárias para as imagens cinematográficas em 2005 e virou tema de canção, como a do conhecido grupo Maná. Outro autor premiado é Willian Ospina (1954), poeta, jornalista e romancista, que aborda as convenções políticas e a trajetória da colonização no país. A obra *Ursúa* (2005) é uma das que abordou o tema. No ano de 2009, recebeu o Prêmio Rómulo Gallegos, pela obra *El país de la canela* (2002).

É inegável que há muitas obras no país dedicadas às violências e às inúmeras formas com as quais foram aplicadas e narradas pela literatura e, conseqüentemente, foram sendo incorporadas ao mercado cultural globalizado. Escritores que vivenciaram o conflito ou que são colombianos e carregam o sentimento de pertencimento coletivo fornecem as suas histórias do período. As narrativas apresentam uma reflexão, acolhimento e, até mesmo, estranhamento de alguns episódios tão críticos ao país e que é exposto em palavras. Autores, como os já mencionados, além de Vallejo, Faciolince e Restrepo começaram a transcender as fronteiras do país. Dessa forma, a violência marca também a trajetória da literatura. Reconfigura-se a literatura no país, além do lugar do escritor colombiano de uma forma global e a visão da violência local.

Depois dessa breve consideração geral, a respeito do contexto do mercado do livro hispano-americano, em especial, da Colômbia. Este trabalho fará referência específica à obra de três autores: Vallejo, Restrepo e Faciolince, que foram sucesso de vendas, além de avaliadas pela crítica internacionalmente também receberam prêmios literários. Dos autores, as obras selecionadas se referem à violência com conseqüências catastrófica no contexto local, compartilhando a história do país e das memórias além das fronteiras colombianas.

As obras analisadas pertencem a autores cujos nomes são facilmente reconhecidos, envolvem desde o romance à autoficção. *El desbarrancadero*, de Fernando Vallejo (1942), publicada em 2001, que apresenta uma narrativa em primeira pessoa para contar a trajetória de uma casa e de um país que se desmorona com a violência. Laura Restrepo (1950), com a obra *Delirio* (2004), recebeu o prêmio Alfaguara de literatura, no mesmo ano de publicação. A premiação contribuiu para alavancar a sua carreira, tornando-a uma das escritoras colombianas mais lidas da atualidade. O modo como a dor é abordada no decorrer do texto é uma das

caraterística peculiares da narrativa. Além da presença do trauma que gera à vítima uma necessidade constante e compreender a memória e narrar os fatos. Héctor Abad Faciolince (1958), com *El olvido que seremos* (2006), representa a trajetória de uma memória que luta para se lembrar e, ao mesmo tempo, esquecer a violência sofrida. Todas as obras analisadas partem, especificamente, da violência como um fenômeno social que gera consequências extremas no contexto e às vítimas inúmeras implicações à memória, que podem ser observadas tanto em romances quanto na autobiografia.



### 3 MEMÓRIA, TRAUMA E NARRATIVA

A violência, em especial, no contexto hispano-americano, que é o objeto de análise deste estudo, não deixou a mente dos sujeitos envolvidos tranquila e serena. Pode-se dizer que foi muito pelo contrário, como se observará na sequência, os traumas e as sequelas refletem às abordagens literárias como condição de uma memória que busca auxílio ao estado de um processo traumático que a perpassa em busca de uma justiça possível.

Outrossim, como foi possível observar no capítulo anterior, desde outrora a violência é uma constante na sociedade mundial como na colombiana, e está para além da compreensão e da racionalidade humana, porque muitos ainda continuam complacentes e em sua zona de conforto quando atrocidades seguem acontecendo. As épocas mudam, e, infelizmente, mudam também os estilos de aplicação de violência ao invés de desaparecer da sociedade. Ora, perdoe a escritora da tese pelas repetições, mas vítima de violência será sempre a vítima de uma violência que precisará “juntar os cacos da memória”, lutar para clareá-la circunstancialmente para que possa seguir “vegetando” sem forças contra o que lhe foi imposto. Para a vítima, não importa a época, mas, sim, o estado em que está, e a constância na memória insistente de um vazio que reitera a presença de um ex-futuro.

Em suma, tem-se a ideia de Gagnebin (2018) de que nada na violência é novo, talvez só o imperativo da imposição da moral da humanidade que são nascidos da violência histórica e não de uma escolha livre. Desde Auschwitz, e principalmente desde lá, o símbolo da Shoah que, quando se pensa em abordar qualquer linha de violência, de trauma e de qualquer tentativa de narrativa, percebe-se que tudo está para além do esquecimento. Mesmo sabendo que é impossível, ainda assim cresce, portanto, a luta para que tais ações não se repitam.

O capítulo dedicado à abordagem da violência na Colômbia mostrou que ela só vai se remodelando conforme as épocas, e é por isso que chega de queixas de estudos a respeito do tema dentro da literatura: se ocorre é porque é a narrativa do trauma necessária à memória traumatiza. Corrobora-se Gagnebin (2018, p.103) ao citar Adorno que: “devemos lembrar o passado, sim; mas não lembrar por lembrar, numa espécie de culto ao passado [...] ele é muito mais, uma exigência de instrumentos de análise para melhor esclarecer o presente.” Sendo assim, reitera-se como algo que não se pode nem se deve ser esquecido, cada vez mais as vítimas



buscam estratégias e mecanismos de lembranças para que a violência tão fácil cometida pelo agressor não siga ganhando espaço, que o registro difícil à memória, como ver-se-á no subcapítulo que segue, seja acolhida cada vez mais, já que o conforto inexistente à vítima, ninguém entenderá a dor, a não ser ela mesma. Ninguém saberá o que ela está passando, se a narrativa escrita é uma forma de companhia ou de luz à memória, que seja ela acolhida, e não criticada.

Resta dizer ou lembrar, antes de se entrar no estudo do trauma, que a violência não só deixa como também é a responsável por sequelas que são incapazes de serem registradas ou transcritas literalmente. Dessa conjectura social, que se viu desde Auschwitz, do conflito interno da Colômbia e das novas representações de violência, tem-se um elemento em comum que é a vítima, ou as vítimas: tanto o sobrevivente da ação direta do agressor, quanto os familiares, pessoas próximas, testemunhas da ação, que precisam e também necessitam seguir uma rotina de sobrevivência, e é aí que entra a literatura como um recurso social de sobrevivência à vítima do trauma, como se observará melhor neste capítulo.

### 3.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA LITERATURA DE TESTEMUNHO NO CONTEXTO HISPANO-AMERICANO

Em linhas gerais é bom recordar que das ditaduras, das guerrilhas e dos conflitos armados que permearam o contexto hispano-americano, não seria nenhuma utopia dizer que a literatura foi tomada como um caminho de compartilhamento de traumas, como sequela da violência extrema. Todavia, a questão que suscita debates é se seria de fato um apelo mercadológico, uma vez que falar de violência atrai o público e vende a mercadoria, ou, no entanto como será aprofundado no capítulo do trauma – abordar a violência é uma necessidade da memória e, por isso, só depois de um tempo, que passado o conflito que esse sujeito consegue acionar a narrativa e compartilhar os traços da memória. Por agora em diante, será resgatado um pouco da trajetória da literatura de testemunho – no contexto hispano-americano – e, é claro, a literatura de teor testemunhal, defendida por Seligmann-Silva.

A importância de se abrir novos horizontes literários no contexto hispano-americano é essencial com um olhar específico ao valor estético da obra para além de um possível apelo mercadológico. O diálogo entre as sequelas da violência, trauma e a necessidade da narrativa entram em conexão com a literatura. Sendo assim, é

relevante abordar a trajetória da literatura de testemunho no contexto hispano-americano com base em um dos principais estudiosos da nova narrativa do contexto, Donald L. Shaw. O autor servirá de base na conceitualização desse tópico, uma vez que, dentre tantas leituras, a literatura de testemunho apresenta um crescente em torno da escrita e da exclusão social, a relação do testemunho e a literatura, bem como um olhar atento ao valor histórico do fato narrado e a escrita de resistência. Por tal motivo, torna-se interessante analisar um pouco da trajetória da literatura de testemunho dentro do contexto hispano-americano.

A narrativa testemunhal, inicialmente, de modo curioso, começou a se manifestar a partir de uma crise de representação. Segundo Shaw (2005), muitos escritores, durante o período denominado de *boom* literário, começaram a questionar a sua própria capacidade de observar, descrever e interpretar a realidade empregando a linguagem. As condições em que se encontravam, mergulhados em um contexto que envolvia desde as lutas da América Central, a guerra suja na Argentina e Uruguai, alavancou a literatura testemunhal, voltando-se à tradição da narrativa que muitos colocam, inicialmente, como uma forma de protesto e de denúncia a tais fatos.

A literatura testemunhal passou a cativar a imaginação do continente e é considerada aquela que possui a tradição literária mais longa na América Latina e, além de ser a mais indicada para explicar o sentimento que permeia um povo hispano-americano. O testemunho marca, então, o fim do boom, passa a ser escrito tanto por homens quanto por mulheres em uma tentativa de compartilhar diferentes experiências. Assim, a história central da narrativa nasce normalmente da experiência direta.

Deste modo, quando se aborda a literatura de testemunho, em seu início, tem-se uma obra que emerge de descrições realizadas por testemunhos oculares de acontecimentos, que envolvem pessoas que vivenciaram o fato testemunhado ou de reportagens relacionadas a situações históricas significativas em determinados contextos. Já quanto ao estilo, ele tende a ser realista e como característica há uma tentativa de revelar aspectos escondidos da realidade. Antigamente, pensava-se em conscientizar o leitor a respeito da brutalidade do contexto dos conflitos armados ou de denunciar esses fatos. Tinha-se a esperança de se outorgar um determinado poder ao testemunho ou à vítima, ajudando a modificar a situação em que esses se encontravam socialmente. No entanto, não se pode deixar de mencionar que o testemunho foi, por um longo tempo, considerado um gênero de esquerda,

principalmente por pertencer ou emergir do lado oprimido ou desfavorecido da sociedade (SHAW, 2005).

Dos primeiros registros do testemunho no contexto hispano-americano, tem-se, e não é menos por isso que se credita o título de ser um gênero pertencente à esquerda, a presença do governo de Fidel Castro (1959-1976/1976-2008), em Cuba. Castro apoiou a categoria com a tarefa de criar um povo com uma consciência revolucionária, ou, em outras palavras, uma nova identidade político-literária. Ademais, a produção estaria relacionada com uma teorização e uma reflexão consciente, além de portar um questionamento ideológico que permeava a literatura clássica, promovendo uma crítica das estruturas simbólicas que detinham o poder e da exploração econômica de alguns setores.

Mais tarde, em 1970, então, cria-se o Prêmio Casa das Américas dedicado exclusivamente a obras testemunhais, consagrando o gênero por um período muito curto, já que muitos estudiosos destacam que ele não sobreviveu à década de 80, tendo uma vida nesses moldes muito breve. É importante enfatizar que, segundo (DE MARCO, 2004), o momento histórico e o incentivo do Prêmio atribuíam ao governo cubano o poder de intervenção na produção cultural que envolve as obras literárias e os atos de violência. Outrossim, como uma das primeiras obras da categoria, tem-se o registro de *La guerra tupamara*, de 1970, da escritora uruguaia María Ester Gelio.

Segundo Shaw (2005), a escrita testemunhal, na perspectiva abordada, não era considerada livre de problemas. Ademais, marcou o fim do *boom*, trazendo um outro olhar aos escritores hispano-americanos, mas que durou um curto período de tempo, com essa perspectiva de denúncia social. Muitos foram os escritores que a consideravam uma escrita simplista e reducionista, com foco social no testemunho tendencioso a apresentar a realidade histórica e social. Esse objetivo foi apontado como uma dificuldade de convencer o público dos fatos testemunhados e do vínculo com a versão da história conhecida e a representada. A brevidade também acabou vinculada com a dificuldade do gênero em aplicar técnicas mais sofisticadas à narrativa testemunhal, além de suscitar constantes dúvidas quanto ao fato que estava abordado no testemunho.

As obras testemunhais afirmam e não exploram, é o que diz Donald Shaw, (2005). O autor ainda destaca que elas foram consideradas obras um tanto dramáticas, porque tentam despertar diferentes reações emocionais, buscando a ênfase de determinados valores morais para que entrem em consenso com o leitor e

que esse seja passivo no processo de recepção leitora. Esse tipo de objetivo na escrita é que suscitou inúmeras críticas ao gênero, contribuindo para a sua brevidade. Ademais, havia a falta de ironia e de criatividade ao estilo da escrita, que era uma forte característica da literatura consagrada. Desse modo, ela deixou de ser considerada um gênero estritamente literário e passou a ser apresentado mais como uma alternativa ao tipo de literatura que se propunha. Ao leitor caberia se identificar com o narrador ou não para dar crédito ao novo estilo de texto proposto.

Dessa forma, também contribui a um novo olhar do antes considerado gênero e agora uma escolha de escrita marcada por um jogo de identificações entre narrador e leitor que compactuam de uma consciência de que essa escrita, mesmo vindo de um testemunho, inevitavelmente acaba por oferecer argumentos trabalhados pós o fato ocorrido. Isso tudo conta como o auxílio à memória, à história e à ideologia que a permeia, não sendo mais considerada hoje, então, uma narrativa do fato literal, mas que passa por adaptações necessárias à memória e à escrita, podendo, sim, ser inventados e não literalmente reais.

Outro tópico que gerou um pouco de descrédito ao estilo literário em questão, foi o fato de ser ou não real para se ter um objetivo de conscientização ideológica e denúncia que acabou sendo mais forte do que o possível valor estético dado à obra. O próprio ato de escrever já implica uma seleção automática de organização do que é possível recordar ou não para se registrar no papel. Passou a ser considerada como uma imitação ou representação da realidade e não mais um testemunho real. Há uma discrepância entre o que aconteceu e o que é recordado pelo sujeito testemunha, além das intenções por trás do testemunho, salientando a denúncia e um desejo de impacto no leitor.

Donald Shaw (2005) destaca algumas obras como representantes do período inicial da literatura de testemunho, mas antes ele chama a atenção ao fato de que antes as obras testemunhais se apresentavam como sendo literárias e isso já justificava uma abertura à análise das qualidades literárias que elas deveriam apresentar, por isso é que elas se classificam como narrativas testemunhais. Das obras iniciais, que marcaram o começo da etapa da narrativa testemunhal com as características mencionadas anteriormente, pode-se citar algumas crônicas do período das conquistas de *Historia verdadera* (1568), de Bernal Díaz del Castillo, algumas narrativas da Revolução mexicana, como *El águila y la serpiente* (1928), de Martín Luis Guzmán e também constam algumas reportagens antropológicas como

*Juan Perez Jolote* de Ricardo Pozas (1948), *Los hijos de Sánchez* (1961), de Óscar Lewis. Em linhas gerais, tais obras testemunhais apresentaram em comum a função de reforçar a vontade de resistir à opressão, de formular acusações contra a violência e a exploração institucionalizada além de descrever exemplos específicos em que visavam à conscientização de quem se mantinha indiferente à situação relatada.

O problema que a maioria das obras estava vinculada à seleção da testemunha e do testemunho que as representaria. Essa categoria recebeu um olhar de crítica mais forte, em 1966, com a primeira obra testemunhal de relevância, ou considerada a mais importante do período moderno, que foi *Biografía de un cimarrón* de Miguel Barnet, em Cuba. A obra fornece um relato de um escravo considerado fugitivo, que virou um militante da guerra da Independência de Cuba. O autor, Barnet, coloca que o escolheu com o devido propósito de interpretar a vida da personagem com um conceito direcionado da revolução, da escravidão e a luta cubana por liberdade. Depois publicou a obra *Canción de Rachel*, com um apêndice abordando o romance testemunho, em 1969, explicando que tudo no testemunho é editado para seguir uma cronologia dos fatos.

Na sequência, acrescenta, ainda, que o objeto da narrativa testemunhal é retirar do fato histórico a máscara que é coberta por uma visão preconceituosa e classicista. Assim, a obra possui uma missão de trazer à tona a outra face do fenômeno histórico, desde as causas e os, ditos por Barnet, os verdadeiros efeitos do evento. O autor ainda publicou outras duas obras no estilo documental, que foram *Gallego* (1981) e *La vida real* (1984), (SHAW, 2005).

Em 1969, outra autora que também ficou conhecida com o estilo documental foi Elena Poniatowska, com a obra *Hasta no verte Jesús mío* (1969). Ela fornece uma biografia contada sobre uma mulher forte e sobrevivente da classe trabalhadora, que, na juventude, havia sido soldada da revolução mexicana. No entanto, diferentemente da obra de Barnet, o relato parte de uma personagem imaginada e com interesses humanos mais fortes do que os ideológicos que não apareciam tão diretamente na narrativa e o fato atribui-lhe um lugar especial dentro do estilo testemunhal. Em El Salvador, 1988, surgiu mais outra obra testemunhal e, com ela, um outro estilo de escrita. A autora Nidia Díaz escreveu *Nunca estuve sola* para representar a história de uma guerrilheira que acabou encarcerada por forças contrarrevolucionárias. O relato foi escrito em primeira pessoa e fornece uma mistura de diferentes dados autobiográficos, além de propaganda política, protestos e comentários, que se

misturavam com poesias, desenhos e de uma narrativa direcionada a explicar e justificar do porquê de a personagem ser uma militante, os registros da resistência no encarceramento até o momento de ser deportada a Cuba.

Em *No me agarran viva*, 1983, também de El Salvador, a autora Claribel Alegría utiliza diferentes vozes para contar a história da chefe guerrilheira morta em 1981, Ana María Castillo Rivas, denominada na narrativa de Eugenia, que luta por liberdade. Em 1978, destaca-se *Si me permiten hablar*, da Bolívia, com uma escrita delicada e ao mesmo tempo direta da autora Domitilia Barrios de Chungara, com o objetivo de denunciar o papel e a opressão das mulheres pobres, denunciando a outras mulheres tudo o que ela passou na luta contra os sindicatos de trabalhadores homens.

A escrita, além da característica do estilo testemunhal, apresentou em comum, no período, o destaque a autoras, com narrativas marcadas predominantemente, como observado, pelo gênero feminino. Isso não seria diferente com a obra de maior relevância do período e também de representatividade que foi escrita por Rigoberta Menchú, da Guatemala, em 1983, *Me llamo Rigoberta Menchú y así me nació la conciencia*. A autora recebeu, em 1992, o prêmio Nobel da Paz, e a escrita rejeitou qualquer tentativa de torná-la literária, concentrando-se no impacto da descrição da morte do pai, da tortura e do assassinato da mãe e do irmão. O objetivo era o de registrar toda a situação vivida pelo seu povo indígena contra a opressão e o colonialismo, como relata a autora. Ela permeia a narrativa com descrições e defesa dos costumes e da tragédia familiar.

Com isso, tem-se as obras que revelaram uma ruptura com a narrativa tradicional do *boom*. Os relatos de Rigoberta Menchú e de Domitilia Bastos foram considerados os clássicos do período, revelando uma nova relação entre narrador e leitor, proporcionando uma leitura diferente do que estavam habituados. Segundo Shaw (2005), quando tais obras passaram a integrar o acervo literário se observou um desconforto na literatura em geral como se o testemunho tivesse se convertido imediatamente em um hábito subalterno. Ainda, na perspectiva de Penna (2003), ter-se-ia, então, o nascimento de uma forma literária autoconsciente que foi marcada de certa forma pela Revolução Cubana com o objetivo, em suma, de proporcionar voz a quem, por muito, manteve-se esquecido pelas camadas dominantes em um processo motivado por interesses externos.

Por fim, como observado, a literatura testemunhal, conhecida por *Testimonio*, ocupa um lugar importante na literatura hispano-americana, em especial nas décadas

de 70 e 80, em que traz o outro para dentro do texto, aproximar a condição humana de sua existência. Ademais, busca mostrar a luta por poder econômico, social e político que permeiam a vida do autor e do leitor em um compartilhar de experiências prol da solidariedade humana. O gênero teve uma vida breve e o objetivo principal de denúncia social.

### 3.1.1 Literatura de *testimonio* ou teor testemunhal?

Ao observar a relação que é apresentada por fatores históricos, principalmente, o dos conflitos armados que são, agora, estabelecidos com a narrativa literária na América Latina, tem-se notado um vínculo especial entre os sujeitos vítimas de tal período, seja vivenciado seja compartilhado socialmente e a necessidade de narrar tal fato. Logo, tem-se, então no contexto uma busca pela literatura como uma forma de compartilhar determinados sentimentos e de registrar algumas palavras que emergem de uma memória do trauma.

Assim, não há como ignorar a presença de uma literatura de *testimonio*, como denominada em meados de 60, na América Latina, mas como uma de teor testemunhal, por razões que serão apresentadas na sequência do texto. De modo geral, tem-se um estilo de texto que apresenta um vínculo com a psicanálise, e que a literatura de testemunho, muitas vezes, parte de uma necessidade de uma ferida psicológica deixada pela memória do trauma, do luto e ou da melancolia, e vem como um efeito terapêutico à memória traumatizada.

Em primeiro lugar, não se pode deixar de mencionar que a literatura de testemunho tem suas origens registradas lá pelo final da Segunda Guerra Mundial, dos registros dos campos de concentração e de extermínio nazista. Logo, quando se pensa em literatura de testemunho, é essa a noção primeira que vem à mente, a da Shoah, do Holocausto, da catástrofe. Tem-se na literatura aquela narrativa que se apresentou com uma situação de violência extrema tanto física quanto psíquica ao sujeito sobrevivente. É evidente, portanto, que a literatura de testemunho, então, passou a ser uma aliada no processo terapêutico da memória do trauma, contendo um relato, seja de denúncia ou não, como muitos críticos a relacionam ao mencionar as origens na América Latina. No entanto, reitera-se aqui que o principal integrante do caráter literário do contexto em questão é o trauma e a sua necessidade de compreensão que se impõe à vítima. Não se pode deixar de mencionar, é claro, que

é oriundo de uma violência em que os autores e sobreviventes o vivenciaram ou o presenciaram. É notório que um dos casos de testemunho e de necessidade da narrativa que mais representam ou despertam olhares para o gênero em questão está no relato do horror, do que foi presenciado pelo químico judeu, Primo Levi, em *É isto um homem?* (1947). Na obra, ele relata o que conheceu em Auschwitz e o deixou com uma memória do trauma, tendo que narrar as situações de violência das quais foi vítima.

Em segundo lugar, tem-se, então, a literatura de *testimonio*, ou seja, o testemunho com a sua abordagem e a evolução no contexto da América Latina. Nesse contexto, ele envolve a questão da escrita e da exclusão social, mas com um despertar de críticas pela abordagem da violência e da responsabilidade de denúncia perante o contexto social. Inicialmente, entre os anos de 1960 e 1970, o gênero foi influenciado por Cuba, que chegou a criar o Prêmio Casa das Américas, como uma forma de dar voz aos sujeitos silenciados por regimes opressores e que apresentavam um alto teor de denúncia social, que se tornavam mais fortes no texto do que o valor estético.

Ademais, ainda se pode mencionar que, segundo Penna (2003), tal período atribuiu um sentido de relevância ao testemunho na literatura da América Latina, que, mesmo como um modelo de política *identitária*, como ficou conhecido inicialmente, também se consagrou pelo apoio aos movimentos sociais, que vinham do auge de uma consagração midiática, comercial e política. Em suma, tinha-se uma literatura em que os autores não eram consagrados literariamente e que apresentavam uma quebra de paradigmas literários e sociais para além do texto ao compartilhar histórias de sujeitos que, por muito tempo, foram silenciados por determinados interesses políticos. Pode-se dizer, então, que ser considerado um gênero de esquerda e de denúncia, ainda é um dos fortes motivos que proporcionam debates sobre o valor estético da literatura que, hoje é chamada aqui como a de teor testemunhal, envolve constante reflexões tensas entre o campo do valor estético e a história.

Dessa forma, destaca-se que o termo *testimonio* é empregado com sentido estético diferente ao da teoria de testemunho que foi tradicionalmente vinculado à arte testemunhal de Primo Levi, e ao pós-Shoah, para se olhar com mais cautela ao contexto literário da América Latina. Vale ressaltar, aqui, a abordagem feita por Seligmann-Silva (2003), em que, como ambas as concepções apresentam as mesmas características fundamentais de testemunho e do *testimonio*, sendo um dos principais



fatores de diferenciação foi o objetivo inicial das duas categorias: escrever como uma necessidade da memória e a denúncia social.

Além da crítica inicial ao testemunho na América Latina, é importante mencionar, segundo Ginzburg (2012), que as discussões em torno do registro escrito e da reflexão social são relevantes para compreender o contexto de exclusão social da qual emergem as obras que abrem a categoria no contexto. O autor coloca para, além disso, o destaque da articulação existente entre estética e ética como sendo campos indissociáveis de pensamento. Outro ponto passa a ser o valor do texto em uma situação em que a escrita é vista como uma enunciação posicionada em um campo marcado por conflitos no qual a literatura e alteridade são postos em questão colocando-se em lado oposto da tradição canônica, permitindo atribuir voz em uma realidade conflitiva em oposição ao autoritarismo institucional. É, então, aí que se tem uma obra extraliterária, que, em quase sua totalidade está relacionada ao ato de compartilhar memórias vivenciadas ou ouvidas. Seria, assim, relevante lançar um olhar a quem é que é esse sujeito que narra ou que escreve ou que testemunha na narrativa hispano-americana.

Seligmann-Silva (2003), na linha de abordagem das duas correntes, optou por um denominador comum que as envolvesse, uma vez que o principal diferencial estava nas abordagens analíticas e não no foco da escrita nem no leitor e no autor, então passando a empregar o termo teor testemunhal que será utilizado no decorrer deste estudo. Ao se empregar essa noção é possível realizar um paralelo não só estrutural e semântico, como também respeitar ambas as questões históricas das correntes, porque esses conceitos receberam um olhar mais atento a partir de meados de 1980, logo após um período de “vácuo” literário. Dessa forma, a teorização do *testimonio* foi marcado na literatura da América Latina a partir do boom quebrando o estilo de escrita predominante; já na literatura europeia e na norte-americana despontou como uma nova possibilidade de articulação entre o histórico e a literatura.

Dessa forma, surgiu a necessidade de um olhar que se tinha para a relação do testemunho hoje, da relação do real e de quem é e como que se fornece esse testemunho. Lança-se uma abordagem para o teor testemunhal muito mais além do testemunho em si, ou seja, “ o testemunho/*testimonio* localiza-se no âmago dessa ascensão do particular em detrimento do momento universal: a narrativa testemunhal é marcada por um *gap* entre evento e discurso. O universal não pode dar conta do ‘real’.” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 31). Nessa perspectiva, que o *testimonio* foi se

remodelando por uma necessidade de a vítima compartilhar e de buscar um acolhimento às memórias do trauma. Dessa forma, aproximou-se mais da literatura de testemunho que vinha da Shoah. Era uma narrativa do impossível, da dor e das sequelas de um evento limite à representação no contexto hispano-americano.

É na conciliação do evento limite à representação e da necessidade da vítima que o termo passa a ser empregado como um teor testemunhal, que assim se seguirá sendo abordado, uma vez que o foco aqui não é uma literatura de denúncia do subalterno, mas uma literatura que vem de uma necessidade da memória do trauma, ou que segue, então, uma política da memória. Ela deixa de lado, na estética, a visão política partidária para passar à cultura das sequelas dos eventos limites.

Nessa perspectiva, é relevante mencionar que o prêmio o *testimonio*, na América Latina, além da significação histórica, foi um gênero que voltou a proporcionar voz a uma população que não possui respaldo literário, mas que apresentava uma literatura que se erguia em uma égide do olhar revolucionário, desde meados de 60, para ressurgir em século XX, com um olhar crítico ao contexto das guerrilhas. Segundo Seligmann-Silva (2003), as obras começaram a se apresentar novamente com uma elevada propensão à narrativa documentária, ao testemunho e à autobiografia, não sendo, destaca o autor, uma característica exclusiva do contexto das revoluções, mas uma abordagem que emerge das mudanças sociais que se destacam ao redor do mundo.

Dessa maneira, da abordagem testemunhal, do romance à autobiografia, tem-se, sim, uma literatura diferente daquela que se institucionalizou por meados de 1970, como a do governo cubano e da relevância do governo de Allende e da ditadura chilena, com a narrativa da resistência, mas que já se observava o testemunho coexistindo em diversos gêneros literários e o interesse político na escrita. No entanto, Seligmann-Silva (2003), ao mencionar Rama, salienta que não se pode unir o que ficou conhecido como a literatura de *Testimonio* com o testemunho que se tem hoje na literatura da América Latina. Recorda-se, então, que a primeira contou com o incentivo do Prêmio Casa das Américas, por Cuba, e com uma vida curta por meados de 60 a 80, emergindo com um olhar da contra-história e de denúncia sociais e políticas. Ademais, o testemunho tão perceptível nas narrativas literárias do contexto do século XX, apresenta-se como enquanto uma necessidade de compartilhar a memória do trauma, diferentemente da primeira.

Outrossim, se já foi tomado como objetivo literário da América Latina fornecer uma literatura que apresentava um modelo de alguém da comunidade que seria tomado como exemplar, também já se forneceu um testemunho mediado, contando com o testemunho oral e o registro ou a transcrição para a escrita com as interferências de quem o fazia. Hoje, como característico, tem-se o testemunho que emerge de uma necessidade da memória do trauma, seja individual ou coletiva. Logo, é por esse motivo que se agrega o teor testemunhal à estética. É o que Penna (2003) apresenta como engajamento social com o outro e que deve ser pensando como memória e trauma.

Esta constitui a maior diferença entre essas duas teorias, tal como elas se vêm desdobrando na década de 1990. Existem, no entanto, várias noções em comum nessas elaborações nascidas da literatura/constituição do testemunho/*testimonio*. Esta é marcada pelo maior peso do seu teor traço mnemônico da catástrofe. [...] os estudos da memória é o mais apto a perceber os pontos de encontro (e as diferenças) do (discurso sobre o) testemunho com o (discurso sobre o) *testimonio*. Ele permite pensar o teor testemunhal como uma tal escritura fragmentada, ruínosa, que porta tanto a recordação quanto o esquecimento. (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 36).

Por outro lado, um dos problemas que pode ser acrescentado à escrita de teor testemunhal não é a literatura, mas o autor da obra em si, porque carrega a colocação autêntica de ser um escritor latino-americano, que apresenta a peculiaridade e a necessidade de se dedicar a outras tarefas além da escrita na luta pela sobrevivência financeira, como por exemplo, é jornalista ou é professor. (PUYANA GARCIA, 2005). Segundo Bella Jozef (2005), além dessa peculiaridade, esse escritor também fornece representação do real ao sistema sígnico do ficcional como parte da história da literatura hispano-americana. A autora ainda acrescenta o sintoma do mal-estar da cultura, que, a partir dos anos 80, já começou a mudar completamente, renovando toda a tradição crítica do discurso, proporcionando novas maneiras de olhar o mundo e a novas relações estabelecidas com a literatura. Por exemplo, um testemunho, que é registrado em 1983 e só lá em 1992 recebeu o Prêmio Nobel da Paz como é o caso de Rigoberta Menchú, que forneceu um relato oral editado pela antropóloga Burgos-Debray. Essa obra ficou conhecida como demonstração de uma escrita que representa inicialmente a Literatura de *Testimonio* na América Latina. Assim, já é possível perceber uma diferença entre as duas etapas da literatura de testemunho – *testimonio*, porque mesmo que a obra partiu de uma tentativa de genocídio indígena,

Menchú forneceu um registro oral que contou com a subjetividade e a interpretação de quem o redigiu.

O testemunho de Rigoberta Menchú é tomado como exemplo que servirá para se entender um pouco a respeito do que se fazia com a escrita da época, ou melhor, o relato testemunhal em si, que originou o que aqui se chama de escrita do trauma que se tem hoje. Embora partam de um mesmo contexto é relevante mencionar que são concepções um pouco distintas em suas origens, mas semelhantes em uma necessidade de narrativa em contexto de violência. Em linhas gerais, o relato da violência está centrado na contrainsurgência da Guatemala, que quase a levou a uma revolução indígena, em meados de 1978. Em um verdadeiro holocausto político que beirava o país, muitas aldeias indígenas foram eliminadas, torturas e assassinatos em massa fazem com que muitos antropólogos passem a ouvir os relatos indígenas, como no caso de Menchú, como sendo um trabalho de campo etnográfico.

Segundo Penna (2003), a notoriedade que a obra anteriormente mencionada recebeu se enquadraria não só em uma espécie de política de solidariedade proveniente dos Estados Unidos ao atribuir o prêmio, mas também de uma abertura ao cenário de política-identitária responsável por fornecer uma determinada forma de expressão ligada a movimentos sociais e à oportunidade de sujeitos silenciados. Dessa forma, passaram a terem a sua voz ouvida, seja falada ou escrita. Com isso, atribui-se uma representação de determinado grupo, do qual pertence já outro problema, o da aculturação da produção do relato.

Dentre as características iniciais desse sujeito, tem-se como referência um falso sujeito livre no testemunho. Ou seja, ele não apresenta de forma autônoma e se opõe ao individualismo, que extrapola as dimensões de classes sociais. É o que Penna (2003) chama de a constituição do exterior da subjetividade em um processo de autoconstituição do sujeito que testemunha. Não mais complicado do que isso é a necessária colaboração que se faz entre a presença dos patrocinadores transnacionais e o relato:

a elaboração teórica sobre o testemunho, sobretudo de extração (norte- ) americana, parte do que poderíamos chamar o *efeito testemunho*, justamente aquela, que viu nele de maneira mais aguda as possibilidades de uma política identitária, estetizou-o. No lugar do “nobre selagem” colocaram o “nobre revolucionário” [...] O testemunho, ou o “desejo chamado testemunho” [...] constrói seu objeto na justa medida de um programa político preestabelecido, que cabe a ele encarnar ou vicariamente realizar, [...] que perdem de vista a especificidade de cada testemunho, enxergando nele embates tão vagos

como entre o terceiro/primeiro mundo, grupos marginalizados/hegemônicos ou o diagnósticos de um movimento globalizado de resistência à dominação do capital transnacional. (PENNA, 2003, p. 303).

Por outro lado, além de esse olhar de reinterpretação americana antropológica que o autor credita ao testemunho oral coletado em muitos indígenas como sendo uma característica do gênero. Ainda é importante destacar a relevância do desejo mencionado e o fator da estetização que estava por trás do relato fornecido. O olhar político dado ao testemunho inicial na América Latina, coloca-o em uma linha tênue entre o fato de não apresentar o valor subjetivo que necessita e uma tendência antiestética à obra, e com uma forte tendência de estetização da política, ou ainda, capaz de fornecer uma politização da estética, além de uma necessidade de abolir a produção autônoma por parte de quem o relata.

Outrossim, a troca de informações com o relato oral seria considerada um fator de transformação da palavra política em uma esfera literária. Assim, além da forma de se registrar o relato oral, a América Latina, segundo Puyana Garcia (2005), acabou se materializando também no modo de ler. Ela apresentava textos metadiscursivos que geravam novos críticos – que, dos quais, a grande maioria eram escritores em posição de críticos – e acabavam atribuindo como definição ao proposto uma homogeneidade testemunhal. Isso tudo agregava uma singularidade literária latino-americana, que proporcionava uma interação simultânea que, até então, antes das décadas de 60-70, era pertencente à esfera política, jornalística, científica e considerada extraliterária.

A saber, essa singularidade, que é a articulação entre testemunho e escrita, na literatura de *testimonio* não se dá de modo imediato, não é em um registro direto da memória ferida à escrita. Como se está falando de um registro de um testemunho oral, o sujeito que narra a história expressa subjetividades que são registradas por outrem. Dessa forma, quando se pensa em quem é este sujeito que se expressa é que se menciona que até então eles não possuíam voz, porque ainda não havia acesso à alfabetização. Consequentemente, o testemunho se dava quase que exclusivamente pela oralidade, em um universo do qual a escrita ainda era precária, por tal motivo que ele é colocado com um olhar direcionado a uma cultura subalterna e que necessita de um transcritor para o relato.

Para se entender um pouco mais a respeito de como se dava esse testemunho inicial no contexto hispano-americano, é importante ressaltar a perspectiva apontada

por Miguel Barnet, que segundo Penna (2003), deu-se inicialmente por depoimentos gravados, ficando em uma esfera muito ambígua próxima ao documentário etnográfico e da ficção. Barnet, citado pelo autor, é um dos primeiros a teorizar o gênero em questão. Nas palavras dele, o testemunho é voltado às funções delimitadas ao transcritor das informações oralizadas, o papel que ele exerce no relato, e no vínculo que se estabelece entre o transcritor – que também é denominada por gestor – e o informante.

Outro ponto que é destacado como crucial, no que ele chama de novela-testemunho, é a necessidade de supressão do “eu”, do que é delimitado como o ego do escritor ou do sociólogo, ou da necessidade de não se escrever na primeira pessoa do singular, desvinculando o relator de seu “eu” para incorporar o “eu” do autor do relato, o informante do relato oral como foi apresentado, e juntos se dizem que são a época (PENNA, 2003).

O transcritor (o autor) deve, portanto, se apagar para chegar a uma “despersonalização” quase que absoluta, só substituindo de forma residual – como veículo para o sujeito testemunhal, que em última análise se confunde com a coletividade como um todo e com a própria história – sujeito popular como sujeito da história. (PENNA, 2003, p. 307).

Percebe-se, portanto, que já nas primeiras definições do gênero o relevante do testemunho não era a fidelidade ao real, mas a sua verdade como um sujeito coletivo portador de uma subjetividade representativa. Tem-se, assim, a constituição de uma memória coletiva, quando esse indivíduo é apresentado como um sujeito da história. Sabe-se que, ao ouvir e aproximar os portadores do relato à alfabetização, permitiu-se uma aproximação ente diferentes culturas seja da palavra e das políticas subalternas, sendo uma forma de prática emancipatória na construção identitária desses diferentes povos. Mais tarde, começa a parecer um sujeito que escreve, que se autodefine e que apresenta o controle do próprio discurso, mas, no início da literatura de *testimonio*, partia-se de um relato oral, do qual o portador sempre era alguém representativo da comunidade e sem acesso à cultura letrada.

O lugar considerado comum ao testemunho está na possibilidade de narrar as subjetividades coletivas, e tal fato não se modificou da literatura de *testimonio* ao que se faz hoje no contexto, que aqui se usou o termo teor testemunhal. Logo na primeira sentença de abertura da narrativa o autor se apresenta, a grande maioria fornece um chamamento ao coletivo:

O que está sendo visado aqui é nada mais nada menos que a literatura latino-americana como um todo e a exclusividade da representação literária da nação, que se constitui ao constituir o sujeito subalterno (ao subjetiva-lo), posicionando-se como seu representante, (PENNA, 2003, p. 312).

Assim, tem-se um sujeito que testemunha e que é considerado representativo da comunidade, passa a solidarizar os seus relatos como sendo os relatos do povo, por se tratar de dar voz a quem não possuía acesso à cultura letrada, que se coloca como um gênero inicialmente de esquerda. Atribuía-se um considerável valor às denúncias das opressões políticas, aos, até então, considerados excluídos socialmente. Segundo Penna (2003), ela está dividida em: o papel da *autoria* – atribuída ao sujeito latino-americano -, *autorização* – que se faz necessária para ser o porta voz dos excluídos, e, com isso, tem-se a *autoridade* enunciativa. E é por esse motivo que Puyana Garcia (2005) analisa os problemas literários apresentados por Rama como o autor sendo o principal empecilho, pois ele, além de fornecer um relato latino-americano, também faz parte desse contexto, que está ligado não só à condição socioeconômica do autor do relato como também ao contexto.

O resultado começa a ser percebido com as transformações literárias do gênero, no entanto, o *testimonio* seguiu abordando as histórias subjetivas. Dentre tantos “eus” relatados e narrados, o sentimento de coletivo permaneceu: “o outro em mim ou eu no outro – eu falo pelo povo ou o povo fala através de mim” (PENNA, 2003, p. 315). Assim, vai se constituindo outra imagem coletiva de um sujeito latino-americano, que mesmo com uma escrita motivada por interesses de denúncia, já destaca as necessidades o “eu” e do coletivo. Com isso, há outra forma voltada à subjetividade coletiva do testemunho, mesmo apresentando um sujeito autor em primeira pessoa, em que o pronome de referência do singular, porque ele, o sujeito testemunha, torna-se parte indistinguível do todo.

Em muitas obras, o sujeito testemunha constitui um eu heroico que era representativo das lutas sociais e de conflitos armados. Ademais, o vínculo com a representatividade também carrega uma noção da existência de um “você” na leitura que permite com que o leitor se coloque nesse lugar de herói e se identifique com a história narrada. A política solidária das palavras da qual emergiu o testemunho também fez parte de um processo de seleção e de exclusão, quando se escolheu

entre os modelos identitários representativos de determinados grupos sociais em detrimento de outros.

Segundo Penna, tem-se uma “relação de representatividade entre aquele que presta o testemunho e a comunidade que representa, longe de ser respeitosa, camufla escolhas e privilegia certas vidas sobre outras, proponho-as como exemplo.” (2003, p. 321). Antes, a função do testemunho estava ligada diretamente a fatores políticos e de representatividade de determinados grupos sociais em que, com esse processo de escolha do sujeito testemunha, privilegiava-se determinadas vidas em relação a outras.

Ora, em síntese, hoje o testemunho se dá de modo diferente do que se fazia antes na América Latina. Ao se escolher esse sujeito testemunha, como já mencionado, levava-se em conta a necessidade de encontrar alguém que fosse capaz de contar não só a experiência individual como a coletiva pela qual passou em um período de extrema violência. Cabe lembrar, então, que, inicialmente, o relato não era escrito pelo sujeito testemunha, mas por alguém que o ouvia e, posteriormente, registrava a história.

Entre 1960 e 1970, portanto, que se tem o marco do *testimonio*, a característica básica estava pautada na denúncia de fatores opressores da sociedade que se dava através da transcrição dos relatos de sujeitos que não possuíam acesso à escola. Tal transcritor buscava se ocultar de modo subjetivo para tentar transcrever o relato, o que se sabe que não é uma tarefa tão assertiva assim, pois, na própria seleção do testemunho a ser registrado, já se deixa uma marca do transcritor. Tem-se, assim, mais uma peça de um jogo inicialmente considerado de interesses políticos.

O registro do relato com o direcionamento político vai contribuindo para a construção coletiva da imagem do sujeito testemunha. Ou seja, o estereótipo do selvagem camponês, como esse era visto, passa a ser reconhecido pela representatividade narrativa como um valente revolucionário. Tanto que se pode dizer que no começo da literatura de *testimonio* o objetivo, como já mencionado era o de divulgar a história contada pelo camponês oprimido e subalterno transformando em um revolucionário na luta pelos direitos individuais e coletivos, como o sobrevivente de um período de lutas e conflitos sociais.

No entanto, como o sujeito escolhido para dar o relato que era transcrito pertence a um grupo social, ele acaba inquestionavelmente representando e atribuindo voz ao seu grupo e à luta da qual participa. É ele, nas palavras de Bartra



(1998), um ser com uma elevada carga simbólica e que despreza qualquer nível de preocupação que não possua um valor coletivo. Para Penna (2003), a preocupação com o coletivo viabiliza a exploração do engajamento solidário com o que era considerado o “outro”, como o representante do subalterno, por isso que se atribui ao *testimonio* como pertencente ao contradiscurso e portador de interesses que não se vinculam a estética literária.

Na sequência, destaca-se que a literatura de *testimonio*, que marcou o período supracitado, possuía uma lógica na escolha do portador do testemunho. Isso é, portanto, essencial para se compreender a primeira etapa da categoria na América Latina. O curto espaço de vida da categoria deu voz a quem pertencia a um setor segmentado da sociedade e era pertence a uma cultura muito precária campo da escrita e que era quase que exclusivamente oral. Uma das obras que marca o início da categoria fornece o relato de um escravo fugitivo da Revolução Cubana, *Biografía de un cimarrón*, de Miguel Barnet, em 1966. Das características gerais das obras do período, além do valor documental e autobiográfico, ainda pode-se destacar a presença de um narrador em primeira pessoa.

É notório, no entanto, que a literatura foi se transformando com o passar dos tempos, no contexto hispânico. Em 1980, começaram a emergir obras em o narrador, por exemplo, já se apresentava em terceira pessoa, e que já não estavam centradas nos relatos testemunhais dos iletrados. A partir desse período, já se começa a desenhar uma nova perspectiva literária, mas que emergia da sobrevivência do sujeito a partir de torturas físicas, morais de períodos limites à compreensão. Entretanto, tais obras compartilhavam com o gênero anterior o fato de não apresentarem a ambiguidade, o humor e a ironia necessários à alta literatura, mas seguiam com o foco na “verdade” do sujeito testemunha. Segundo Seligmann-Silva (2003), é uma corrente que é marcada pelo evento e pelo discurso.

Considera-se, então, que essa necessidade de escrita foi sendo delineada pelos eventos limites à representação e à necessidade da narrativa, que se pauta à literatura hispano-americana como característica atual. Ou seja, uma narrativa que emerge de um trauma de difícil representação e que conta com um contexto real de violência. No entanto, mesmo que os textos estejam vinculados a um real específico, resta pensar que real é este representado.

Observa-se, que os textos do *testimonio*, mesmo que possuindo objetivos delimitados previamente – que era atribuir voz aos camponeses e, com isso, despertar

a consciência revolucionária, não sobreviveram a década de 1960 a 1980. O gênero também nem alcançou um dos seus objetivos iniciais que era a diminuição dos sistemas opressores e alterar a realidade dos subalternos, pois se observou que a violência ainda não diminuiu, e, por isso, que o interesse político demonstrado inicialmente na literatura não foi muito bem visto:

O que está em jogo neste debate é uma crítica da função representativa na literatura, levada a cabo tradicionalmente pelo intelectual concebido como porta-voz do povo, e a estruturação de um *novo conceito de representação*, ligado ao estabelecimento de identidades políticas. [...] Assim, a postulação da radicalidade do testemunho partirá sempre de uma crítica do sistema intelectual latino-americano como instituição de subjetivação do *subalterno* [...], a literatura latino-americana como um todo e a exclusividade da representação político-literária da nação, que se constitui ao *constituir* o sujeito subalterno (ao subjetivá-lo), posicionando-se como seu representante (PENNA, 2003, p. 313).

Em linhas gerais, é importante mencionar que as obras que emergem do contexto hispano-americano ainda seguem abordando as relações de extrema violência, mas não mais como no período da década de 1960 a 1980. Ademais, ainda se destacam, nas obras literárias, o teor político e as sequelas dos conflitos internos marcados pela extrema violência, porque constituíram o passado. Hoje, mais do que nunca, a estética do contexto está voltada ao emaranhado de narrativas do trauma. Entretanto, reitera-se que as obras, no século XX, já não são mais pertencentes à categoria *testimonio*, porque elas apresentam o que foi colocado por Seligmann-Silva (2003) como teor testemunhal.

Isso posto, tem-se uma narrativa hispano-americana que foi se transformando, indo do testemunho ao teor testemunhal. Assim, neste estudo, optou-se por empregar o termo teor testemunhal e não o testemunho em si, por partir de uma realidade traumática em que o foco não está na denúncia social, mas nas consequências geradas pelo trauma e na necessidade da narrativa para o acolhimento do irrepresentável na literatura. Logo, tem-se as necessidades da palavra e as inquietações da memória, que se mostraram muito mais sobressalientes do que o viés político identitário, que se propunha com a estética partidária de denúncia social, nos anos 1960.

O recurso que a estética proporcionou à narrativa hispano-americana seguiu com olhar aos direitos humanos, aos abusos de setores tanto de direita quanto de esquerda, mas, principalmente, compartilhando através da narrativa uma memória

fruto de uma situação de violência. Portanto, agora, o espaço na literatura passou a ser conquistado pelo sujeito que sofreu com a violência e carrega um trauma do período de conflitos. Logo, é por isso que as obras emergem com um teor testemunhal. Não mais pelo objetivo da primeira que envolvia a politização da literatura, também não se pode deixar de vincular a relação com a pós-Shoah. Uma vez que ambas se relacionam na presença de uma necessidade de lidar com o passado dos genocídios, buscando auxílio à memória na narrativa.

Ademais, torna-se relevante mencionar que as semelhanças entre a literatura de testemunho, a de *testimonio* e a da Shoah, voltam-se a uma literatura no contexto hispano-americano com teor testemunhal. Assim, com tal noção é possível se pensar além do fato histórico para se chegar ao modo de como o sujeito se coloca diante de uma memória do trauma e, assim, então viabiliza uma história que é contada através da sua percepção subjetiva do real do evento. No entanto, deve-se mencionar que o relevante aqui não é o fato de se pensar em uma nomenclatura para definir o gênero de denominação em questão.

Segundo Seligmann-Silva (2008), o que interessa é proporcionar à estética uma reflexão tanto a um olhar ao teor testemunhal quanto ao “real” que emerge do trauma ademais de suas possibilidades de representação que envolvem as fronteiras entre o literário, o fictício, e o que é possível de ser descrito. Por fim, pode-se destacar que as relações entre os textos de testemunho, *testimonio* do contexto hispano-americano e os da Shoah, estão vinculadas às sequelas de acontecimentos traumáticos, de razões políticas, históricas, marcados por violência extrema e que busca na literatura uma forma de se solidarizar e compartilhar as sequelas do trauma que ficaram em memória inquieta, com um trauma que busca a representação pelas palavras, já que a essencial do ser humano está na capacidade narrativa.

### 3.2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS DE TRAUMA EM FREUD

Não adianta de nada falar em violência, nem criticar o emaranhado de obras que abordam o assunto, sem refletir a respeito do trauma. Para tanto, faz-se necessário chamar o auxílio da psicanálise, algumas reflexões da noção do trauma apresentadas por Freud, para refletir a respeito da narrativa que emerge do trauma da violência dos conflitos internos colombianos. Ora, Freud, o pai da psicanálise, auxiliará na viagem das palavras que emergem das narrativas literárias pós-situação

extrema de violência. Ademais, o objetivo, aqui, em especial, é tentar refletir a respeito da noção de trauma para o viés da narrativa, sem entrar em questões de por menores que ficam para a psicanálise e da medicina. Ou seja, o que por agora interessa é tentar entender, ou melhor, esclarecer o vínculo entre violência, trauma e o emaranhado de obras literárias.

Inicialmente, reforçar-se-á que o estudo não possui como ideia entender a história do movimento psicanalítico e o importante papel de Freud nesse processo, mas somente se valer de algumas reflexões a respeito do trauma. Desde o primeiro modelo freudiano de trauma, que vem desde a teoria da sedução, em 1896, a postulação da pulsão à memória já trazia seus traços, perpassando pelos vínculos com a sexualidade infantil para se chegar ao modelo com o qual articula os elementos gerados pelo traumatizante ao traumatizado como o rompimento da estrutura de defesa, que libera uma grande carga de excitação à mente incontrolável.

Lá em 1920, Freud aborda os estudos com os sonhos traumáticos, já os vinculando ao viés da compulsão à repetição, classificando-os como indícios da pulsão da morte. Em 1926, as teorias freudianas vão para a abordagem das inibições, dos sintomas e das angústias trazendo à luz a tão importante etapa da elaboração do trauma. Inicialmente, com a teoria da sexualidade infantil, estava relacionado com a ideia de uma lesão causada por um agente externo. Na psicanálise, foi-se desenvolvendo a teoria do conceito do trauma psíquico, redirecionado com a ideia de que o agente externo estaria vinculado não somente à patologia infantil, mas que, em qualquer faixa etária quando o sujeito é submetido a um agente que não somente se originaria de uma penetração, mas de um estado de terror que rompe de modo inesperado as estruturas de defesas do cérebro. Como ver-se-á a seguir, seria como uma discrepância entre a duração da reação interna pulsional no cérebro com o ataque externo ou da situação inesperada e ameaçadora, gerando uma desestabilização que incide sobre o sujeito (FREUD, 1998).

Da histeria, surge a análise primeira do trauma, estando entre as cinco lições da psicanálise apresentada por Freud (1998), que despertam os vínculos da neurose com o trauma, já nesse processo inicial dos estudos ele observava a necessidade da narração para tentar elucidar os caminhos da memória que se apresentavam confusos e, ainda assim, murmuravam algumas palavras do que lhe acompanhavam a mente. Ou seja, eram resíduos de alguma situação externa que se formara precipitadamente, gerando experiências emocionais, que, na sequência, passaram a ser denominados

de ‘traumas psíquicos’. Dessa forma, foi analisado cada caso com a sua particularidade, nos sintomas apresentados e quais eram os que se vinculavam, para tentar explicar com relação à cena traumática que o causara.

As lembranças sempre carregam os resíduos das cenas, no entanto, o curioso é que, como observado no capítulo *Cinco lições de psicanálise, de Freud (1974)*, da obra *Os pensadores*, o trauma era determinado pela cena que o representava como resíduo, sendo representado de ordem cronológica, destacando a dificuldade de se chegar ao trauma nas análises da psicanálise. Nesse caso, já não se mantinha mais na normalidade os processos mentais como um todo, causando uma dissociação psíquica e ou uma repressão da lembrança, que não era esquecida, mas que estava sob o poder da pessoa afetada que era detida por alguma força:

Para o restabelecimento do doente mostrou-se indispensável reprimir estas resistências. Partindo do mecanismo da cura, podia-se formar ideia muito precisa da gênese da doença. As mesmas forças que hoje, como resistência, se opõem a que o esquecido volte à consciência deveriam ser as que antes tinham agido, expulsando da consciência os acidentes patogênicos correspondentes. A esse processo, por mim formulado, dei o nome de *repressão* e julguei-o demonstrado pela presença inegável da resistência. [...] Era, portanto, a incompatibilidade entre a ideia e o ego do doente o motivo da repressão; as aspirações individuais, éticas e outras, eram as forças repressivas. A aceitação do impulso desejoso incompatível ou o prolongamento do conflito teriam despertado intenso desprazer; a repressão evitava o desprazer, revelando-se desse modo um meio de proteção da personalidade psíquica. (FREUD, 1974, p. 21).

Nessa linha de raciocínio, observa-se um impulso presente na memória do trauma vinculado com a repressão da lembrança com a sensação de desprazer em luta ativa que se faz insistente em um conflito de forças mentais ‘consciente’ e ‘inconsciente’ do evento do trauma. Logo, seriam duas forças antagônicas atuando na mente: o esforço repetido para trazer a lembrança; de outro a resistência impedindo a passagem para o consciente. Durante os estudos de Freud, ele destaca essas tentativas como marcas de palavras indiretas como representação ou alusão ao pensamento desconexo, recorrendo à interpretação dos sonhos, como algo que se impõe à mente da vítima, como sendo algo que vem inconscientemente ao sujeito ou o vínculo do que foi lhe reprimido pela lembrança.

Sendo assim, muitas vezes as cenas do passado passam a ser esquecidas – reprimidas – e vem à tona nos sonhos como impulsos, já que a memória, como observado em Freud, passa a ser muito mais ampla nos sonhos, trazendo à tona

recordações ocultas ou inacessíveis quando se está acordada. Assim, sabe-se que desde os estudos iniciais de Freud, já se colocava o vínculo da incompreensão da memória de um sujeito vítima de um trauma e a narrativa para a elaboração das lembranças, objeto de análise da psicanálise, tendo um caminho complexo de apego à linguagem. No entanto, quando se elabora a ideia do sonho, recorda-se a necessidade do prazer e do desprazer no cérebro e o vínculo com o trauma:

A elevação de tensões é, em geral, sentida como *desprazer*, e o seu abaixamento, com *prazer*. É provável, contudo, que aquilo que é sentido como prazer ou desprazer não seja a altura *absoluta* dessa tensão, mas sim algo no ritmo das suas modificações. O ego se esforça pelo prazer e busca evitar o desprazer. Um aumento de desprazer esperado e previsto é enfrentado por um *signal de ansiedade*; a ocasião de tal aumento quer ele ameace de fora ou de dentro, é conhecida como um *perigo*. De tempos em tempos, o ego abandona sua conexão com o mundo externo e se retira para o estado de sono, no qual efetua alterações de grande alcance em sua organização. É de inferir-se do estado de sono que essa organização consiste numa distribuição específica de energia mental. (FREUD, 1974, p. 104).

O ego, o id, o superego e o vínculo com a realidade são contribuições dos estudos de Freud, mas ao objeto é possível perceber a relação do desprazer e do viés do sonho como estratégias na elaboração da memória do trauma. Pode-se, ainda, acrescentar que tais elementos se relacionam também ao instinto de agressividade que se fixam no interior do ego, autodestraindo-se, as capacidades psíquicas vão sendo afetadas, o prazer liberado pela mente já não é mais existente, operando autodestrutivamente. Acrescenta-se, ainda, que o ato de conter a agressividade é nocivo e conduz à doença, gerando agressividade a si próprio, sufocando o indivíduo em conflitos internos. O sujeito afetado não apresenta condições de transmitir o que está em conflito na mente, por que está bloqueado pela sensação do desprazer, é uma relação de luta constante entre o ego e o id com um mundo externo, para se valer de tentativas de narrativas que possam ser elaboradas, para se formarem como lembranças dos eventos e, mesmo assim, ainda possam ser corrigidas. Seria, então, o superego, que une as influências do presente e do passado, transformando aquele em este.

Outrossim, da relação de prazer e desprazer elaborada pela atividade psíquica proporcionada por um agente externo, está a relação de excitação e de inibição que ocasiona o silêncio da mente. Esse é gerado pelo processo de excitação extrema que confunde a mente humana. Dessa relação do sonho, do desprazer que vai tomando corpo um dos estudos mais relevantes de Freud para a análise do estudo em questão,

que é a obra *Além do princípio do prazer*. Nela, toma espaço a abordagem da compulsão à repetição tão relevante aos estudos do trauma, uma vez que está vinculada ao princípio do desprazer.

Esse é um dos fatores, como mencionado anteriormente, que contribui à neurose traumática, dos quais seriam ainda acrescentados, aos sonhos, uma forma de punição ou reconsiderados no estudo para se chegar a um estado mais grave, classificando-os como sonhos traumáticos. Como já exposto, o sonho acessaria uma lembrança na memória, que estaria bloqueada conscientemente pela sensação de desprazer que ocasiona à memória. Trariam, os sonhos, então, uma lembrança insistente à mente abusada por uma situação de desprazer, vinculados ao instinto de morte – ao Ego e ao id. Ademais, a teoria da psicanálise, como se reafirma, está relacionada com os eventos mentais na linha do prazer e na evitação do desprazer gerado pelo trauma:

Os eventos mentais estão automaticamente vinculados pelo princípio do prazer, o curso desses eventos é inevitavelmente colocado em movimento por uma tensão desagradável e que toma uma direção tal, que seu resultado final coincide com uma redução dessa tensão, isto é, como uma evitação de desprazer ou uma produção de prazer. (FREUD, 1920, s/p)

A mente humana seria uma região muito difícil de ser acessada em uma situação de prazer, quem dirá em uma vítima de trauma, que se valeria da escuridão ou do bloqueio para evitar o desprazer na mente, ou uma determinada quantidade de excitação que proporciona em um determinado período de tempo. Esclarece-se, então, qualquer coisa que, no aparelho mental, dirija-se ao trabalho inverso de aumentar a quantidade de excitação, que se tenta manter baixa, será considerada adversa ao funcionamento do aparelho, saindo da linha da constância, da estabilidade para a instabilidade, que é quebrada com o sentimento de choque, do inesperado à mente (FREUD, 1920).

A relação do inesperado chama para a reflexão da neurose traumática, gerada como condição que ocorre no sujeito após uma ação violenta que envolva risco de vida a si ao a alguém próximo ocasionando um debilitamento e perturbações das capacidades mentais. Para Freud (1920, s/p), as neuroses de guerra e as neuroses de tempos de paz, o deixaram com algumas reflexões. No caso das primeiras, em especial, o fato de que os mesmos sintomas, às vezes, aparecem sem a intervenção de qualquer grande força mecânica que abriu horizontes para além da teoria do

trauma da sexualidade infantil. Foi um dos principais estudos iniciais do trauma. Para o autor em análise, algumas características se apresentaram como a relevância de se distinguir algumas palavras centrais como:

Susto, medo e ansiedade que são palavras impropriamente empregadas como expressões sinônimas; são, de fato, capazes de uma distinção clara em sua relação com o perigo. A 'ansiedade' descreve um estado particular de esperar o perigo ou preparar-se para ele, ainda que possa ser desconhecido. O 'medo' exige um objeto definido de que se tenha temor. 'Susto', contudo, é o nome que damos ao estado em que alguém fica, quando entrou em perigo sem estar preparado para ele, dando-se ênfase ao fator de surpresa. Não acredito que a ansiedade possa produzir neurose traumática; nela existe algo que protege o seu sujeito contra o susto e, assim, contra as neuroses de susto. (FREUD, 1920, s/p).

Das definições apresentadas, ao esclarecimento então de que o susto tem um papel de relevância dentro da memória do trauma, por liberar certa quantidade de impulsos de excitação por um tempo indeterminado sem que a mente estivesse preparada, gerando o momento do choque – do susto – o trauma. Nesse contexto que entra o vínculo com o mencionado papel dos sonhos, a insistência de a lembrança no sonho de colocar a vítima de volta ao local do acidente repetidamente. Freud (1920) salienta que do sonho a vítima acorda em um novo susto, liberando mais excitação à mente ferida, a lembrança fica continuamente se impondo ao sujeito, ficando fixado ao trauma. Entretanto, relembra-se que isso ocorre nos sonhos, durante o sono, já que na vida desperta a vítima não lembra, busca não pensar na situação ou não consegue por ter um espaço vazio gerado pelo desprazer da lembrança e se instala no inconsciente da vítima.

A psicanálise, como aborda Freud (1920), começou as suas tentativas de entendimento do inconsciente, que havia algo na memória da vítima de um trauma que permanecia irrevelável e que era uma tarefa difícil a de a cessar o canal da memória para torná-lo consciente. Com o passar dos tempos vai-se percebendo que a narrativa, o fato de contar a história começa a auxiliar o processo do trauma, tal relação que pode ser compreendida com as inúmeras obras que emergem da necessidade de narrar, atualmente, das vítimas de conflitos internos. No entanto, há uma incapacidade de narrar na sua totalidade, seria o que muitos abordam como uma narrativa impossível:

O inconsciente deve-se tornar-se consciente. O paciente não pode recordar a totalidade do que nele se acha reprimido, e o que não lhe é possível pode



ser exatamente a parte essencial. Dessa maneira, ele não adquire nenhum sentimento de convicção da correção da construção teórica que lhe foi comunicada. É obrigado a repetir o material reprimido como se fosse uma experiência contemporânea, em vez de, como o médico preferiria ver, recordá-lo como algo pertencente ao passado. (FREUD, 1920, s/p.).

A partir disso, é importante reiterar de que o sujeito, vítima da memória do trauma, não a lembra como sendo algo do passado, mas como pertencente ao presente, ainda como uma exatidão indesejada. Freud (1920) salienta, é claro, que isso pode variar de paciente a paciente, e, mesmo assim, tem-se a predominância da memória do passado como sendo presente, indesejada, inconsciente e compulsiva. Ademais, o grande auge da teoria vai para a “compulsão à repetição” em que se salienta de que o trauma não gera uma luta de resistência com o inconsciente, mas os motivos da resistência que são inconscientes, do ego coerente ao reprimido. É, então, que o autor vincula a noção do princípio de prazer, ou seja, o ego consciente evita ativar o desprazer que seria gerado pela liberação do que se está reprimido na memória. Tem-se uma busca pelo princípio de realidade vinculada ao desprazer.

Muitos estudos da psicanálise vão abordar tal tolerância desse desprazer, e é para onde se vai, ao encontro da narrativa literária com as obras analisadas e da relevância de se entender o processo da “compulsão à repetição” nesses sujeitos envolvidos nos contextos de violência extrema e que buscaram auxílio na literatura. Ora,

A maior parte do que é reexperimentado sob a compulsão à repetição, deve causar desprazer ao ego, pois traz à luz as atividades dos impulsos instintuais reprimidos, [...], também rememora do passado, experiências que não incluem possibilidade alguma de prazer e que nunca, mesmo há longo tempo, trouxeram satisfação, mesmo para impulsos instintuais que desde então foram reprimidos. (FREUD, 1920, s/p).

O desprazer seria a lógica mais crucial à vítima, a impossibilidade de se recuperar o prazer diante de uma perda, de um trauma, por isso que tem um passado presente, um futuro ausente e um sentimento forte de inferioridade à vítima. Dessa forma, as ações reprimidas pelo ego são repetidas sob a pressão de uma compulsão e, volta aqui, o que Freud vincula das observações dos comportamentos humanos com as compulsões relacionadas aos sonhos que ocorrem nas neuroses traumáticas. Ele salienta que é raro conseguir relacionar os motivos puros que levam à compulsão.

O instinto seria, então, a explicação mais plausível, vinculado com os sonhos, indo para a linha do primitivo na mente humana, mais além do princípio do prazer que a própria mente domina. As ideias de análise dos processos inconscientes, como

aborda Freud, são especulações de que somente a vítima é capaz de transpor ao consciente com o auxílio da narrativa. Do processo de consciência e de inconsciência da memória, a função estaria relacionada ao fato do que é produzido pela consciência consiste em percepções de excitação que são provindas do mundo externo e de sentimentos de prazer e de desprazer que só emergem do interior do aparelho mental. Logo, a vítima vive em uma estreita linha entre o externo e o interno, provinda, muitas vezes, de excitações inconscientes.

Todos os processos excitatórios que ocorrem nos outros sistemas deixam atrás de si traços permanentes, os quais formam os fundamentos da memória. Tais traços de memória, então, nada têm a ver com o fato de se tornarem conscientes; na verdade, com frequência são mais poderosos e permanentes quando o processo que os deixou atrás de si foi um processo que nunca penetrou na consciência. (FREUD, 1920, s/p).

Outrossim, é relevante mencionar que, conforme o autor assinala, muito pouco se conhece da origem da consciência e é por esse motivo que entra em relação os sonhos e que, talvez, o trauma nunca se torne “consciente” sem o processo excitatório e, mesmo assim, fique um traço de memória somente. É um processo de modificação na região afetada que vai sofrendo as influências dos processos excitatórios na tentativa de se vencer uma resistência ou ao menos busca à sua diminuição que quando alcançada deixa um traço permanente da excitação na memória, o que o autor chamou de facilitação para assim conseguir ativar as lembranças, as amostras do mundo externo. Além de que o tempo nos processos mentais conscientes são intemporais, por isso que a vítima apresenta um passado-presente ou ainda o tempo é visto como um próprio escudo contra os estímulos internos, evitando a relação prazer-desprazer com as os estímulos evitados de dentro da mente.

Logo, dos resultados do trauma, convergem os estímulos mentais que geram uma luta na sensação de prazer e de desprazer na mente ferida – por uma situação capaz de gerar um susto a algo que mente não estava preparada – e essa sensação predominada entre qualquer outra na realidade atual da vítima, pois torna-se mais forte do que hoje. Em outras palavras, pode-se dizer que a mente encontra recursos para “abafar” a situação traumática, impondo escudos de operação em defesa do desprazer mental, mantendo inconscientes as memórias.

Em linhas gerais, Freud (1920) relaciona o princípio do prazer com o trauma, com a contraponto do desprazer. Vale ainda acrescentar que ele descreve como

“traumáticas” todas as excitações oriundas de forma externa capazes de ultrapassar o escudo protetor, ou seja, é algo que é capaz de gerar uma ruptura na barreira de proteção que seja eficaz contra os estímulos.

Assim, destaca-se que um acontecimento capaz de provocar um distúrbio em grande escala no funcionamento da energia mental que acaba pondo em movimentação todas as estratégias de defesa do organismo e colocando momentaneamente para fora de ação o princípio de prazer. Dessa forma, as possibilidades de defesa do organismo foram quebradas e não há mais possibilidades de impedir que o aparelho mental se inunde com muitas quantidades de estímulos que irromperam e não são mais passíveis, naquele momento, de serem vinculadas a explicações, tem-se um trauma, que é vinculado ao desprazer, em outras palavras, mais especificamente:

O desprazer específico do sofrimento resulta de que o escudo protetor tenha sido atravessado numa área limitada. Dá-se então um fluxo contínuo de excitações desde a parte da periferia até o aparelho central da mente, tal como surgiria apenas desde o *interior* do aparelho. E como esperamos que a mente reaja a essa invasão? A energia catéxica é convocada de todos os lados para fornecer catexias suficientemente altas de energia nos arredores da ruptura. Uma ‘anticatexia’ em grande escala é estabelecida, em cujo benefício todos os outros são sistemas psíquicos são empobrecidos, de maneira que as funções psíquicas remanescentes são grandemente paralisadas ou reduzidas. (FREUD, 1920, s/p).

Nesse contexto, poder-se-ia dizer que o aumento da capacidade de “catexia”, como colocado por Freud, esteja relacionado com a capacidade de excitação e a ruptura – o espaço em branco – deixado na mente. Outrossim, o sofrimento, a descarga a violenta desse sentimento, seria capaz de produzir um caráter paralisante que, assim, como o empobrecimento dos outros sistemas mentais ainda não teriam muitas explicações nas teorias de compreensão do trauma. Em suma, pode-se dizer que a neurose traumática comum teria uma relação de consequência oriunda de uma grande ruptura que foi causada pelo escudo protetor contra os estímulos da mente, atribuindo relevância ao susto e à ameaça à vida, não se atendo ao trauma gerado por um dano físico direto à mente, ao órgão, deixando sequelas físicas.

Observou-se, então, de que o trauma relacionado é aquele que foi fruto de grandes estímulos e descargas emocionais, dando ênfase ao caráter do susto. Desse modo, é definido por Freud (1920), como algo causado sem a preparação do sujeito, ou seja, a vítima, o órgão mental, não estava preparado para a ansiedade, gerando

uma baixa ou nula capacidade de preparo para receber a excitação, os estímulos no órgão que geram o trauma. Logo, volta-se aos sonhos, que são os responsáveis, segundo o autor por tentar dominar os estímulos gerados pelo susto, contribuindo para a ansiedade, que é se entende como se preparar para algo, e que ao se omitir no momento do susto, constitui uma das causas da neurose traumática.

Esse, então, pareceria ser o lugar para, pela primeira vez, admitir uma exceção à proposição de que os sonhos são realizações de desejos. Os sonhos de ansiedade [...] substituem a realização de desejo proibida pela punição adequada a ela, isto é, realizam o desejo do sentimento de culpa que é a reação ao impulso repudiado. É, porém, impossível de classificar como realizações de desejos os sonhos que estivemos debatendo e que ocorrem nas neuroses traumáticas [...] eles surgem antes em obediência à compulsão à repetição. (FREUD, 1920, s/p).

As neuroses do ego, o conflito, nas neuroses traumáticas, neuroses de guerra, neuroses causadas pelo susto, do medo da perda da vida, liberando uma quantidade de excitação incontrolável para a falta de preparação mental para a ansiedade. Há, assim, um efeito do trauma: um excesso de excitação mental ao qual não se estava preparado em circunstâncias de risco a si e a pessoas próximas, mesmo que a instância final seja a morte, o indivíduo não está preparado a ela quando se impõe sem o aviso prévio. Daí os traumas, os choques, os sustos, ao inexplicável da inexistência humana, ao passo que a violência extrema faz parte desse instinto irracional e também contribui para tantas neuroses que hoje estão buscando auxílio nas narrativas literárias. Por fim, Freud, resolve encerrar uma de suas discussões do trauma analisando a morte e a vida, já que jamais será possível restaurar o estado anterior das coisas.

### 3.3 MEMÓRIAS: INDIVIDUAL, COLETIVA E TRAUMA

Retoma-se que as narrativas que estão analisadas neste estudo são o resultado de um contexto de violência interna pelo qual passou a Colômbia, como observado no primeiro capítulo, um contexto violento que gerou sequelas aos sobreviventes. Neste capítulo, tem-se um olhar ao trauma, como foi possível observar nas reflexões iniciais, o pai da psicanálise, Freud foi essencial nesse processo de olhar para a vítima das neuroses de guerra. Como foi observado, o autor caracteriza o trauma como uma ruptura do escudo protetor do aparato psíquico, que foi causada

por estímulos – excitação – muito forte – e não pode ser assimilada pela mente, propulsionada em grande escala pelo fator do susto que gera um perigo à vida.

Percebe-se, então, o vínculo da teia da memória, a ferida, os buracos inacessíveis do inconsciente gerados pela violência e que vão se refletir no capítulo seguinte, com as narrativas que emergem do trauma. Por tal motivo, que se torna relevante pensar em uma literatura do trauma também como um ato de se solidarizar, de acolher a essas vítimas e de refletir a respeito da linguagem que emerge do trauma.

O sujeito que é vítima de uma situação violenta não estava preparado para ela. Desse modo, recebe uma quantidade de excitação que o surpreende, causando o susto. Na sequência, como observado, ocorre uma ruptura na energia do sistema neuronal que torna o trauma, como muitos dizem, “irrepresentável”. Nesse processo ele deixa de articular os traços mnemônicos, tornando inconscientes as representações que se apresentam como uma “compulsão à repetição”. Assim, é permitido por meio narrativa que parte do material psíquico que estava inconsciente se torne consciente, mas isso ocorre através de ações mecânicas causadas pelo efeito de terror na vítima. São, então, ações psíquicas que podem ser medidas pelo seu valor sobre os elementos afetivos, tonando ao mesmo tempo presente e ausente na memória em um processo latente, que é percebido por meio de uma cisão entre afeto e representação. Logo, seria resumidamente o afeto de terror, que pode se encaixar no trauma psíquico que recorre a rememoração da cena traumática de forma inconsciente.

A memória ferida é constantemente invadida por experiências inconscientes. No entanto, tais rememorações se apresentam dotadas de experiências intersubjetivas com um caráter de sentido inaceitável à consciência. Tem-se, portanto, o caráter efetivamente traumático, ou seja, a lembrança inconsciente em um processo de si sobre si mesmo. Dessa forma, observa-se o caráter inusitado que é capaz de gerar o trauma, o que Freud chamou de ataque pulsional, a memória se instaura em uma lacuna que não discerne o tempo, representada por uma imagem insistente que não permite a compreensão por palavras. Nessa elaboração de imagens que se dá involuntariamente é que se encontra o efeito catártico. Há a tentativa de a memória buscar as lembranças ausentes, às que o ego negligenciou pela relação da angústia e do sentimento gerado pela inscrição da morte, da dor, causando a ruptura e o silêncio. Do trauma, tem-se uma memória que não é possível de ser representada, pois é inteligível ao aparato psíquico, negada pelo ego.

O trauma deve ser compreendido em uma negatividade: uma violenta e brusca ausência das tópicas e das dinâmicas psíquicas, a ruptura da coerência psíquica, o desmoronamento dos processos primários e secundários. É no caráter 'negativante' na perda pelo ego de seus recursos, que compreendemos a qualidade traumática. A desorganização brutal originar-se-ia, acreditamos, não numa percepção, mas na ausência de sentido do violento excesso de excitação e do estado de desamparo do ego de representá-los para si. (BOTELLA e BOTELLA, 2002, p. 93).

A falta de representação na memória causada pelo susto, pela excitação coloca em colapso o processo representativo e mental da vítima, tem-se a inteligibilidade que o casal Botella aborda para complementar os estudos de Freud. A perda do objeto ao perigo, principalmente, da perda dessa representação ou da não-representação que gera um efeito implosivo na memória ocasionada pela angústia de uma lógica dissipada. Isso gera uma forte reação emocional por não reconhecer o estado que foi imposto ao novo "eu" à vítima, que acarreta em uma memória inacessível conscientemente, impedindo, assim, de ser também esquecido.

Em outras palavras, torna-se relevante mencionar que não importa o que a vítima fez ou faz, porque a memória está ferida, inundada de incompreensão. O que não se pode negar é que cada sujeito poderá reagir de uma forma distinta ao despreparo da mente ao susto gerado pela presença da morte. É um medo que vem de fora, como Freud (1920), o trauma é gerado por um fator externo capaz de elevar a excitação neuronal que se encontra despreparada ao sentimento da perda da vida, o susto e corroborando Jelin (2012), a ação fica silenciada na mente, mantendo ativo o sentimento de dor. Após a quebra do escudo protetor pelas excitações provindas de fora não há mais como impedir que o aparelho mental da vítima seja inundado com muitas quantidades de estímulos e não há como dominar mais tais estímulos que irromperam e conseguir vinculá-los ao eu para que possam fazer um pouco sentido novamente.

Em outras palavras, um estímulo que o sujeito não pode cessar e do qual não pode fugir causa uma 'concussão' – termo frequente na época das neuroses de guerra -, definida, em 1932, como a destruição total ou parcial do Eu e a criação, a partir dos fragmentos cindidos, de um novo Eu, mais adaptado ao estímulo disruptivo. A força relativa da excitação 'insuportável' determina o grau e a profundidade da desintegração do Eu. (DAL MOLIN, 2016, p.197).

Na abordagem anterior viu-se que, na psicanálise, Freud argumenta que a tensão que o evento gera na vítima é um dos propulsores para a memória fique

constantemente em movimento contribuindo também para o que Dal Molin (2016), colocou como a desintegração do *eu* pelo estímulo gerado do trauma na memória gerando uma divisão da consciência e que obriga o *eu* a trabalhar novamente. O sujeito inconscientemente insiste em manter a lembrança em movimento, mesmo que inconscientemente. Tem-se, então um trauma que se forma em um tempo específico, como, por exemplo, nas neuroses de guerra, pode ter sido ocasionado por um conjunto de impressões menos intensas e que, ao mesmo tempo, acometem ao indivíduo em um momento em que ele não está preparado para receber. O conflito entre o indivíduo e as experiências externas está armado na memória e ele não consegue lidar de forma linear.

É crucial, portanto, não se esquecer de que o passado não ficou para trás, mas, sim, de que ele é o presente na memória, por esse motivo mesmo que relutando em não pensar ele se faz presente. Na perspectiva de Jelin (2012), o sujeito apresenta uma memória portadora de uma obsessão em que ela luta para não recordar e evitar a dor, como Freud relacionou ao ego e o superego – o prazer e o desprazer, deixando oculta as lembranças do trauma e contribuindo para a angústia na vítima que, como já observado, ela aparece no momento do trauma e se mantém durante o processo de alinhamento do *eu*.

A angústia é, portanto, de um lado, a expectativa de um trauma, e de outro, sua repetição de forma mitigada. [...] A situação de ameaça de perda, traumática, é definida como uma situação de desamparo, ou como a 'não ligação' em decorrência de um excesso de estimulação que rompe a barreira divisória entre interno e externo e destrói a identidade do Eu. [...] o que 'afunda em desordem' o Eu é o choque e seus efeitos, dentre os quais o surgimento de angústia é um dos mais importantes. (DAL MOLIN, 2016, p. 106).

Nessa lógica, passa a ter relevância uma operação de dar sentido ao fato, ou segundo Dal Molin (2016) buscar tornar o trauma acessível, porque como ele causa um distúrbio na energia do aparelho psíquico, inundando o cérebro de impressões sem marcas que ficam no inconsciente. Portanto, mesmo tendo o trauma sido vivenciado diretamente ou a vítima sendo atingida pela perda repentina de um ente próximo, tem-se primeiro a busca pelo reconhecimento de uma ausência, que é o sintoma das manifestações do trauma. Ou seja, as vítimas e as memórias estão relacionadas a "la inquietud por algo que empuja a trabajar interpretativamente para encontrarle el sentido y las palabras que lo expresen. En la situación extrema de

ruptura y confusión, no se encuentran las palabras para expresar y representar lo sucedido”<sup>38</sup> (JELIN, 2012, p. 68). É uma busca nas lembranças por imagens que possam compreender o que aconteceu no passado.

Para Dal Molin (2016, p. 107), “o Eu, que experimentou o trauma passivamente, agora o repete ativamente em uma versão enfraquecida, na esperança de ser ele mesmo capaz de dirigir seu curso”. Daí ser essencial estudar os mecanismos do discurso da memória dos conflitos partindo de um diálogo com a psicanálise, já que não se pode esquecer que é o contexto histórico de violência que contribuiu para que muitos críticos revissem o conceito envolvendo a ficção literária e o real.

Na sequência, para contribuir com a discussão observa-se em Jelin (2012), ao elucidar o que foi observado em Freud, ela salienta que a memória do trauma desperta na vítima uma forma de evitar o desprazer porque “más que recuerdos lo que se puede vivir es un hueco, un vacío, un silencio o las huellas de ese trauma manifiestas en conductas o aun patologías actuales (y, las menos de las veces, un simple ‘olvido’)<sup>39</sup> (JELIN, 2012, p. 66). Ainda se pode incluir Riccouer (2007) corroborando os autores supracitados de que a apresenta como uma memória evasiva, que reflete uma tentativa de não recordar o que pode ferir. Como será observado nas obras analisadas, o trauma é o reflexo dessa memória é o que ocorre em grandes períodos históricos posteriores a catástrofes sociais, massacres e genocídios, que acabam gerando essas feridas na memória e um descompasso entre a vontade de lembrar e a de esquecer, além da vontade de não querer saber o que a memória sabe, de fugir das lembranças para tentar seguir a vida e, por isso, muitos acionam o silêncio como um diálogo com o esquecimento.

Não obstante, se destaca que os silêncios não são somente impostos pelas repressões de períodos violentos, mas são frutos de um trauma que gera a inconsciência inundada por estímulo de dor. Jelin acrescenta que “hay la voluntad de silencio, de no contar o transmitir, de guardar las huellas encerradas en espacios

---

<sup>38</sup> “A inquietação por algo que impulsiona a trabalhar interpretativamente para encontrar o sentido e as palavras que o expressem. Na situação extrema de ruptura e confissão, não se encontram as palavras para expressar e representar o acontecido.” (JELIN, 2012, p. 68)

<sup>39</sup> “Mais que lembranças, o que se pode viver é um oco, um vazio, um silêncio ou as marcas desse trauma manifestas nas condutas ou ainda nas patologias atuais.” (JELIN, 2012, p. 66)



inaccesibles, para cuidar a los otros, como expresión del deseo de no herir ni transmitir sufrimientos”<sup>40</sup> (2012, p. 64).

Pelo que já foi dito até agora, não se pode negar o fato de que a memória ferida está vinculada com experiências passadas que reaparecem de diversas maneiras e em distintos momentos, mas que não podem ser integradas narrativamente de uma forma completamente lógica, já que não é possível atribuir sentido imediato a essa memória ferida. Os acontecimentos traumáticos geram labirintos à capacidade narrativa, ‘espaços ocios’, como apresenta Jelin, na memória. Há uma impossibilidade de dar sentido ao acontecimento passado, mas, principalmente, a impossibilidade de incorporá-lo narrativamente, coexistindo e repetindo-se de forma persistente, indicando o trauma. Tem-se, com isso, a presença de uma ausência, que é a representação de algo que estava e já não está mais, apagada, silenciada ou negada, não é, simplesmente, ausência ou vazio à memória (JELIN, 2012).

O fatídico é que quase sempre a memória ferida – que sobrevive – está vinculado ao trabalho de luto, a algo que além do apresentado por Freud, da negação e da inferioridade, está vinculado ao trabalho de elaboração mental para sair da repetição compulsiva, como Gagnebin (2018) coloca para se chegar à rememoração, que é uma memória ativa que transforma o presente. A vítima está sempre em luta psíquica no qual o presente é o passado que não se compreende e a ausência do futuro. Para se estabelecer uma analogia entre os tempos é necessário, como observado nos estudos da psicanálise de Freud, que a vítima adquira coragem e força encarar as manifestações da doença do trauma, não podendo ser motivo de vergonha, que é mais um fator de agrave ao problema.

Além disso, a vítima é acometida pelo luto e/ou pela melancolia. Em Gagnebin (2018), observa-se que a saída com a rememoração está vinculada também a esses dois processos para se vincular ao sentimento do eu e religar – reencontrar o *eu*, que segundo Dal Molin (2016), é alterado com o trauma e gera uma fixação no sistema perceptivo ao trauma e ao crescimento do sentimento de angústia, seja até as repetições em sonhos que contribuem para a fixação como os estímulo à compulsão à repetição, inundando a capacidade de perda do eu a sentimentos de esvaziamento pessoal por se tratar de uma perda.

---

<sup>40</sup> “Há vontade de silenciar, de não contar ou transmitir, de manter os traços trancados em espaços inacessíveis, de cuidar dos outros, como expressão do desejo de não magoar nem transmitir sofrimento.” (JELIN, p. 64).

Na compleição melancólica, esse sentimento é o de desvalorização, de empobrecimento, de esvaziamento: enquanto, no luto, é o mundo que se torna vazio devida à ausência da pessoa amada, na melancolia é o próprio eu que se esvazia, que não tem mais força de se recompor, de viver novamente. Ainda segundo Freud, as críticas que o sujeito melancólico endereça a si mesmo, suas incessantes queixas contra si são, no fundo, acusações contra o objeto perdido e amado (GAGNEBIN, 2018, p. 105).

Ora, o traumático, seja enlutado ou melancólico, é caracterizado pelo “choque”, pela perturbação mental erada pelo excesso de realidade indesejada que o pega de forma desamparada e passiva à situação de enfretamento à morte, mesmo que seja a única certeza do ser humano, quando é de forma abrupta e violenta ele não está preparado, seja um atentado a si ou a alguém muito próximo, a vítima nunca está preparada e quando vivencia a sequela primeira é uma desconexão dos neurônios cerebrais que não conseguem mais ou por um longo tempo atribuírem lógica às cenas projetadas na memória e, por isso, que com o passar do tempo as palavras que são indizíveis passam a se tornarem auxiliares no processo de rememoração e contorno do luto e, ou, da melancolia. E, que, no final, a fixação possa tornar um pouco menos abstrata com a escrita o vazio gerado com a ausência da perda.

Em suma, o sujeito tenta sair da passividade pondo o trauma em funcionamento, como o faz é individual, tenta experimentar a cena, explorá-la quando consegue, para se conectar através das sensações do ambiente proporcionadas pela memória, busca ativá-la, pensar e, segundo Seligmann-Silva (2003), narrar ou escrever está relacionado com a tentativa de se libertar do trauma e tentar dar um sentido às lembranças feridas, reconectando-as. Já que o passado, nas palavras de Jelin (2012), cobra esse sentido para se vincular ao estado do presente em ato de rememorar e esquecer. Em outras palavras, é se ter um passado que se ativa e se elabora no presente, por isso ele é subjetivo, ainda mais quando ele possui o vínculo com o sofrimento e a importância de comunicá-lo.

A rememoração é o reflexo de uma busca aos acontecimentos passados e da ligação do sujeito com esse passado e com o ser amado perdido. Tem-se a compulsão à repetição e a impossibilidade de se separar do ente querido que foi perdido no espaço – seja mental ou físico. Não há a distância com o passado, a dor e a ausência o fazem sempre presente, porque não se volta à cena com facilidade, mas se volta por um propósito seja o terapêutico ou por justiça ou por acolhimento ao ente querido.

Em outras palavras, é inquestionável que a liberdade da memória é interrompida com o trauma. Ao se buscar rememorar para torná-la consciente, a tarefa passa ser a de evocação e de controle das lembranças, na tentativa de atribuir sentido ao que está sendo imposto à vítima, porque a experiência traumática continuamente se impõe ao sujeito, mesmo em sonho, como já dito, fazendo com que ele adquira uma fixação pelo momento do trauma. A vítima não recorda a totalidade dos fatos:

Os pacientes repetem na transferência todas essas situações indesejadas e emoções penosas, revivendo-as com a maior engenhosidade. [...] São repetidas sob a pressão de uma compulsão (FREUD, 1998, p. 25-27).

A situação se impõe à vítima, e é aí que a repetição se torna uma insistência diretamente ligada ao instinto, na tentativa de “restaurar um estado anterior de coisas, todos os instintos tendem à restauração de um estado anterior de coisas” (FREUD, 1998, p. 48). É na repetição das experiências desagradáveis está que se tem relacionado o instinto e é por isso que foge da razão lógica do real. Pode-se dizer que cada experiência repetida fornece uma nova imagem do fato na busca por uma aprovação. O impulso da lembrança faz com que o sujeito agregue ao ocorrido as experiências que o cercam, contribuindo à sujeição da memória do acontecimento as interferências do presente sobre o fato passado. Em outras palavras, pode também ser difícil compreender, mas importante mencionar, que essa retenção do trauma é uma forma de manter ativa a lembrança:

O instinto reprimido nunca deixa de esforçar-se em busca da satisfação completa. [...] O caminho para trás que conduz à satisfação completa acha-se, via de regra, obstruído pelas resistências que mantêm as repressões, de maneira que não há alternativa senão avançar na direção em que o crescimento ainda se acha livre, embora sem perspectiva de levar o processo a uma conclusão ou ser capaz de atingir o objetivo (FREUD, 1998, p. 54-55).

Resta acrescentar que tal desígnio da insistência é superar a morte, a ausência, quando se pensa nos contextos das guerrilhas, que é vista como algo que não é aceito pela condição humana e que foge de qualquer tentativa de compreensão. Da dor relacionada à morte, tem-se o tempo de luto, que, como já observado, é distinto da melancolia, pois, além de apresentar algumas características do anterior, também o sujeito sofre com a perda da autoestima em que o ego fica debilitado. No contexto relacionado às mortes das guerrilhas, permanece a memória que é atingida pelo trauma e pelo efeito do luto:

O luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante. [...] O luto profundo, a reação à perda de alguém que se ama, encerra o mesmo estado de espírito penoso, a mesma perda de interesse pelo mundo externo – na medida em que este não evoca esse alguém –, a mesma perda da capacidade de adotar um novo objeto de amor (o que significaria substituí-lo) e o mesmo afastamento de toda e qualquer atividade que não esteja ligada a pensamentos sobre ele. [...] Parece-nos também uma comparação adequada chamar a disposição para o luto de ‘dolorosa’ (FREUD, 2010, p. 01).

O trabalho de luto, então, exige um tempo para que possa ser compreendido, e o sujeito consiga adequar a sua vida com a falta que lhe foi imposta. Tendo em vista que “o objeto amado não existe mais. [...] O mundo se torna pobre e vazio” (FREUD, 2010, p. 03). Do luto perde-se a compreensão do mundo e da melancolia perde-se o eu. A experiência traumática, em relação a essa ausência, ativa o conflito do prazer e do desprazer, que segundo Dal Molin (2016), é uma percepção de uma pulsão não satisfeita, de percepções desagradáveis em si mesmas ou de percepções que desencadeiam expectativas não prazerosas porque são reconhecidas como perigo. O sofrimento, então, que atua na memória ferida e libera sentimentos intensos em uma busca, novamente, pela paz e pelo *eu* perdidos em um vazio.

### 3.4 A NECESSIDADE DA NARRATIVA

Não se pode falar – escrever – de violência e de trauma – sem mencionar as sequelas e a reparação necessária, que é perceptível em muitas obras literárias atuais, mas o ponto central é Levi, sobrevivente do Holocausto, mesmo que o embasamento seja o contexto de violência na Colômbia, violência é violência em qualquer região e trauma, como o abordado anterior apresenta as sequelas ocultas e inconscientes à memória ferida.

É importante ter em mente que a vítima do trauma até o momento mais representativo é Levi, e é quem busca na narrativa uma aliada, já que através da repetição e da literalidade ele consegue lidar com a reapropriação da própria história que se manteve inconsciente – não se inscreveu – na memória. Para tanto, ele busca, com a narrativa, na necessidade de narrar e escrever uma forma de se libertar da compulsão à repetição, das vivências excessivas da memória e tentar ordená-las e

que fará ainda mais sentido se tiver alguém para lê-las ou ouvi-las. (SELIGMANN-SILVA, 2003). É, por fim, em linhas gerais, também uma consequência do trauma, nas palavras de Dal Molin (2016), a luta constante do *eu* contra o mundo externo e uma luta do *eu* consigo mesmo.

É, em outras palavras, o que Jelin (2012) também recorda de que a vítima quer encontrar em outros uma capacidade de escutar e que é central nesse processo de superação do trauma. No entanto, a autora chama a atenção ao medo de não ser compreendido que o faz esperar e ficar em silêncio. Encontrar no outro a vontade de escutar é necessária muito mais do que a de falar, para o sujeito vítima possa narrar o sofrimento e não ser julgado.

Sobre esse ponto, é importante mencionar que se está diante de uma vítima do trauma, de que a memória está ferida, de que o passado está se impondo ao presente com rupturas. Essas rupturas, os espaços vazios – negados pelo ego – envolvem a vítima em uma rotina diferente – compulsiva – que a joga, movida pelos afetos e sentimentos da perda, em busca de reflexão ao sentido que é “tentado” pela narrativa.

El acontecimiento rememorado o ‘memorable’ será entonces expresado en una forma narrativa, convirtiéndose en la manera en que el sujeto construye un sentido del pasado, una memoria que se expresa en un relato comunicable, con un mínimo de coherencia (JELIN, 2012, p. 60).

O passado ausente cobra sentido insistente na memória, e é na narrativa, como observado no relato de Levi, em Seligmann-Silva e em Jelin, que ele busca acolhimento ou nexos ao que se mantém imposto. É um compromisso novo entre o passado e o presente, entre o que é permitido e os silêncios da memória, entre as pausas negadas e as vazias, entre o ouvir e o escutar, é uma nova narrativa para se reconstruir a memória e que se chega ao testemunho:

Sem a vontade de escutar, sem o desejo de também portar aquele testemunho que se escuta, não existe o testemunho. O dialogismo do testemunho o transporta para o campo da pragmática do testemunho. [...] Todo testemunho é único e insubstituível. [...] O testemunho desafia a linguagem e o ouvinte. Sabemos que a fragmentação do real, o colapso do testemunho do mundo, como vimos, emperra sua passagem e tradução para o simbólico. [...] esta singularidade absoluta do testemunho barra-se a possibilidade da sua repetição e sinapse com o simbólico, sempre assombrado pela possibilidade da sua ficcionalização (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 81-82).

Entretanto, não é ouvida a história real, mas os fatos elaborados pela lembrança trabalhada na memória que é o real do trauma. Cabe enfatizar que: “nunca haverá coincidência entre discurso e “fato”, uma vez que a nossa visão de mundo sempre determinará nossos discursos e a reconstrução da história” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p.17). Os testemunhos estão vinculados a um real relacionado a uma ferida que necessita de tempo e cuidado para chegar a um possível alívio da dor. Entretanto

las heridas de la memoria [...] que tantas dificultades tienen en constituir su sentido y armar su narrativa. Son las situaciones en las que la represión y la disociación actúan como mecanismos psíquicos que provocan interrupciones y huecos traumáticos son “trágicamente solitarias”, mientras que las memorias narrativas son construcciones sociales comunicables a otros. [...] En todo esto, el olvido y el silencio ocupan un lugar central. Toda narrativa del pasado implica una selección. La memoria es selectiva; la memoria total es imposible<sup>41</sup> (JELIN, 2012, p. 62).

Assim, resta mencionar que se está “pesando o ‘real’ a partir de uma participação/imersão ativa dos sujeitos de conhecimento no processo histórico, também cai por terra a ilusão da objetividade do discurso dito científico” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 10). Percebe-se que, quando a narrativa do trauma ocorre, o sujeito afetado (re)descobre, processa e (re)lembra de forma não-linear o que vivenciou. Logo, é uma história subjetiva. Ou seja, é uma lembrança que acontece gradativamente:

implica poder olvidar y transformar los afectos y sentimientos, quebrando la fijación en el otro y en el dolor, aceptando “la satisfacción que comporta el permanecer con vida”. Hay un tiempo de duelo, y “el trabajo de duelo se revela costosamente como ejercicio liberador en la medida en que consiste en un trabajo de recuerdo”. [...] Implica un pasaje trabajoso para la subjetividad: la toma de distancia del pasado, “aprender a recordar”<sup>42</sup> (JELIN, 2012, p. 49-50).

---

<sup>41</sup> “As feridas da memória [...] que tantas dificuldades têm em construir o seu sentido e armar a sua narrativa. São as situações nas quais a repressão e a dissociação atuam como mecanismos psíquicos que comprovam interrupções e buracos traumáticos são “tragicamente solitárias”, enquanto que as memórias são construções sociais comunicáveis a outros. [...] Em todo isso, o esquecimento e o silêncio ocupam um lugar central. Toda narrativa do passado implica uma seleção. A memória é seletiva; a memória total é impossível. ” (JELIN, 2012, p. 60)

<sup>42</sup> “Implica poder esquecer e transformar os afetos e sentimentos, quebrando a fixação no outro e na dor, aceitando “a satisfação que comporta o permanecer com vida”. Existe um tempo de luto, e “o trabalho de luto se revela custosamente como exercício libertador na medida em que consiste um trabalho de lembrança”. [...] Implica uma passagem trabalhosa para a subjetividade: pegar distância do passado, “aprender a recordar”. (JELIN, 2012, p. 49-50).

Em resumo, tem-se a necessidade de recordar que a linguagem verbal pode não ser suficiente para expressar o vivido, então é possível que o sujeito afetado apresente uma fala restrita ou que se recolha no silêncio e mesmo no esquecimento, como tentativa de negação do fato traumático: “o testemunho de certo modo só existe sob o signo de seu colapso e de sua impossibilidade” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 47). Entretanto, a narrativa engloba o vínculo de um sujeito plural produzido pela subjetividade do testemunho: “se tem a constituição do sujeito [...] que se configura ao se outorgar a vocação de ser o órgão da voz dos excluídos. [...] Eu falo pelo povo ou o povo fala através de mim. [...] A formação de uma subjetividade coletiva do testemunho” (PENNA, 2003, p. 315 – 316)”.

Ao pensar sobre essas questões, que estão baseadas no entendimento de trauma, é possível deparar com a dificuldade do embate ideológico sobre o evento e a lembrança dolorosa que busca auxílio na imaginação, que, segundo Schegel (apud SELIGMANN-SILVA, 2003), está no centro do entendimento do sujeito. Um confronto difícil com o passado, em que lembrar dói, é esfacelado, obscuro e não-linear. Ainda como é colocado por Freud em *Luto e melancolia*, que esse *eu* fruto do trauma o coloca constantemente uma parte do seu *eu* contra a outra, é a luta da consciência, como dito anteriormente, por Dal Molin, a luta do eu com o externo e consigo mesmo.

Como observado, dificilmente alguém está preparado para a aproximação do perigo, do choque, que gera o trauma e por isso que a memória se torna esfacelada e a tentativa de narrar os fatos, buscando um auxílio nas palavras, que nunca foi uma novidade, já que segundo Gagnebin (2018), as palavras sempre estiveram vinculadas de modo inseparável com a morte, a memória e a escrita, como pode ser observado na inscrições funerárias dos primeiros rastros dos signos escritos como um forma de tentar atribuir significado a uma ausência e permitir o trabalho de luto.

Ademais, tanto a escrita funerária e os traços da memória, partiram de uma ausência da qual não seria possível evitar os espaços de incompreensão do cérebro humano, sendo uma fragilidade que vem, conforme Gagnebin (2018), que ao parafrasear Platão, salienta que as palavras remetem as “coisas” e, assim, assinalam igualmente a sua ausência, sendo, então, como assinalado pelo filósofo clássico grego, os signos escritos uma cópia de coisas, da narrativa da memória do trauma tem-se uma palavra que vem de ausência dupla: a palavra pronunciada e a presença do “objeto real” que ele significa, dificultando, assim, ainda mais o processo de compreensão da memória ferida.

Tanto a memória quanto a escrita tornam-se frágeis nesse processo e essenciais para o eu que luta com ausência do trauma acometido e o esquecimento da memória e da perda real que gera uma impossibilidade para a linguagem cotidiana de assimilar esse trauma, nas palavras da autora ao se basear em Freud, isso ocorre porque o trauma fere, separa, corta ao sujeito o acesso simbólico, em particular à linguagem. Dessa forma, para compreender um pouco melhor, segundo Dal Molin (2016), a linguagem serviria como um substituto à ação e capaz de proporcionar uma ab-reação do afeto despertado pela experiência, ou como o autor coloca, a linguagem seria um desinvestimento da carga afetiva forte na lembrança.

Não seria a experiência, mas sua lembrança, que geraria afeto desagradáveis. A prova apresentada em “Comunicação Preliminar” para embasar uma presunção como essa foi de natureza prática. Quando os pacientes tinham sucesso em relatar com a maior riqueza de detalhes a experiência que tivera efeito traumático, trazendo à tona a lembrança carregada dos afetos que a ela estavam ligados, os sintomas – escreveram – desapareciam imediatamente e permanentemente. Após a famosa afirmação de 1893 sobre do que sofrem os histéricos, e da prova heurística da rememoração e do relato como tendo um efeito terapêutico. [...] O afeto ligado à lembrança pode deixar de ser desagradável – ou torná-lo menos desagradável. [...] Mas a linguagem serve como um substituto à ação; com sua ajuda, um afeto pode ser ‘ab-reagido’ quase com a mesma eficácia. (DAL MOLIN, 2016, p. 35 e 36).

Sendo assim, a linguagem, quando acessível e em um tempo permitido, é um auxílio para se compreender melhor a perda da experiência do eu. É através de uma luta entre a narrativa, a lembrança, a memória e o medo de essa ausência que mantém o trauma presente na vida da vítima, pondo-o em uma confusão mental e um sentimento de angústia e vazio.

O trauma é aquilo contra o qual o indivíduo não possui defesa organizada, de maneira que um estado de confusão sobrevém seguido talvez por uma reorganização de defesas de um tipo mais primitivo do que as que eram suficientemente boas antes da ocorrência do trauma. (DAL MOLIN, 2016, p. XVII).

É, então, do estado de confusão mental que a narrativa se impõe como forma de auxílio à desorganização e à estruturação dos espaços vazios da memória que necessitam também de um tempo que é o tempo do trauma. Segundo Dal Molin (2016), é um tempo de agonia, de um testemunho ainda não representável ou uma junção dos dois - a agonia do irrepresentável - que ainda pode inviabilizar o tempo de abertura a uma esperança renovadora gerando o estado de desesperança que vai à



melancolia e quanto ao testemunho se torna irrepresentável em sua totalidade e é por isso que o autor também coloca a escrita como um auxílio ao processo da memória do trauma e do testemunho que valoriza a urgência da dor em seus diferentes aspectos.

Pode-se dizer que, nesses casos, as fronteiras entre a realidade e a ficção ficam muito tênues, já que a partir do trauma os efeitos reais e ficcionais parecem se igualar. É evidente que a escrita literária pode também ser tomada como uma das formas possíveis de elaboração de traumas em seus efeitos coletivos e mais propriamente individuais. Vivemos e sofremos um período histórico em que os traumas são predominantemente produtos humanos, muito mais do que advindos da força da natureza, como já foram em outros momentos da história. (DAL MOLIN, 2016, p. XVIII).

A predominância da ação do homem como oriunda do trauma ficou nítida com a abordagem do primeiro capítulo desta tese, vinculando, então, à violência em geral, desde a era das catástrofes, das guerrilhas, genocídios à contemporânea. No entanto, o que todas têm comum é a sequela do trauma, da memória ferida, a vida em perigo e a narrativa que impossibilita que a experiência seja posta no papel imediatamente após tê-la vivenciado, pois elas necessitam de um tempo para que sejam processadas e capaz de serem lembradas além do instinto da compulsão à repetição e, então, reconectadas ou não, na memória ferida.

### 3.4.1 A quem é necessária essa narrativa?

Interessa por agora refletir um pouco a respeito de quem é esse sujeito testemunha, ou melhor, a quem pertence essa narrativa que emerge na literatura hispano-americana. Como já observado, o contexto de violência gerou muitas sequelas aos seus sobreviventes e que a memória apresenta uma ferida traumática que busca auxílio na narrativa como uma forma de tentar conectar as imagens do irrepresentável em uma memória, por vezes, insistente, resistente a lembranças que geram a dor do trauma. Dentre os diferentes países que sofrem com os períodos de lutas políticas e conflitos internos, muitas obras literárias começaram a surgir, como já mencionado com a literatura de *testimonio*, por exemplo.

No paradigma entre literatura e denúncia social, o que é inegável é a necessidade da narrativa nesse contexto assim como compartilhar o “real” do trauma,

porque as histórias são contadas por um tempo de ausências, dor, luto, melancolia, silêncio e tragédias, misturados aos diferentes sentimentos do presente com relação ao passado – que não passa. Nesse sentido, pode-se dizer que a literatura tem ajudado a atribuir um pouco de sentido ao que se demonstra incompreensível à memória, e é, na grande maioria das vezes, esse o sujeito testemunha. Ou seja, alguém que perdeu um ente querido de forma repentina e trágica ou que vivenciou e experienciou as sequelas da violência no país. Tem-se, assim, um sujeito portador de uma ausência - que são as vidas perdidas com a violência e/ou os espaços deixados na memória pelo trauma da violência - que o tornam próprios de uma memória inquieta e que necessita contar para conectar os espaços vazios deixados pelo trauma.

É, portanto, possível mencionar que o sujeito testemunha apresenta uma busca pelo reconhecimento de uma ausência que é dada como sintoma de um trauma. Segundo Jelin (2012), é o sentimento de inquietude por alguma coisa que coloca a memória a trabalhar de modo interpretativo incansavelmente em busca de encontrar o sentido e as palavras para expressarem essa lembrança. Em uma situação extrema de ruptura e de confusão não se encontram as palavras que sejam capazes de expressarem o que ocorreu no evento traumático. É um sujeito que busca constantemente nas lembranças as imagens que possam representar um passado até então irrepresentável. Assim, é bem possível que a literatura de teor testemunhal apresente um testemunho do evento traumático. No entanto, o foco não está no caráter de denúncia ou de apelo mercadológico atribuído às obras que abordam a violência, mas, sim, à necessidade de atribuir sentido à memória do trauma. Por isso, pensa-se primeiro na capacidade de conseguir verbalizar o fato para, depois, querer comprová-lo, e verificar o quanto de real que se possui em um relato. Lembra-se que, o “real” apresentado na narrativa, é o “real” do trauma, o qual parte de uma memória do luto – melancólica - que está na linha do irrepresentável em palavras e, que nada mais são do que uma forma de visualizar os espaços vazios da memória.

### 3.5 A LINGUAGEM DA MEMÓRIA DO TRAUMA

Ao se mencionar o testemunho no contexto hispano-americano, não se pode esquecer de que ele emerge de um trauma e de que é fruto do sintoma primeiro da memória ferida, como já comentado no capítulo da memória do trauma. Logo, o teor testemunhal é a consequência da necessidade da narrativa como uma forma de

atribuir sentido a uma memória compulsiva, a que se se impõe com a sua incompreensibilidade ao sujeito que sofreu com o episódio da perda. Assim, faz-se relevante mencionar que, mesmos em diferentes períodos, a grande maioria das obras desse contexto emergiram de um período de luto, de perdas, de dor, de situações violentas que se apresentaram de forma inesperada e atingiram não só o individual, mas também o coletivo de um povo, por isso que, como veremos, a memória da trauma, também possui a interferência da memória coletiva.

O tempo de luto, de dor, de ausência, geram determinadas dificuldades para se contar e verbalizar o que se impõe na memória. No entanto, ela revive constantemente aquele episódio que gerou o trauma em uma tentativa de reviver e dar sentido ao passado que faz parte do presente. Assim, a rotina passa a ser a de atribuir sentido ao novo tempo presente e querer constantemente compreender a ausência imposta pela situação de violência. A memória da vítima, e não se está sendo referido aqui somente à vítima que sofreu diretamente com a violência como àquelas que vivenciaram a situação da perda individual e ou coletiva. Do contexto emerge uma memória extremamente inquieta, que se põe a trabalhar em um processo de repetição compulsiva para tentar encontrar ou atribuir um sentido e palavras que consigam expressar o que não é possível de ser dito ou verbalizado, mas que segue sempre e impondo. A dor da ausência jamais será possível de ser verbalizada, muito menos a incompressibilidade de tudo o que é imposto à vítima.

Retoma-se, então, que quando o sujeito que compartilha a sua história, ou seja, que antes dava o testemunho, e agora apresenta o teor testemunhal, ele parte de uma necessidade da memória. Portanto, não há como desvincular os dois – memória e testemunho/narrativa, pois a memória busca as palavras enquanto uma forma de auxílio ao incompreensível. Nesse contexto, é relevante refletir um pouco a respeito de alguns termos como a lembrança e a rememoração, a memória individual e a coletiva, além da histórica.

Hoje, ainda se fala tanto em memória, porque ela está presente nas sequelas da violência, que ainda não fazem parte do passado, infelizmente. As narrativas fornecem uma memória de um passado diferente, muitas vezes, do registro histórico. O que não é novidade, já que a literatura permite a subjetividade na narrativa. A verdade do passado, muitas vezes, apresenta-se distinta nas duas áreas, pois o objetivo do qual emerge a história dita oficial, resumidamente, é o de registrar os fatos enquanto que as obras literárias se encontram como um auxílio a uma memória ferida,

que conta com diferentes influências – seja do trauma ou do coletivo, por isso que se diz teor testemunhal.

O relevante, não é o real, a comprovação do que está sendo dito, mas a importância que passa a ter para a vítima de verbalizar as sequelas da violência. Assim, é relevante pensar na História, em suas implicações, e, com isso, chegar às inúmeras representações de um evento limite que gera na memória um teor testemunhal, que, nesse caso, no contexto hispano-americano, nas obras que emergem como fruto e marcas das catástrofes dos séculos XIX e XX. Assim, o destaque é a memória do luto, que é verbalizada e registrada nas obras que emergem do contexto.

Ricoeur (2007) faz referência à memória como sendo o que há de melhor para representar o que aconteceu, para significar o fato, antes mesmo de se lembrar dele. É o testemunho o fator de transição entre a memória e a história. Outra visão é a apresentada por Penna (2003), em que o testemunho é capaz de fornecer um poder de transformação de uma nação, de um povo, mas que não será definitivo. Jacques Le Goff (2013), coloca que essa relação que vem da história vivida, da natural e da objetiva forneceu uma evolução da própria ciência histórica no interior do desenvolvimento histórico global, uma vez que os historiadores se interessam pela relação estabelecida entre a história e a memória.

Anteriormente, neste texto, já foi abordado que a narrativa de teor testemunhal parte de um trauma, que em sua grande maioria, está relacionado aos conflitos internos, que envolvem os genocídios, holocausto, ditaduras, enfim, conforme Hobsbawm (1995), parte da era da barbárie, mas com um olhar subjetivo desse período e que pode ainda dialogar ou, até mesmo, contradizer o discurso oficial da História. Jelin (2012), coloca o testemunho como uma forma de construção de memórias que acaba implicando em um processo de multiplicação de diferentes vozes e, com isso, gera a circulação não somente de diferentes verdades, como também de silêncios e de “coisas” não ditas.

Dessa forma, tem-se nisso – nos silêncios e não que não é dito – a expressão dos ecos do trauma nesse contexto. A autora ainda auxilia nesse processo de compreensão da narrativa do trauma quando a coloca como uma sequela de um passado que ainda está presente por ser um passado recente, que é composto por processos sociais, dos quais ainda se precisa compreendê-los.

A literatura e a história vão se entrecruzando nos registros das palavras. No entanto, uma aborda a lembrança e a imaginação do que pode ou não ser comprovada, mas que esse não é o foco, já a outra aborda o que se presume que parta de registro oficiais. Como o foco, agora, é refletir um pouco a respeito dessa relação, é importante recordar quem é esse sujeito que conta ou compartilha uma memória de um passado ainda recente e, que, em muitos casos, vai fornecer um registro narrativo oposto ao conhecido pela história oficial por partir de um sobrevivente ou de uma sociedade que sobreviveu a um período de conflito, de violência e que possui uma memória que precisa ser compartilhada e que se manteve silenciada por diferentes motivos, desde políticos a patológicos.

lo que antes se interpretaba como represión o aun eliminación de los “perdedores” de las batallas políticas, fue tornándose unas décadas después en un sentido común que lo interpreta como “violaciones de los derechos humanos”. [...] en un momento posterior de la historia – el proyecto o el activismo de ese sujeto cuya integridad ha sido afectada por el accionar del otro – el violador, el perpetrador. No importa lo que la víctima hizo. Su accionar, sea en un sentido político o en un sentido afectivo, queda silenciado. Se plantea aquí la cuestión de la relación entre las memorias y los derechos humanos<sup>43</sup> (JELIN, 2012, p. 15).

A história narrada pelas vítimas dos conflitos internos foi ganhando espaço no contexto-hispano americano, a necessidade de atribuir um tempo à memória, que vem também de um diálogo entre passado e presente, segundo Le Goff (2013), ou ainda entre presente e passado, uma relação que é neutra. Há um interesse renascendo pelo evento, uma nova ideia de a história dos homens em sociedade, entrecruza ainda mais o teor testemunhal e a necessidade da narrativa ainda mais com a História:

A história começou como um relato, a narração daquele que pode dizer “Eu vi, senti”. Esse aspecto da história – relato, da história –testemunho, jamais deixou de estar presente no desenvolvimento da ciência histórica. Paradoxalmente, hoje se assiste à crítica desse tipo de história, devido à vontade de colocar a explicação no lugar da narração. (LE GOFF, 2013, p. 11).

---

<sup>43</sup> “O que antes se interpretava como repressão ou mesmo eliminação dos “perdedores” das batalhas políticas, foi tornar-se umas décadas depois um sentido comum que se interpreta como “violações dos direitos humanos”. [...] Em um momento posterior da história – o projeto ou ativismo desse sujeito cuja integridade foi afetada pela ação do outro – o violador, o perpetrador. Não importa o que a vítima fez. Sua ação, seja em um sentido político ou em um sentido afetivo, fica silenciada. Planta-se aqui a questão da relação entre as memórias e os direitos humanos.” (JELIN, 2012, p. 15).

O testemunho e a história sempre estiveram vinculados. A necessidade da narrativa acabou sofrendo alterações, pois o que antes era um relato comprovado por documentos agora é pertencente a uma memória. Assim, busca esclarecer que esse testemunho que se encontra nas narrativas hispano-americanas vem de um sujeito portador de uma lembrança inquieta que foi fruto de um contexto de violência. Ademais, a o registro histórico não se dedica as experiências narrativas desses sujeitos, já que elas partem do que é possível narrar e se lembrar. Aqui, na estética, a lembrança possui um papel de extrema relevância:

A lembrança como aparecendo, passivamente no limite, a ponto de caracterizar sua vinda ao espírito como afecção – *pathos* –, de outro lado, a lembrança como objeto de uma busca geralmente denominada recordação. [...] Lembrar-se é ter uma lembrança ou ir em busca de uma lembrança. [...] Enquanto isso, a interferência da pragmática da memória, em virtude da qual lembrar-se é fazer alguma coisa, exerce um efeito de confusão sobre toda a problemática veritativa (ou veridictiva): possibilidades de engano inserem-se inelutavelmente nos recursos dos usos e abusos da memória apreendida em seu eixo pragmático (RICOEUR, 2007, p. 24).

Dessa forma, a lembrança é uma forma constituinte da narrativa, já que ela está vinculada ao evento limite de representação, ao passado que se matem presente na memória do sujeito e talvez não esteja apresentando a mesma percepção do relato Histórico. Nesse momento se faz a crítica como comentado por Le Goff, da necessidade de que muitos estão querendo explicar essa narrativa, que na verdade não necessita de explicação, mas de acolhimento à memória da vítima. Segundo Ricouer (2007), essa lembrança só existe porque em um dado momento alguém a vivenciou, a experienciou. É uma lembrança que suscitou reflexão dos fatos, é a memória de si mesmo, subjetiva. Por isso que se tem na lembrança traços diferentes das do discurso histórico conhecido o oficial, a lembrança se mantém ativa na memória da vítima e busca constantemente espaços e formas de pertencimentos:

A menudo, sin embargo, pasados que parecían olvidados “definitivamente” reaparecen y cobran nueva vigencia a partir de cambios en los marcos culturales y sociales que impulsan a revisar y dar nuevo sentido a huellas y restos, a los que no se les había dado ningún significado durante décadas o siglos. Las borraduras y olvidos pueden también ser producto de una voluntad o política de olvido y silencio por parte de actores que elaboran estrategias para ocultar y destruir pruebas y rastros, impidiendo así recuperaciones de memorias en el futuro. [...] hay un acto político voluntario de destrucción de pruebas y huellas, con el fin de promover olvidos selectivos a partir de la eliminación de pruebas documentales. Sin embargo, los recuerdos y memorias de protagonistas y testigos no pueden ser manipulados de la

misma manera, excepto a través de su exterminio físico<sup>44</sup> (JELIN, 2012, p. 62-63).

O tempo na narrativa e na concepção histórica exige uma abordagem que não se acomoda e que sofre, sim, com as interferências do presente sobre a concepção do passado. Em especial, no contexto hispano-americano as inúmeras lutas políticas, os conflitos de interesses influenciaram no acesso à informação e à publicação de determinados grupos sociais. As palavras nem sempre circulavam ou eram pronunciadas e registradas livremente. Logo, tem-se na estética uma forma de auxílio a essa memória que possui uma lembrança limite à representação que está sendo compartilhada entre os diferentes sujeitos que vivenciaram o trauma, com um olhar diferente de o registro histórico.

É inegável que o ato de narrar sofre as influências da concepção da memória que reflete sobre o evento, como também do politicamente permitido de ser veiculado assim como das influências do sentimento pessoal a respeito do evento e da concepção de justiça e das interferências coletivas. A narrativa, assim, é o contraponto de o que é permitido de ser realizado pelo historiador.

A memória do conflito logicamente é diferente da fornecida e comprovado pelo historiador. O registro histórico se baseia em documentos oficiais. No entanto, Le Goff (2013) já salienta que se tem uma história de representações, que abre espaço à história da memória, à história da imagem gerada e registrada por ela, proporcionando diferentes realidades históricas que acabaram negligenciadas por um longo período de tempo, englobando, então, o literário e o artístico, nessa concepção. Nesse sentido, o fator que o autor acrescenta com destaque é que ao se confrontar essa ideologia histórica é que o relevante a ser levado em consideração atualmente é o de que se está diante de um fator social da história, olha-se para a história social, não ao evento como sendo estático, mas a parte técnica do registro histórico sempre está em disputa com a narrativa estética.

---

<sup>44</sup> “Frequentemente, contudo, passados que pareciam esquecidos “definitivamente” reapareceram e cobram nova vigência a partir de mudanças nos marcos culturais e sociais que impulsionam a revisar e dar novo sentido a vestígios e restos, ao que não se tinha atribuído nenhum significado durante décadas ou séculos. Os apagamentos e esquecimentos podem também ser produto de uma vontade ou de uma política de esquecimento e silêncio por parte de atores que elaboram estratégias para ocultar e destruir provas e rastros, impedindo assim recuperações de memórias no futuro. [...] Há um ato político voluntário de destruição de provas e registros, com o fim de promover esquecimentos seletivos a partir da eliminação de provas documentais. No entanto, as lembranças e memórias de protagonistas e testemunhos não podem ser manipuladas da mesma maneira, exceto através de seu exterminio físico.” (JELIN, 2012, p. 62-63).

O caráter “único”<sup>45</sup> dos eventos históricos, a necessidade do historiador de misturar relato e explicação fizeram da história um gênero literário, uma arte ao mesmo tempo que uma ciência. [...] O crescente tecnicismo da ciência histórica tornou mais difícil para o historiador parecer também escritor. Mas sempre existirá uma *escrita da história*<sup>46</sup>. (LE GOFF, 2013, p. 14)

A constante relação entre a subjetividade do historiador que tenta se manter neutro para garantir a objetividade do fato – se assim for possível, comprovando por documentos oficiais conta também com a interferências do tempo. O registro histórico acredita-se ser linear, enquanto que a narrativa da memória do trauma além de subjetiva é não-linear. Em outras palavras, o fator tempo também tem relevância em ambos os registros. Os relatos da memória do trauma, como observado em Freud, são compulsivos, insistentes, com espaços vazios e repetitivos. É uma memória fragmentada de uma situação real, mas que conta com diferentes fatores de interpretação, além da influência do presente sobre o passado, diferentemente do relato histórico. Esse possui a necessidade de comprovação dos fatos enquanto que a memória do trauma segundo Seligmann-Silva (2003, p. 394) “pode ser infinitamente *re-inscrita*, mas nunca definitivamente traduzida [...] e que só se deixa perceber em um determinado agora”. Na linha da tradução do evento, Gagnebin (2018) também contribui com o autor ao mencionar que os sobreviventes de uma situação traumática apresentavam uma grande dificuldade inicial de assimilar o que havia sido vivenciado e traduzir em palavras. Assim, tem-se uma impossibilidade de assimilar o choque, porque a vítima está ferida e, como o autor anterior menciona, o acesso ao simbólico está cortado pelo trauma, em especial, à linguagem.

Na relação entre narrativa do trauma e História, outro destaque passa a estar vinculado ao sujeito que se permite ouvir e ler as histórias do passado seja como um testemunho ou com um relato histórico, mas como o objetivo de compreender o presente através da memória ativa. Já que nem mesmo um documento histórico é um dado acabado, porque perpassa pela construção do historiador, assim como o testemunho que representa o poder das palavras, a história do homem dentro da sociedade sendo constantemente narrada e reinterpretada.

Por fim, segundo Le Goff (2013), a história também é uma prática social, permitindo se olhar ao contexto literário e de suas contribuições à história, uma vez

---

<sup>45</sup> Grifo do autor

<sup>46</sup> Grifo do autor



que toda história deve ser uma história social e que o caráter de objetividade que se emprega na história não vai apagar o caráter social da mesma. O tempo, como já mencionado, é um dos fatores essenciais das duas correntes, nele, que por muitas vezes o dado se inscreve como um fator de registro ou de reviravolta ao passado, pois a memória precisa de tempo assim como a história também sofre com as influências do presente, incluindo a própria história em uma perspectiva histórica.

### 3.5.1 As lembranças

Na dualidade do fazer história, seja pela narrativa do trauma ou pelo registro oficial, faz-se relevante dedicar umas linhas à relação entre lembrança e rememoração, para além da comprovação dos fatos narrados. Inicialmente, Gagnebin (2018) apresenta o conceito que nos interessa de rememoração como sendo uma memória ativa que acaba transformando o presente, após um determinado período do que ele denominava de um estilo de paralisia do presente em que o passado, nem mesmo por mais que fosse desejado se tornava impossível de ser esquecido.

É próprio da experiência traumática essa impossibilidade do esquecimento, essa insistência na repetição. Assim, seu primeiro esforço consistia em tentar dizer o indizível, numa tentativa de elaboração simbólica do trauma que lhes permitisse continuar a viver e, simultaneamente, numa atitude de testemunha de algo que não podia nem devia ser apagado da memória e da consciência da humanidade. (GAGNEBIN, 2018, p. 99).

A repetição das lembranças na memória ferida acaba gerando uma imagem simbólica, que vem, normalmente, após um estranhamento na memória gerado pelo trauma através dos espaços ocultos que ficaram ali expostos. As hesitações e compulsão que geram uma repetição de lembranças. O sujeito portador da memória ferida evoca constantemente as várias lembranças que são ativadas pela recordação. Segundo Ricouer (2007), a lembrança é descrita como a presença do ausente que se apresenta constantemente como uma inscrição do passado com a interpretação do presente que faz também ausente, ou seja, constantemente a lembrança volta ao passado e se inscreve no presente, em um processo constante.

Dessa forma, a memória não se permite esquecer, e, ao mesmo tempo, é uma memória de esquecimentos. O esforço em recordar contribui com o processo de fazer memória do esquecimento. O ato da memória em muitos casos se resume em um de

seus principais objetivos que é o de lutar contra o esquecimento, retirando em processo constante fragmentos da lembrança, evocando-os através de um esforço inquieto da memória conciliado com o medo de perder a lembrança do evento.

O medo de esquecer é o principal propulsor da memória. Assim como Ricouer, que se aprofunda em Freud para abordar a temática, para Gagnebin (2018), a lembrança infeliz é a da repetição compulsiva e que se faz constantemente reencenada, da qual o indivíduo necessita de uma perlaboração da memória para compreendê-la. Tal fato gera uma linha muito sutil da necessidade simultânea da lembrança e do esquecimento. Relembrando Freud (1998), de que a lembrança quando fica encoberta se apresenta também com um espaço vazio na memória e com a constante luta em uma busca pela compreensão da ausência e do fato perdido. Assim, a pessoa afetada pelo trauma lembra para não esquecer, ao mesmo tenta que tenta esquecer para se lembrar e, com isso, não lhe causar mais sofrimento, seja pela angústia, pela dor. Quando não quer esquecer o fato, o retém na lembrança, repetindo-o constantemente.

A rememoração espontânea repetitiva, como destacado por Freud e comentado em Ricouer, apresenta diferenças da memória repetitiva. A última está vinculada a uma ação constante que parte de vontade particular de compreender e aceitar o passado, já que o superar jamais será possível. Já a espontânea está além da vontade, é um lapso que se impõe. Ambas contribuem para a compulsão em lembrar e evocar o trauma para que se possa de alguma maneira reproduzir a cena na memória gerando uma determinada imagem, permitindo que a cena possa enfim ser traduzida em palavras.

É a imagem que gera na mente, que se situa uma linha tênue entre o evento real e o representado pela vítima através do exercício de buscar constantemente a lembrança do evento, que já conta com a relação das interferências do presente sobre o passado, das percepções coletivas sobre a individual que contribuem para inúmeras memórias compartilhadas entre diferentes subjetividades acolhidas pela narrativa, muitas vezes, em um processo de luto ou de melancolia. Ainda, pode-se destacar que “o lembrar é um processo ativo nas vítimas, que passa por um processo de elaboração e de luto em relação ao passado, realizado por meio de um esforço de compreensão e de esclarecimento – do passado e, também, do presente.” (GAGNEBIN, 2018, p. 105).

É extremamente difícil afirmar que a lembrança é um processo neutro, ainda mais quando se refere a um passado de lutas, de conflitos, que geram uma memória do trauma do qual a comprovação do real se torna o menor fator de relevância à vítima, pois o exercício da memória é necessário para que a mesma consiga processar a informação conflitante com o sentimento. A lembrança seja ela espontânea ou repetitiva é um dos únicos recursos que coloca o sujeito no local do evento, mantendo ativa a situação traumática como um dos recursos possíveis para que o esquecimento não se propague.

A memória individual da cena, mesmo sendo evocada e pertencente a um trauma, portador de dor e luto, é um recurso essencial ao acesso à lembrança e quando exercitada busca explicações cabíveis ao evento. Assim, tem-se acesso primeiro às lembranças individuais que buscam uma explicação e que são frutos de uma memória ferida, que, quando exercitadas, compulsivamente, entrem em confronto com a situação presente, pois são constantemente reinterpretadas sobre o viés do presente e do coletivo. Na sequência, quando as imagens se tornam um pouco mais nítidas a necessidade da narrativa faz com que a vítima acabe compartilhando a sua história, sendo essa uma tentativa de buscar acolhimento à situação traumática. O movimento de narrativa e de escuta se torna uma corrente na luta contra a violência, e aos espaços vazios da memória.

Em tempos de conflitos de internos, como no contexto hispano-americano, por exemplo, compartilhar as narrativas do trauma passou a fazer parte de uma necessidade patológica que envolve o trauma, além de uma tentativa de não repetir as ações violentas do passado nem permitir que fiquem no esquecimento. Da memória individual à coletiva, são os eventos de violência extrema os principais responsáveis pelo trauma, no entanto, o que antes colocava pelo olhar da história um grupo como o detentor da conquista e da glória, pensando no passado histórico, por exemplo, foi a humilhação e o luto para outros indivíduos, gerando uma história oficial para muitas memórias do trauma. Do individual geram experiências coletivas que se solidarizam com os diferentes passados, das diferentes lembranças rememoradas que agora são narradas em uma busca pelo acolhimento de outrem. É, portanto, uma nova forma de representação a relação entre a memória coletiva e a individual, mas que uma só contribui com a outra quando possuem um determinado vínculo em comum.

Segundo Halbwachs (2003), a memória do “eu” conta com a contribuição da memória do “outro” quando possui um vínculo com o passado constituinte desse “eu”, assim gerando uma imagem do evento que passou por ambas contribuições, e que geram a memória coletiva do evento. Para Benjamin (*apud* RICOUER, 2007): “é nos fenômenos-limite que o pensamento encontra os (des)caminhos/desvios que permitem melhor desdobrar as ideias” (p.65). Na perspectiva de Jelin (2012), todo processo da memória seja subjetivo ou intersubjetivo com as marcas de diferentes experiências que são compartilhadas socialmente, tornando as memórias plurais e até as colocando em conflitos, por pertencerem a grupos e, ao mesmo tempo, a experiências únicas, sem ser possível desvincular os sentimentos individuais e as expectativas do presente e do futuro e a uma constante reflexão de um passado que não passa.

É relevante atribuir tanto à memória coletiva quanto à individual que o foco é o indivíduo que passou por um período de violência extrema, em especial, nos períodos de conflitos internos e que além de tudo ele é um agente social, que conta as inúmeras experiências individuais e coletivas na elaboração e na interpretação das ações da memória que é compartilhada com muitas histórias que seja pelo trauma seja pelas convenções políticas foram silenciadas em determinado momento e que no presente se solidarizam e se entrecruzam com inúmeros outros relatos. Por isso que se pode dizer que: “los sentidos del pasado socialmente disponibles y aceptados pueden entrar en colisión con las interpretaciones de personas concretas, cuya subjetividad está cruzada por múltiples fuerzas y experiencias únicas”<sup>47</sup> (JELIN, 2012, p. 26).

Na grande maioria do tempo, mesmo que sendo vítima de um trauma, o indivíduo de certa forma se baseia na memória coletiva, ele a coloca a seu favor no processo de elaboração das sequências não-lineares da memória ferida e, com isso, como esclarece Halbwachs (2003), é possível se lembrar do evento e tentar criar uma lógica para a narrativa. No entanto, quando é apresentada uma dificuldade em recordar o fato é porque, como bem argumenta Halbwachs (2003), a lembrança pertence somente à experiência individual, e essa, sim, é a mais difícil de se recordar, porque é exclusiva da vítima e extremamente particular e individual em sua dor e em suas sequelas, que não conseguem se desvincular do processo de luto e que exige

---

<sup>47</sup> “Os sentidos do passado socialmente disponíveis e aceitos podem entrar em colisão com as interpretações de pessoas concretas, cuja subjetividade está cruzada por forças múltiplas e experiências únicas.” (JELIN, 2012, p. 26).

da memória individual um longo período de tempo: “o trabalho de luto é o custo do trabalho da lembrança. [...] A lembrança não se refere apenas ao tempo: ela também requer tempo – um tempo de luto” (RICOEUR, 2007, p. 87).

Em outras palavras, pode-se dizer que a lembrança individual acaba buscando um acolhimento na narrativa coletiva, que pode, de certa forma, atribuir um sentido aos espaços vazios da memória. Ou seja, “é no plano da memória coletiva, talvez mais ainda do que no da memória individual, que a coincidência entre trabalho de luto e trabalho da lembrança adquire sentido pleno” (RICOEUR, 2007, p. 93). Dessa forma, há uma conexão entre a memória coletiva e a individual, conforme Halbwachs (2003) até se elaborar as lembranças e conseguir narrá-las a memória acaba sendo constituída pela elaboração de quem a viu, um “eu” que a presenciou, e de um outro “eu” que acabou constituindo uma memória com base no coletivo:

Podemos reconstruir um conjunto de lembranças de maneira a reconhecê-lo porque eles concordam no essencial, apesar de certas divergências. Claro, se a nossa impressão pode se basear não apenas na nossa lembrança, mas também na de outros, nossa confiança na exatidão de nossa recordação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada não apenas pela mesma pessoa, mas por muitas. [...] Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós (HALBWACHS, 2003, p.29-30).

Nessa perspectiva, pode-se mencionar que a memória individual busca forças na coletiva. Aqui é interessante mencionar a analogia de Jelin (2012), em que afirma que as memórias são, de certo modo, simultaneamente tanto individuais quanto coletivas, porque as palavras e a comunidade são coletivas, logo a experiência também é. Dessa forma, as experiências individuais só agregam sentido com a presença de discursos culturais, que são sempre coletivos.

A su vez, la experiencia y la memoria individuales no existen en sí, sino que se manifiestan y se tornan colectivas en el acto de compartir. O sea, la experiencia individual construye comunidad en el acto narrativo compartido, en el narrar y escuchar. [...] La “experiencia” es vivida subjetivamente y es culturalmente compartida y compatible<sup>48</sup> (JELIN, 2012, p. 69).

---

<sup>48</sup> “A sua vez, a experiência e a memória individual não existem em si, mas se manifestam e tornam-se coletivas no ato de compartilhar. Ou seja, a experiência individual constrói comunidade no ato narrativo compartilhado, no narrar e escutar. [...] A “experiência” é vivida subjetivamente e é culturalmente compartilhada e compartilhável.” (JELIN, 2012, p. 69)

Nessa abordagem as memórias vão se entrecruzando, as individuais vão buscando acolhimento na de outrem, tornando-se coletiva e individual, particularizando-as a um determinado ser, a um determinado grupo, a um determinado país. As experiências vão se relacionando com os passados e os presentes, construindo outro olhar à situação vivenciada pelo país. Por isso que muitas obras que acabam emergindo contam com narrativas, autobiografias e até mesmo romances, porque quem não as vivenciou, as testemunhou pelo compartilhamento do coletivo.

Assim, as narrativas são o reflexo tanto da memória individual do trauma quanto da coletiva que passou pelos diferentes períodos de lutas e barbáries, que buscam no outro a confirmação de um lapso de tempo que se torna irrepresentável na lembrança. Elas se fortalecem umas com as outras, até mesmo se confundem, preenchem lacunas, mas seguem sendo pertencentes as suas particularidades. Para Halbwachs (2003, p.72), “toda essa contribuição é assimilada e progressivamente incorporada à sua substância. Por outro lado, a memória coletiva contém as memórias individuais, mas não se confundem com elas – evolui segundo suas leis”. É inegável que uma influencia a outra, mas que ambas se mantêm com as particularidades. A memória individual é o veículo de transmissão que contribui para a memória coletiva.

É evidente, portanto, que no contexto hispano-americano com o emaranhado de obras que emergiram no período de violência dos conflitos internos, as memórias individuais foram sendo compartilhadas pela narrativa literária, solidarizando-se com as memórias coletivas. As memórias do trauma, que exigiram um tempo de luto, e que necessitam das palavras para fazer sentido foram sendo registradas com o acolhimento estético e coletivo.

Essas memórias, que são fruto de um passado ainda muito presente, que buscam atribuir sentido e relevância a um possível futuro, como observado em Freud, Ricouer, Jelin, são narrativas de um passado rememorado e que conta com as interferências do presente e que só se propagam porque conseguem o acolhimento de alguém que lhes escute, que as leia, porque são histórias confrontadas com as perdas sociais e coletivas, em um contexto em que o até o silêncio e as falhas da narrativa fazem sentido e um jogo de lembrar e de esquecer, ou de esquecer ou de lembrar. “Desde el sentido común, pensamos que a medida que pasa el tiempo, el pasado está más alejado, y que la gente tiende a olvidar. Pero a veces, el pasado

puede ser renuente al olvido y puede volver y actualizarse de manera diversas”<sup>49</sup> (JELIN, 2012, p. 16).

Por fim, segundo Gagnebin (2018), a memória tanto coletiva quanto a individual é essencial no processo de identidade e a escrita é uma forma de registrar, mas também de lutar contra o esquecimento, ou um processo de esquecer e de lembrar, em especial quando o peso do passado é tão forte que dificulta a vida no presente e se escreve e compartilha em uma tentativa de que isso não mais ocorra. Se a literatura pode ser uma forma encontrada para os registros e compartilhamentos da memória do trauma, cabe ao leitor e aos críticos se solidarizarem ou não com a obra, porque ao que está sendo narrado não é mais do que uma necessidade de memória ferida, que luta na incompreensão da ausência ocasionada pelos conflitos políticos e pela violência extrema, que requer o acolhimento na narrativa.

### 3.6 NARRADOR, AUTOR, PERSONAGEM: AUTOFIÇÃO E FIÇÃO

Antes de pensar em quem é o sujeito testemunha é importante relembrar do conceito de narrador na abordagem dada por Walter Benjamin (1994). Para ele, o narrador não está sempre entre as pessoas. Uma de suas características é a de se distanciar do presente cada vez mais, fato que ilustra na tomada do capítulo *O narrador*, da obra *Magia e técnica, arte e política*. Parafraseia a citação em que descreve Leskov como narrador não é o mesmo que aproximá-lo das pessoas, mas, certamente, é distanciar-lo mais ao se elevar a distância do tempo à narrativa em si, salientando na linha da percepção essa diferença temporal. Como já mencionado anteriormente, no testemunho tem-se a experiência narrativa que perpassa a memória do trauma, o tempo de luto na tentativa de unir os espaços em brancos e incompreendidos pelo choque da ausência. Em outras palavras pode-se dizer que a ação de narrar auxilia a recuperar e a constituir a identidade do sujeito.

Ademais, não se pode esquecer de que o foco deste estudo são as narrativas do contexto hispano-americano, no qual o sujeito que narra, seja ele o autor, o narrador ou testemunha, está compartilhando, na grande maioria dos casos uma

---

<sup>49</sup> “Desde o sentido comum, pensamos que à medida que passa o tempo, o passado está mais distanciado, e que tendemos a esquecer. Porém às vezes, o passado pode ser relutante ao esquecimento e pode voltar e atualizar-se de diversas maneiras.” (JELIN, 2012, p. 16)

necessidade de narrar, e quando parte do trauma, por ser o próprio autor o narrador, tem-se uma narrativa sobre si, que luta pelos problemas da memória. As obras que emergem nesse contexto são mescladas pelas interferências do passado, do presente e do ex-futuro que aguardam as composições da memória ferida que vão sendo desveladas com o processo da narrativa.

Em outras palavras, grande parte das obras literárias do contexto hispano-americano aborda a temática da violência. Isso pode se mencionar como um processo de recuperação terapêutica para as complicações dos períodos de conflitos internos que geraram sequelas que não podem ser facilmente e rapidamente superadas. Ou seja, o evento traumático, como já observado em Freud, leva tempo, é o tempo de luto, e, na grande maioria das pessoas, instaura-se um processo de melancolia, do qual as palavras passam a ser as suas aliadas. Nas obras literárias acabam sendo refletidas não somente pela representação figurativa de cenas, ou de personagens representativas, como também por narradores e autores que acabam contando histórias até mesmo sobre si, em um processo de autoficção.

É na memória do trauma que as lembranças ficam à espera da narrativa, seja pela verbalização ou pela escrita, com um autor ou narrador para compartilhar a quem se simpatize com o enredo e com o modo como está sendo contado. Benjamin (1994), salienta que as características de um narrador estão nele mesmo e são, principalmente, destacadas com a percepção da passagem de tempo, com seus próprios traços simples ou grandes são exclusivos de uma dada narrativa, perceptível pela experiência, que exige do leitor, impondo por vezes, certa distância de uma determinada experiência e um olhar de outro ângulo de observação, sem colocar então a subjetividade na linha de interpretação da narrativa, deixando o narrador fazer o seu papel sem julgamentos – o que é se observa difícil no contexto da literatura que parte de um trauma e de um contexto de violência como o é hispano-americano.

A asseveração célebre de Benjamin (1994) é a de que a experiência da arte de narrar está em vias de extinção, já que cada vez são mais raras as pessoas que sabem narrar, ou que conseguem. “É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências”. (p.198). O que volta com a literatura de testemunho ou de teor testemunhal como alguns a chamam, mesmo que com o medo dessa decaída continuar porque o valor da experiência não conseguia mais ser comunicado, “no final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha



não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável. [...] A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores.” (p. 198). O narrador consegue a atenção quando se observa a história sem a relação da distância temporal nem espacial, pois ela é acolhida por outrem, e é essa acolhida que o sujeito testemunha, como observado em Freud, busca em um ouvinte ou leitor.

Em Benjamin (1994), a figura do narrador era inicialmente apresentada em dois grupos, um em que o narrador trazia as histórias de longe, das viagens, e outro aquele que conta as suas histórias de vida, de sobrevivência no país, ainda apresentado como um homem que sabe dar conselhos, o que pode ser compreendido com a ideia de compartilhar as experiências quando possíveis de serem comunicadas. Com os conflitos internos e os genocídios, muitas experiências não foram mais possíveis de serem comunicadas, pois como observado em Freud, no capítulo do trauma, a memória não se torna mais tão acessível para a narrativa, só depois de um tempo que se tem a narrativa, de uma memória do que já aconteceu, e que persiste na luta em registrar e de se compreender a ausência do ausente que se impõe constantemente. É com a narrativa registrada na literatura que se compartilha a luta por um sentido às lembranças feridas.

Assim, com uma literatura que parte de um trauma, tem-se essa necessidade de contar, de narrar a alguém que queria ouvir/ler para compartilhar uma história. “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas às experiências dos seus ouvintes.” (BENJAMIN, 1994, p. 201). Assim, percebe-se a relação com o sujeito vítima de um trauma que quer tornar acessível a sua história. Nesse caso, sendo acessível e compreensível em si e para si. Como destacado por Benjamin (1994), da morte que vem a autoridade do narrador dentro da narrativa, ainda acrescenta o autor de que o interesse pela história vem dos dois lados – no ouvinte/leitor e no narrador – que compartilham o interesse em conservar a história, mantendo viva na memória e, assim, tem-se mais uma relação com a memória do trauma.

Outra característica saliente é a presença não somente de romances que abordam a temática da violência interna, mas, também, de obras que fornecem uma autoficção. Na questão da autorrepresentação, a autobiografia sempre foi considerada a principal forma de discurso, no entanto, não é possível vincular veementemente uma narrativa que vem de um tempo de ausências, como fruto de uma memória do trauma a uma transcrição fiel de um “eu”, que nesse caso luta para compreender as

lembranças de si e constituir-se novamente pela narrativa, por isso que se aborda a autoficção, que é o processo que se dá no confronto das lembranças feridas com a verbalização. Ou seja, o sujeito vai narrando a sua história com a propensão a se autoficcionalizar para atenuar a narrativa e tornar a imagem gerada na memória como algo concreto.

Segundo Lejeune (2014), quando o narrador consegue selecionar um conjunto de elementos em detrimento de outros compõe a memória, ele o faz em processo de confronto de identidade, que é selecionada para representar a imagem gerada pela memória, em que o “eu” e a “verdade” passam a ser realidades selecionadas, descobertas e, até mesmo, criadas. Além disso, a assinatura do autor é o que garante ao leitor a possibilidade de se solidarizar com mais uma história.

A última coisa que o leitor costuma fazer é verificar a autenticidade de uma história literária, no entanto, a assinatura atribuída a um autor real, seja, autobiografia, romance ou autoficção atribui credibilidade à narrativa. Há uma identidade atribuída a um nome que assina a obra, que reflete na personagem e no narrador da obra, que fornece uma “verdade” subjetiva e, assim, inquestionável, mas que é capaz de se solidarizar com muitas outras memórias que se encontram na situação de luta pela compreensão de um passado que não passa.

es la identidad del *nombre* (autor-narrador-personaje). El pacto autobiográfico es la afirmación en el texto de esta identidad, y nos envía en última instancia al *nombre*<sup>50</sup> del autor sobre la portada. Las formas son muy variadas: pero todas ellas manifiestan la intención de hacer honor a su *firma*. El lector podrá poner en entredicho el parecido pero jamás la identidad<sup>51</sup> (LEJEUNE, 1994, p. 64).

Além da subjetividade, também há o “pacto autobiográfico” para garantir que a história narrada e representada é a verdade que pertence às lembranças e a imagem figurada na memória do autor que assina a obra. É um contrato do leitor com o autor que conta o que só ele pode garantir. A assinatura na capa é o fator mediador entre a narrativa e o mundo real. O autor elabora uma narrativa, que permite constantes reescritas e nunca uma escrita única e finalizada, porque está ligada a um passado de violência. Lejeune (1994) ainda apresenta que na autobiografia, no caso

<sup>50</sup> Grifo do autor.

<sup>51</sup> “É a identidade do nome (autor-narrador-personagem). O pacto autobiográfico é a afirmação no texto dessa identidade, e nos remete em última instância ao *nome* do autor sobre a capa. As formas são muito variadas: mas todas elas manifestam a intenção de honrar a *assinatura*. O leitor poderá atribuir nas entrelinhas o parecido, porém jamais a identidade.” (LEJEUNE, 1994, p. 64).

autoficção, o autor – narrador tenta conectar as informações e as incertezas do sentido dentro de um espaço ambíguo que é a interpretação dos fatos recordados e/ou narrados. Por esse motivo que se salienta a relevância do pacto de leitura, que é o de se solidarizar ou não com a história narrada e não com a veracidade dos fatos:

¡Qué ilusión la de creer que podemos decir la verdad, y la de creer que tenemos una existencia individual y autónoma!... ¡Cómo podemos pensar que en la autobiografía es lo vivido lo que produce el texto, cuando es el texto el que produce la vida! [...] Creo que uno se puede comprometer a decir la verdad; creo en la transparencia del lenguaje, y en la existencia de un sujeto total que se expresa a través de él; creo que mi nombre propio garantiza mi autonomía y mi singularidad (aunque ya me he cruzado en la vida con varios Philippe Lejeune...); creo que cuando digo “yo” soy yo quien habla: creo en el Espíritu Santo de la primera persona. Y, ¿quién no cree en ello? Pero está claro que también suelo creer en lo contrario, o al menos lo intento. [...] *Sabemos perfectamente*<sup>52</sup> todo esto, no somos tan idiotas, pero, una vez tomada esta precaución, hacemos como si no lo supiéramos. Decir la verdad sobre sí mismo, constituirse como sujeto completamente realizado – es una utopía. Por muy imposible que resulte la autobiografía, ello no le impide en absoluto existir. Quizás, al describirla, yo haya tomado a su vez mi deseo por la realidad: pero lo que he querido hacer, es describir ese deseo en su realidad<sup>53</sup> (LEJEUNE, 1994, p. 141-142).

A capacidade de se verificar o real na autobiografia existe pela assinatura do autor, no entanto, como é uma narrativa que parte de um trauma ou de um reflexo do conflito interno a relevância está na necessidade de compreender as imagens geradas na memória para serem registradas e narradas, é um determinado “eu” que é selecionado e verbalizado na escrita de si e do outro. É na escrita de si que está a relação com a autoficção em um vínculo estabelecido entre autor-narrador-personagem, em uma narrativa em primeira pessoa. Ainda, como acrescenta Noronha (2014), é relevante destacar que o ficcional nesse caso não deve ser compreendido como fictício, como invenção, mas como mobilização de estratégias narrativas, “a

---

<sup>52</sup> Grifo do autor.

<sup>53</sup> “Que ilusão a de crer que podemos dizer a verdade, e de crer que temos uma existência individual e autônoma! Como podemos pensar que na autobiografia é o vivenciado que produz o texto, quando é o texto o que produz a vida! [...] Creio que um pode se comprometer a dizer a verdade; creio na transparência da linguagem, e na existência de um sujeito completo que se expressa através dela; creio que o meu nome próprio garante a minha autonomia e a minha singularidade (mesmo que na vida eu já tenha cruzado com vários Philippe Lejeune...); creio que quando digo “eu” sou eu quem fala; creio no Espírito Santo da primeira pessoa. E, quem não crê nisso? Mas está claro que também posso crer no contrário, ou ao menos tento. [...] *Sabemos perfectamente* tudo isto, não somos tão idiotas, porém, uma vez tomada essa precaução, fazemos como se não a soubéramos. Dizer a verdade sobre si mesmo, constituir-se como um sujeito completamente realizado – é uma utopia. Por mais impossível que resulta a autobiografia, isso não a impede em absoluto de existir. Talvez, ao escrevê-la, eu tenho pego primeiro o meu desejo pela realidade: entretanto, o que quis fazer é descrever esse desejo na sua realidade.” (LEJEUNE, 1994, p. 141 – 142).

autoficção, para mim, não mente, não disfarça, mas enuncia e denuncia na forma que escolheu para si” (NORONHA, 2014, p. 13).

Segundo Lejeune (2014) há uma tendência natural em se ficcionalizar a própria narrativa de si, daí a mistura de autobiografia e de romance, para a autoficção. Como se observará no romance de Restrepo como no de Faciolince e no de Vallejo. Leva-se em consideração, portanto, que no contexto hispano-americano, a ênfase está na necessidade de compartilhar a história da memória, estabelecendo a história do “eu” com a do “outro”, nas lembranças e registros de um passado de luta e de dor que busca o acolhimento de outras memórias através de um autor-narrador-personagem capazes de se identificarem com os outros, tornando-se únicos e coletivos ao mesmo tempo.



## 4 AS CONSEQUÊNCIAS DA VIOLÊNCIA E DO TRAUMA EM VALLEJO RESTREPO E FACIOLINCE

### 4.1 FERNANDO VALLEJO E A TRAJETÓRIA LITERÁRIA

*¡Cuál Dios!, ¡cuál patria! ¡Pendejos! Dios no existe y si existe es un cerdo y Colombia un matadero.*<sup>54</sup>

*Fernando Vallejo, El desbarrancadero*

Vallejo é considerada uma pessoa extremamente crítica ao próprio país. Nasceu em 1942 e vive, atualmente, no México. Segundo Lopes (s/a), Vallejo é considerada uma pessoa raivosa com o seu país e com a igreja católica, que são temas constantes de seus textos. É conhecido por dar depoimentos polêmicos e, até mesmo, agressivos contra determinados comportamentos sociais que vão contra a sua ideologia. Segundo Alós (2017), Vallejo foi um dos escritores da América Latina que conseguiu colocar a mídia e os escândalos em favor de seu trabalho com escrita que faz muito mais do que recuperar aspectos do passado, mas que os exorciza. Além de escrever como uma forma de preencher os espaços vazios da memória é uma tentativa de esvaziar o eu das lembranças e de se livrar do passado.

Pode-se destacar em sua formação uma tentativa inicial de se formar em Filosofia que deu lugar à Biologia e, que, mais tarde resultou em uma busca pelo cinema, que, por fim, chegou à literatura. No cinema, aventurou-se na direção de três filmes, mas ganhou reconhecimento não só pela opinião polêmica como também pela publicação de *El río del tiempo*, que marca a preferência do autor pelo autobiografia, na qual ele apresenta a história de pessoas já falecidas e que fizeram parte da sua vida, além da trajetória da Colômbia e do seu exílio no México. Em *Los días azules* (1985), deu um enfoque para o período de sua infância em que viveu na fazenda de seus avós. *El fuego secreto* (1987) fornece um olhar sobre o período da adolescência, a violência, as drogas e a homossexualidade; *Los caminos a Roma* (1988) e *Años de Indulgência* (1989) narram a saída da Colômbia e o deslocamento para a Europa. Já em 1994, lança *La virgen de los sicarios* que virou filme em 2000, a temática alvo está na violência do narcotráfico, na cidade de Medellín.

Em linhas gerais, pode-se dizer que foi com a obra *El desbarrancadero* (2001), que será analisada neste estudo, que recebeu o prêmio Romulo Gallegos, em 2003.

---

<sup>54</sup> “Que Deus, que pátria! Idiotas! Deus não existe e se existe é um porco e a Colômbia um matadouro.”

Segundo Alós (2017), no dia da premiação, o autor realizou um discurso criticando a igreja católica, colocou-se contra a reprodução humana e a favor dos direitos dos animais. Na obra ele apresenta mais uma metáfora à morte com a alusão ao despenhadeiro. A história conta a trajetória do irmão soropositivo, os problemas da família, a relação da igreja católica e o conturbado contexto de violência do país, fazendo uma alusão autobiográfica com enfoque à necessidade do autor de retornar ao país que tanto é motivo de críticas negativas por parte do autor.

*La rambla paralela* (2002) representa os últimos momentos de vida de um conhecido escritor. A obra, que é marcada pelos momentos de insônia, abuso de álcool e da arritmia cardíaca, apresta um Vallejo que confunde os lugares, relata os cadáveres de Colômbia pelos caminhos que percorre enquanto se recorda de épocas da sua juventude. Em *Mi Hermano alcalde* (2004), há uma das exceções com um narrador onisciente, em que a obra está centrada na inspiração do dia em que seu irmão, Carlos Vallejo, assume como prefeito em Támesis. O autor narra os êxitos da gestão realizada pelo irmão, desde a inserção da internet no povoado, pavimentação de ruas, melhora das escolas e a necessidade de manter honesto, sem comprar votos na eleição e se dedicar às boas ações.

Em *El don de la vida* (2010), o narrador, mais uma vez, apresenta-se como Fernando; na obra, o narrador dialoga uma outra personagem que, no decorrer da narrativa, é intitulada de morte. O tema da conversa é a respeito de pessoas conhecidas, familiares e autoridades colombianas, o tom da conversa quase sempre eleva a uma crítica ao Estado e à Igreja Católica. Ademais, a falta de fé na humanidade aparece mais uma vez ao se opor à reprodução humana e abordar os temas em favor dos animais e do veganismo (ALÓS, 2017).

Das últimas obras que publicou, encaixa-se *Casablanca la bella* (2013), que representa a casa que aparece em *El desbarrancadero*, a personagem representa um menino com um forte gosto pela palavra e que a torna a sua arma contra as questões conservadoras e a tradição clássica literária do país. Ele apresenta oscilações do passado, quando retorna do exílio do México, e as possibilidades que o presente o dá. Ademais, o passado é marcado pelas histórias de mortes e tragédias que contemplam o país. Em *¡Llegaron!* (2015), o narrador conversa com um companheiro de viagem, em um avião a respeito das suas memórias de infância na fazenda dos avós com o irmão. O tema da conversa é o mesmo de quase todas as suas obras:

descrença na humanidade, crítica aos Poderes Estatais, à igreja católica, a situação histórica do país e o amor pelos animais.

#### 4.2 VIOLÊNCIA E A MEMÓRIA EM *EL DESBARRANCADERO*, DE FERNANDO VALLEJO

Na tradição da crítica, apontada nas obras de Vallejo, *El desbarrancadero* não poderia ser diferente, por isso que os temas da conjectura familiar, da violência em seu país e da falta fé apareceriam novamente em sua escrita. Talvez, seja pelo que Seligmann-Silva (2003), considerada como um fator de atribuição a esse estilo de escrita, de que a linguagem é uma condição que transcende e ultrapassa o contato com a morte. Ou seja, ao escrever sobre o tema ele se coloca diante de estilo de auxílio à memória, além de desvendar a sua proximidade com a morte.

Logo, com a sua descrença na humanidade e sem “papas na língua”, o autor narra, se assim é possível descrever, a trajetória de morte que envolveu a sua família. Quanto à característica do texto, pode-se dizer que ele é escrito em primeira pessoa permeado por terceira, que é outra característica do autor, a autoficção. O curioso da narrativa é que o leitor é induzido a crer que o narrador está contando a história do irmão, que morreu pelo avanço do vírus HIV em seu corpo. No entanto, Vallejo, às vezes, apresenta uma história um tanto monótona e confusa, que deixa o leitor entender que ele pode estar em um consultório fazendo psicanálise para compreender ou tentar refletir sobre as suas relações sociais com o país, com a morte, com os familiares e com necessidade da escrita do livro em questão. Destaca-se, que é uma obra intitulada autobiográfica pelas características anteriormente mencionadas e por tudo estudado em Lejeune (1994), está vinculada à categoria da autoficção.

Em outras palavras, como se pode perceber na leitura do capítulo sobre a violência colombiana, uma das principais perdas que o país passou foi a do sentimento de patriotismo que necessita ser resgatado e, tal fato, ganha relevância na obra *El desbarrancadero* – em que não seria uma aporia mencionar que o título é uma alegoria para se descortinar os múltiplos traumas vivenciados no espaço-tempo colombiano, comparando-o com as ovelhas que caem uma a uma de precipícios e penhascos: “después fuimos siguiendo todos, uno por uno, como dicen que van cayendo las ovejas al desbarrancadero, aunque yo, la verdade, con tanto que he andado, vivido y



visto aún no las he visto caer.”<sup>55</sup> (VALLEJO, 2001, p. 81). A partir da primeira morte que ocorreu no país, passaram-se a outras, sem um limite, e isso o narrador coloca como um dos propulsores à escrita:

Y solo, sin amanuenses ni computadora ni Internet, no bien termine esta obrita de teología me voy a levantar el imponente “inventario Detallado de los Muertos. Los míos, completos, que presides tú, por supuesto, la siempreviva, la compasiva, la artera, mi señora Muerte, cabrona. Bienvenida seas a esta casa, mi casa, tu casa, en el barrio de Laureles, ciudad de Medellín, departamento de Antioquia, país Colombia, que es el cielo pero el infierno, y cuya puerta te abrió de par en par un día [...]”<sup>56</sup> (VALLEJO, 2001, p. 81)

Essa analogia adquire relevância desde a primeira morte que marcou a família do narrador, que foi a de Silvio, um dos seus 23 irmãos, que se matou aos 25 anos de idade, com um tiro na cabeça. Desde então, os outros familiares foram seguindo o caminho da morte - um a um, como a dita história das ovelhas. Então, o vínculo e a proximidade com o único destino certo de todos os seres humanos geram essa necessidade da escrita e da linguagem para compreender esse estado de ausências que lhe foi imposto. Quanto ao suicídio do irmão, o narrador é levado a mencionar o assunto no divã do psiquiatra, sendo a única vez que aborda, porque relata que não gosta de falar do que ocorreu por se tratar de um vínculo próximo com a morte, principalmente, por se tratar de uma situação que foi voluntária e não imposta como os assassinatos e os casos de acidentes.

A família é completamente conturbada, além disso a Colômbia também é representada na história contendo os seus problemas sociais e políticos. Desse modo, fica claro que o narrador não se sente pertencente a ambos os grupos, dos quais se afasta, indo morar no México e retornando somente para rever um dos irmãos que estava doente. Já o que se suicidou, o outro irmão, ele preferia não tocar no assunto. No entanto, pela doença de um irmão ele é obrigado a acessar um espaço da memória ferida:

<sup>55</sup> “Depois fomos todos seguindo, um por um, como eles dizem que as ovelhas estão caindo no precipício, embora eu, na verdade, com o tanto que eu tenho andado, vivido e visto, eu ainda não os vi cair.” (VALLEJO, 2001, p. 81).

<sup>56</sup> “E sozinho, sem aparelhos ou computador ou Internet, assim que termine esta obra de teologia, vou levantar o imponente “detalhado inventário dos mortos”. Meu, completo, que você preside, claro, o eterno, o compassivo, o astuto, minha dama da morte, sua bastarda. Bem-vindo a esta casa, minha casa, sua casa, no bairro de Laureles, cidade de Medellín, departamento de Antioquia, país Colômbia, que é o paraíso, mas o inferno, e cuja porta te abriu um dia.” (VALLEJO, 2001, p. 81).

¿Por qué se mató? Hombre, yo no sé, yo no estaba en ese instante, como Zola, leyéndole la cabeza. Yo soy novelista de primera persona, y además andaba afuera, lo más lejos posible de Colombia, de ese cielo que dejé hace siglos, desde que abandoné el paraíso. Se mató porque sí, porque no, porque estaba vivo, sin razón.<sup>57</sup> (VALLEJO, 2001, p. 82).

Assim, a vida do narrador segue como se ele não entendesse os caminhos do destino e da trajetória da memória e da morte. O descrédito pelo país é perceptível em todas as linhas da narrativa. Puyana García (2005), Guzmán Campos, Fals Borba e Luna, (2012), já abordavam que um dos sentimentos que despontou após a guerrilha foi o da rejeição ao patriotismo. Diferentemente de outros lugares, o povo colombiano luta por seus interesses pessoais, em que o individual prevalece em detrimentos aos outros, mas com o narrador não foi diferente, já que utiliza inúmeros adjetivos pejorativos para se referir ao local em que nasceu e morou por quase toda a sua vida, até precisar se retirar e pedir cidadania mexicana. Talvez o mais emblemático desse vínculo familiar e patriota seja “aún no ha inventado el borrador de genes<sup>58</sup>”, (VALLEJO, 2001, p. 211). Dentre outras inúmeras passagens que demonstram esse sentimento de reprovação, pode-se destacar a parte em que ele narra o assassinato de uma de suas cunhadas, que desempenhava papéis sociais e que o seu assassinato é só mais um entre tantos que não interessa a ninguém, a não ser a própria família e é indiferente à situação do país:

A Marta Garzón que hizo el bien, la caridad, y que luchó por la reivindicación de la pobrería en ese pueblo de pobres e hijueputas de Envigado, Colombia la generosa, que se tarda pero que a la postre muestra siempre su lado bueno, la condecoró: con una bala. Se la pegó por mano de un sicario.<sup>59</sup> (VALLEJO, 2001, p.180)

Nessa perspectiva, percebe-se a não aceitação do narrador pela violência que ainda perpassa o país. A crítica é compreensível, porque o narrador apresenta a indagação de justiça quanto ao fato de uma pessoa que sempre exerceu o bem e, nem ao menos lhe foi concedida a relevância de morrer de forma menos injusta em

---

<sup>57</sup> “Por que ele se matou? Cara, eu não sei, eu não estava lá naquele momento, como Zola, lendo a cabeça dele. Sou romancista em primeira pessoa e também estive o mais longe possível da Colômbia, daquele céu que deixei há séculos, desde que saí do paraíso. Ele se matou porque sim, porque não, porque ele estava vivo, sem razão.” (VALLEJO, 2001, p. 82).

<sup>58</sup> “Ainda não inventaram o apagador de genes.” (VALLEJO, 2001, p. 211).

<sup>59</sup> “Para Marta Garzón que fez o bem, a caridade, e que lutou pela reivindicação dos pobres naquela cidade de crianças pobres e perdidos de Envigado, a Colômbia generosa, que atrasa, mas no final sempre mostra o seu lado bom, a condecorou: com uma bala. Ela foi atingida pela mão de um assassino.” (VALLEJO, 2001, p. 180).

um país sem leis. Ainda que Marta Garzón só houvesse praticado atos em prol da sociedade, ela foi assassinada para não seguir com os seus trabalhos sociais. Já na sequência, e com o mesmo intuito de mostrar o descrédito pelas ações do ser humano, o narrador faz a analogia à ação incontrolável do homem, que a todo instante exerce o poder de matar. Desse modo, ele afirma que o ser humano é cruel, por isso que defende e prefere os animais e para ilustrar ele relata o caso de uma menina, que é filha de um dos seus irmãos e que não controla as suas atitudes nem a própria força ao matar um animal de estimação:

Luego llegó Manuel con sus dos niñas de su primer matrimonio y otra noticia: que Raquelita, la menor, de seis años – brusca y rabiosa y voluntariosa como un Rendón y móvil como una veleta enchufada en el culo - acababa de matar a un perrito.  
 - ¡Pero cómo! – exclamé indignado.  
 - Sí. Lo había abrazado con tal fuerza que lo ahogó. ¡Lo asfixió de amor!<sup>60</sup> (VALLEJO, 2001, p.181)

O narrador procura demonstrar, a todo instante, que a morte está extremamente próxima do ser humano, seja através do bem ou do mal. Hanna Arendt (2011), não deixa dúvidas de que a violência é um mecanismo de poder e um dos recursos mais utilizados para se manter o controle a outrem. Dessa forma, ela tida como uma forma de ameaça à vida, ou seja, e é o medo da morte que garante o domínio pelo poder, por isso que quando as palavras não são eficazes é que ela entra como um recurso de manutenção ou busca de poder. Nessa perspectiva, pode-se enfatizar que o emprego da violência como instrumento de poder é amplamente abordado na narrativa, que envolve um país que é marcado pela luta de poderes e de paz, que se misturam-nas diferentes memórias compartilhadas.

Ademais, a consciência da morte ao ser humano é outro fator de enfoque na abordagem de Vallejo: “así, libre de sí mismo, al borde del desbarrancadero de la muerte por el que no mucho después se habría de despeñar, pasó lo que creo que fueron sus únicos días en paz desde su lejana infancia”<sup>61</sup>. (VALLEJO, 2001, p.09). Muito também se nota que o narrador enfatiza o problema da violência com o elevado

<sup>60</sup> “Então Manuel chegou com suas duas filhas de seu primeiro casamento e outra notícia: que Raquelita, a mais nova de seis anos - brusca e raivosa e voluntariosa como um Rendón e móvel como um cata-vento preso na bunda - acabara de matar a um cachorrinho. - Mas como! - Exclamei indignado. - Sim. Ela o abraçou com tanta força que o afogou. Ele sufocou com amor!” (VALLEJO, 2001, p. 181).

<sup>61</sup> “Assim, livre de si mesmo, à beira do precipício da morte pelo qual não muito tempo depois ele teria que cair, ele passou o que eu acredito que foram seus únicos dias em paz desde a sua distante infância.” (VALLEJO, 2001, p. 09).

índice de pobreza, relacionando-os com as dificuldades vinculadas ao progresso, à evolução no desfecho do conflito, porque, segundo Vallejo, na Colômbia ou se é pobre ou se é rico:

Hoy por aquí sólo hay ricos muy ricos y pobres muy pobres. Y los ricos no venden porque los pobres no compran.

- Los pobres jamás compran – comenté: roban. Roban y paren para que vengan más pobres a seguir robando y pariendo. Menos mal papi que ya vas a morir y a escapar de ver tumbada tu casa. <sup>62</sup>(VALLEJO, 2001, p.16)

A essa altura da narrativa, já não se sabe se ele está relacionando a morte como sendo um alívio para se livrar dos problemas ou do caos que assolou o país. O narrador lembra constantemente de conversas que teve com o seu pai antes de perdê-lo. A morte é o destino do país, segundo se percebe em oscilações melancólicas da narrativa do narrador-personagem:

- Colombia se acabó– sentencié.

¡Qué va, Colombia no se acaba! Hoy la vemos roída por la roña del leguleysmo, carcomida por el cáncer del clientelismo, consumida por la hambruna del conservatismo, del liberalismo, del catolicismo, moribunda, postrada, y mañana se levanta de su lecho de agonía, se zampa un aguardiente y como si tal, dele otra vez, ¡al desenfreno, al matadero, al aquelarre! Colombia, Colombia, Colombita, palomita: ¿no es verdad que cuando yo me muera no me vas a olvidar?<sup>63</sup> (VALLEJO, 2001, p. 92)

No trocadilho Colombia por *palomita*, pode-se mencionar ainda a esperança de não se esquecer de quem morreu, ou ainda, como coloca Seligmann-Silva (2003), de transportar para a escrita vinculada ao contexto de barbárie não um ócio ou um comportamento lúdico, mas a necessidade de se buscar um outro olhar de compreensão do passado com base nos excluídos. Desse modo, a memória é preservada dá-se um túmulo aos mortos para que eles não sejam esquecidos, já que a escrita daqueles que pertenceram a um determinado contexto de violência também é um modo de garantir à memória de quem não sobreviveu ao conflito.

<sup>62</sup> “Hoje por aqui só há ricos muito ricos e pobres muito pobres. E os ricos não vendem porque os pobres não compram. - Os pobres nunca compram - eu disse: roubam. Eles roubam e parem para que eles fiquem mais pobres para continuar roubando e parindo. Menos mal para que você vai morrer e escapar de ver a sua casa desmoronada.” (VALLEJO, 2001, p. 16).

<sup>63</sup> “A Colômbia acabou - eu sentencié. / O que acontece, a Colômbia não acabou! Hoje a vemos roída pela sarna, devorada pelo câncer do clientelismo, consumida pela fome do conservadorismo, do liberalismo, do catolicismo, morrendo, prostrada, e amanhã se ergue do seu leito de agonia, manda uma aguadente e como se fosse assim, devolve à devassidão, ao matadouro, ao coveiro! Colômbia, Colômbia, Colombita, pombinha: não é verdade que quando eu morrer, você não vai me esquecer? ” (VALLEJO, 2001, p. 92).

Consequentemente, lembrar-se da morte também pode ser vinculado ao não se permitir esquecer-la, e a necessidade de ainda se acreditar em algo para conseguir seguir após uma situação limite à compreensão. “Hay que creer en algo, aunque sea a la fuerza de la gravedad. Sin fe no se puede vivir.”<sup>64</sup> (VALLEJO, 2001, p. 17).

No entanto, a fé da qual a obra aborda não é aquela vinculada à Igreja Católica, porque Vallejo critica constantemente as ideologias católicas, apontando como desnecessária a quantidade de presidentes e papas e do comportamento que gira em torno dessa crença: “Dios no existe y si existe es un cerdo y Colombia un matadero.”<sup>65</sup> (VALLEJO, 2001, p. 10) Para o narrador, percebe-se que o problema do país está vinculado também com o poder da Igreja Católica, que é abordada ironicamente no decorrer da narrativa:

la debilidad apostólica que le acometió al Papa Pablo por los chulos o marchette de Roma. La misma que me acometió a mí cuando estuve allá y lo conocí, o mejor dicho lo vi de lejos, un domingo en la mañana y en la plaza de San Pedro bendiciendo desde su ventana. ¡Cómo olvidarlo! Él arriba bendiciendo y abajo nosotros el rebaño aborregados en la cerrazón de la plaza. En mi opinión, en mi modesta opinión, bendecía demasiado inespecíficamente y con demasiada soltura, como si tuviera la mano quebrada, suelta, haciendo en el aire cruces que teníamos que adivinar [...]”<sup>66</sup> (VALLEJO, 2001, p. 11)

Assim como a aguardente é um recurso mencionado para aguentar a situação problemática, o uso das drogas despontou com a guerrilha interna como um recurso para se suportar o combate. Desse modo, dentro da narrativa ela passa a ser utilizada pelo irmão doente como um recurso para se enfrentar a enfermidade, mas que não a resolve e, consequentemente, a sua dependência acaba ocasionando outros problemas de amparo legal:

Mi Hermano era marihuano convencido desde hacía cuando menos treinta años, desde que yo le presenté a la inefable. Con esta inconstancia mía para todo, esta volubilidad que me caracteriza, yo la dejé poco después. Él no: se la sumó al aguardiente. Y le hacían cortocircuito. El desquiciamiento que le provocaba a mi hermano la conjunción de los dos demonios lo ponía a hacer

<sup>64</sup> “Você tem que acreditar em algo, mesmo que seja devido à gravidade. Sem fé você não se pode viver.” (VALLEJO, 2001, p. 17).

<sup>65</sup> “Deus não existe e se existe é um porco e Colômbia um matadouro.” (VALLEJO, 2001, p. 10).

<sup>66</sup> “à fraqueza apostólica que ele atacou ao Papa Pablo pelos cafetões ou servos de Roma. A mesma que me atacou quando eu estava lá e o conheci, ou melhor, eu o vi de longe, num domingo de manhã e na bênção da Praça de San Pedro, dando a bênção de sua janela. Como esquecer-lo! Ele abençoou de cima e abaixo, nós, o rebanho se afogou na neblina da praça. Na minha opinião, na minha modesta opinião, ele abençoou muito especificamente e com muita facilidade, como se a sua mão estivesse quebrada, solta, fazendo cruces no ar, as que tínhamos que adivinhar [...]” (VALLEJO, 2001, p. 11).

chambonada y media: rompía vidrios, chocaba carros, quebraba televisores. A trancazos se agarraba con la policía y un día, en un juzgado, frente a un juez, tiró por el balcón al juez. A la cárcel Modelo fue a dar, una temporadita. Cómo salió vivo de allí, de esa cárcel que es modelo, pero del matadero, no lo sé. [...]

Andaba por la selva del Amazonas en plena zona guerrillera con una mochilita al hombro llena de aguardiente y marihuana y sin cédula, ¿se imagina usted? Nadie que exista en Colombia, anda sin cédula. En Colombia hasta los muertos tienen cédula, y votan. Dejar una allá la cédula en la casa es como dejar el pipí, ¡quién con dos centigramos de cerebro la deja!<sup>67</sup> (VALLEJO, 2001, p. 19)

Percebe-se que o narrador necessita compreender o que acontece com o seu irmão, com as suas escolhas de vida, o trabalho que realiza e o que faz em seu tempo livre. O narrador chama o leitor para refletir sobre a situação do único irmão ao qual manteve um vínculo e o fez retornar para o país em que se necessita escolher um lado político. Segundo Gusmán Campos, Fals Borba e Luna (2010b), ou se é liberal ou se é conservador, não há meio termo. Vallejo transporta para a narrativa essa necessidade de se autoafirmar pertencente a um grupo, enquanto um problema social existente.

Além disso, há a crescente aparição dos sicários e das drogas e o domínio que todos esses fatores exercem nos colombianos. Não há mais limites para a sua abrangência, porque as nuvens no céu já se confundem, segundo o narrador-personagem, com as nuvens de drogas, e, que, agora, é necessário escolher entre ser um drogado ou ser um bêbado, ou ser heterossexual ou ser homossexual ou ser trabalhador. Estranhamente há que se escolher o que será, porque, para o colombiano não se é permitido ter mais que uma escolha ou destino na vida. Escolher realizar todas as opções juntas não é algo que dará certo, e com isso, ele faz uma crítica à conduta do irmão e ao estilo de vida que levou por anos, que o fadou ao fracasso.

---

<sup>67</sup> “Meu irmão era um maconheiro convicto há pelo menos trinta anos, desde que o apresentei à inefável. Com essa inconstância minha para tudo, essa volubilidade que me caracteriza, deixei logo em seguida. Ele não: a adicionou à aguardente. E o geravam curto-circuito. O desarranjo que causava ao meu irmão a conjugação dos dois demônios o faziam se gabar e gerava mídia: quebrou vidro, bateu carros, quebrou televisões. Ele costumava brigar com a polícia e um dia, em um tribunal, na frente de um juiz, ele jogou o juiz na varanda. Para a prisão Modelo ele foi passar uma pequena temporada. Como ele saiu vivo de lá, daquela prisão que é modelo, mas de matadouro, eu não sei. [...]

Andava pela selva amazônica no meio da zona de guerrilha com uma mochila sobre o ombro cheia de aguardente e maconha e sem a carteira de identidade, dá pra imaginar? Ninguém que existe na Colômbia, anda sem documento. Na Colômbia, até os mortos têm um documento e eles votam. Deixar o documento em na casa é como deixar o xixi, quem com dois centigramas de cérebro deixa!” (VALLEJO, 2001, p. 19).

Entre muitos aspectos da narrativa, destaca-se a habilidade de Vallejo em vincular tudo ironicamente com uma crítica ao conservadorismo e a fé na Igreja Católica. Em quase todos os finais de parágrafo ele atribui ou uma interjeição, ou toda uma oração e irônica de cunho cristão: “Graças ao Espírito Santo pelos favores recebidos”; “después volvió la diarrea de antes, la que había mandado en su bondad eterna Dios”<sup>68</sup>, (VALEJO, 2001, p. 28); ainda “no le vaya a contagiar el santo cura una sida con los dedos al ir repartiendo de boca em boca al Cordero<sup>69</sup>” (VALLEJO, 2001, p. 27).

Certamente, o grande problema, para o narrador, está na crença religiosa do povo colombiano e na crença política que tornou a todos doentes, ou seja, o povo, segundo ele comenta, possui uma doença no país que é a vida, mas que a cura é a morte, nitidamente se percebe o descrédito com a pátria e com a raça humana que foi modelando o seu país. Para tanto, o narrador-personagem vai delineando mentalmente os enterros adequados conforme as condutas que exerceram em vida. Por exemplo, o enterro do irmão e o do Papa são igualmente imaginados e desejados com todos os conflitos que o acompanharam em vida:

Al mío quiero que venga, quiero que vuelva esa banda de loros que pasaba volando, rasgando de verde el azul del cielo, sobre la finca de mi niñez y mis abuelos, Santa Anita, y gritando en coro, con una sola voz burlona: ‘¡viva el gran partido liberal, abajo godos hijueputas!’ Godos, o sea conservadores, camanduleros, rezanderos, en tanto los liberales éramos nosotros: los rebeldes y las putas. ¡Uy, cuánto hace que se acabó todo eso, que se quemó la pólvora! De los dos partidos que dividieron a Colombia en azul y rojo con un tajo de machete no quedan sino los muertos, algunos sin cabeza y otros sin contar. Cadáveres decapitados de conservadores y liberales bajaban por los ríos de la patria tripulados por gallinazos que en su viaje de bajada a los infiernos, de ociosos, por matar el tiempo a falta de alguien más, sin distingos doctrinarios, de partido, les iban sacando a azules y a rojos a picotazos las tripas.<sup>70</sup> (VALLEJO, 2001, p. 26)

<sup>68</sup> “Então a diarreia de antes voltou, a que enviara Deus em sua eterna bondade.” (VALLEJO, 2001, p. 28).

<sup>69</sup> “Não vá infectar o santo padre com uma aides com os dedos enquanto vai de boca em boca ao Cordeiro.” (VALLEJO, 2001, p. 27).

<sup>70</sup> “Ao meu quero que venha, eu quero aquele bando de papagaios que voam, rasgando de verde o azul do céu, sobre a fazenda da minha infância e meus avós, Santa Anita, e gritando em coro, com uma única voz zombeteira: Viva o grande partido liberal, baixo godos hijueputas! 'Godos, ou seja conservadores, rezanderos, enquanto os liberais eram nós: os rebeldes e as prostitutas. Oh, quanto tempo isso tudo acabou, que a pólvora queimou! Dos dois partidos que dividiram a Colômbia em azul e vermelho com um corte de facão, só restam os mortos, alguns sem cabeça e outros sem contar. Os cadáveres decapitados de conservadores e liberais desciam os rios da pátria, tripulados por urubus em sua jornada ao inferno, de desocupados, para matar o tempo na ausência de outra pessoa, sem distinções doutrinárias, partidos, eles estavam ficando azul e vermelho com bicadas nas entranhas.” (VALLEJO, 2001, p. 26).

A obra plasma o encontro de muitas histórias da memória compartilhadas entre tantos sujeitos que foram vítimas do problema, em especial da Colômbia. A identidade de um povo é construída historicamente a força e que vai sendo compartilhada e remodelada pelo poder da palavra. Os problemas que o narrador-personagem de Vallejo apresenta têm um marco inicial com o começo do conflito interno do país, com a disputa entre os liberais e os conservadores, ao se tentar resgatar as memórias com o pai, principalmente, porém, o autor não deixa de mencionar as consequências à Colômbia que são atribuídas à problemática, desde a dificuldade em sobreviver no país, o elevado índice de pobreza extrema, o alto número de viciados em drogas, álcool e, até mesmo, em religião:

Por algo ha reinado en Colombia ese bendito doscientos años, indiscutido, inagotable, sin que lo acabe nadie ni lo desbanque nada. De él se nutren el partido conservador, el liberal, la Iglesia católica, el narcotráfico, el hampa común y corriente, la guerrilla, las ilusiones, las ambiciones, los sueños. El embeleco de Cristo un día pasará en ese país novelero: el aguardiente nunca. Sin aguardiente Colombia no es Colombia<sup>71</sup>. (VALLEJO, 2001, p. 169 - 170)

Seligmann-Silva (2003) destaca que uma experiência ruim tem o poder de gerar uma negatividade a tudo o que envolve o sujeito. Vallejo, por exemplo, perdeu muitas pessoas próximas na Colômbia e, com isso, acabou remodelando a representação social do país que foi transportada para a narrativa. O deslocamento entre mente e corpo que prefigura na imagem da dor gerada nas lembranças, volta como uma negação da pátria e de tudo o que ser humano representa.

Desse modo, mesmo Vallejo expondo a sua rejeição a todos esses fatores que envolvem o país através da escrita, ele apresenta uma memória resistente e que necessita ser elaborada. Para tanto, ele vai se recolocando circunscrita em práticas de movimentos sociais colombianos pelo pertencimento a determinados grupos, como o familiar. Mesmo não desejando retornar do México à Colômbia, ele o fez em virtude da doença de um dos seus 23 irmãos que estava morrendo. Ou seja, Vallejo não consegue se desfazer da negatividade da experiência na Colômbia, contribuindo para as dificuldades da memória ferida e da aceitação dos genes da mãe e da Colômbia:

---

<sup>71</sup> “Algo reinou na Colômbia para aqueles abençoados duzentos anos, incontestados, inesgotáveis, sem que ninguém os terminasse ou removesse. Nutrindo o Partido Conservador, o Partido Liberal, a Igreja Católica, os narcotraficantes, o submundo comum e atual, a guerrilha, as ilusões, as ambições, os sonhos. Cristo um dia passará naquele país novelero: a aguardiente nunca. Sem aguardiente Colômbia não é Colômbia.” (VALLEJO, 2001, p. 169-170).



Como un perro que orina para indicar que por ahí pasó, la Loca se pasó la vida pariendo hijos: le iban saliendo de las entrañas, de sus profundidades oscuras como el infierno con los imborrables genes Rendón. Imborrables, digo, porque hasta donde yo sepa, con todo y los progresos que dizque ha hecho la humanidad, aún no ha inventado el borrador de genes<sup>72</sup> (VALLEJO, 2001, p. 211).

As páginas do livro representam constantemente a indignação do narrador pelo conturbado contexto familiar, histórico e social ao qual ainda está imerso. A não aceitação pela pátria, ocasionada por ele pelo caos do congresso, do povo e da fé: “¿Y Dios? – No existe. Y si no, mirá en torno, por todas partes el dolor, el horror, el hombre y los animales matándose unos a otros. ¡Qué va a existir esse asqueroso!”<sup>73</sup> (VALLEJO, 2001, p.91). Para o narrador-personagem é clara a visão de um país em que tudo se resolve com a morte, porque não há, para ele, outra forma de se impedir uma nova vida, os nascimentos. Dado que contribui na narrativa à falta de sentimento e ao descrédito a sua própria mãe, porque ela teve 24 filhos. O caos dentro do descontrolo não só de seu grupo familiar como de outros, além do institucional, que só aumentam os problemas de pobreza extrema, fome, desemprego, falta de acesso à educação. Desse modo, o caos só vai se instaurando e matar por matar se torna comum:

Lo que pasa es que en la inmensa confusión de las cosas que se había apoderado de ese país adorable habíamos acabado por llamar sicario a cualquier asesino. Cuestión de semántica. Ya no distinguíamos al que fue contratado del que no. ¡Como todos se nos iban impunes! El caos produce más caos.[...] El orden es un espejismo del caos<sup>74</sup>. (VALLEJO, 2001, p. 147)

A experiência da negação de seu país, que é o fruto do trauma, como em Freud (1998), vai construindo uma nova imagem compartilhada do contexto social do país a partir das lembranças individuais que só reverberam a necessidade da linguagem no processo de compulsão à memória ferida, porque a autoficção narrada em Vallejo é a constituição de uma memória fragmentada, melancólica, em que não só o mundo

<sup>72</sup> “Como um cachorro que urina para indicar que passou por ali, a Louca passou a vida parindo filhos: saíam de suas entranhas, de suas profundezas sombrias como o inferno com os indelévels genes Rendón. Indelével, digo eu, porque até onde eu sei, com todo o progresso que a humanidade alegadamente fez, o apagador de genes ainda não foi inventado.” (VALLEJO, 2001, p. 211).

<sup>73</sup> “E Deus? - Não existe. E se não, olhe ao redor, em todos os lugares, a dor, o horror, o homem e os animais se matando. Que vá a existir esse asqueroso!” (VALLEJO, 2001, p. 91).

<sup>74</sup> “O que acontece é que, na imensa confusão de coisas que dominaram aquele adorável país, acabamos chamando qualquer assassino de sicario. Questão de semântica. Já não distinguíamos aquele que foi contratado daquele que não o foi. Todos ficavam impunes! Caos produz mais caos [...] A ordem é uma miragem do caos.” (VALLEJO, 2001, p. 147).

deixa de fazer sentido como também a própria existência do sobrevivente. A morte deixa raízes, principalmente com o falecimento do pai: “en cuanto a las cenizas, las cargo desde entonces en el pecho, del lado izquierdo, em esta cripta de cementerio en que se me há convertido el corazón. El que vive mucho carga con muchos muertos, es natural”<sup>75</sup> (VALLEJO, 2001, p. 152). Assim, o narrador-personagem destaca, muitas vezes, a proximidade da morte, da escrita e do país em suas memórias confusas.

Em outras palavras, pode-se dizer que do resultado da guerrilha, da divisão entre ideologias dos conservadores e dos liberais, é destacado por Vallejo, como a necessidade de compreensão do trauma pela narrativa. O narrador-personagem atribui uma elevada importância à linguagem no processo do trauma que corrobora a abordagem vista em Freud. Vallejo deixa claro que precisa da linguagem, que necessita falar para curar, mas também menciona o poder que ela exerce tanto para o bem quanto para o mal: “me cobra por oírme curar solo. [...] Es que yo creo en el poder liberador de la palabra. Pero también creo en su poder de destrucción pues así como hay palabras liberadoras también las hay destructoras”<sup>76</sup>, (VALLEJO, 2001, p. 82).

A palavra para o mal, segundo Hanna Arendt (2011), é o cuidado que se deve ter com o discurso de um líder político que é capaz de convencer a muitos seguidores. Outro ponto curioso com o cuidado com as palavras, o autor também salienta a cultura do bom idioma, o zelo pela gramática, “Colombia país de gramáticos”<sup>77</sup> (VALLEJO, 2001, p. 28). Segundo Puyana García (2005), aos colombianos sempre lhes encantaram o poder da palavra, do bom idioma, até porque para se publicar algo na época das guerrilhas era cobrado o mais elevado nível do espanhol padrão. A publicação só era permitida quando passava pela avaliação gramatical, fazendo com que o povo buscase aprimorar a linguagem cada vez mais, o que não era considerado um grande problema, porque sempre foram encantados pelas palavras bonitas, mesmo durante o conflito apresentavam um apreço pela linguagem na

---

<sup>75</sup> “Quanto às cinzas, desde então as carrego no peito, do lado esquerdo, nesta cripta de cemitério em que se tornou o meu coração. Quem vive muito carrega muitos mortos, é natural.” (VALLEJO, 2001, p. 152).

<sup>76</sup> “Me cobra por me ouvir curar sozinho. [...] é que eu acredito no poder libertador da palavra. Mas eu também acredito em seu poder de destruição porque assim como há palavras libertadoras, há também palavras destrutivas.” (VALLEJO, 2001, p. 82).

<sup>77</sup> “Colômbia país de gramáticos.” (VALLEJO, 2001, p. 28).

mesma proporção contraditória do sentimento colombiano “país pobre rico em ódio.”<sup>78</sup> (2001, p. 48). Em *El desbarrancadero*, Vallejo eleva a escrita, mas também critica o surgimento exagerados de poetas que começam a apelar ao tema:

Colombia y sus miserias, hablábamos por horas y horas de nuestra pobre patria, de nuestra patria exangüe que se nos estaba yendo entre derramamientos de sangre y de petróleo, saqueada por los funcionarios, sobornada por el narcotráfico, dinamitada por la guerrilla, y como si lo anterior fuera poco, asolada por una plaga de poetas que se nos vinieron encima por millones [...] <sup>79</sup>, (VALLEJO, 2001, p. 90).

Fala da pátria, do caos que se instalou do país, mas também do ódio que sente pela Loca – aquela que é considerada a sua mãe – cheia de fé e vontade de trazer filhos ao mundo. Tira-os da paz em que estavam antes de nascer. O narrador-personagem não apresenta nenhuma aproximação com sua mãe, somente o sentimento de desprezo, que pode ser considerada também como uma metáfora à pátria mãe, porque ambas estão vinculadas ao sentimento de negação e à tentativa de controle pessoal e social pela ordem no país e na família: “el orden es un espejismo del caos. Y no hay forma de no nacer, de impedir la vida, que puesto que se dio es tan irremediable como la muerte. Punto y basta.”<sup>80</sup> (VALLEJO, 2001, p. 147). Nos poucos momentos nos quais a mãe aparece na narrativa é para vigiá-lo, observá-lo de longe. Por fim, o narrador-personagem não aguenta muito tempo os olhares inquietos da mãe e os sentimentos que a Colômbia desperta nele e escolhe regressar ao México, já ao perder o pai havia prometido que não retornaria mais ao país:

Muerto papi me fui al demonio jurando que jamás iba a volver. Nunca digas de esta agua no beberé porque justo de esa agua es de la que vas a beber tratándose de la maldición de Colombia. No había pasado un año de esa muerte y ya estaba de regreso para otra <sup>81</sup> (VALLEJO, 2001, p. 152).

Desse modo, quando ele decide retornar ao México, ele o faz para não acumular mais uma lembrança de morte em sua memória. Ele recebe a notícia do

<sup>78</sup> “País pobre rico em ódio.” (VALLEJO, 2001, p. 48).

<sup>79</sup> “Colômbia e suas misérias, conversamos por horas e horas sobre nossa pátria pobre, nossa pátria que ia entre derramamento de sangue e petróleo, pilhada por funcionários, subornada pelo narcotráfico, dinamitada pelos guerrilheiros e como se o anterior fosse pouco, devastada por uma praga de poetas que nos veio em milhões.” (VALLEJO, 2001, p. 90).

<sup>80</sup> “A ordem é uma miragem do caos. E não há como não nascer, evitar a vida, que desde que aconteceu é tão irremediável quanto a morte. Ponto e basta.” (VALLEJO, 2001, p. 147).

<sup>81</sup> “Papai morto, fui para o inferno jurando que nunca mais voltaria. Jamais diga que não beberei esta água porque é justamente essa água que você vai beber no caso da maldição da Colômbia. Não se passou um ano desde aquela morte e já estava de volta para outra.” (VALLEJO, 2001, p. 152).

falecimento do irmão, por uma ligação de telefone, quando estava a caminho do aeroporto. Sai do país com a mesma impressão negativa de quando retornou:

Sonó el teléfono y conteste: era Carlos para darme la noticia de que acababa de morir Darío. En ese instante entendí que se acababan de cortar mis últimos vínculos con los vivos. El taxi se alejando, alejando, dejándolo atrás todo, un pasado perdido, una vida gastada, un país en pedazos, un mundo loco, sin que se pudiera ver adelante nada y yendo hacia nada, hacia el sin sentido, y sobre el paisaje invisible y lo que se llama el alma, el corazón, llorando: llorando gruesas lágrimas de lluvia<sup>82</sup> (VALLEJO, 2001, p. 213).

Dessa forma, o narrador-personagem destaca, nas páginas finais, que o ser humano não é mais do que uma lembrança do que ocorre por esses lugares a fora e a morte apresenta o papel de fazer com que o outro siga vivendo. Retornar à Colômbia foi um gatilho às memórias do luto que envolviam a morte do pai, através da doença e da morte do irmão: “uno no es más que unos gusanos. Cuando vos te murás seguirás viviendo en mí que te quiero, en mi recuerdo doloroso, y después cuando yo a mi vez me muera, desaparecerás para siempre<sup>83</sup> (VALLEJO, 2001, p. 90-91). Em suas recordações, mesmo que dolorosas, é o lugar em que o seu pai e o seu irmão viverão, pois, toda a viagem serviu para que ele acolhesse as memórias feridas da morte do pai e aceitasse a situação das escolhas do irmão Darío. Do pai, ele começa a se recordar quando entra em sua antiga casa:

Lo miré cuando sus ojos se inmovilizaban en el vacío. El tiempo, lacayo de la Muerte, se detuvo: papi había dejado el horror de la vida y había entrado en el horror de la muerte. Había vuelto a la nada, de la que nunca debió haber salido. En ese instante comprendí para qué, sin él saberlo, me había impuesto la vida, para qué había nacido y vivido yo: para ayudarlo a morir. Mi vida entera se agotaba en eso<sup>84</sup> (VALLEJO, 2001, p. 145).

---

<sup>82</sup> “O telefone tocou e eu atendi: era Carlos para me dar a notícia de que Darío acabara de morrer. Naquele instante, entendi que meus últimos laços com os vivos acabavam de ser rompidos. O táxi foi se afastando, se afastando, deixando tudo para trás, um passado perdido, uma vida perdida, um país em pedaços, um mundo louco, sem poder ver nada à frente e indo para o nada, para o sem sentido e na paisagem invisível e o que é chamado de alma, o coração, chorando: chorando grossas lágrimas de chuva.” (VALLEJO, 2001, p. 213).

<sup>83</sup> “Um não é mais do que apenas vermes. Quando você morrer você continuará vivendo em mim porque eu te amo, em minha memória dolorosa, e mais tarde quando eu morrer, você desaparecerá para sempre.” (VALLEJO, 2001, p.90-91).

<sup>84</sup> “Eu olhei para ele enquanto seus olhos congelaram no vazio. O tempo, lacayo da Morte, parou: Papai havia deixado o horror da vida e entrado no horror da morte. Ele havia retornado ao nada, do qual nunca deveria ter emergido. Naquele instante entendi por que, sem que ele soubesse, eu havia imposto a vida a mim, por que havia nascido e vivido: para ajudá-lo a morrer. Minha vida inteira foi exaurida nisso.” (VALLEJO, 2001, p. 145).

Ao terminar a narrativa não se sabe ao certo, se era uma história para contar sobre a morte do pai, assim como se observou em *Faciolince*, ou o complicado relacionamento com a mãe, ou dos problemas do país, com base na doença do irmão. O narrador narra, mais uma vez, para compreender o ódio, o sentimento de caos que está no próprio narrador, já que em muitos momentos ele também se contradiz, e termina a sua narrativa com a analogia da chuva e do choro, já que é uma das poucas vezes que demonstra uma vulnerabilidade ao olhar para o país quando já se está de saída. É uma narrativa da dor e do caos de mais uma vítima que emergiu da violência como recurso para a paz e à ordem social, que seria uma busca incansável.

#### 4.3 LAURA RESTREPO E A TRAJETÓRIA LITERÁRIA

*Todos los secretos están guardados en un mismo cajón, el cajón de los secretos, y si develas uno, corres el riesgo de que pase lo mismo con los demás.*<sup>85</sup>  
*Delirio, Laura Restrepo*

Laura Restrepo nasceu em Bogotá, é formada em Letras e Filosofia pela Universidade de los Andes. Em 1983, foi nomeada membro da comissão negociadora de paz entre o governo e a guerrilha M-19. Em 1986, publicou o seu primeiro livro, *Historia de un entusiasmo*, que, inicialmente, foi denominado de *Historia de una traición*, trocando de nome em 1998, a obra se baseou na tentativa nada bem sucedida de negociação entre o governo colombiano e um grupo de guerrilheiros na busca pela paz. É interessante mencionar que a autora participou das tratativas de negociação entre eles, por esse motivo que muitos críticos apontam a obra como uma mistura de literatura e de jornalismo. O livro, inicialmente, só passou a ser publicado quando a autora pediu demissão de uma revista em que trabalhava por apresentar um índice de denúncia – além de uma mistura de objetividade e de subjetividade na escrita com o objetivo de aproximar o povo de um outro olhar que se teve da tentativa de se dar paz e esperança ao colombiano.

No entanto, a obra publicada na sequência foi *La isla de la pasión* (1989), como uma resposta à Colômbia pela necessidade que passou quando teve que sair do país e buscar abrigo no México, e como forma de agradecimento ao país que a acolheu. Já em *Leopardo al sol* (1993), o foco é a falta de justiça, a violência extrema no país

---

<sup>85</sup> Em livre tradução minha: “Todos os segredos estão armazenados em uma mesma caixa, na caixa de segredos, e se você revelar um, corre o risco de que ocorra o mesmo os outros. ”

e o desejo de vingança entre as famílias. Em *Dulce compañía* (1995), a autora apresenta uma crítica ao comportamento social e ideológico do país com um choque de culturas, hábitos e crenças. *La novia oscura* (1999), é sobre uma tentativa de deixar o passado para trás, abordando a prostituição, o petróleo como fonte de renda, o poder do exército e a necessidade de estruturar uma sociedade desenvolvida tentando sobreviver ao regime de violência e miséria. Em *La multitud errante* (2001) é o fruto da luta pela busca de uma terra perdida, de uma vida, e de uma história massacrada pela guerra, o curto romance tenta mostrar um pouco da luta pela sobrevivência de pessoas que foram diretamente afetados pelas tragédias do conflito no país, explora o drama da tentativa de sobrevivência.

*Olor a rosas invisibles* (2002) encontra-se um pouco de nostalgia, na busca pelas lembranças de um passado de amor. Ainda é coautora de *Once ensayos sobre la violencia*, *Operación Príncipe*, *En qué momento se jodió Medellín* e *Del amor y del fuego*, assim como o livro infantil *Las vacas comen espaguetis* (RESTREPO, 2004). A escritora contemporânea também faz a relação literatura e violência, Restrepo é ganhadora do Alfaguara de literatura em 2004, com a obra que servirá de estudo, *Delirio*. Segundo Morales (2007), com o reconhecimento do prêmio, ela se tornou uma das escritoras latino-americanas mais lidas na atualidade, e a sua literatura está entre as mais vendidas no país:

uno de los textos más comprometidos con la elaboración del dolor producido por las múltiples formas de violencia que toman lugar el país.[...] Una escritura que prefigura y delinea la necesidad enfermiza de un contar que se desnuda y que se queja en relación con la realidad colombiana.[...] Un ejercicio juicioso de reparación del dolor social y personal en cuanto que del delirio pasamos a entender que la novela misma es un acto de recomposición de la vida<sup>86</sup> (MORALES, 2007, p. 326).

E, por final, a última obra publicada pela autora, *Los divinos* (2018), é inspirada em um caso de violência de gênero, mais específico, de um assassinato de uma jovem menina de 07 anos por um homem da sociedade alta. A escritora descreve o motivo como sendo uma transcendência da violência em um país que já passou por todos os tipos de violência, e que ela não poderia deixar de escrever uma vez mais sobre o

---

<sup>86</sup> “Um dos textos mais comprometidos com a elaboração da dor produzida pelas múltiplas formas de violência que ocorrem no País. [...] Uma escrita que prefigura e delinea a necessidade de contar e reclamar desprotegida em relação à queixa da realidade colombiana [...] Um exercício detalhado de reparação da dor social e pessoal nesse delírio chegamos a compreender que o próprio romance é um ato de recomposição da vida.

assunto. Sendo a literatura uma forma de fazer a sociedade pensar uma vez mais sobre o que aconteceu, o que se passou ou não, como a violência e a ferida deixada por ela.

#### 4. 4 VIOLÊNCIA E MEMÓRIA EM *DELIRIO*, DE LAURA RESTREPO

Restrepo, na obra *Delirio*, apresenta uma perspectiva feminina através do olhar da personagem central Agustina, permeada pelas vozes de outros três narradores que marcam diferentes passagens temporais. Talvez uma mistura da dificuldade que o país enfrenta para superar os problemas gerados pela situação de violência extrema que causam/causaram sequelas à memória de uma população. É por esse motivo que esse romance foi escolhido junto as duas autoficções para ser analisado neste estudo. Ou seja, a personagem central Agustina é o reflexo direto das sequelas deixadas pela violência em muitas mentes colombianas, as memórias feridas geradas pelo trauma, pelo luto pela dor, como foi visto em Freud (1998), em Seligmann-Silva (2003), Jelin (2012), fruto de um passado de catástrofes violentas.

A personagem central é oriunda de uma família com situações financeiras abastadas e se envolve, na adolescência, com o uso de drogas. Durante a infância, ela apresenta situações de fascínio e envolvimento com o irmão mais novo e com o pai. Agustina começa a narrar a história partindo das lembranças da sua infância, que é considerada como o começo da sua loucura. Já nas primeiras páginas, ela narra a superproteção e os encontros que tem com o irmão mais novo Bichi ou Bichito, com o qual realiza certos rituais, que acabam despertando a homossexualidade do irmão, como pode se observar nas seguintes passagens:

con las nalgas todavía rojas por las palmadas que te dio el padre, tú, que eres el Cordero, te bajas los calzoncillos para mostrarte el daño y después te los quitas del todo, y yo también me quito los pantis y me quedo así, sin nada bajo el uniforme del colegio, con una inquietud que pica entre las piernas, con un miedo sabroso de que irrumpa en el cuarto mi madre y se dé cuenta de todo, porque el Bichi y su hermana saben bien, aunque a eso no le ponen palabras, que su ceremonia es así, sin calzones.<sup>87</sup> (RESTREPO, 2004, p. 45).

<sup>87</sup> “Com as nádegas ainda vermelhas das palmadas que o pai te deu, você, que é o Cordeiro, tira a cueca pra te mostrar o estrago e aí tira tudo, e eu também tiro a calcinha e fico assim, sem nada sob o uniforme da escola, com uma inquietude que coça entre as pernas, com um temor gostoso de que minha mãe invada a sala e perceba tudo, porque Bichi e sua irmã conhecem bem, mesmo que não ponham palavras, que sua cerimônia é assim, sem calcinha.” (RESTREPO, 2004, p. 45).

O pai e o irmão trazem as marcas do feminino de Agustina ao narrar as lembranças do passado, e a questão do sexo oposto da mulher nas relações patriarcais. Nada pode ser questionado quando se trata do pai, tudo deve ser considerado como o correto e aceito na sociedade e na padronização familiar. O irmão mais velho, Joaco, é o reflexo do pai e é assim que deveria ser com Bichi, mas não o é. Por esse motivo que ele é reprimido não só socialmente como, também, dentro do meio familiar, principalmente, pela irmã, que o acompanha nos rituais, mas com as observações sobre o modo como ele deve agir e se portar como o pai, porque a homossexualidade é não aceita:

Bichi, Bichito, tienes que reconocerlo y tienes que comprender a mi padre cuando te lo reprocha, porque razón no le falta. De nada te sirve tener tus bucles negros y tu piel tan clara y tus ojazos oscuros como de Niño Dios, porque hubieras preferido mil veces ser recio y un poco feo como ellos, es decir como Joaco y como mi padre. Angel Face, le dicen al Bichi de tan lindo que es, y la tía Sofi le dice Muñeco pero al padre no le hace gracia, sino que por el contrario le irrita el genio<sup>88</sup> (RESTREPO, 2004, p. 44).

Assim, instaura-se uma crise familiar com a não aceitação da escolha do irmão. Outros problemas sociais começam a aparecer na trama e vão sendo relatados pela protagonista no decorrer da narrativa. Há, com a narração de Agustina, um passado mais próximo, que é intercalado com um passado mais distante, que é narrado pelo avô Portolinus. O início da família na Colômbia e a homossexualidade de Bichi são os alvos da narrativa do avô.

Ainda sobre os narradores, há os responsáveis pela narrativa do presente, que são Aguilar e El Midas McAlister. Aguilar é casado com Agustina há três anos, tem dois filhos de outro casamento. Após uma viagem para ir ver os filhos de outro casamento, encontra a sua esposa em um quarto de hotel, desnorteada, confusa e acompanhada de outro homem, El Midas McAlister. Desde então, começa a investigar o passado para tentar entender o que aconteceu com Agustina, o porquê de ela estar em choque, com a mente em delírios. Ele quer saber o que aconteceu naquele quarto de hotel que a deixou naquele estado e começa a questionar os funcionários. Então,

---

<sup>88</sup> “Bichi, Bichito, você tem que reconhecer isso e você tem que entender meu pai quando ele te critica, porque razão não te falta. É inútil ter os seus cachos negros e a sua pele tão límpida e os seus olhos escuros como filho de Deus, porque preferiria mil vezes ser duro e um pouco feio como eles, isto é, como Joaco e como o meu pai. Angel Face, eles dizem para Bichi como ele é fofo, e tia Sofi diz a ele boneco mas o pai não gosta disso, mas pelo contrário lhe irrita o gênio.” (RESTREPO, 2004, p. 44).



uma empregada do local o ajuda, mas também se apaixona por ele. Isso faz com que ele perceba o amor que sente por Agustina, que a partir de então o trata como um desconhecido.

Já o outro narrador do tempo presente é El Midas McAlister, um intermediário do cartel de Pablo Escobar, responsável por recolher o dinheiro das famílias com o envolvimento com as drogas. Ele se envolve com Agustina, porque ela pertencia a uma dessas famílias. O interessante é que ele narra a história da Agustina a ela própria como uma tentativa de auxiliá-la com os problemas de memória insistente. No entanto, isso ocorre após quinze anos que não eles se viam mais.

Na narração de El Midas, há a presença da Araña Salazar, um milionário colombiano, que ficou paraplégico em uma noite de bebedeira com o irmão mais velho de Agustina, Joaco. Os dois apostam que poderiam curar Salazar e resolvem contratar umas prostitutas para isso. No entanto, uma delas morre durante o encontro e é aí que os problemas aumentam para a família de Agustina. Então, El Midas, como narrador, conta à protagonista o envolvimento que eles possuem com Pablo Escobar e a lavagem de dinheiro ao narcotráfico. Tem-se, então, um problema familiar com as drogas.

Desse modo, a história permeia a trajetória da infância de Agustina com os problemas de Joaco com o narcotráfico e o retorno de Bichi ao país para apresentar o seu namorado. A relação não é aceita. A família vive um caos, Joaco é violento com o irmão. Agustina já não reconhece mais nem o país nem a família. Para agravar ainda mais a situação, El Midas precisa se esconder de Pablo Escobar, por isso que retorna ao antigo lar, de origem humilde e ocultado por muito tempo, em que somente Agustina conhecia, já que haviam tido um romance quando jovens.

O irmão mais velho Joaco sempre foi protegido, mesmo sendo apontado como um dos responsáveis pela família ter perdido os bens e o prestígio. Já Bichi não é aceito pelo pai: “Porque a Bichi siempre se la monta el padre, se la tiene jurada pese a que es el menor, en cambio a Joaco no, Joaco es mi otro hermano, el mayor de nosotros tres, y a él mi padre ni le pega ni desaprueba lo que hace<sup>89</sup>” (RESTREPO, 2004, p. 29). O caos é tanto familiar quanto social. A violência colombiana aparece

---

<sup>89</sup> “Porque a Bichi sempre se sobressai o pai, se a tem jurado apesar de ser o mais novo, em troca a Joaco não, o Joaco é meu outro irmão, o mais velho de nós três, e a ele o meu pai não bate ou desaprova o que faz.” (RESTREPO, 2004, p. 29).

em vários momentos da narrativa, em especial, nas passagens de advertência de Agustina:

algo malo puede pasarles en la carretera, se le apunta de entrada a una lata probabilidad de acertar, porque la vida es de por así azarosa y dada a jugarnos malas pasadas , pero además porque en un país como éste, cruzado arriba abajo por una maciza cordillera, las carreteras, por lo general en mal estado, se entorchan y se encabritan bordeando abismos y por si eso fuera poco, son tomadas un día sí y otro también por los militares, los paramilitares o los guerrilleros, que te secuestran, te matan o te agreden con granadas, a patadas, con ráfagas, con explosivos, cazabobos, mina antipersonal o ataque masivo con pipetas de gas<sup>90</sup> (RESTREPO, 2004, p. 41).

A história do país está presente na narrativa desde o início ao final da trama. Representa o início da violência que começou como um processo de autodefesa de massa pelos camponeses, em 1948, e se transforma na luta das guerrilhas. A obra aborda as lutas que, para Guzmán Campos, Fals Borba e Luna (2012), ocasionaram o extermínio de Tolima pelo fogo e de outras regiões. Outro ponto que aparece é a organização das ondas de violência que se transforma em um vírus de difícil controle social, que começa em meados de 1949. A violência se propagou a lugares como *Huila*, *Santander Valle del Cauca* e Tolima.

Logo, desses extermínios, segundo os autores, é que brotam os guerrilheiros e os *bandoleros* como um processo de quem não conseguiu viver em paz em seu lar assistindo aos massacres pelo poder. Na região dos *Llanos* ocorre *empalamiento*, depois o crime de *La arboleda*, como representações da força para o inimigo através da violência extrema e do fogo. Restrepo menciona tais situações com a representação de uma personagem que é colega de Joaco e de El Midas, como sendo subordinados de Araña Salazar. Ele apresentado como o milionário que lava dinheiro ao narcotráfico:

Jorge Luis Ayerbe que tenía encima a la prensa por un masacre de indios en el departamento del Cauca, de donde es esa familia suya tan tradicional y tan patrocinadora de paramilitares, porque hacía un par de meses los ayerbe habían mandado a su tropita particular de paracos a espantar indios

---

<sup>90</sup> “algo ruim pode acontecer com eles na estrada, se o aponta de entrada a uma alta probabilidade de acertar, porque a vida é de pior azarada e dada a jogar a nós maus momentos, mas também porque em um país como este, atravessado por uma sólida Cordilheira, as estradas, geralmente em condições, são retorcidas e criadas em torno de abismos e, como se isso não bastasse, são tomadas um dia sim e outro também pelos militares, paramilitares ou guerrilheiros, que o sequestram, o matam ou te atacam com granadas, com pontapés, rajadas, explosivos, armadilhas, mina antipessoal ou ataque maciço com bombas de gás.” (RESTREPO, 2004, p. 41).

invasores de unas tierras realengas que según Jorge Luís le pertenecían legítimamente a su familia desde los tiempos de los virreyes, nada fuera de lo normal, recurrir a mercenarios es lo se estila para controlar casos de invasión, sólo que esta vez a los paracos se les fue la mano en iniciativa y se pusieron a incendiar los tambos de los indios con los indios adentro<sup>91</sup> (RESTREPO, 2004, p. 43).

As regiões citadas por Restrepo, na obra *Delirio*, trazem o registro desde o início de um conflito que não escolheu classe social, raça, gênero, nem fatores econômicos. O fato que traz a morte do líder dos revolucionários, Gaitán, que estava preste a assumir o governo, é o marco da violência, também aparece na obra quando a personagem Agustina narra uma conversa da infância que teve com o seu pai para reavivar a memória:

una noche, durante la ronda de las llaves a la hora de la nona, mi padre me confiesa que han sido los francotiradores del Nueve de Abril. Yo comprendo sus palabras: los francotiradores del Nueve de Abril han abierto esos agujeros en los postigos de nuestra casa. ¿Y con qué los abrieron, padre?, Con sus disparos, ¿Dispararon contra nosotros?, No, contra la gente, me dice, pero no añade una palabra más. ¿Contra cuál gente, padre?, La gente, la gente, las cosas son como son y no hay para qué estar hablando de ellas<sup>92</sup> (RESTREPO, 2004, p. 135).

A família de Agustina, os Londoños, vivia em um bairro de classe alta. Nele, presenciaram, no dia 9 de abril de 1948, a morte de Jorge Eliécer Gaitán, diretor do partido liberal acostumado a realizar protestos pacifistas contra a violência rural que ocorria desde a guerra dos mil dias. Gaitán é eliminado por ser considerado o possível candidato a vencer as eleições presidenciais de 1950 (GUZMÁN CAMPOS, FALS BORBA e LUNA, 2012). A narrativa de Agustina é uma mistura dos trabalhos da memória com os episódios de violência que marcam o país e a sua trajetória, que, por vezes, parece um completo delírio, que ela atribui a um processo de cegueira racional

---

<sup>91</sup> “Jorge Luis Ayerbe, que teve a imprensa sobre ele por um massacre de índios no departamento de Cauca, onde sua família é tão tradicional e tão patrocinada de paramilitares, porque há dois meses atrás haviam enviado uma tropa particular para espantar os índios invasores de uma terra real que segundo Jorge Luís pertencia legítimamente à sua família desde os tempos dos vice-reis, nada fora do comum, recorrer aos mercenários é o caminho para controlar os casos de invasão, só que desta vez para o paracos andaram de mãos dadas e se puseram a queimar os tambos dos índios com os índios dentro.” (RESTREPO, 2004, p. 43).

<sup>92</sup> “Certa noite, durante a ronda das chaves na época da nona, meu pai confessa que foram os franco-atiradores do Nove de abril. Eu entendo suas palavras: os franco-atiradores do nove de abril abriram esses buracos nas persianas de nossa casa. E com o que eles abriram eles, pai? Com seus tiros, eles atiraram em nós? Não, contra as pessoas, ele me diz, mas ele não acrescenta outra palavra. Contra que pessoas, pai? Pessoas, pessoas, as coisas são como são e não há razão para falar sobre elas. ” (RESTREPO, 2004, p. 135).

que envolve a alta sociedade na Colômbia. As personagens não desejam acreditar no que ocorre, na mistura de sociedade, educação, luta e justiça, a história da Colômbia se mistura de modo confuso com as lembranças de Agustina que recorda outra vez da falta de compreensão dos fatos durante a infância como um dos propulsores de seus delírios, principalmente, pelo empenho da mãe em protegê-los, ou melhor, de mascarar a história:

¿Qué pasa, madre? No pasa nada. [...] Mi madre quiere protegernos, de algo, de alguien, me doy cuenta de eso, sé que alrededor de nosotros ocurren cosas que ella puede ver, y yo no. Son los leprosos, ¿no es cierto madre? [...] Mi padre me repite mil veces que lo de hoy por la calle ha sido una protesta de los estudiantes contra el gobierno. No importa lo que me digan, yo no les creo, y al otro día mi padre me muestra fotos de revuelta estudiantil que publicaron los diarios, pero ni por ésas le creo. [...] ha impedido que viéramos a los estudiantes que pasaban corriendo y sangrando por entre los automóviles con las cabezas rotas a culatazos<sup>93</sup> (RESTREPO, 2004, p. 140).

Essa abordagem vai demonstrando a configuração da obra em apresentar uma história que envolve as consequências do problema da violência no país, desde as ondas mais graves aos traumas que foram ficando nos colombianos. A narrativa é mais uma marca da mistura entre as consequências da violência e a literatura, que se entrecruzam com os sentimentos de um povo e atitudes críticas e indagadoras dos tecidos sociais. A autora consegue destacar a presença do início do narcotráfico com uma das passagens que marca Bogotá, o passado dos Liberais com o presente dos protestos dos estudantes às outras revoltas:

sólo durante el martes pasado en Bogotá estallaron sesenta y tres bombas, Ah, gringos huevones, dije yo, necesitan aparatos para detectar unos bombazos que nos proyectan a todos contra el techo, Pablo Escobar está de mal humor, dijo tu hermano Joaco, tanta bomba se debe a que el Partido Liberal lo acaba de expulsar por narco de las listas electorales para el Senado, Al hombre no le gusta el título de Rey de la Coca, dijo Silver, prefiere el Padre de la Patria, No le faltan razón, suena más democrático<sup>94</sup>(RESTREPO, 2004, p. 117).

<sup>93</sup> “O que há de errado, mãe? Não é nada [...] minha mãe quer nos proteger, de alguma coisa, de alguém, eu percebo isso, sei que ao nosso redor acontecem coisas que ela pode ver, e eu não. São os leprosos, não é verdade, mãe? [...] Meu pai repete mil vezes que o de hoje foi um protesto estudantil contra o governo. Não importa o que eles me digam, eu não acredito neles, e no dia seguinte meu pai me mostra fotos de revolta estudantil que publicaram os jornais, mas nem por isso eu acredito. [...] nos impediu de ver os estudantes que passavam correndo e sangrando pelos carros com as cabeças quebradas com pontas de fuzis.” (RESTREPO, 2004, p. 140).

<sup>94</sup> “Só na última terça-feira em Bogotá, sessenta e três bombas explodiram Ah, gringos “huevones”, eu disse, eles precisam de dispositivos para detectar bombas que projetam todos contra o teto, Pablo Escobar está de mau humor, disse teu irmão Joaco, tanta bomba é porque o Partido Liberal acaba de expulsá-lo como um narco das listas eleitorais para o Senado, o homem não gosta do título de Rei da

A autora vai misturando os cenários urbanos, rurais e mentais em sua narrativa. Tem-se uma obra que fornece uma analogia da sociedade colombiana com as situações de violência ou de se viver na inconsciência da realidade do país. Com “un efecto venenoso en las emociones del alma<sup>95</sup> (RESTREPO, 2004, p.68), Agustina cai em delírio ao ver o que muitos não percebem o que ocorre com a sociedade quando resolve confrontar a si mesma, a sua participação dentro de um todo, após presenciar um assassinato, ver o sangue e perceber o irmão envolvido com o narcotráfico. Prefere ficção à realidade: “no desea que la importunen con nada relativo a la realidad<sup>96</sup>” (RESTREPO, 2004, p. 63)

A jovem de classe alta, menina de bem, como é apresentada na narrativa, que fumava maconha e que nunca demonstrou o menor interesse por política, começa a entrar em delírio quando percebe todas as situações de violência que ocorreram próximas a ela e sempre foram negligenciadas. “La mujer que amo se ha perdido dentro de su propia cabeza<sup>97</sup> (RESTREPO, 2004, p. 12), “el cerebro le estalló en pedazos y para ayudarla a recomponerlo puedo guiarme por la brújula de mi amor por ella<sup>98</sup> (RESTREPO, 2004, p. 22). Desse modo, observa-se uma característica presente nas situações do trauma apresentadas por Freud (1998), que é a incompreensão da memória ferida, que é uma consequência muito comum em contextos de violência extrema em Agustina começa a conhecer depois de muito tempo protegida em uma bolha social:

[...] la angustia de no saber qué burbujas son las que le estallan por dentro, qué peces venenosos recorren los canales de su cerebro, así que no se me ocurre nada mejor que esperar un descuido suyo para vaciar vasijas y platos y baldes y devolverlos a su lugar en la cocina, y luego te pregunto por qué me miras con odio, Agustina amor mío, será que no me recuerdas<sup>99</sup> (RESTREPO, 2004, p.18)

---

coca, disse Prata, prefere o Pai da Nação, não falta razão, soa mais democrático.” (RESTREPO, 2004, p. 117).

<sup>95</sup> “Um efeito venenoso nas emoções da alma.” (RESTREPO, 2004, p. 68).

<sup>96</sup> “Não deseja que a importunem com nada relativo à realidade”. (RESTREPO, 2004, p. 63).

<sup>97</sup> “A mulher que amo se perdeu dentro de sua própria cabeça” (RESTREPO, 2004, p. 12).

<sup>98</sup> “O cérebro se estilhaçou e para ajudá-la a recompor posso me guiar pela bússola de meu amor por ela.” (RESTREPO, 2004, p. 22).

<sup>99</sup> “[...] a angústia de não saber que bolhas estouram dentro dele, que peixes venenosos correm pelos canais de seu cérebro, então não consigo pensar em nada melhor do que esperar seu descuido para esvaziar potes, pratos e baldes e devolvê-los aos seus lugares na cozinha, e aí te pergunto por que você me olha com ódio, Agustina meu amor, será que você não se lembra de mim.” (RESTREPO, 2004, p. 18).

Os traumas sociais apresentados por Restrepo, que são narrados em longos parágrafos e que trocam de narradores bruscamente, podem ser considerados uma metáfora à conturbada situação mental e social que ocasiona a inúmeras vítimas, que mesmo não sendo atingida diretamente pela violência em um constante estado de medo, que é um dos objetivos da violência como observado em Hannah Arent (2011), principalmente no vínculo entre poder e política. Mesmo que Restrepo apresente um romance, partindo do entrecruzamento de fatos fictícios com outros historicamente conhecidos, a trajetória do país não permite ao leitor duvidar da aplicação da violência como um instrumento de poder e de controle social. A narrativa inteira é entrecruzada com a relação do país com a violência:

En un país como éste, cruzado de arriba abajo por una maciza cordillera, las carreteras, por lo general en mal estado, se entorchan y se encabritan bordeando abismos y por si eso fuera poco, son tomadas un día sí y otro también por los militares, los paramilitares o los enguerrillados, que te secuestran, te matan o te agreden con granadas, a patadas, con ráfagas, con explosivos, cazabobos, mina antipersonal o ataque masivo con pipetas de gas<sup>100</sup> (RESTREPO, 2004, p. 41).

No romance, por mais que seja considerado um gênero de ficção, a autora compartilha uma ideia da situação do seu país e das sequelas deixadas por um longo tempo de guerra civil, como pode ser atribuído ao contexto. Famílias inteiras, como observado em Guzmán Campos, Falls Borba e Luna (2010a) não conheceram um período de paz. A família de Agustina, os Lodoños, é inventada por Restrepo se baseando em um contexto social real, por isso que se pode dizer do teor testemunhal, pois ela vincula personagens reais, como Pablo Escobar e Gaitán, aos fatos comprovados pela história e a outros que nunca existiram a não ser na imaginação, mas que perfeitamente poderiam representar a outros colombianos. É uma narrativa que fornece ao leitor já uma dicotomia no núcleo familiar, na presença de pensamentos diferentes como se instaura na família desde o relacionamento entre os avós de Agustina: “¿Cómo puedo trabajar, Blanca paloma mía, le decía el abuelo

---

<sup>100</sup> “ Num país como este, atravessado de alto a baixo por uma enorme cordilheira, as estradas, geralmente em mau estado, retorcem-se e ricocheteiam ao longo dos abismos e, como se não bastasse, são percorridas dia sim, dia não pelos militares, os paramilitares ou os guerrilheiros, que te sequestram, te matam ou te atacam com granadas, com pontapés, com rajadas, com explosivos, armadilhas, mina antipessoal ou ataque massivo com pipetas de gás.” (RESTREPO, 2004, p. 41).

Portulinus a la abuela, si me hielan la sangre los muertos, si me revelan sus tristezas con golpecitos insistentes en la mesa?”<sup>101</sup> (RESTREPO, p. 92).

A violência faz parte da rotina, mesmo que seja pelo sentimento que desperta em cada ser vivo do país. Ela chega a uma classe que se considerava protegida, a classe alta, as famílias descritas de bem. Alguns desses integrantes conseguem seguir a sua rotina, como a mãe e a avó de Agustina e outras não, como a própria personagem central que entra em estado de delírio em que as únicas hipóteses levantadas estão vinculadas ao contexto do país, como coloca Aguiar ao se questionar a respeito do estado de sua amada e o motivo que o levou: “[...] o quizá algún acontecimiento brutal que no pudiera confesarle pero del que poco a poco se iría reponiendo. O uno de esos confusos episodios que se precipitan en esta ciudad en guerra de todos contra todos;”<sup>102</sup> (RESTREPO, 2004, p. 24). A única certeza que Aguiar possuía era “el alma desnuda que Aguiar recuerda a esas palabras con la nitidez afilada con que la herida recuerda al cuchillo que la produjo”<sup>103</sup> (RESTREPO, 2004, p. 25).

As implicações geradas pela violência não escolhem classes sociais. Mesmo que Agustina pertença a uma família tradicional, o seu irmão foi envolvido pelo narcotráfico, o seu amigo de infância também, mas o companheiro que ela escolhe contraria a todas as convenções familiares e desagrada à mãe, pois é um homem que já tinha filhos com uma antiga esposa, deixou de ser professor para vender ração de cachorro e era simpatizante de esquerda. Ou seja, ele representava tudo o havia sido escondido de Agustina, mas que agora o que fazia era “reconstruir el rompecabezas de su memoria, Aguiar llora sobre las preguntas que no le hizo”<sup>104</sup> (RESTREPO, 2004, p. 33). A amada segue indiferente a tudo e a todos, por vezes é apresentada ouvindo os relatos, em outras com o olhar parado à rua. Outra característica apontada por Freud (1998) é a dificuldade em falar que a vítima apresenta, e em muitos trechos ela aparece sem dizer uma palavra e com olhar vazio “Agustina está callada e indiferente, como casi siempre en estos días en que se ha ido deshaciendo del

---

<sup>101</sup> “Como posso trabalhar, minha pomba branca”, dizia o avô Portulinus à avó, se os mortos congelam o meu sangue, se revelam a sua tristeza com batidas insistentes na mesa?” (RESTREPO, 2004, p. 92).

<sup>102</sup> “[...] Ou talvez algum evento brutal que ele não poderia confessar a ele, mas do qual ele iria se recuperar gradualmente. Ou um daqueles episódios confusos que invadem esta cidade em uma guerra de todos contra todos;” (RESTREPO, 2004, p. 24).

<sup>103</sup> “A alma nua que Aguiar lembra aquelas palavras com a clareza aguda com que a ferida lembra a faca que a produziu.” (RESTREPO, 2004, p. 25).

<sup>104</sup> “Reconstruindo o quebra-cabeça de sua memória, Aguiar chora pelas perguntas que não fez.” (RESTREPO, 2004, p. 33).

lenguaje como quien se quita un adorno superfluo.<sup>105</sup> (RESTREPO, 2004, p. 107). Ademais, a negação da morte é outro fator que pode ser considerado para o trauma, Agustina não reconhece a morte do pai e necessita de tempo:

Hace más de diez años pero a ella parece que se le olvida, o que nunca ha querido registrar el hecho, no sé si la propia Agustina te lo habrá contado, Aguilar pero pese a que lo adoraba, ni lloró su muerte ni quiso asistir a su entierro 49<sup>106</sup> (RESTREPO, 2004, p. 49).

Por fim, a trajetória do motivo da doença psicológica de Agustina é construída toda permeada por mistérios, que contribuem ao leitor se identificar com o potencial do luto e do estado de melancolia ocasionados pela negação à morte do pai, bem como à cena do sangue e da realidade apresentada pelo irmão Joaco além do contexto de barbárie que o país vive e da qual foi protegida e afastada por muitos anos. A própria cidade em que a família morou, que era para ser protegida da violência acabou no contexto real também sendo abandonada pelos ricos moradores, segundo Quadrado (2019), a avenida Caracas, na qual vivia a família Lodoño na ficção, havia sido projetada, na realidade histórica para ostentar amplos jardins e que foi abandonada pelos ricos moradores, porque fugiram de medo da violência, inclusive pelo arquiteto que a projetou.

Restrepo, em sua narrativa, aborda a entrada do narcotráfico e da violência no bairro nobre, a própria casa de Agustina apresentava as marcas de balas de fogo na parede, que foram atribuídas a simpatizantes de Gaitán. Com a quebra da tranquilidade e da rotina, a mente passa a ser o centro da narrativa, ou seja, a personagem constrói imagens mentais que podem ser representadas pelos diferentes narradores da trama e, que, a ela, seguem incompreensíveis, a si mesma e aos outros. O silêncio, o olhar vazio e a memória ferida são as representações sociais de sujeitos vítimas de situações e contexto de violência que Restrepo conseguiu transportar à literatura.

---

<sup>105</sup> “Agustina está quieta e indiferente, como quase sempre nos dias de hoje em que vai se livrando da linguagem como quem tira um enfeite supérfluo.” (RESTREPO, 2004, p. 107).

<sup>106</sup> “Há mais de dez anos mas parece que se esquece, ou que nunca quis registrar o facto, não sei se a própria Agustina te terá contado, Aguilar, mas apesar de o adorar, não lamentou a sua morte nem quis comparecer seu inteiro 49.” (RESTREPO, 2004, p. 49).



#### 4.5 HÉCTOR ABAD FACIOLINCE E A TRAJETÓRIA LITERÁRIA

*Yo no hubiera querido que la vida me regalara esta historia. Yo no hubiera querido que la muerte me regalara esta historia. Pero la vida y la muerte me regalaron, no, mejor dicho me impusieron la historia de un poema encontrado en el bolsillo de un hombre asesinado y no pude hacer otra cosa que recibirla. Ahora quiero contarla. Es una historia real, pero tiene tantas simetrías que parece inventada. Si no fuera verdad, podría ser una fábula. Aun siendo verdad, también es una fábula. Si la vida es el original, el recuerdo es una copia del original y el apunte una copia del recuerdo. Pero ¿qué queda de la vida cuando uno no la recuerda ni la escribe?<sup>107</sup>*

Hector Abad Faciolince (2010)

Há, de fato, muitas formas para se registrar a violência. No entanto, não foi Abad Faciolince que a escolheu como o tema da sua história. Ele foi escolhido por ela ao se tornar vítima da situação política social do país. A narrativa fragmentada de *El olvido que seremos* é a transcrição literal de uma memória do trauma que busca acolhimento e compreensão das lembranças insistentes e, até mesmo, o próprio esquecimento do fato através do auxílio da narrativa. Infelizmente, do assassinato do pai e de uma memória traumatizada, que nasce uma das obras mais representativas de sua carreira.

As páginas do livro demonstram a relação entre autor, barbárie social e pessoal se entrecruzando com a linguagem literária e o contexto de violência como um recurso à memória do trauma. A literatura passa a ser, então, para o autor, uma forma de registro de lembranças que se impuseram constantemente, fornecendo ao leitor as marcas de passado e de um presente de violência. A obra vai ao encontro das vítimas do contexto político-social que têm nas palavras um recurso de solidariedade ou, até mesmo, um gatilho à memória do trauma que é fruto de um contexto histórico de violência compartilhado por muitas pessoas. Ademais, Faciolince vivenciou e foi vítima do problema no país. No entanto, antes de conhecer a obra selecionada para análise e pelo destino pessoal, interessa, aqui, primeiramente, conhecer um pouco do autor.

---

<sup>107</sup> Em livre tradução minha: “Eu não queria que a vida me desse essa história. Eu não queria que a morte me desse esta história. Mas a vida e a morte me deram, não, ao contrário, me impuseram a história de um poema encontrado no bolso de um homem assassinado e eu não poderia fazer outra coisa senão recebê-la. Agora eu quero contar. É uma história real, mas tem tantas simetrias que parece inventada. Se não fosse verdade, poderia ser uma fábula. Mesmo sendo verdade, também é uma fábula.

Se a vida é o original, a memória é uma cópia do original e o registro é uma cópia da lembrança. Mas o que resta da vida quando um não se lembra ou não a escreve?”

Segundo o *blog* Hectorabad.com, durante a trajetória profissional, Faciolince foi de escritor, jornalista a tradutor. Natural de Medellín, é filho de Cecilia Faciolince e do médico Héctor Abad Gómez, que além de professor universitário e defensor dos Direitos Humanos, acabou fundando uma escola nacional de saúde pública. É após o assassinato do pai, que ele escreve uma de suas obras mais representativas na carreira, e que será analisada neste estudo.

O autor possui uma vasta trajetória acadêmica. Em rápidas palavras, ele começou com uma passagem como estudante no curso de Filosofia pela Universidade Pontifícia Bolivariana de Medellín, e, na sequência, foi para Medicina na Universidade Javeriana de Bogotá. Já em 1978, viajou ao México e começou a despertar o gosto pela poesia participando de encontros de leitura. Em 1979, retornou ao país de origem e iniciou prontamente os estudos na área de jornalismo na Universidade Pontifícia Bolivariana - UPB, da qual, mais tarde, foi expulso por escrever um artigo contra a igreja Católica. Desde então começou a aprimorar as línguas estrangeiras, iniciou pela língua inglesa, em Nova Iorque, e, depois, na Itália resolve estudar Línguas e Literaturas Modernas na Universidade de Turín.

Ao retornar à Colômbia, em 1987, após a sua graduação, logo na sequência, em agosto do mesmo ano, seu pai foi assassinado por paramilitares. Tal fato fez com ele também fosse ameaçado e necessitasse se exilar na Espanha nos primeiros meses e, depois, na Itália, onde passou a trabalhar como leitor da língua espanhola na Universidade de Verona, até meados de 1992. Das suas traduções relevantes, pode-se destacar algumas obras de Umberto Eco, Leonardo Sciascia, Italo Calvino, Primo Levi, Natalia Ginzburg, entre outros.

Em 1992, foi o ano em que retornou à Colômbia. Dos trabalhos que realizou, pode-se destacar a Revista da Universidade de Antioquia, que dirigiu por três anos; na sequência, passou também a dirigir o Fundo Editorial da Universidade EAFIT, bem como, trabalhou como jornalista e comentarista em diversos meios de comunicação do país. Ganhou, em 1998 e 2006, o prêmio Nacional de Jornalismo Simón Bolívar, com a categoria opinião. Em 1999, passou a ser um dos responsáveis por publicações na revista *Cambio*, nos Estados Unidos. Atualmente é colunista e assessor editorial do diário *El Espectador* e contribui com *El País* de Madrid, o NZZ de Zurich, além de realizar outras publicações em território nacional e internacional (HECTORABAD.COM, 2020).

No entanto, é interessante mencionar que as suas obras literárias lhe atribuíram consideráveis prêmios e foram traduzidas a diferentes idiomas, entre eles o inglês, o português, o italiano, o chinês, o francês e o alemão. A marca da escrita de muitas obras de Faciolince está na mistura da situação histórica do país com o contexto familiar. Inicialmente, as obras aqui mencionadas, referem-se à abordagem do tema da violência, assim, a primeira obra de relevância foi *Malos pensamientos* (1991), que, com seus contos, o autor já demonstrava um interesse em fornecer um olhar crítico ao comportamento social e político da alta sociedade colombiana. Medellín é o espaço apresentado pelo autor em que muitas personagens se enfrentam com a rotina da violência que não escolheu classe social.

Entretanto, mais tarde, é esse o mesmo local que volta a aparecer em *Fragmentos de amor furtivo* (1998), junto com a necessidade de se refletir sobre o exterior partindo do *eu*, do individual, pois a personagem reflete e se fecha no mundo dos sonhos para não vivenciar a situação extrema de violência. Segundo Pouliquen (2011), a obra está diretamente relacionada com a problemática do indivíduo que vive em um contexto de violência como a América Latina e o autor – Faciolince – elabora de uma maneira crítica os problemas sem se deixar seduzir pelo canto da sereia.

*Basura* (2000) é a abordagem de uma intromissão de um leitor e de um escritor que não reconhece o valor da sua obra, novamente o contexto do país se mistura com a literatura. É uma obra que menciona um escritor que escreve para ninguém, e os seus textos vão parar no lixo, até encontrar um vizinho que resolve lê-los e montar o quebra-cabeça, que é um livro sobre a descrença do homem na sociedade e na literatura, é a mistura da vida com a perda no lado social do homem e na literatura ao jogar no lixo a obra e a história de vida, marcada pela situação política do país. O escrito recebeu, na Espanha, o I Prêmio Casa de América de Narrativa Inovadora.

Outra narrativa que apresenta uma crítica social, como as anteriores, é *Tratado de culinária para mujeres tristes* (1997), que no depoimento de Zeitung, na própria obra, se refere aos escritores como a hipótese de que se eles são uns mentirosos que dizem a verdade, o título do livro cumpre com o prometido, porque não é tratado, não é de culinária, nem para mulheres tristes, no entanto, tem receitas, que, talvez, console, ou não, as mulheres que conheceram a tristeza, mas como a marca da sobrevivência de muitas que passaram pelo regime de violência no país. Dentro de outras obras pode-se mencionar *Angosta* (2004), premiada por ser a melhor novela

estrangeira na China. *El amanecer de un marido* (2008), é a observação com relação a dificuldade de seguir a rotina problemática que ficou no país.

Em 2006, publica a obra que desperta muitos olhares para o autor, bem como, proporciona uma missão, a escrita da história do pai assassinado, *El olvido que seremos*, uma autobiografia abordada nas páginas deste texto como motivo de análise, principalmente, da relação da memória do trauma, do contexto de violência do país e a necessidade da narrativa que, segundo Cardoso (2013), é uma narrativa do pai, mas para contar a sua história.

Na sequência, o autor publica *Traciones de la memoria* (2010), para comprovar que a autoria do poema que encontrou no bolso de seu pai no dia do assassinato, que, supostamente, foi creditado a Borges, inspirando o título da sua autobiografia. Ainda nas sequências dos romances que abordam o país como tela de fundo há *La oculta* (2014), que recebeu o prêmio Alfaguara como uma das novelas que misturam as gerações de uma família que tenta sobreviver no país, representando por três irmãos diferentes situações que vão desde aos momentos felizes como ao terror e o medo gerado pela violência. Em 2019, publicou *Lo que fue presente*, um diário relatando a dificuldade de escrever tendo que enfrentar a dura realidade do país e as dificuldades da própria vida. Começa a narrativa contando fatos de um estudante, em 1985, e termina com a publicação da sua obra mais aclamada, que é o tema deste estudo.

#### 4.6 EL OLVIDO QUE SEREMOS, DE HÉCTOR ABAD FACIOLINCE E AS RELAÇÕES DA VIOLÊNCIA E DA MEMÓRIA

*Ya somos el olvido que seremos.  
El polvo elemental que nos ignora  
y que fue el rojo Adán y que es ahora  
todos los hombres, y que no veremos.  
Ya somos en la tumba las dos fechas  
del principio y el término.  
Jorge Luis Borges  
(citado em ABAD FACIOLINCE, 2010)*

O poema encontrado pelo filho, no bolso do pai, em um pedaço de papel escrito à mão, no dia do seu assassinato, já inquieta a memória de Héctor Abad Faciolince para a escrita da obra. O autor garante que conta a sua vida, fato que fica nítido pela assinatura na capa e pelo mesmo nome próprio que é atribuído ao narrador-

personagem. Ao título da obra já é dada a relevância do entrecruzamento do assassinato do pai do autor com o poema encontrado no bolso da calça e os jogos da memória. Desse modo, ele já chama a atenção logo na abertura da narrativa para o fato de que o ser humano é constituído de esquecimento: *El olvido que seremos*. Assim, quando se pensa na realidade do país e da dificuldade de se abordar determinados assuntos, tem-se um autor que apresenta uma realidade que é composta por um jogo de imagens que integram a memória do trauma e que necessitam ser narradas.

O ato de escrita está respaldado na história pessoal do autor, comprovada por lembranças em que ele é o único capaz de assegurar que essa é a verdade representada, que é a sua história. Logo, parte-se da compreensão de que *El olvido que seremos* é a narrativa do trauma, como observado em Freud (1998), tem-se as lembranças insistentes e ausentes de um período de luto e de dor, que emerge da necessidade de falar de si, para atribuir sentido à memória ferida.

Na sequência, observa-se que os elementos narratológicos adquirem facticidade pela combinação de relacionamentos e experiências intratextuais que os originam. Assim, a história possui três motes de destaque: a biografia do pai, a história de violência da Colômbia e o complexo processo do trabalho da memória do trauma, que é representada pela escrita de si. A obra é o meio utilizado para expressar as dificuldades da memória com a aceitação da ausência causada pelo assassinato, fruto da violência do país, que inúmeras vezes aparece representada dentro do texto. Para tanto, o autor entrecruza no enredo a dificuldade de superar a perda e a necessidade de falar sobre o trauma ocasionado pela problemática:

[...] Me saco de adentro estos recuerdos como se tiene un parto, como se saca un tumor. [...].

Han pasado casi veinte años desde que lo mataron, y durante estos veinte años, cada mes, cada semana, yo he sentido que tenía el deber ineludible, no digo de vengar su muerte, pero sí, al menos, de contarla.

[...]Si recordar es pasar otra vez por el corazón, siempre lo he recordado. No he escrito en tantos años por un motivo muy simple: su recuerdo me conmovía demasiado para poder decirlo. Las veces innumerables en que lo intenté, las palabras me salían húmedas, untadas de lamentable materia lacrimosa, y siempre he preferido una escritura más seca, más controlada, más distante. Ahora han dos veces diez años de su muerte y soy capaz de conservar la serenidad al redactar esta especie de memorial de agravios. La herida está ahí, en el sitio por el que pasan los recuerdos, pero más que una herida ya es una cicatriz. Creo que finalmente he sido capaz de escribir lo que sé de mi papá [...] <sup>108</sup> (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 254-255).

<sup>108</sup> “[...] Arranco de dentro essas lembranças como se tivesse um parto, como se arranca um tumor. [...]”

O narrador reconstrói a trajetória de vida do pai partindo das lembranças da sua infância até o dia do assassinato. No decorrer do texto, percebe-se que a linguagem apresenta, junto ao exercício da memória ferida, a tomada de consciência sobre a real intenção da obra que está sendo contada. Na mesma proporção em que o autor relata as dificuldades para escrever a história, há também a presença das conturbadas relações políticas e sociais da Colômbia. Para tanto, a narração é construída por várias vozes que representam diferentes pensamentos. Nas estratégias empregadas no texto também há a capacidade de representar diversas interpretações, dependendo do conhecimento histórico do país: ora a leitura chama a atenção para os sentimentos do filho, ora destaca os interesses políticos que dilaceraram o sentimento de patriotismo. Fato esse que só será percebido pelo leitor se ele conhecer a história política da violência colombiana, caso contrário, será a história da personagem assassinada que prevalecerá.

Identifica-se a dificuldade que o autor tem para conseguir contar a história, pois, como menciona, não foi deixada uma cicatriz no local das lembranças, mas uma ferida aberta, que não cura, são os espaços em branco apontados por Freud, e toda vez que se tenta falar, a dor é revivida uma vez mais. No entanto, apesar das dificuldades de verbalizar o fato, essa ação representa um papel importante ao trauma, segundo Freud, quando a verbalização ocorre ela atua como um elemento terapêutico à vítima. A passagem da memória do trauma à textualização, ao processo de compreensão do evento limite da impulsão a memória ferida. A narrativa de Abad Faciolince como passagem de tempo é um jogo do instante do assassinato, ao período da infância com prospecção ao futuro e o momento atual, fazendo, no caso, com que o leitor interaja com a história ao tentar compreender a necessidade dessa passagem de tempo pelo narrador.

---

Já se passaram quase 20 anos desde que ele foi morto, e durante estes vinte anos, a cada mês, a cada semana, eu senti que tinha o dever inevitável, eu não digo para vingar sua morte, mas pelo menos para contá-la.

[...] Se lembrar é passar pelo coração de novo, eu sempre o lembrei. Não tenho escrito em tantos anos por uma razão muito simples: a sua memória me comovia demais para contar. Inúmeras vezes que eu tentei, as palavras saíam molhadas, lacrimamejadas, e eu sempre preferi uma escrita mais seca, mais controlada, mais distante. Agora já se passaram duas vezes dez anos de sua morte e eu sou capaz de preservar a serenidade para escrever este tipo de memorial de queixas. A ferida está aqui, no lugar em que passam as memórias, mas mais do que uma ferida já é uma cicatriz. Acho que finalmente consegui escrever o que sei sobre o meu pai [...]" (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 254-255).

A escrita vai além da autobiografia. O narrador ora está em primeira pessoa do singular, ora em terceira “el niño, amaba al señor (...) usted va a irse para el Cielo”<sup>109</sup>, *el niño* e o *usted* se referem ao narrador, e ora em primeira do plural: “rezábamos”<sup>110</sup>. Faciolince declara que não é fácil escrever sobre as lembranças pessoais. É um sujeito inserido em uma cultura divergente, mesclando lucidez com emoção, interesses pessoais com os profissionais. O autor conta a história de seu pai, assim como as consequências de interesses políticos e religiosos em sua cultura.

A abordagem, já nas primeiras linhas do texto, sobre a mãe ser conservadora enquanto o pai é liberal, indica a finalidade de provocar uma mútua complementaridade do lar com a problemática da Colômbia, assim como a crítica à religião católica e o controle do acesso à educação de qualidade. O mundo análogo da casa de Faciolince representa os interesses divergentes entre liberais e conservadores, que só serão percebidos pelo leitor com as instruções de leitura e o conhecimento do contexto, caso contrário será a história de uma família qualquer.

Na tentativa de recuperar a memória do pai, lutando contra o esquecimento, Faciolince deixa uma linha tênue que permite comparar ou fazer uma referência de Gaitán com o seu pai. Seria, então, a analogia entre a memória histórica e a memória individual, já que se observa presenças históricas importantes, como a de Gaitán, um dos representantes mais significativos não só do partido liberal como do conflito no país, já que a sua morte propulsiona a grande onda de violência.

Refletindo sobre a obra, é possível perceber, também, a crítica social reportada não somente ao passado, como também ao presente e ao futuro. É um texto com práticas discursivas que obedecem às lembranças, mas que igualmente projetam a problemática político-social. O autor, como narrador e personagem, ausenta-se em determinados momentos para destacar a crítica também aos problemas sociais do país. Abad Faciolince cria a narrativa de si para contar a história dos outros.

Na sequência, o narrador comenta sobre as implicações do processo de escrita quando salienta que a história apresentada pode não passar de uma estratégia de ficção, eximindo o autor de possíveis problemas com o país, bem como deixando o narratário livre para fazer a sua interpretação, que, com as estratégias de leitura, passa a ser o responsável por se identificar ou não com a ação que é apresentada,

---

<sup>109</sup> “O menino, amava ao senhor. (...) você irá ao Céu.”

<sup>110</sup> “Rezávamos.”

podendo ser verificados com os fatores externos ao texto. É nessa complexidade do país que o narrador chama atenção sobre a dificuldade de lembrar e de escrever.

Para isso, a narrativa apresenta oscilações da trajetória do pai e do problema social do país com o processo de elaboração da memória, na tentativa de compreender a sua escrita, ou seja, a escrita sobre si, que nem o narrador tem certeza: “Cuando me doy cuenta de lo limitado que es mi talento para escribir<sup>111</sup> (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 22), “tal vez por eso celebraba en mi escritura los garabatos sin sentido<sup>112</sup> (ABAD FACIOLINCE, 2006, p.21); “se asoma al oído y al pensamiento desde los pliegues de una conciencia que trata de explicar lo inexplicable<sup>113</sup> (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 229), chama o leitor para prestar atenção: “y este mismo libro no es otra cosa que la carta a una sombra<sup>114</sup>, “la memoria invadida de recuerdos inconexos, de imágenes terribles que no duraban nada porque otra llegaba a sucederla<sup>115</sup> (ABAD FACIOLINCE, 2006, p.187) o narrador está constantemente dialogando com o leitor:

y si mis recuerdos entran en armonía con algunos de ustedes, y si lo que yo he sentido (y dejaré de sentir) es comprensible e identificable con algo que ustedes también sienten o han sentido, entonces este olvido que seremos puede postergarse por un instante más, en el fugaz reverberar de sus neuronas, gracias a los ojos, pocos o muchos, que alguna vez se detengan en estas letras<sup>116</sup> (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 274).

Faz a referência ao narratário: *ustedes* (vocês leitores) dentro do texto para se identificar ou não com a história contada. O narrador desvela o processo de compreensão da escrita também como estratégia para expor a interioridade da personagem ou de algum propósito de ação, que consiste na necessidade de escrever a história por razões práticas, além de informativas, criando o efeito de verossimilhança em que o leitor pode perceber o processo de reflexão sobre o mote

---

<sup>111</sup> “Quando me dou conta do limitado que é o meu talento para escrever.” (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 22).

<sup>112</sup> “Talvez por isso comemorava os garranchos sem sentido na minha escrita.” (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 21).

<sup>113</sup> “Se ajunta à audição e ao pensamento desde as marcas de uma consciência que tenta explicar o inexplicável.” (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 229)

<sup>114</sup> “E este mesmo livro não é outra coisa que a carta a uma sombra.”

<sup>115</sup> “A memória invadida de memórias inconexas, de imagens terríveis que não duravam nada porque outra chegava para sucedê-la.” (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 187).

<sup>116</sup> “E se minhas memórias entrarem em harmonia com alguns de vocês, e se o que senti (e deixar de sentir) for compreensível e identificável com algo que você também sente ou sentiu, então esse esquecimento que seremos pode ser adiado por um momento a mais, na reverberação fugaz de seus neurônios, graças aos olhos, poucos ou muitos, que se detenham nessas letras.” (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 274).



da escrita. Mesmo que a memória seja dúbia, a história é consciente. As lembranças textualizadas não são exclusivas da memória particular, o autor constitui o enredo com o pensamento e relatos da família, dos amigos e das cartas do pai, o que coaduna com o argumento de Jelin (2012) de que as memórias não são só individuais (subjetivas) como também são coletivas (intersubjetivas). Ou seja, elas se relacionam e, até mesmo, estabelecem forças e experiências que dialogam entre si.

A linearidade temporal é outra ausência que está presente na narrativa. Já na abertura do texto, o narrador revela o que aconteceu com a personagem central e traz, nas primeiras páginas, o assassinato do pai. Assim, o leitor já sabe, desde o início, o que aconteceu com a personagem, ficando a seu critério seguir ou não com a leitura. O narrador começa a história relatando o momento do homicídio do pai, na sequência, permeiam os relatos da infância, com os juventude, as histórias das irmãs, da mãe, da família em geral, em especial, a trajetória da vida do pai, do país e que são marcadas pela compulsão da memória do narrador ao momento da morte, a ausência.

O jogo da memória, a passagem de tempo, os vinte anos do assassinato é contado em vários momentos da narrativa: “cuando, muchos años, más tarde”, “todos estos años”<sup>117</sup>. A narrativa de Faciolince precisou de mais de vinte anos para ser elaborada: “Durante casi veinte años he tratado de ser él ahí, frente a la muerte, en ese momento”<sup>118</sup> (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 243). Ou seja, é o que Freud (1998) representa como o tempo da ausência, da memória do trauma, da memória do luto. Desse modo, o leitor acompanha a toda narrativa a elaboração do enredo que é apresentado por uma memória do trauma, ou seja, o narrador-personagem tem a história da vida do pai intercalada com a da própria morte:

el día de su muerte, mi abuela le regaló a mi papá el reloj de bolsillo del señor arzobispo, un reloj labrado en oro, marca Ferrocarril de Antioquia, pero hecho en Suiza, que yo conservo todavía, pues mi mamá me lo dijo el día que mataron a mi papá, y que pasará como un testimonio y un estandarte (aunque no sé de qué) a mi hijo, el día que yo me muera<sup>119</sup> (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 55).

<sup>117</sup> “Quando, muitos anos, mais tarde.” “Todos estes anos”. (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 62).

<sup>118</sup> “Durante quase mais de vinte anos tratei de ser ele aí, diante da morte, nesse momento.” (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 243.)

<sup>119</sup> “No dia de sua morte, minha avó deu ao meu pai o relógio de bolso do arcebispo, um relógio feito em ouro, uma marca Ferrocarril de Antioquia, mas feito na Suíça, que eu ainda tenho conservado, porque minha mãe o disse no dia em que mataram a meu pai, o que passará como um testemunho e um estandar (embora eu não saiba de que) para o meu filho, no dia em que eu morrer.” (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 55)

Segundo Freud (1998), a narrativa do trauma é insistente e ausente. Há, então, uma escrita que revela ao mesmo tempo em que esconde, que necessita de precaução na leitura, pois, muitas vezes, o essencial não é o que está presente, mas o que está faltando. Há um jogo entre o explícito e o implícito. Por isso, o autor oscila entre a tentação de atribuir veracidade à narrativa, como também constrói outra realidade para evitar certos desnudamentos de problemas históricos, suscitando, então, a probabilidade de autoficção, como apresentado em Lejeune (2014).

Compreende-se que, ao utilizar tais recursos narrativos no processo de autoescrita, a personagem está à mercê não só dos desejos do autor: “voy a contar muy brevemente pues es un recuerdo que no me gusta evocar, por lo confuso, lo impreciso y lo violento, aunque nada pasara en realidad” <sup>120</sup> (FACIOLINCE, 2006, p. 197), como também da editora que seleciona qual é o “eu” que é reportado à escrita e que pode ser publicado, como é abordado por Faciolince no final da escrita:

yo recordaba que muchas veces mi papá me había dicho que todo ser humano, la personalidad de cada uno, es como un cubo puesto sobre una mesa. Hay una cara que podemos ver todos (la de encima); caras que pueden ver algunos y otros no, y si nos esforzamos podemos verlas también nosotros mismos (las de los lados); una cara que sólo vemos nosotros (la que está al frente de nuestros ojos); otra cara que sólo ven los demás (la que está frente a ellos); y una cara oculta a todo el mundo, a los demás y a nosotros mismos (la cara en la que el cubo está apoyado). Abrir el cajón de un muerto es como hundirnos en esa cara que sólo era visible para él y que sólo él quería ver, la cara que protegía de los otros: la de su intimidad<sup>121</sup> (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 226).

Em consequência, o autor está representado pelo seu nome, mas a intimidade e a multiplicidade do “eu” na narrativa está reportada dentro do texto pelas figuras do narrador e da personagem, que, segundo Lejeune (2014), são um modelo criado pelo autor que estabelece uma relação de identidade que é parecida com o real, mas que

---

<sup>120</sup> “Vou dizer muito brevemente porque é uma lembrança que não gosto de evocar, por causa do confuso, do impreciso e do violento, embora nada tenha acontecido na realidade.” (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 197).

<sup>121</sup> “Lembrei-me de que muitas vezes meu pai havia me dito que todo ser humano, a personalidade de cada um, é como um cubo colocado sobre uma mesa. Há um rosto que podemos ver tudo (o acima); faces que alguns podem ver e outros não podem, e se fizermos um esforço, podemos vê-los nós mesmos (aqueles dos lados); um rosto que só nós vemos (o da frente dos nossos olhos); outro rosto que só os outros veem (o da frente deles); e um rosto escondido de todos, dos outros e de nós mesmos (o rosto no qual o cubo é suportado). Abrir a caixa de um morto é como afundar naquele rosto que só era visível para ele e que só ele queria ver, o rosto que protegia dos outros: o da sua privacidade.” (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 226).

não é o mesmo que a identidade em si, é sua a representação, a sua autoficção. Logo, compreende-se que a produção da história é feita por um sujeito externo que pode ser comprovado pelo registro oficial do nome, e que estabelece um pacto com o leitor que tem, na assinatura, a referência principal. Mesmo que as verdades não sejam verificadas pelo leitor, elas estão garantidas por tal assinatura. Ademais, o relevante é o quanto o leitor participa da história, como ele se percebe através da narrativa, sem a necessidade de comprovar o quão verídico e ficcional pode ser a personagem representada, como o narrador o faz:

o siendo simplemente Héctor Abad Faciolince, estará bien; lo que importa es que no vayas a dejar de ser lo que has sido hasta ahora, *una persona*, que simplemente por el hecho de ser como es, no por lo que escriba o no escriba, o porque brille o porque figure, sino *porque es como es*, se ha ganado el cariño, el respeto, la aceptación, la confianza, el *amor*, de una gran mayoría de los que te conocen. Así queremos seguir viéndote, no como futuro gran escritor, o periodista o comunicador o profesor o poeta, sino como el hijo, el hermano, el pariente, el amigo, el humanista que entiende a los demás y que no aspira a ser entendido. Qué más da lo que crean de ti, qué más da el oropel, para los que sabemos *quién eres tú*<sup>122</sup> (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 257).

Em suma, o narrador já explica os caminhos e os descaminhos construídos do processo de escrita do texto ao narratário, do processo de quem ele é e de quem é o leitor, na mesma proporção dos fatos escritos que não podem ser confirmados, além dos indícios da necessidade da memória em transportar as lembranças para a escrita:

en ese interior del cubo que es la caja oculta de nuestra conciencia. Yo había dejado esos indicios en una zona también intermediaria entre el conocimiento y las tinieblas, como esas sensaciones que nos da la intuición, pero que no queremos o no podemos confirmar en los hechos, ni dejamos aflorar con nitidez a la conciencia con palabras nítidas, ejemplos, experimentos o pruebas fehacientes<sup>123</sup> (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 226).

---

<sup>122</sup> “Ou sendo simplesmente Hector Abad Faciolince, ficará bem; o que importa é que você não vai deixar de ser o que você foi até agora, uma pessoa, simplesmente porque você é o que você é, não por causa do que você escreve ou não escreve, ou porque você brilha ou porque você figura, mas porque é assim, conquistou o amor, o respeito, a aceitação, a confiança, o amor de uma grande maioria daqueles que o conhecem. Portanto, queremos continuar a vê-lo, não como um grande escritor, jornalista, comunicador, professor ou poeta, mas como filho, irmão, parente, amigo, humanista que entende os outros e que não quer ser entendido. O que mais dá o que eles acreditam sobre você, o que mais dá o ouropel, para aqueles de nós que sabem quem você é.” (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 272-257).

<sup>123</sup> “Nesse interior do cubo que é a caixa oculta da nossa consciência. Eu havia deixado esses indícios em uma zona também intermediária entre o conhecimento e as trevas, como as sensações que nos dá a intuição, mas que não queremos ou não podemos confirmar nos fatos, nem deixamos a consciência aflorar com nitidez as palavras nítidas, exemplos, experimentos ou provas confiáveis.” (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 226).

A escrita de Abad Faciolince é a consequência do medo da ausência ou do esquecimento (CARDOSO, 2013). Ele busca auxílio nas palavras para manter ativa a lembrança: “tengo que escribirlo, aunque me dé pudor, para que no se olvide, o al menos para que durante algunos años se sepa<sup>124</sup>” (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 267). Assim como ele descreve o inevitável esquecimento: “después llegará ese tremendo borrón, porque somos tierra fácil para el olvido de lo que más queremos. La vida, aquí, están convirtiéndola en el peor espanto. Y llegará ese olvido y será como un monstruo que lo arrasa, y tampoco de tu nombre tendrán memoria”<sup>125</sup> (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 248). Tecendo o jogo entre autor, narrador, personagem e leitor.

Portanto, há uma relação entre autor – narrador – personagem – leitor que está integrada pelo recurso da metalinguagem e que está vinculada a um passado que precisa ser contado, assim como muitas outras histórias que integram a relação da literatura, história e violência no contexto hispano-americano, em que Faciolince abre espaço para dialogar com o leitor na própria narrativa: “la presencia y conciencia de la muerte es una de las facetas más marcadas de la lírica clásica castellana. Algunas de las mejores páginas de la literatura española hablan de ella con una belleza al mismo tiempo descarnada y conmovedora”<sup>126</sup> (ABAD FACIOLINCE, 2006, p.229).

Talvez, ele embeleze a personagem que o representa no intuito de comover o leitor. No diálogo monitorado, ele suscita a possibilidade de a personagem ser diferente da que é apresentada, quando, por exemplo, ele se recusa a contar trechos, cede aos interesses do editor, permite que o sentimento encubra outra versão. Assim, ele apresenta a história que é selecionada e moldada. Ele narra sobre si o que os sentimentos permitem: “no quiero repetir textualmente la cita, me dan náuseas cada vez que la leo”<sup>127</sup> (ABAD FACIOLINCE, 2006, p.266). E é esse o desejo de justiça, a busca da paz na lembrança, o trabalho da memória e o apreço pela escrita em que o

---

<sup>124</sup> “Tenho que escrever mesmo que me dê pudor, para que não se esqueça, ou durante alguns anos se saiba.” (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 267).

<sup>125</sup> “Depois chegará a esse tremendo borrão, porque somos terra fácil para o esquecimento de quem mais amamos. A vida aqui está se convertendo no pior espanto. E chegará esse esquecimento e será como um monstro que arrasa, e de seu nome tampouco terão memória.” (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 248).

<sup>126</sup> “A presença e consciência da morte é uma das facetas mais marcantes da lírica castelhana clássica. Algumas das melhores páginas da literatura espanhola falam dela com uma beleza que é ao mesmo tempo gritante e comovente.” (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 229).

<sup>127</sup> “Eu não quero repetir a citação textual, eu fico enjoado toda vez que a leio.” (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 266).

texto se torna o veículo para a sua compreensão e para o compartilhamento com o leitor: “además, de mi papá aprendí algo que los asesinos no saben hacer: a poner en palabras la verdad, para que ésta dure más que su mentira”<sup>128</sup> (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 259). Na obra, o próprio Abad Faciolince apresenta uma possibilidade de resposta e de diálogo com o leitor:

yo lo iba a recordar siempre, y que lucharía por rescatarlo del olvido al menos por unos cuantos años más, que no sé cuánto duren, con el poder evocador de las palabras. Si las palabras transmiten en parte nuestras ideas, nuestros recuerdos y nuestros pensamientos - y no hemos encontrado hasta ahora un vehículo mejor para hacerlo, tanto que todavía hay quienes confunden lenguaje y pensamiento -, si las palabras trazan un mapa aproximado de nuestra mente, buena parte de mi memoria se ha trasladado a este libro, y como todos los hombres somos hermanos, en cierto sentido, porque nuestra manera de sentir es casi idéntica, espero tener en ustedes, lectores, unos aliados, unos cómplices de resonar con las mismas cuerdas en esa caja oscura del alma, tan parecida en todos, que es la mente que comparte nuestra especie. «Recuerde el alma dormida!»<sup>129</sup> (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 274).

Assim, o autor narra sobre si, com as suas histórias e lembranças, e as memórias coletivas. Misturado com o conhecimento literário, a dor da perda e o desejo de justiça é que ele constitui o seu eu e a sua verdade para que a memória perdure um pouco mais. Na sequência, Abad Faciolince suscita a necessidade da escrita de si, do eu no processo de autoficção:

los libros son un simulacro de recuerdo, una prótesis para recordar, un intento desesperado por hacer un poco más perdurable lo que es irremediamente finito. Todas estas personas con las que está tejida la trama más entrañable de mi memoria, todas esas presencias que fueron mi infancia y mi juventud, o ya desaparecieron, y son solo fantasmas, o vamos a camino de desaparecer, y somos proyectos de espectros que todavía se mueven por el mundo. En breve todas estas personas de carne y hueso, todos estos amigos y parientes a quienes tanto quiero, todos esos enemigos que devotamente

---

<sup>128</sup> “Além disso, do meu pai eu aprendi algo que os assassinos não sabem como fazer: colocar em palavras a verdade, para que ela dure mais do que a mentira deles.” (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 259).

<sup>129</sup> “Eu sempre me lembraria dele, e lutaria para resgatá-lo do esquecimento pelo menos por mais alguns anos, que eu não sei quanto tempo eles duram, com o poder evocativo das palavras. Se as palavras em parte transmitem nossas ideias, nossas memórias e nossos pensamentos - e nós ainda não encontramos um veículo melhor para fazê-lo, tanto que ainda existem aqueles que confundem linguagem e pensamento - se as palavras desenharam um mapa aproximado de nossa mente, boa parte da minha memória foi transferida para este livro, e como todos os homens são irmãos, em certo sentido, porque nosso modo de sentir é quase idêntico, espero ter em vocês, leitores, alguns aliados, alguns cúmplices para ressoar com as mesmas cordas naquela caixa escura da alma, tão semelhante em todos, é a mente que compartilha nossa espécie. «Lembre a alma adormecida.” (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 274).

me odian, no serán más reales que cualquier personaje de ficción<sup>130</sup> [...] (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 272-273)

É a história de um sujeito real, mas que pode, perfeitamente, como Abad Faciolince descreve, não ser mais que uma fábula, assim como todas as personagens, que, mesmo não sendo ficcionais, um dia não existirão mais e serão tão ficcionais como qualquer outra história que possa ser inventada. São pessoas que, mesmo não sendo ausências, vão desaparecer, e assim elas são lembradas na escrita para não esquecer ou para que, então, finalmente, se esqueça e possa prosseguir. A memória já não pode mais ser comprovada.

Abad Faciolince, representado pela personagem na narrativa, é narrado por Abad Faciolince no instante da escrita, e não o filho que tem em vida o seu pai, o ídolo e o eu que ficou em um passado de mágoas e tristezas. Por mais particular que seja a história, a narrativa de si só mostra o que quem está narrando permite que seja desvendado. Até que ponto o eu se autoficcionaliza para contar a história só ele é quem pode conjecturar – não assegurar a veracidade–, já que há um eu que nem mesmo o próprio eu é capaz de conhecer. Há nesse processo de escrita sobre si o eu que só é desvendado no instante da leitura.

Por fim, Abad Faciolince conta sobre o seu trauma, a trajetória de vida do pai e do contexto conturbado da Colômbia. Nessa tríade, o autor é lúcido para selecionar os argumentos e elaborar as lembranças que dialogam com o leitor. A emoção da voz narradora chama a atenção não só ao pai assassinado, mas para a dificuldade de lembrar e de contar a história. Abad Faciolince estabelece, assim, uma relação com o leitor pelo sentimento, e cabe àquele que lê acreditar ou não na veracidade do narrado. Contudo, obviamente, ao subverter o relato biográfico pela autoficcionalidade, ao conquistá-lo com uma retórica literária, a busca por uma verdade histórica torna-se insignificante ao leitor. O que importa ao receptor é o que está posto no texto, as marcas, os programas de leitura que o convidam. Hector Abad Faciolince não propõe um discurso político ou um relatório social, mas como coloca

---

<sup>130</sup> “Os livros são um simulacro de memória, uma prótese para lembrar, uma tentativa desesperada de tornar um pouco mais duradouro o que é irremediavelmente finito. Todas essas pessoas com quem o enredo mais íntimo da minha memória é tecido, todas aquelas presenças que foram minha infância e minha juventude, ou já desapareceram, e são apenas fantasmas, ou estão a caminho de desaparecer, e somos projetos de espectros que ainda se movem pelo mundo. Em breve, todas essas pessoas de carne e osso, todos esses amigos e parentes que eu amo tanto, todos aqueles inimigos que me odeiam, não serão mais reais do que qualquer personagem de ficção.” (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 272-273)

Cardoso (2013), ao acolher uma narração lírica, acaba por dar outro movimento ao texto.

As marcas da trajetória histórica da Colômbia permeiam todo o texto, desde o envolvimento da igreja ao poder do Governo. Como Abad Faciolince (2006), coloca é um país de catástrofes diárias e que o homicídio de seu pai é só mais um episódio dessa lastimável conjuntura social, que ainda envolve liberais e conservadores, católicos e não católicos. Por exemplo, a mãe e as irmãs eram conservadoras e católicas adeptas enquanto que o pai e Abad Faciolince eram liberais e não adeptos às crenças católicas, uma representação das convenções colombianas no núcleo familiar. As ideologias divergentes foram questionadas até mesmo durante o próprio processo de velório da vítima, quando a cerimônia religiosa encomendada pela esposa e pelas filhas da havia sido cancelada pela igreja.

El cardenal López Trujillo había hecho una llamada para prohibírsele explícitamente al párroco, en vista de que mi papá no era creyente, y considerando que nunca iba a misa ni allí ni en ninguna parte. No tenía sentido, dijo el arzobispo, que se le hiciera una ceremonia religiosa a alguien que se había declarado públicamente ateo y comunista. Esto, en realidad, no era cierto, pues en sus raras profesiones de fe, por contrario que pueda sonar, mi papá siempre se declaró “cristiano en religión, marxista en economía y liberal en política”<sup>131</sup> (ABAD FACIOLINCE, 2006, p.176).

No capítulo da violência na Colômbia ficou clara a relação conflitante de ambos partidos e o domínio da igreja nas relações pessoais, além do auge da violência extrema que foi a morte do líder dos liberais, Gaitán. Há uma comparação muito sensível entre a personagem histórica e o pai do narrador-personagem. A todo momento, o leitor é levado a referências extratextuais, Abad Gómez foi assassinado após a sua candidatura a prefeito e, com isso, representava um perigo à classe dominante, “el asesinato había conmovido a la mejor parte de la ciudad, así había alegrado a unos pocos”<sup>132</sup> (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 177). Ademais, da conturbada relação entre os partidos que aparece no núcleo família, há a crítica à religião católica e o exercício de poder sobre a educação no país. Desse modo, ao

<sup>131</sup> “O Cardeal López Trujillo havia feito uma chamada para proibir explicitamente ao pároco, levando em consideração que o meu pai não era crente, e considerando que nunca ia à missa nem ali nem em outro lugar. Não tinha sentido, disse o arcebispo, que se o fizesse uma cerimônia religiosa a alguém que havia se declarado publicamente ateu e comunista. Isto, na realidade, não era certo, pois em suas raras profissões de fé, pelo contrário que possa soar meu pai sempre se declarou “cristão em religião, marxista em economia e liberal em política”. (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 176).

<sup>132</sup> “O assassinato havia comovido a melhor parte da cidade, assim havia alegrado a uns poucos. ” (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 177).

mesmo tempo em que ele escreve uma autobiografia para resgatar as memórias do pai, ele apresenta uma mistura de crítica social que envolve as questões contemporâneas e o passado catastrófico do país através das lutas diárias do pai:

Después de la muerte de mi hermana el compromiso social de mi papá se hizo más fuerte y más claro. Su pasión de justicia creció y sus precauciones y cautelas se redujeron a nada. [...] “Si me mataran por lo que hago, ¿no sería una muerte hermosa?”, se preguntaba mi papá cuando algún familiar le decía que se estaba exponiendo mucho en sus denuncias por nuestros miedos, y estaba seguro que estaba haciendo lo que tenía que hacer.<sup>133</sup> (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 180).

O primeiro movimento social, que foi liderado por Abad Gómez, foi em prol dos direitos de professores contra um líder autoritário. Os estudantes aderiram às ideias do professor e apoiaram a causa. Os demais docentes já começaram a se negar a dar aulas com a presença das forças armadas na universidade. Ademais, participou de movimentos revolucionários liberais. Em muitos momentos da narrativa é possível perceber o vínculo das questões históricas da violência no país com as lembranças do trauma.

O autor-narrador- personagem ausenta-se várias vezes na narrativa para dar enfoque crítico ao envolvimento do estado, dos grupos paramilitares, *los pájaros*, inúmeros episódios de violências que são representados na obra. A perspectiva pessoal do problema é apresentada a todo momento. Abad Faciolince escreve uma obra permeada pelo contexto social, mas também pelo imaginário, pelo trauma e pela dor do luto e das mágoas sociais que se inter-relacionam com história da Colômbia. Ele conta a história dos outros através da escrita de si.

O autor se autoficcionaliza ao apresentar uma mistura de realidade com ficção, pois ele escolhe qual é e como será a versão dos fatos que ele quer narrar. A assinatura do autor é o referencial da obra, segundo Lejeune (1994), é o aspecto mais relevante que fará com que o leitor se permita compartilhar a experiência narrativa sem se preocupar com a veracidade das ações. Nesse processo de crítica social, o relato do autor não é considerado como um instrumento de verdade absoluta do evento. Diferentemente da literatura de *testimonio*, o alvo é a consequência da

---

<sup>133</sup> “Depois da morte da minha irmã o compromisso social do meu pai se tornou mais forte e mais claro. A sua paixão de justiça cresceu e suas precauções e cautelas se reduziram a nada. [...] “Se me matarem pelo que faço, não seria um morte bonita?” Perguntava meu pai quando algum familiar dizia que estava se expondo muito em suas denúncias por nossos medos, e estava certo de que estava fazendo o que tinha que fazer.” (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 180).



memória do trauma à vítima, e não o caráter de denúncia social, por isso que se fala em teor testemunhal, porque parte de uma memória que precisa ser narrada para que encontre acolhimento nessa patologia. Com isso, o autor se exime de possíveis problemas políticos que a obra possa ocasionar.

As dificuldades de lembrar, os trabalhos da memória e a necessidade de narrar os fatos são uma constante na narrativa. A memória do trauma, como apresentado por Freud (1998), que é insistente, por vezes cheia de espaços vazios, impulsiva e repetitiva, é representada na obra com o jogo narrativo entre os inúmeros episódios de vida do pai, dos integrantes familiares, da história política, as marcas da violência, tudo permeado pelo instante do homicídio e por relatos da dificuldade e da necessidade da memória de contar e de se lembrar dos fatos ao mesmo tempo em que ele quer escrever:

Cuando me doy cuenta de lo limitado que es mi talento para escribir (casi nunca consigo que las palabras suenen tan nítidas como están las ideas en el pensamiento; lo que hago me parece un balbuceo pobre y torpe al lado de lo que hubiera podido decir mis hermanas), recuerdo la confianza que mi papá tenía en mí. Entonces levanto los hombros y sigo adelante. Si a él le gustaban hasta mis renglones de garabatos, qué importa si lo que escribo no acaba de satisfacerme a mí. Creo que el único motivo por el que he sido capaz de seguir escribiendo todos estos años, y de entregar mis escritos a la imprenta, es porque sé que mi papá hubiera gozado más que nadie al leer todas estas páginas mías que no alcanzó a leer. Que no leerá nunca. Es una de las paradojas más tristes de mi vida: casi todo lo que he escrito lo he escrito para alguien que no puede leerme, y este mismo libro no es otra cosa que la carta a una sombra<sup>134</sup> (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 22).

A obra fornece ao leitor uma narrativa da memória ferida. A todo o momento, o leitor é lembrado da dificuldade e da necessidade que a memória impõe para se narrar os fatos. Ao mesmo tempo em que ele vai revelando a história do pai, do país, também vai fornecendo um relato da compreensão de si, através das consequências da memória do trauma. Há o entrecruzamento da memória coletiva com a individual para contar os fatos, além da compulsão da memória em retornar ao instante do

---

<sup>134</sup> “Quando me dou conta do limitado que é o meu talento para escrever (quase nunca consigo que as palavras soem tão nítidas como as ideias estão no pensamento; o que faço parece-me um balbucio pobre e torpe junto do que pudera ter tido minhas irmãs), lembro a confiança que meu pai tinha em mim. Então levanto os ombros e sigo adiante. Se a ele lhe agrava meus rabiscos, o que me importa se o que escrevo não acaba de satisfazer-me. Acredito que o único motivo pelo qual fui capaz de seguir escrevendo todos esses anos, e de entregar meus escritos à imprensa, é porque sei que meu pai teria sentido prazer mais que ninguém ao ler todas estas minhas páginas que não conseguiu ler. Que nunca lerá. É um dos paradoxos mais tristes da minha vida: quase tudo o que escrevi, escrevi para alguém que não pode me ler, e este mesmo livro não é outra coisa que a carta a uma sombra.” (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 22).

assassinato misturado com os relatos que apresentam um olhar do conflito no país. A Colômbia da qual seu pai foi assassinado é lembrada a todo momento ao leitor com as suas peculiaridades:

las ciudades y los campos de Colombia se cubrían cada vez más con la sangre de la peor de las enfermedades padecidas por el hombre: la violencia. Y como los médicos de antes, que contraían la peste bubónica, o el cólera, en su desesperado esfuerzo por combatirlas, así mismo cayó Héctor Abad Gómez, víctima de la peor epidemia, de la peste más aniquiladora que puede padecer una nación: el conflicto armado entre distintos grupos políticos, la delincuencia desquiciada, las explosiones terroristas, los ajustes de cuentas entre mafiosos y narcotraficantes<sup>135</sup> (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 205).

É inegável a presença da violência, as implicações e os traumas que o problema ocasionou. Abad Faciolince relata o que a personagem e, ao mesmo tempo, o autor passou após o homicídio. A realidade e a ficção se misturam para contar a violência, o medo e as constantes ameaças após o assassinato do pai o levaram a se exilar. Todas essas experiências são narradas pelo desejo de compartilhar a memória e tentar compreender o que se passa com o seu próprio trauma, social e pessoal. Ele escreve para contar a história do pai ao mesmo tempo em que fala sobre si, sobre a própria memória, que já não possuía relação alguma com o que foi um dia, como ele relata, mas precisa ser compartilhada:

y si mis recuerdos entran en armonía con algunos de ustedes, y si lo que yo he sentido (y dejaré de sentir) es comprensible e identificable con algo que ustedes también sienten o han sentido, entonces este olvido que seremos puede postergarse por un instante más, en el fugaz reverberar de sus neuronas, gracias a los ojos, pocos o muchos, que alguna vez se detengan en estas letras<sup>136</sup> (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 274).

A memória está presente na narrativa, assim como o processo catastrófico político e social do país. A necessidade da memória do trauma, as suas nuances e imposições compõe a trajetória literária do autor. A relação entre literatura, violência,

---

<sup>135</sup> “As cidades e os campos da Colômbia se cobriam cada vez mais como o sangue da pior enfermidade sofrida pelo homem: a violência. E como os médicos de antes, que contraíam a peste bubônica, ou a cólera, no seu desespero e esforço em combatê-las, assim mesmo caiu Héctor Abad Gómez, vítima da pior epidemia, da peste mais aniquiladora que pode sofrer uma nação: o conflito armado entre diferentes grupos políticos, o crime delinquente, as explosões terroristas, os acordos de conta entre mafiosos e narcotraficantes.” (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 205).

<sup>136</sup> “E se minhas lembranças entram em harmonia com algum de vocês, e se o que eu tenho sentido (e deixarei de sentir) é compreensível e identificável com algo que vocês também sentem ou sentiram, então este esquecimento que seremos pode postergar-se por um instante mais, no mais fugaz reverberar de seus neurônios, agradeço aos olhos, poucos ou muitos, que alguma vez se deterem nestas letras.” (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 274).

trauma e escrita fornecem o real do evento a partir da perspectiva do trauma e que vai buscar se solidarizar ou não com outras vítimas. Tanto em Freud (1998), quanto em Jelin (2012), Seligmann-Silva (2003), contar os fatos da memória trauma são encarados com uma busca pelo alívio da insistência e da compulsão dessa memória, que fornece uma escrita que revela e ao mesmo tempo esconde.

As lembranças aparecem e se vão, insistem, repetem e falham. A obra é um processo de autoescrita vinculada a um trauma que torna a lembrança presente ao mesmo tempo que ausente, por isso há uma escrita que revela assim como também esconde: “voy a contar muy brevemente pues es un recuerdo que no me gusta evocar, por lo confuso, lo impreciso y lo violento, aunque nada pasara en realidad”<sup>137</sup> (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 197). O leitor é convidado a todo momento a refletir a respeito das dificuldades da memória da memória na narrativa, com isso, segundo Lejeune (1994), ele estabelece um modelo de relação de identidade muito parecida com o real, mas que não é a mesma identidade si, mas uma representação, a sua autoficção, que vem de uma memória selecionada e ferida, garantida por uma assinatura e por uma necessidade de contar os fatos.

Abad Faciolince é mais uma entre tantas vítimas da violência. A memória já não é livre, porque ele presenciou a morte do pai. O trauma se instaurou. A memória se controla e não é controlada. A narrativa é vista como uma forma de atribuir sentido ao inexplicável. Há, nas lembranças, uma compulsão indesejada, uma repetição do fato, das cenas como se ainda estivesse o passado no presente. Freud (1998), ao estudar o luto e o trauma, além da melancolia, já colocava a presença da memória insistente e da impossibilidade de se recordar completamente o evento e de que a narrativa é um meio de atribuir o sentido às lembranças desconexas, contribuindo para uma repetição do momento da dor.

Essa ação é perceptível na descrição de Abad Faciolince “la memoria invadida de recuerdos inconexos, de imágenes terribles que no duraban nada porque otra llegaba a sucederla”<sup>138</sup> (2006, p.187). Ou se retém o fato na memória ou se recorda para esquecer-lo, mas substituí-lo, não há como. Acessar as lembranças não é um

---

<sup>137</sup> “Vou contar brevemente pois é uma lembrança que eu não gosto de evocar, pelo confuso, pelo impreciso e pelo violento, mesmo que nada acontecerá na realidade.” (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 197).

<sup>138</sup> “A memória invadida de lembranças desconexas, de imagens terríveis que não duravam nada porque outra chegava para suceder-lhe.” (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 187)

processo fácil: “Abrir los cajones es como abrir rendijas en el cerebro del otro”<sup>139</sup> (ABAD FACIOLINCE, 1998, p. 224). É uma história individual, mas que é composta por lembranças coletivas. São lembranças que, segundo Freud (1998) acessam aos mais profundos sentimentos. Para Jelin (2012), o silêncio e o esquecimento integram o processo da narrativa como personagem central. Seligmann-Silva (2003), o real apresentado, é o real do trauma, memorado e elaborado com as nuances do trabalho da memória individual e coletiva, há uma autofuncionalização para conseguir narrar o evento:

en ese interior del cubo que es la caja oculta de nuestra conciencia. Yo había dejado esos indicios en una zona también intermediaria entre el conocimiento y las tinieblas, como esas sensaciones que nos da la intuición, pero que no queremos o no podemos confirmar en los hechos, ni dejamos aflorar con nitidez a la conciencia con palabras nítidas, ejemplos, experimentos o pruebas fehacientes<sup>140</sup> (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 226).

Admitir a ausência da pessoa perdida é o processo mais difícil na luta e na dor de um homicídio: “tengo que escribirlo, aunque me dé pudor, para que no se olvide, o al menos para que durante algunos años se sepa”<sup>141</sup> (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 267). O trauma e a ausência não processos de uma escolha individual, mas são consequências de ações humanas de demonstração de poder, como apresentado por Arendt (2011), de algo planejado e estudado, e não uma ação irracional, por isso a escrita pode ser uma forma de se tentar justiça antes que se esqueça da vítima: “después llegará ese tremendo borrón, porque somos tierra fácil para el olvido de lo que más queremos. La vida, aquí, están convirtiéndola en el peor espanto. Y llegará ese olvido y será como un monstruo que lo arrasa, y tampoco de tu nombre tendrán memoria”<sup>142</sup> (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 248).

Desse modo, a obra de Abad Faciolince narra os problemas causados pelo planejamento humano na tentativa de se manter o poder, em que o recurso

<sup>139</sup> “Abrir as caixas é como abrir fendas no cérebro do outro.” (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 224).

<sup>140</sup> “Nesse interior do cubo que é a caixa da nossa consciência. Eu tinha deixado esses indícios em uma zona também intermediária entre o conhecimento e a escuridão, como essas sensações que a intuição nos dá, mas que não queremos ou não podemos confirmar nos fatos, nem deixamos aflorar com nitidez a consciência com palavras nítidas, exemplos, experimentos ou provas evidenciais.” (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 226).

<sup>141</sup> “Tenho que escrevê-lo, mesmo que me dê pudor, para que não se esqueça, ou ao menos para que durante alguns anos se saiba.” (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 267)

<sup>142</sup> “Depois chegará esse tremendo borrão, porque somos terra fácil para o esquecimento do que mais queremos. As vidas, aqui, estão convertendo-a no pior espanto. E chegará o esquecimento e será como um monstro que o arrasa, e tampouco do teu nome terão memória.” (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 248)

empregado é a violência, nesse caso com o vínculo político. As vítimas no país são muitas. A memória de Abad Faciolince ao ser registrada em palavras carrega o sentimento da dor e de um tempo de luto que a vítima necessitou para verbalizar o trauma: “Durante casi veinte años he tratado de ser él ahí, frente a la muerte, en ese momento”<sup>143</sup> (ABAD FACIOLINCE, 2006, 243). É um tempo explicado em Freud (1998), que é imposto para acessar as lembranças controladas pelo trauma e não pela vítima.

As lembranças são impostas pela rememoração de uma memória ferida, da qual não há como ter um acesso imediato e livre, mas que só é possível ocorrer de uma forma não-linear e sem o controle livre e tranquilo: “se asoma al oído y al pensamiento desde los pliegues de una conciencia que trata de explicar lo inexplicable”<sup>144</sup> (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 229). Às vezes, a própria lembrança do trauma se mantém ausente, vazia, porque ele está diretamente vinculado à dor e à falta da presença física do ser amado. Gera-se, com isso, uma impossibilidade de falar a respeito do trauma, da perda, ou uma insistência de se falar sobre para se poder tranquilizar a memória como se a perda não tivesse ocorrido, personificando-a com os relatos:

guardé en secreto, durante muchos años, esa camisa ensangrentada, con unos grumos que se ennegrecieron y tostaron con el tiempo. No sé por qué la guardaba. Era como si yo la quisiera tener ahí como un agujón que no me permitiera olvidar cada vez que mi conciencia se adormecía, como un acicate para la memoria, como una promesa de que tenía que vengar su muerte. Al escribir este libro la quemé también pues entendí que la única venganza, el único recuerdo, y también la única posibilidad de olvido y de perdón, consistía en contar lo que pasó, y nada más<sup>145</sup> (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 225).

Seligmann-Silva (1998), já colocava como a necessidade de verbalizar o que passou como uma característica do trauma. Abad Faciolince deixa claro na narrativa essa necessidade, que o ser humano precisa compartilhar para que ações assim não

---

<sup>143</sup> “Durante quase vinte anos tratei de ser ele aí, diante da morte, nesse momento.” (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 243)

<sup>144</sup> “Junta-se ao ouvido e ao pensamento desde as peças de uma consciência que trata de explicar o inexplicável.” (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 229)

<sup>145</sup> “Guardei em segredo, durante muitos anos, essa camisa ensanguentada, com uns caroços que escureceram e secaram com o tempo. Não sei por que a guardava. Era como se eu a quisesse ter aí como um ferrão que não me permitisse esquecer cada vez que a minha consciência se adormecia, como um gatilho para a memória, como uma promessa de que tinha que vingar a sua morte. Ao escrever este livro também a queimei, pois entendi que a única vingança, a única lembrança, e também a única possibilidade de esquecimento e de perdão, consistia em contar o que passou, e nada mais.” (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 225)

ocorram e não sejam esquecidas tão facilmente: “después llegará ese tremendo borrón, porque somos tierra fácil para el olvido de lo que más queremos. La vida, aquí, están convirtiéndola en el peor espanto. Y llegará ese olvido y será como un monstruo que lo arrasa, y tampoco de tu nombre tendrán memoria”<sup>146</sup> (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 248). Nesse jogo, algumas lembranças faltam: “ya no recuerdo”<sup>147</sup> (ABAD FACIOLINCE, 2006, p.192), enquanto outras são evocadas: “lo que yo buscaba era eso: que mis memorias más hondas despertaran”<sup>148</sup> (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 274).

Abad Faciolince, o narrador vai narrando as possibilidades e impossibilidades da memória do trauma, entrecruzando a história do país, com a memória e a literatura. A paixão pelas palavras é outra característica compartilhada entre pai e filho. A narrativa de se torna uma demonstração, de como abordado em Seligmann-Silva (2003), uma necessidade de sobrevivência à vítima, pois narrar o fato, quando possível, é uma necessidade para se sair do instante do trauma e conseguir caminhar em direção a um futuro.

É como se escrita se tornara um recurso para ao tratamento psicológico do trauma e da ausência: “ahora que lo escribo soy capaz de llorar, pero en ese momento me invadía una sensación de estupor”<sup>149</sup> (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 245). O eu que Abad Faciolince apresenta na narrativa, a partir de um narrador é o eu do instante da escrita do livro, que conta com auxílios do passado e um presente. Do que a memória o permitiu recordar, seja para lembrar, compreender, esquecer ou compartilhar de um real que é seu, daquele instante, o real do trauma:

los libros son un simulacro de recuerdo, una prótesis para recordar, un intento desesperado por hacer un poco más perdurable lo que es irremediamente finito. Todas estas personas con las que está tejida la trama más entrañable de mi memoria, todas esas presencias que fueron mi infancia y mi juventud, o ya desaparecieron, y son solo fantasmas, o vamos a camino de desaparecer, y somos proyectos de espectros que todavía se mueven por el mundo. En breve todas estas personas de carne y hueso, todos estos amigos y parientes a quienes tanto quiero, todos esos enemigos que devotamente

<sup>146</sup> “Depois chegará esse tremendo borrão, porque somos terra fácil para o esquecimento do que mais queremos. As vidas, aqui, estão convertendo-a no pior espanto. E chegará o esquecimento e será como um monstro que o arrasa, e tampouco do teu nome terão memória.” (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 248)

<sup>147</sup> Já não lembro. (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 192)

<sup>148</sup> O que eu buscava era isso: que minhas memórias mais fundas despertassem. (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 274).

<sup>149</sup> Agora que o escrevo sou capaz de chorar, mas me invade uma sensação de admiração. (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 245)

me odian, no serán más reales que cualquier personaje de ficción [...]”<sup>150</sup>  
(ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 272-273)

Por fim, tem-se uma história marcada pela violência, pelas sequelas que deixaram no país, nos indivíduos. É uma história que fornece um teor testemunhal a quem necessita classificá-la em uma categoria, no entanto, como observado, principalmente em Freud (1998), a relevância da obra está no fato de o autor, enquanto vítima, apresentar uma memória ferida, que necessita de tempo e que encontra nas palavras uma forma de se solidarizar com tantas outras vítimas. É um real do trauma, que exige uma subjetivação de si. O autor compartilha através da sua história também as memórias dos outros.

---

<sup>150</sup> Os livros são uma simulação de lembranças, uma prótese para lembrar, uma tentativa desesperada para tornar-se um pouco mais perdurável o que é irremediavelmente finito. Todas estas pessoas com as quais está tecida a trama mais entranhável da minha memória, todas essas presenças que foram minha infância e minha juventude, ou já desapareceram, e são só fantasmas, ou vamos a caminho de desaparecer, e somos projetos de espectros que ainda se movem pelo mundo. Em breve todas estas pessoas de carne e osso, todos estes amigos e parentes a quem tanto quero, todos esses inimigos que me odeiam devotamente, não serão mais reais que qualquer personagem de ficção [...]” (ABAD FACIOLINCE, 2006, p. 272-273).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre violência, trauma e memória em obras hispano-americanas constituiu o tema deste estudo, em especial em: *El desbarrancadero*, de Fernando Vallejo, *Delirio*, de Laura Restrepo e *El olvido que seremos*, de Héctor Abad Faciolince. A análise buscou responder a questões relativas à crescente abordagem da violência na literatura do contexto em questão, atribuindo enfoque à colombiana. Ao refletir a respeito da articulação entre violência, literatura e psicanálise foi desenvolvida a hipótese de que uma memória ferida necessita compartilhar as suas impressões. Uma memória cujo relato fornecido é distinto da representação oficial. Há uma necessidade que se impõe à memória da vítima e que é narrada para que se solidarize com tantas outras em um processo de acolhida individual e coletiva às lembranças. A perspectiva freudiana contribuiu para caracterizar o trauma como uma etapa que se mantém insistente à memória e à lembrança de quem presenciou ou conviveu em uma situação de extrema violência. Isso ocorre até mesmo de uma forma inconsciente, que exige um tempo à memória para que a narrativa do evento limite à representação possa ocorrer.

No entanto, para que fosse possível compreender a relação muito particular das narrativas vinculadas a situações traumáticas foi necessário aprofundar os estudos a respeito do contexto de violência que é capaz de gerar vítimas de forma direta e indireta e que reflete na literatura. Por esse motivo, o estudo do primeiro e do segundo capítulo auxiliou no processo de olhar à obra literária e ao movimento que é dado ao texto que está para além de uma autobiografia ou de um romance com o tema “violência”. Com base nas inúmeras atribuições dadas à violência, teoricamente, foi importante traçar a trajetória no contexto hispano-americano para se olhar às implicações ocasionadas em um país que ainda a enfrenta como uma crescente, como o caso da Colômbia.

Nesse caso, para se tentar responder a essa questão da violência no país e que reflete na literatura não como um testemunho, mas como um chamado da memória do evento é importante recordar algumas concepções de violência que guiaram esta análise. Segundo Hanna Arendt (2011), poder e violência são fenômenos diferentes, que normalmente se fundem e costumam aparecer juntos, ou seja, um está vinculado ao outro. Entretanto, a violência sempre poderá destruir o poder. Tal conceito corroborou a luta do povo colombiano e a abordagem do tema na



literatura. Não por acaso que se aborda, neste estudo, o conceito de *testimonio* como era apontada na estética hispano-americana e fazendo uso dos estudos de Seligmann-Silva e da psicanálise para se chegar ao teor testemunhal das obras analisadas. Desse modo, foi possível perceber que o que deve ser analisado em uma obra que emerge de um contexto de violência não é o quão verídico é, nem o caráter de denúncia social, mas a necessidade da memória do trauma. Sendo assim, ela pode apresentar um teor testemunhal, mas não um testemunho literal, porque não é esse o objetivo da narrativa, mas o de dar acolhimento às memórias que emergem de um contexto de violência.

Nesse caso, no intuito de explicar violência e literatura foi necessário refletir a respeito de algumas de suas concepções e de características na sociedade, para, na sequência, compreender como ela gera implicações na vítima e, concomitantemente, na literatura. Dentre elas, segundo Hanna Arendt (2011), a violência não é um processo irracional, mas é planejada e estudada, até mesmo em condições desumanizadas, como o caso da tortura, dos campos de concentração que tornam o homem semelhante a animais, não o torna irracional. Quando a vítima tenta resgatar o sentido de justiça que lhe foi retirado nesses casos, a violência é sempre um recurso imediato para tentar equilibrar a situação e lutar por seus direitos quando a linguagem não é eficaz.

Costa (2003) e Bobbio (2007) também teceram concepções que contribuíram para o estudo enfatizando a ideia de Hanna Arendt de que paz e violência estão em uma mesma balança. Ademais, a violência política é um dos fatores constitutivos da sociedade, que está à disposição do Governo. Outro ponto relevante à análise é o que observou Sarlo (2005), que as concepções de violência a uma vítima direta ou indireta serão sempre diferentes de quem não a sofreu, por isso que não adianta em nada tentar explicá-la. Em outras palavras, ela pode ser conceituada, teorizada, mas não experienciada de igual maneira.

Nesse intuito, de tentar refletir a respeito da violência e da relação com a literatura, Bobbio (2007) contribuiu com a abordagem de que é uma aporia tentar definir a violência. Ao se abordar os conflitos internos, guerrilhas, barbáries entra em linha o poder político, que vai girar em torno de se obter um interesse próprio. Na relação entre a violência considerada legítima e a ilegítima há três fatores vinculados, como o poder, o saber e o corpo. A violência física, a persuasão em torno de uma determinada ideologia e a pedagogia do medo, que coloca a vítima em estado

constante de manutenção da vida e elevando o seu estado de medo, já que o homem é o único ser vivo que possui consciência da própria morte. A análise levantou um questionamento de que nada mais chama a atenção da mídia do que atos violentos, por isso que se consegue uma repercussão e uma comoção por parte de toda a humanidade, quando se aborda o tema.

É notória, com o estudo, que a relação entre os diferentes conceitos de violência e o comportamento humano, em especial, por interesses políticos, tem sido debatida desde muito tempo, sendo a Colômbia o país escolhido para a análise do contexto e das obras que emergiram como uma implicação do problema. O discurso histórico é entrecruzado com o passado presentificado na estética, colaborando com um vínculo entre as duas áreas. A escolha do país não se deu ao acaso, para Guzmán Campos, Fals Borba e Luna (2010a), no país, gerações inteiras ainda não conheceram um período de paz. Do período dos conflitos armados, desde a Guerra dos Mil Dias, o país sofreu alterações sociais que refletem em miséria, falta de acesso educacional e instauração do medo. Desse modo, é inegável que ela está ligada ao instinto de sobrevivência e de domínio do ser humano, que foi buscando estratégias para superar o problema.

A análise demonstrou um entrecruzamento dos campos literário, histórico e psicológico, através das transformações da literatura de testemunho. Em Shaw (2005), a literatura de *Testimonio* no contexto hispano-americano sofreu alterações quanto aos seus objetivos. Antes, havia a escolha de um sujeito que direcionava o seu testemunho com um caráter de denúncia social, sempre era uma figura que representava um determinado grupo oprimido socialmente e que fornecia o seu relato a um terceiro que ficava responsável por registrá-lo. O interesse pelo testemunho já é uma forma de relacionar a necessidade de sobrevivência do ser humano a um período de violência extrema como uma estratégia para superar o problema. No entanto, é com esse intuito que as palavras entram como aliadas na batalha da sobrevivência, seja pelos processos silenciados, espontâneos, monitorados, julgados. A narrativa é uma importante aliada ao processo de superação das implicações da violência e na tentativa de se fazer justiça e de solidarizar a múltiplas narrativas e lembranças da memória do evento limite à representação.

Nesse caso, a literatura de testemunho possibilitou pensar a respeito desse tipo particular de narrativa, que está extremamente vinculada a um contexto de violência, mas, principalmente, a um trauma ou a situações traumáticas individuais ou coletivas.

O sujeito que testemunha relata o que é exclusivamente pertencente a sua memória, que pode ser de um evento que foi assistido ou em que ele foi a própria vítima de uma ação de violência física ou psíquica. A testemunha é sempre aquela pessoa que guarda a lembrança, rememora a situação e compartilha com quem não a vivenciou, após o tempo da memória.

Para tentar responder o porquê desse vínculo entre literatura, violência e trauma, além dos mencionados estudiosos das concepções de violência e dos vínculos com o contexto histórico social hispano-americano o auxílio na psicanálise, em Freud, foi essencial. O testemunho está diretamente ligado a um trauma que se forma em um determinado tempo, mas que ocorre sempre ao indivíduo quando ele não está preparado para recebê-lo. Segundo Dal Molin (2016), esse é o primeiro tempo, o início da formação traumática que, no próximo passo é remodelado e integrado à memória dos eventos posteriores, tornando-se traumático.

Para Freud (1998), esse conjunto de impressões precisa ser constantemente processado pelas lembranças, que, ao romper o escudo protetor causam perturbações com as quais vítima precisa lidar, desde a compulsão a repetição do evento, que se impões, até a incompreensão dos espaços vazios e esquecidos da memória, como também coloca Jelin (2012). A partir disso, é possível verificar que o uso da narrativa que ocorre pelo sujeito que era classificado como um fator exclusivo de denúncia social está vinculado a uma necessidade maior da memória do trauma que é atribuir sentido às lembranças desconexas. A literatura que emerge pós – *testimonio*, como observado em Shaw, teve um período curto, foi remodelada pela necessidade da vítima em compartilhar a memória.

Ao articular a psicanálise e a literatura com as obras literárias foi constatado que há uma intenção e uma necessidade de se falar do assunto como um problema necessário de enfrentamento do tempo da memória do trauma. Na mesma proporção em que o sujeito narra é perceptível o quebra-cabeças que ele vai montando dentro de si para conseguir elaborar o discurso. Constitui-se a história a partir da harmonização das memórias individuais e coletivas que geram uma imagem do evento limite à compreensão, como apontado em Ricoeur e Le Goff.

Ao analisar as obras literárias, é observado que os escritores elaboram a narrativa a partir das consequências da violência que ainda não cicatrizaram, seja em âmbito individual ou coletivo. A memória do evento limite à representação exige um tempo para ser narrada e não foi diferente com as obras do estudo. Os escritores

colombianos abordam o tema em suas narrativas, levando a delimitar a abordagem não para a relevância do testemunho, mas ao movimento do texto. Por isso que é considerado relevante o vínculo de Seligmann-Silva com a abordagem das narrativas de ventos limites à compreensão, pois o real do evento será sempre o real da memória, fragmentado e moldado com as experiências e sentimentos da vítima. O testemunho não é o enfoque do texto, mas com base no estudo ele é colocado como um pano de fundo e, por isso que se apresenta como teor testemunhal, porque o enfoque é atribuído à necessidade de a vítima elaborar as lembranças insistentes e ausentes da memória ferida. Com base no estudo, é possível destacar que o objetivo principal das obras analisadas não é o de fornecer um testemunho literal do evento, como era na literatura de *testimonio*, mas compartilhar as histórias da memória em uma luta contra o esquecimento.

As obras literárias analisadas tiveram uma boa recepção pela crítica e uma ampla divulgação nacional e internacional, atribuindo um reconhecimento crítico a elas. É constatado que o enredo das três obras não fornece unicamente um enfoque de denúncia social, mas dos aspectos que as tornaram solidárias a qualquer outro ser humano que possa se identificar com a narrativa. As três obras analisadas foram: *El desbarrancadero*, de Fernando Vallejo; *Delirio*, de Laura Restrepo; *El olvido que seremos*, de Héctor Abad Faciolince. É notória a tríade narrativa nas três: conflito interno colombiano, relações familiares conturbadas e inúmeras implicações do conflito. Vallejo e Abad Faciolince apresentam uma autoficção, conforme foi constatado com os estudos de Lejeune, em que ambos fornecem uma escrita de si para falar dos outros contextos que o circundam. As narrativas estão escritas em primeira pessoa, centrada em aspectos muito semelhantes aos da vida pessoal dos autores.

Já em *Delirio*, de Laura Restrepo, é diferente o processo porque fornece uma história com pontos comprovados por aspectos históricos na elaboração de um romance que relata o trauma de uma situação envolvendo o contexto colombiano que acomete a sua personagem central. Abad Faciolince, em sua autoficção, deixa clara que sua história é tão real quanto qualquer outra de ficção ou que ela também ser tão ficcional quanto qualquer outra real. Em todas as narrativas, o leitor que é convidado para se solidarizar ou não com a história, porque o objetivo é narrar a memória ferida e não comprovar os fatos apresentados.

As três obras literárias analisadas apresentam uma abordagem histórica do conflito interno Colombiano, desde um diálogo com o contexto social do país tanto do

passado quanto das sequelas deixadas no presente da obra. São histórias permeadas pelo processo de disputas e de manutenção de poder político envolvendo os partidos Liberais e Conservadores. O assassinato de Gaitán, o líder dos Liberais que estava prestes a assumir a presidência do país, é representado nas três obras. A análise mostrou que a relação entre o assassinato de Gaitán se dá em importantes momentos nas narrativas analisadas. Isso ocorre, em especial, no delírio da personagem de Restrepo que tem seu marco com a noite fatídica ao presenciar a morte de Gaitán.

Na obra de Vallejo, o evento é representado no diálogo entre a personagem central e o pai. Já em *Abad Faciolince* o processo ocorre ao comparar o assassinato do pai com o do líder. Dessa forma, nas narrativas a matéria histórica é ficcionalizada, porque se atribui uma carga de impressões pessoais do autor à obra já no instante em que seleciona o discurso que a originou para inseri-la no contexto da ficção, aferindo-lhe a identidade colombiana de luta social de ambos os partidos.

Outro elemento em comum verificado foi a presença do narrador-personagem nas três obras, mesmo se tratando de autoficção e de romance, além da quebra da linearidade temporal que é uma forte característica do romance, mas que esteve igualmente presente nas três obras. Outro fator que contribuiu para a ficcionalização e a autoficção das narrativas foi a mistura de personagens e eventos históricos com a vida familiar apresentada no contexto político e social colombiano, comprovado em *Guzmán Campos*, *Falls Borba* e *Luna*. O narrador-personagem, com o vínculo com a autor ou não, como no caso do romance, constitui um enredo com lapsos de tempo de histórias selecionadas e organizadas pelo trabalho de uma memória ferida. Nas três obras há uma menção ao alto prestígio atribuído à gramática, ao conhecimento. A figura do intelectual respeitado pelo bom idioma, como observado em *Puyana Garcia* (2005), além do apreço pela palavra que se tornou outro ponto em comum entre elas.

A violência abordada em Vallejo, Restrepo, *Abad Faciolince* apresentou consequências catastróficas que provocaram rupturas sociais e pessoais aos colombianos. Em todos os casos, ela aparece relacionada ao processo e aos sentimentos de desapropriação de si em uma luta de manutenção de poder, como observado em *Hanna Arendt* (2011), em que a violência está extremamente vinculada. Outro ponto que se sobressaiu nas narrativas está vinculado a uma alusão ao exercício de poder que a Igreja Católica manteve no governo. Tanto em Restrepo, quanto em *Abad Faciolince* e em Vallejo sempre foi o lado da mãe que se manteve

adepto ao partido conservador e às ideologias e ao culto à fé da Igreja Católica. Ademais, a figura da mãe, talvez por fazer uma alusão à pátria, não foi muito abordada na narrativa, pois em todos os casos representava uma perspectiva tradicional e secundária, que, por vezes, era fortemente criticada e até rejeitada pelos filhos. No entanto, a figura do pai foi enaltecida nas três obras. Agustina, em *Delírio*, era apaixonada pelo pai que morreu. Em *El desbarrancadero*, o narrador constrói a narrativa em torno dos diálogos que sempre voltam para a sua relação com o pai até que ele se lembre do dia fatídico da sua morte. Já em *El olvido que seremos*, Abad Facilione escreve toda a narrativa com o pressuposto de contar a história do assassinato do pai.

No intuito de explicar a narrativa da memória traumática é possível vincular o fato de que as três obras analisadas começaram a narrativa compartilhando, nas primeiras linhas do texto, o evento limite ou a tragédia central. Em *Delirio* e *El olvido que seremos* o leitor já fica ciente do assassinato que ocasiona o trauma no narrador, e em *El desbarrancadero*, a presença da morte. O assassinato está literalmente vinculado ao contexto de violência, em que lhe é retirado o direito à vida por outrem. Já a morte em Vallejo foi ocasionada por comportamentos sociais que incluíram o excesso de bebida alcoólica pelo pai que é abordada na narrativa como um recurso para se suportar a situação do país, conseqüentemente a doença proporcionada pelo vício leva o pai da personagem ao óbito. Há, nas obras, uma negação à pátria, gerada pelo conflito, muito elementos históricos são transportados às narrativas.

As obras analisadas partem de um real da memória, de um evento limite à compreensão, que é transportado à narrativa pelas memórias individuais e coletivas. No entanto, quando se aborda a literatura hispano-americana, conseqüentemente, há uma propensão em se vincular com a literatura de testemunho ou no caso a de *testimonio*, em que o centro da narrativa é o sujeito testemunha, que outrora era vinculada com a voz do subalterno, que foi silenciada por regimes opressores e representante de determinados grupos sociais. Entretanto, é possível concluir, com base nos estudos do trauma e da memória, no contexto de violência e na abordagem da literatura de *Testimonio*, que esse sujeito que escreve e que narra, atualmente, o faz por uma necessidade da memória do trauma, seja por ter vivenciado uma situação de extrema violência ou por pertencer ao local do conflito, como é o caso de Vallejo Restrepo e Abad Faciolince.

Os três autores das obras analisadas são colombianos e carregam o sentimento de pertencimento ao país, ao contexto em si, mesmo que com uma rejeição a situação social. Com este estudo, ficou constatado que há uma necessidade em narrar o sofrimento em obras que não devem ser consideradas como a História real em si, mas como representações de histórias das memórias feridas que se solidarizam com outras. São histórias que, como observado em Freud (1998), sempre partem de um trauma, individual ou coletivo, e que isso dificulta e, muitas vezes, impede a verbalização imediata. São histórias que vão sendo compostas por lembranças que se impõem à vítima, seja insistente, fragmentada ou vazia. Esses fatos contribuem para que a memória busque uma compreensão das imagens que são geradas pelo real do trauma.

Nas três obras foi possível perceber as implicações da violência na Colômbia, como o trauma e a necessidade de compartilhar as histórias da memória. A análise das obras demonstrou uma necessidade de falar a respeito do problema que envolve o país e a narrativa do trauma. No entanto, não foi por acaso que o eu representado na autoficção ocorre de forma fragmentada, esfacelado pelo trauma da memória em luto, que, com isso acaba estipulando o seu real do evento.

As narrativas compartilham um passado com as histórias que integram o processo da memória no tempo presente. Foi observado, com as obras, que se narra para resgatar uma ausência, seja do eu que se perdeu, ou de tantas vidas perdidas com o conflito. Portanto, o relevante que destacou com o estudo não é atribuir um olhar ao apelo ao tema, mas a necessidade que o ser humano possui de falar a respeito de uma situação traumática para que possa atribuir algum sentido de futuro possível ao que é imposto pela violência. As obras demonstraram os caminhos da memória ferida, que busca auxílio na narrativa e nas memórias coletivas para acolher internamente o trauma e verbalizá-lo.

Portanto, Vallejo, Restrepo e Abad Faciolince abordam a narrativa vinculada ao trauma ocasionado por uma morte ou por um assassinato, em um contexto de violência extrema. Os autores estabelecem uma relação com o leitor ao mencionar as dificuldades das lembranças e das ausências impostas pelo problema no país. Nenhum dos autores propõe um discurso político ou uma necessidade de comprovar a veracidade dos fatos, mas o movimento dos textos é que vai contribuir ou não com identificação do leitor. Os textos buscam acolher mais uma memória ferida ou de

permitir que ela seja lembrada para ser esquecida, após muito tempo ter sido silenciada.

Por esse motivo, o estudo constata que os três textos analisados são compostos de histórias que se solidarizam com tantas outras memórias feridas, que narram a dor em uma tentativa de atribuir sentido ao inexplicável da ausência humana. Por fim, as obras analisadas fornecem uma forma de acolhimento a tantas histórias da memória que se solidarizam a outras narrativas, criando novas perspectivas do que ficou à margem do discurso oficial e do que é possível representar em palavras. É inegável que a violência deixa marcas e, como foi constatado com este estudo, elas estão também na literatura, como uma implicação gerada pela necessidade da narrativa do trauma de traduzir em palavras o indizível, em que a estética se torna uma aliada na luta contra o esquecimento.





## REFERÊNCIAS

- ABAD FACIOLINCE, H. **El olvido que seremos**. Barcelona: Seix Barral, 2006.
- ABAD FACIOLINCE, H. **Traiciones de la memoria**. Bogotá: Alfaguara, 2010.
- ABAD FACIOLINCE, H. Apresenta informações gerais sobre Héctor Abad Faciolince. Disponível em: < <http://www.hectorabad.com>> Acesso em: 03 dez. 2020.
- ALÓS, A. P. Ler Fernando Vallejo a contrapelo: escrita do eu e a colonialidade reidual em La virgen de los sicários. **Patrimônio e Memória**. São Paulo: UNESP. v. 13, n.1, p. 279-304, jan 2017. Disponível em: <<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/639>>. Acesso em: 20 set. 2020
- ARENDT, H. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2011.
- BÁEZ LEÓN, J. A. La literatura de “la violencia” como período y la violencia como tema: hacia una crítica a la neutralización ideológica y al problema de la violencia como “colombianidad”. In: CARDOSO, R. M. (Org.). **Voz, memória e literatura: narrativas sobre a violência na América Latina**. Curitiba: APPRIS, 2015.
- ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BARTRA, R. **El salvaje en el espejo**. México: Ediciones Era, 1998.
- BENJAMIN, W. **Sobre arte, técnica, linguagem e política**. Traduções de M. L. Moita, M. A. Cruz e M. Alberto. Lisboa: Relógio d'Água Editores Lda., 1994.
- BBC NEWS. **Estas são as 50 cidades mais violentas do mundo**. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43309946>> Acesso em: 20 set. 2020.
- BOBBIO, N. et. al. **Dicionário de política**. Trad. João Ferreira et. al. Brasília: Ed. Univ. de Brasília, 13. Ed. 2007.
- BOTELLA, C.; BOTELLA, S. **Irrepresentável, mais além da representação**. Porto Alegre: Editora Criação Humana, 2002.
- CARDOSO, R. M. Violência, a memória e eu mesmo: a autoficção em el olvido que seremos, de Héctor Abad Faciolince. **Raído**. Dourado, MS. v.7 n.14, p.175-184, dez, 2013.
- CARDOSO, R. M. El reino de los fantasmas: violencia y realismo mágico en Miguel Ángel Asturias. **LING. – Est. e Pesq. Catalão**: GO. vol. 2, n. 2, p. 77 – 96, dez, 2017.
- COSTA, J. F. **Violência e psicanálise**. Rio de Janeiro: Graal, 3 ed., 2003.

DAL MOLIN, E. C. **O terceiro tempo do trauma**: Freud, Ferenczi e o desenho de um conceito. São Paulo: Perspectiva, 2016.

DE MARCO, V. **A literatura de testemunho e a violência de Estado**. Lua Nova – Centro de estudos de cultura contemporânea, São Paulo, n. 62, p. 45-68, 2004. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=67312435004>>. Acesso em.: 05 jan. 2020.

FANON, F. **Os condenados da terra**. Tradução de E. A. Rocha e L. Magalhães. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

FREUD, S. **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultura, 1974.

FREUD, S. **Além do princípio de prazer**. Tradução de Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

FREUD, S. **Luto e melancolia**. Disponível em: <<https://carlosbarros666.files.wordpress.com/2010/10/lutoemelancolia1.pdf>> Acesso em: 20 out. 2020

GAGNEBIN, J. M. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34 Ltda, 2018.

GINZBURG, J. Linguagem e trauma na escrita do testemunho. **Revista Conexão Letras**, Porto Alegre, RS, v. 3, n. 3, maio 2015. ISSN 2594-8962. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/conexaoletras/article/view/55604>>. Acesso em: 18 ago. 2020.

GUZMÁN CAMPOS, G.; FALS BORBA, O.; LUNA, E. U. **La violencia en Colombia**. Tomo I. Bogotá: Prisa Ediciones, 2012a.

GUZMÁN CAMPOS, G.; FALS BORBA, O.; LUNA, E. U. **La violencia en Colombia**. Tomo II. Bogotá: Prisa Ediciones, 2012b.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

IPEA. **Atlas da violência 2018**. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/>> Acesso em: 03 nov. 2018.

JELIN, E. **Los trabajos de la memoria**. 2 ed. Lima: IEP, 2012.

JOZEF, B. **História da literatura hispano-americana**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

KALMANOVITZ, S. El desarrollo histórico del campo colombiano. 1980. In: GONZÁLES, M.; ORLANDO, J. **Colombia hoy**. Disponível em: <<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/historia/colhoy/colo9.htm>> Acesso em: 02 mai. 2020.

LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Ines Coimbra Guedes – 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LEJEUNE, P. **El pacto autobiográfico y otros estudios**. Tradução de Ana Torrent. Madrid: MEGAZUL-ENDYMION, 1994.

LOPES, J. **Jornal Rascunho**. Egocêntrico e sem talento. Disponível em: <<http://rascunho.com.br/egocentrico-e-sem-talento/>> Acesso em: 03 nov 2018.

MORALES, A. J. Nación y melancolía – literaturas de la violencia en Colombia: 1995-2005. **ARBOR Ciencia, Pensamiento y Cultura**, CLXXXIII 724 marzo-abril. 2007. 319-330 ISSN: 0210-1963. Disponível em: <[arbor.revistas.csic.es/index.php/arbor/article/.../103](http://arbor.revistas.csic.es/index.php/arbor/article/.../103)>. Acesso em: 17 mar 2019.

NACOEUNIDAS. Brasil. **Cidades latino americanas lideram taxas de homicídios no mundo**. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/boletim245/>> Acesso em: 03 out 2018.

NORONHA, J. M. G. (org.). **Ensaio sobre a autoficção**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

PENNA, J. C. Este corpo, esta dor, esta fome: notas sobre o testemunho hispano-americano. In.: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, Memória, Literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Unicamp, 2003.

PINHEIRO, S. P. Autoritarismo e transição. **Revista USP**. 1991. (9), 45-56. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i9p45-56>>. Acesso em: 01 out. 2018.

POVEDA, A. C. **Una explicación de las causas económicas de la violencia en Colombia**. 2013. Disponível em: <[http://fercho.unixlandia.com/economia/causas\\_violencia.pdf](http://fercho.unixlandia.com/economia/causas_violencia.pdf)>. Acesso em: 10 out. 2018.

PUENTES, J. A. B. Historia literaria del narcotráfico en la narrativa colombiana. In: GÓMEZ, Inés Blanca et al. **Hallazgos en la literatura colombiana**: Balance y proyección de una década de investigaciones. 2010. Disponível em: <<http://nomadasyrebeldes.files.wordpress.com/2009/11/literaturaynarcotrafico.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2020.

PUYANA GARCÍA, G. **¿Cómo somos? Los colombianos**: Reflexiones sobre nuestra idiosincrasia y cultura. 3. ed. Bogotá: Panamericana Editorial, 2005.

QUADRADO, L. I. A geografia literária em Delírio, de Laura Restrepo. **Revista Latino-americana de história**. v. 8, nº 21. Jan./jul. de 2019. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/view/969>>. Acesso em: 16 dez. 2020.

RESTREPO, L. **Delírio**. Buenos Aires: Alfaguara, 2004.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

ROMERO, A. De los Mil Dias a la Violencia: la novela colombiana de entreguerras. 1984. Universidad de Cincinnati: 1984, p. 861-885. In: **Revista Iberoamericana**. Disponível em: <<http://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/iberoamericana/article/viewFile/4394/4561>>. Acesso em: 25 abril 2020.

RUEDA, M. H. **La violencia y sus huellas**: una mirada desde la narrativa colombiana. Madrid: Nexos y diferencias, 2011.

SARLO, B. **Tempo presente**: notas sobre a mudança de uma cultura. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

SARLO, B. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Belo Horizonte: Companhia das letras, 2007.

SELIGMANN-SILVA, M. **História, Memória, Literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Unicamp, 2003.

SELIGMANN-SILVA, M. Narrar o trauma. A questão dos Testemunhos de Catástrofes Históricas. In.: UMBACH, R. K. (org.). **Memórias da repressão**. Santa Maria: UFSM, PPGL – Editores, 2008.

SHAW, D. L. **Nueva narrativa hispanoamericana**: Boom. Posbom. Poesmodernismo. 8ª ed. Madrid: Cátedra, 2005.

SOFSKY, W. **Tratado sobre la violencia**. Madrid: ABADA, 2006.

VALLEJO, F. **El desbarrancadero**. Buenos Aires: Alfaguara, 2001.